

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Camilla Gabrielle Gomes Vieira

Costurando Afetos

**Experiências afetivossexuais de mulheres negras em abordagem
interseccional**

Belo Horizonte

2023

Camilla Gabrielle Gomes Vieira

Costurando Afetos

Experiências afetivossexuais de mulheres negras em abordagem interseccional

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestra em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social

Linha de Pesquisa: Política, participação social e processos de identificação

Orientadora: Profa. Dra. Claudia Mayorga

Belo Horizonte

2023

150	Vieira, Camilla Gabrielle Gomes .
V658c	Costurando afetos [manuscrito]: experiências afetivossexuais de
2023	mulheres negras em perspectiva interseccional / Camilla Gabrielle Gomes Vieira. - 2023.
	323 f.
	Orientadora: Claudia Andréa Mayorga Borges.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia.
	1.Psicologia – Teses. 2. Negras - Teses. 3. Interseccionalidade (Sociologia) - Teses. I. Mayorga, Claudia. II.Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA CAMILLA GABRIELLE GOMES VIEIRA

Realizou-se, no dia 21 de dezembro de 2023, às 14:00 horas, virtual, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *Costurando Afetos Experiências afetivossexuaisdemulheresnegrasemabordageminterseccional*, apresentada por CAMILLA GABRIELLE GOMES VIEIRA, número de registro 2021703597, graduada no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Claudia Andrea Mayorga Borges - Orientador (ufmg), Prof(a). Ricardo Dias de Castro (UFBA), Prof(a). Tayane Rogéria Lino (UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

() Aprovada()

Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 21 de dezembro de 2023.

CLAUDIA ANDREA
MAYORGA
BORGES: 91448441668

Assinado digitalmente por
CLAUDIA ANDREA MAYORGA
BORGES: 91448441668
Dados: 2024.01.05 14:22:25 -03'00'

Prof(a). Claudia Andrea Mayorga Borges (Doutora)



Documento assinado digitalmente
RICARDO DIAS DE CASTRO
Data: 05/01/2024 21:19:29 -0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Ricardo Dias de Castro (Doutor)

Tayane Rogéria Lino
Tayane Rogéria Lino
PSICÓLOGA
CRP 04/46146

Prof(a). Tayane Rogéria Lino (Doutora)

Agradecimentos

Custou, mas depois veio a bonança

Agora é hora de agradecer

(Zeca Pagodinho, 2006)

Dizem que se inicia oração agradecendo. Assim agradeço a todas as mãos mulheres que se estenderam durante minha vida para que mais essa invenção se concretizasse.

Primeiramente agradeço minha mãe, Marlene. Me ensinou a ser feminista antes mesmo de nós conhecermos essa palavra. Persistimos juntas nos apoiando mesmo quando o teto que hoje é todo nosso, não éramos completamente donas e literalmente estava ruindo. Consertamos o teto, pagamos preços que não foram apenas no campo do dinheiro. “Quando a gira girou, ninguém suportou, só você ficou, não me abandonou”. Obrigada por ser meu dicionário de sinônimos, por trazer docinhos e fofocas para alimentar a vida e o espírito durante esse processo.

A minha avó, célebre Dona Divina, que me ensinou tantas coisas com minha presença de mera testemunha, assim como a vivência de tantas outras histórias. Matriarca da família, uma avó mais doce que a agri-doce e atribulada mãe. Sempre intercedeu por mim independente da religião que elegia no ano. Foi Maria que passou na frente, São Miguel Arcanjo que acompanhou. Oração, reza, cantoria popular. Contaço de caso.

A todas as minhas ancestrais e minha família: meu pai e meu irmão.

O amor vem como uma casa de troca: ele tira, ele dá.

Agradeço às minhas amigas que compartilham experiências e cuidados:

Adriana Vianna que em um dos dias que estava mais exausta com os processos acadêmicos, penteou meus cabelos e me maquiou com carinho para que me sentisse bonita nos compromissos que tinha a cumprir. Obrigada pela escuta, pelo colo e por poder compartilhar com tanta liberdade cada pensamento em suas diversas complexidades,

certamente a levaria para o fim do mundo comigo porque riríamos do mesmo jeitinho meio mórbido das tardes de ressaca de domingo.

Eledá Trindade, minha grande parceira de pós-graduação, pesquisa, amizade e vida. Encontro afrocentrado, com propósito de vivacidade, cuidado, apoio e resistência. Obrigada por ser bálsamo nos momentos sombrios e brilho nos dias de festa. É bonito presenciar o crescimento da mulher e grande intelectual que ela é.

Tamires Freitas que declarou meu imposto de renda e viramos amigas de bordado, psicanálise e vida. Obrigada por colocar adubo nos meus sonhos, que hoje florescem também pelo seu fomento.

Cíntia Alves, amiga de infância que mantemos a amizade mesmo com um tanto de quilômetros de distância de Minas Gerais até Rio Grande do Norte. Obrigada pelas playlists dos melhores bregas e pela generosa ajuda com a dissertação.

Ao Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão Conexões de Saberes que trouxe sementes e água para reflorestar a aridez que tomava minha criatividade na academia..

Aos meus ex-relacionamentos que em parte de mim não deixaram de ser meus amores:

Raul Oliveira, a pessoa mais incrível que tive a sorte de conhecer e compartilhar a vida. Que não só fomentou meus sonhos, como colocou a massa na edificação da construção. Meu coração se enche de ternura de ter uma história com um homem que chorou vendo o congado passar e nos dar benção em Tiradentes.

Ana Lohanny, a mulher acontecimento: furacão e brisa fresca, impossível sair incólume. Força dos inícios talvez realmente indiquem o impacto do fim, tenho concordado. Das raras confluências de eu ser e estar, estava com ela: de abraçar apertado no show da nossa banda favorita, fotografando cada lapso afetivo. Da infinidade de cafés da manhã tecendo opiniões sobre tudo e todos, da gargalhada escandalosa. Regou e minou, minou e regou. A criatividade e comunicação que admirava nela, encontrei em mim, talvez esse seja o maior dos legados.

Das surpresas dengosas e duvidosas dentro da paleta cor de rosa e constantemente com glitter e brilho no corpo e na vida, Luísa Roedel. Obrigada pela parceria que coube no encontro.

A todas as outras amizades que abraçaram em amizade e em vida acadêmica: Joyce Fernandes, minha parceirinha de graduação; Nathália Muniz, a amizade mais divertida nos anos e dramas que compartilhamos; Marília Calderón e Gabriela Figueiredo, parcerias de psicanálise e um tanto de coisas mais para além do grupo de estudos Amor e Contemporaneidade.

Agradecimento infindo a todas as participantes pela confiança de contarem suas experiências.

A minha orientadora querida, Claudia Mayorga. Uma mulher inspiradora no modo que vive a educação e a política com suavidade e firmeza, mais poderosas forças dos encantos. Agradeço por todo desaprendizado e apostas nas minhas invenções, tempo e criatividade, por me fortalecer em momentos acadêmicos - e nem tão acadêmicos da vida, e incitar a confiança e autonomia de ser. É uma alegria ter compartilhado esse processo juntas!

À todas as forças espirituais que me guiaram e me sustentaram até aqui.

Não sei bem se amém, se axé... mas agradecida por todas as mãos que se estendem e abraçam.

Resumo

A construção histórica brasileira foi calcada no colonialismo e reeditada na colonialidade sustentadora de matrizes opressivas como o racismo e o cisheteropatriarcado, que atuam interna e externamente na vida das pessoas e instituições, inclusive indicando quem acessa ou não bens subjetivos e objetivos, inclusive os afetos. Considerando isto, as experiências subjetivas e emocionais participam e reproduzem tais estruturas nas relações, neste enfoque abordando como as escolhas afetivossexuais que constroem pela via da racialização da negritude em detrimento da não-racialização da branquitude. Nas Psicologias hegemônicas o campo da abordagem das subjetividades e sociedade se encontra majoritariamente dicotomizado. Diante desse panorama, este trabalho pretende colocar estes campos em interface, de modo que pense os afetos para além de restrito a subjetividade, mas junto com os atravessamentos sociais, através do aporte teórico e metodológico da interseccionalidade e das perspectivas decoloniais, dos feminismos e dos saberes localizados. Esta construção desenvolve como objetivo geral conhecer as experiências afetivossexuais de mulheres negras a partir de perspectiva interseccional, considerando gênero, raça e sexualidade e tem como objetivos específicos, em primeiro compreender os processos de racialização ao 'tornar-se negra' para mulheres negras; analisar sobre relações afetivossexuais dissidentes e cisheteronormativas de mulheres negras e por fim identificar estratégias de autocuidado e resistência de mulheres negras em relações afetivossexuais. A costura de narrativas diversas culminou em uma construção que se compromete com a parcialidade, sobre as experiências afetivossexuais das mulheres com quem pesquisei. Na contramão de uma hipótese universalizante, apresento as possibilidades múltiplas de ser fazer sujeito em uma sociedade em que é preciso também tornar-se negra, e como esses dois tópicos muitas vezes conversam e são partes da mesma caminhada.

Palavras-chave: Relacionamentos afetivossexuais; Mulheres negras; Feminismo Negro; Interseccionalidade; Racismo estrutural.

Abstract

Brazil's historical construction was based on colonialism and re-edited in coloniality, sustaining oppressive matrices such as racism and cisheteropatriarchy, which act internally and externally in the lives of people and institutions, including indicating who does or does not access subjective and objective goods, including affections. Considering this, subjective and emotional experiences participate in and reproduce these structures in relationships, in this approach addressing how affective-sexual choices are constructed through the racialization of blackness to the detriment of the non-racialization of whiteness. In hegemonic psychologies, the field of approaching subjectivities and society is mostly dichotomized. Faced with this panorama, this work aims to put these fields at an interface, in a way that thinks about affections beyond restricting subjectivity, but together with social crossings, through the theoretical and methodological contribution of intersectionality and decolonial perspectives, feminisms and localized knowledge. The general objective of this study is to learn about the affective-sexual experiences of black women from an intersectional perspective, considering gender, race and sexuality. The specific objectives are: firstly, to understand the processes of racialization of 'becoming black' for black women; secondly, to analyse the dissident and cisheteronormative affective-sexual relationships of black women; and finally, to identify strategies for self-care and resistance strategies of black women in affective-sexual relationships. The stitching together of diverse narratives culminated in a construction that is committed to partiality, about the affective-sexual experiences of the women I researched. Contrary to a universalizing hypothesis, I present the multiple possibilities of becoming a subject in a society in which it is also necessary to become black, and how these two topics often talk to each other and are part of the same journey.

Keywords: Affective-sexual relationships; Black women; Black feminism; Intersectionality; Structural racism.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	13
1 INTRODUÇÃO: TECENDO LINHAS ENTRE PSICOLOGIA E VIDA.....	19
1.1 Tecendo a Pesquisa: A Tradição de Mulheres de Avesso	19
1.2 Linhas: Enlaçamentos de Pesquisa e Afetos	21
1.3 Cacos e Mosaicos: Educações Como Sintoma da Doença Colonial e a Educação Como Cura	26
1.4 Políticas Públicas de Prevenção À Criminalidade: O Território Cenário da Vida	34
1.5 A Clínica com Mulheres Negras e Psicanálise.....	37
1.6 Caminhos Tecidos: Objetivos de Pesquisa	44
2 METODOLOGIA	46
2.1 Encontro com as participantes.....	46
2.2 Eu pesquisadora: manejando a agulha na costura dos encontros	49
2.3 Elas: apresentando as interlocutoras de pesquisa	52
2.3.1 Encontros: autodescrição das participantes mediadas pela pesquisadora e suas reverberações	57
Encontro 1: Ale Gonçalves	57
Encontro 2: Bratz	61
Encontro 3: Gabriela	67
Encontro 4: Conceição	68
Encontro 5: Carina	74
Encontro 6: Ayesha	77
Encontro 7: Carolina	79
Encontro 8: Cris	83
Encontro 9: Fátima	90
Encontro 10: Fab	96

Encontro 11: Virgínia	104
Encontro 12: Nanda.....	113
Encontro 13: Lana	118
3 TORNAR-SE NEGRA.....	127
3.1 Processo de racialização e identidades negras	127
3.2 Identidade e Emocionalidade	132
3.3 Estereótipos e Estética	137
3.4 O relaxamento capilar quebra as pontes de hidrogênio do cabelo, mas não quebram as pontes para a travessia de tornar-se negra: transição capilar e o caminho de resgate ancestral e racialização de mulheres negras	146
3.5 Educação como matriz de movimento de encanto e desencanto	159
4 ABRINDO OS BOLSOS AFETIVOS: O QUE GUARDAM AS RELAÇÕES AFETIVOSSEXUAIS DE MULHERES NEGRAS?	179
4.1 Afeto como experiência política: mulheres negras e relações afetivossexuais...	179
4.2 Experiência e Afeto	180
4.3 Movimentos Sociais e o Embate com Questões Estruturais	185
4.4 Relacionamentos afetivossexuais	186
4.5 Experiências afetivossexuais: narrativas das mulheres	200
4.5.1 Começo, meio, começo: as relações que se mantêm satisfatórias	201
A potência das invenções ante a incipiência de referências próximas:	202
Tentativas e aprendizados até uma construção relacional assertiva:.....	203
Reciprocidade e não objetificação:	208
4.5.2 Relacionamentos com homens.....	209
Heterossexualidade compulsória.....	209
4.6 Sobre as mulheres que se atraem por homens.....	216
O trabalho de cuidado feminino e a descuidada ausência masculina: Conceição e Nanda.....	218

Não existe amor em SP.....	226
Meu ébano: percepções de mulheres negras sobre homens negros	242
O terror héteropessimista: relacionamentos com homens brancos	251
4.7 E o (não) mar de rosas: relacionamento com mulheres	256
4.8 Infidelidade: uma quebra de quais pactuações?	264
4.9 A Economia dos Afetos: Experiências de Solidão em Mulheres Negras	270
5 “TANTO EU CONTEI PARA ELA, COMO EU PUDE CONTAR COM A AJUDA DELA”: COSTURANDO RESISTÊNCIAS DE CUIDADO	278
5.1 Dinheiro não traz felicidade, mas pavimentar alguns caminhos até ela: autonomia financeira	286
5.2 Mulheres negras escutando a si mesmas: psicoterapia e análise.....	287
6 RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE: “SE MINHA BISAVÓ NÃO TIVESSE SIDO ESCRAVIZADA E POR AÍ VAI, PROVAVELMENTE EU TERIA UMA RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA”	293
7 ARREIMATE: ENCERRAMENTOS E CONTINUIDADES.....	301
7.1 Do encerramento dos encontros com as mulheres	302
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	306
ANEXOS	314
Anexo I: Roteiro de perguntas	314
Anexo II: Carta convite	316
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	318

PREFÁCIO

Querida Vó Divina,

Minha criação, minha admiração e meu desejo vêm muito na feitura e na referência por grandes mulheres. A senhora, minha vózinha, certamente é uma das mulheres mais preciosas da minha vida, junto de minha mãe. Mulher de oralidades, ensinamentos brutos e de amor bruto. Um dos maiores ensinamentos é que mulheres são pessoas. Não somos anjos dóceis, nem grandes feras. Porque a vida não é igual à novela das seis que a gente gostava de assistir - que tem mocinha boba, vilão e um cangaceiro ardiloso bonitão como herói. A vida não é maniqueísta.

A vida tem um monte de altos e baixos, voltas, morros, rua de terra, *quinemzin* senhora conta os *causos* de ajudar Bisa Bené fazer e carregar sabão nos *caminzin* de São João Evangelista; ir em igreja em que padre mostra a genitália quando vai rezar sozinha depois do trabalho e fazer um escarcéu na cidade; casar com o homem mais bonito da região sendo a mulher mais bonita que se tinha notícia; sair de madrugada na boleia de um caminhão para capital com a roupa do corpo; uma menina no braço e outro no bucho fugida do marido pé-de-cana que batia; trabalhar em casa de família; engravidar e fazer o que era preciso no momento com a ajuda de outra mulher, sentindo a dor no corpo e no espírito cristão; passar por endoidecimentos, remédios e aquela história de Barbacena; ter outros filhos e ser uma mãe dura; ser costureira no Palácio das Noivas; construir seu teto e seu jardim; juntar e desjuntar com homem; ser a “mãe duas vezes” com o nascimento dos netos; circular em religiões; pegar cachorros na rua; transmitir seu hábito esquisito de conversar duas horas da manhã; casar gente; ser bisavó... Ter coragem, assumir desejos, lutar, resistir, saber se retirar, escolher.

Se ser mulher é ser pessoa... Além disso, me pergunto: o que é ser mulher? A senhora diz muitas vezes que ser mulher faz a vida mais difícil. A vida é mais bruta, tem que ser cabreira e fazer boas escolhas. Mas não pode deixar de ter o prazer, seja da “sensação” que é o nome que você dá para o orgasmo, seja para comprar uma coisinha

ou ter uma experiência que o dinheiro permite, principalmente se ele é da gente, já que “vale mais um gosto que um vintém”.

A senhora ensina que a vida bate, mas que a gente pode agir para fugir da violência e viver melhor, ou pelo menos, menos pior.

Dessas elucubrações sobre ser mulher o que nos junta pertinho, é ser mulher sabida. A senhora e minha mãe são as mulheres mais gambiarreiras que conheço. E isso é muito bom. Criativas e inventivas. Aprendem rápido e criam coisas inusitadas e com nomes cheios de neologismos. Até o 4º ano estudou na escola rural, é discípula da oralidade: conta história e *causo*, sabe conversar, leva gente como ninguém. Eu e minha mãe já mais bichinha do mato que escreve e escuta, a gente foi para escola e eu até pra faculdade! A vida vem melhorando com as novas gerações, espero que seja melhor para os que, quem sabe, venha a parir ou nascer do coração.

Tive mais oportunidades que Bisa Bené, que a senhora, que minha mãe. Talvez daí venha minha dificuldade em negar meus limites para coisas que possam ser proveitosas para meu crescimento profissional. Muito pela repetição de todas vocês de que pode tirar tudo da pessoa, menos o estudo e o que ela viveu da cabeça, tendo a certeza de que vão tentar tirar: seja um homem, seja a pobreza, seja a morte. A educação é uma ferramenta de emancipação e proteção.

O enigma de ser mulher continua vivo, Dondivina. Crescendo e vivendo, vou construindo formas - talvez- de maior autocuidado, investimentos pessoais e afetos.

Com esse papo todo de educação, depois de almoçar muito macarrão com queijo e mousse de morango na sua casa durante a faculdade e de ouvir muito terço em favor da minha proteção e abertura de caminhos para profissão, me formei. Coisa que a senhora não lembra muito bem por conta do que alguns médicos chamam de demência e outros de Mal de Alzheimer, coisa que a gente não te conta.

Às vezes a senhora me chama de médica para as cuidadoras que olham até a pontinha de pé com certa dúvida, conto que sou psicóloga e sua resposta é “ah médico de

escutar, que não passa remédio e cura dor no peito”. Elas assentem com uma energia de “hm, fez sentido”. Só Ave Maria se a senhora percebesse, vó onça.

Dessa vez acho que vou conseguir explicar pra senhora que não sou médica. Nossos ofícios são até parecidos, eu acho. A senhora é costureira bem falada e cuidadosa. Eu sou psicóloga e não sei bem da minha fama, mas cuidadosa sempre.

A senhora junta tecido e eu palavra.

Com retalho de pano a senhora faz algo que cobre corpos, cama, mesa, banho, noiva, criancinha, adulto e cachorrinho e com retalho de palavra sirvo de ferramenta para as pessoas se desnudarem, se escutarem, se entenderem e formarem novos sentidos e colchas novas com suas palavrinhas-retalho.

A gente sabe ver quando uma costura não tá cabendo bem no corpo, ver os sinais se o tecido aguenta.

A gente produz com e para gente de todo jeito e isso é potência.

Nisso tudo que a gente fala de nós por nós, podemos chamar de experiência. A autora Joan Scott (2001) entende que as pessoas não possuem a experiência, mas são feitas através dela. A experiência então conta de tornar-se

não a origem de nossa explicação, não a evidência autorizada (porque vista ou sentida) que fundamenta o conhecimento, mas sim aquilo que buscamos explicar, aquilo sobre o qual se produz conhecimento. Pensar a experiência dessa forma é historicizá-la, assim como as identidades que ela produz. (Joan Scott, 2001, p. 27)

Contarei então da minha experiência e em muitos pontos, nossa experiência, nossa história que forma, que informa quem a gente costuma ser.

Sobre meu trabalho de não ser médica e sim psicóloga, como toda pessoa em seu ofício, eu gosto mais de fazer algumas coisas que outras. A senhora detesta mexer na mecânica da máquina, trocar a agulha do batedor e eu não gosto de hospital. Tenho medo

de agulha e não gosto de cheiro de cloro ou cheiro de empresa que exala capitalismo. Gosto de ver gente e conversar com gente.

Nesse caminho e nessa história, conheci a pesquisa acadêmica. Sempre fui curiosa pra saber como as coisas criam vida, como as relações acontecem. E como escrever me é um pouco mais fácil que falar, fui olhar coisas que me interessam e escrever sobre elas. Não é algo fácil, um assunto que se delonga toda vida e que podemos falar depois.

Então lá quando comecei a me relacionar, querer dar uns beijinhos antes de conhecer o Moreno Bonito - como chamavas um de meus antigos afetos-, na época que cortei meu cabelo curtinho para ele voltar a crescer natural, me vi menos parecida com a senhora e minha mãe, que são mulheres brancas, e mais parecida com meu pai, que é homem negro. Me vi como mulher negra e sociedade também. Me perguntei para além do que é ser mulher, o que é ser mulher negra.

Percebi como todas as mulheres da família que são brancas se casaram com homens pretos e vice-versa.

Vi que para além de ser cabreira, parecia invisível fora do campo da amizade com homens, diferente das minhas amigas brancas. Não que quisesse muito um homem. Mas queria poder escolher se gostaria ou não de estar com alguém.

Achei muito esquisito. Não fazia muito sentido.

Conheci pessoas negras, reconheci beleza e afetos que não via antes.

Conheci pessoas que falavam na universidade e nos movimentos sociais sobre mulheres negras se sentirem sós no campo do relacionamento afetivossexual, do amor, do se apaixonar.

Uma destas, é bell hooks. bell hooks usa como pseudônimo o nome da avó dela, escrito em minúsculo para que a palavra anteceda o nome. Como se eu como autora tivesse seu nome. Sempre pensei que se fosse meu caso, escreveria com D bem maiúsculo para mostrar a Divina Gomes, a grandiosidade da referência de ter uma avó tão presente que me antecede em vida.

Voltando à hooks (bell hooks, 2010, 2021), ela diz sobre a necessidade de pessoas negras conhecerem o amor para além de só sobreviver. Ela diz de cuidado, de comunidade, de redes de afeto que podem ser amparo e força mútua para enfrentar as coisas que nos assolam, como viver em uma sociedade que estruturalmente nos fere com marcas da colonialidade, do machismo, do patriarcado, do racismo, do capitalismo...

Outra autora é Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013) - falando o nome todo para situar quem é: é uma mulher, para além de 'fi-de-quem?'-, que conta a partir de várias autoras e pesquisas sobre como a sociedade pode influenciar na forma em que as mulheres negras são desejadas para formarem uma relação afetiva.

Então comecei a entender: ser quem a gente é sempre estará ligado com como a sociedade é e isso nos influencia e até chega a determinar o que a gente tem acesso, sejam a coisas subjetivas ou materiais.

Então a partir desses movimentos, comecei a escrever dentro da universidade para que outras pessoas saibam disso. No início, na graduação, só contava com as pessoas negras que se reúnem em coletivos e minhas amizades. Depois voltei para universidade para formalmente pesquisar no mestrado sobre as experiências de mulheres negras que são diversas - as que tem vulva ou não, as que amam mulheres e homens, as que amam só mulheres, as que amam só homens...- o que tem nessas relações afetivossexuais e se elas se sentem sós por conta do racismo que estrutura como nossa sociedade age.

No mestrado encontrei parcerias que constroem coletivamente e me acalutam bastante...

Para pesquisar, preciso tomar cuidados éticos: pesquisar *com* as mulheres negras, não *sobre* as mulheres negras. Usar pessoas negras como referência. Escutar as mulheres e suas experiências. Afinal, não se faz uma roupa ou uma escuta sob medida sem que a mulher esteja ali com seu corpo como molde que a representa porque para caber com certa fidelidade da dimensão de tecido ou de acontecimento, é preciso que ela mesma fale onde aperta e dói, onde realça e a faz se sentir mais bonita. E é assim que é o intuito de proceder com as mulheres que se dispuserem a participar da pesquisa, dentro dos

critérios e seus rigores metodológicos, do modo de fazer, pretendo escutar uma a uma em sua história, a partir de algumas perguntas iguais feitas a todas elas.

No final disso, espero contribuir para que outras pessoas dentro e fora da universidade, principalmente psicólogas que trabalham com a escuta, tenham pistas e conhecimentos a partir da minha escrita junto com autores em que me embasam e as participantes, para pensar que as relações afetivossexuais não se dão só pelo acaso. Elas se dão por fatores que costuram a sociedade e influenciam como cada pessoa se sente no individual e indica como as pessoas podem se identificar com questões parecidas no coletivo, na minha pesquisa por serem mulheres e negras.

Contudo, não posso deixar também de escutar para além de um possível sofrimento. É importante pensar em esperanças, resistências, afetos e cuidados, assim como fui construindo e favorecida por bons encontros, como ter me relacionado ao mesmo tempo com uma pretinha e um pretinho maravilhosos, que mobilizaram bagunças e bonitezas. Mas isso é papo para outra carta, vó.

1 INTRODUÇÃO: TECENDO LINHAS ENTRE PSICOLOGIA E VIDA

1.1 Tecendo a Pesquisa: A Tradição de Mulheres de Avesso

Quando eu morder
a palavra,
por favor,
não me apressem,
quero mascar,
rasgar entre os dentes,
a pele, os ossos, o tutano
do verbo,
para assim versejar
o âmago das coisas.

Conceição Evaristo (2008)

Apresento esta pesquisa como apresento a feitura de uma colcha de retalhos. Neta de Dona Divina costureira, desde que me entendo por gente, escutava sobre a qualidade das costuras e a importância da escolha dos tecidos para produzir vestes e coberturas boas, assim como o cuidado e respeito com as peças na restauração.

A pesquisa também remete ao sonho e ao paraquedas coloridos: Ailton Krenak no discurso *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* (2019), fala sobre a inevitável queda da ideia de humanidade e racionalidade em que seres humanos têm o domínio da natureza e todo gozo advindo. A gente cai, mas pode inventar mecanismos de uma queda mais lenta e talvez até mais divertida. Em pesquisa acadêmica, tal ludicidade não aparece assim com tanta facilidade. Muitas vezes pode ser até mesmo rechaçada. É preciso produzir novas tradições e epistemologias que incluam o sonho. O sonho como ato de inventividade.

Essa pesquisa é um sonho. O sonho de um pensamento que se inicia na decolonialidade do pensar de quem pensa nos entremeios da costura.

Vó Divina sempre sopra nos ouvidos com a vozinha meiga e de sabedoria, abafada pelo barulho da máquina de costura, que “roupa boa a gente conhece pela costura”. Isso traz uma confiança de quem é um pouco presunçosa para escolher coisas, como se fosse

apurada na curadoria de costuras em uma compra e sabe que é um risco escolher roupas em uma *fast fashion* - um risco que se corre na aposta do novo, do rápido e provavelmente descuidado. Longe de remontar à uma nostalgia ao antigo. É sobre uma magia que se tece e se revela nas mais ínfimas coisas: como se tecem as costuras. Uma boa costura provavelmente vem apenas com o tempo e a prática. Geralmente a boa peça é a que esgarça com o tempo e a costura se mantém íntegra. A costura das roupas expostas nas lojas brilhantes, arrumadas e com bom ambiente tranquilo, que geralmente vem de manufaturas em que há um padrão de rapidez e obsolescência, costuras do capital: há um ciclo rápido de compra, deterioração, descarte e necessidade de retorno ao ciclo. E não sem estratégia, tem um custo mais baixo.

A magia de vó conta do apreço a artesanania do ofício de costurar e da tradição de criar mulheres que olham o avesso das coisas.

De costurar, concretamente, entendo bem pouco. Alinhavo uma ou outra peça em necessidade de conserto. Em um dos meus lapsos de descobrimento das feitura do mundo, inventei de aprender bordado livre. Fiquei deslumbrada em fazer visitas a armarinhos empoeirados e saturados de brilhos, pérolas, aviamentos, cores de linha... Me instrumentalizei de itens necessários e outros nem tanto, para encarar o bastidor com um tecido de algodão branco vazio. Tentativa e erro, erro e tentativa de desenhos, banco bordar palavras no vazio. Bordar desafia a lógica da rapidez de produção: é preciso respeitar o tempo das artesanias de aprender e de descobrir seu estilo. De início há surpresa com os pontos que formam imagens e palavras coesas, mas no avesso do tecido há um aglomerado de linhas que se enlaçam caoticamente. Com o tempo se aprende a cuidar melhor dos avessos, fazer nós invisíveis e entender as pressões e espaços nas linhas. E nesses vazios, comecei a entender que talvez não seja a melhor das bordadeiras, mas um tanto mais ‘avesseira’: interessada nos avessos que informam a construção das coisas. Em bordados, em pessoas, em Psicologias, em sociedades, em pesquisa.

Em toda essa reza de família, costura e artesanania, me nomeio como bordejadora. Dos vazios e enigmas, me inscrevo e escrevo como trabalhadora dos avessos pessoais e em outras pessoas-bastidor. Isso se enlaça em tecidos e linhas de afeto, raça, análise, profissão, trabalho e estar a trabalho.

Desta forma, me situo além de bordejadora, como jovem mulher negra, bissexual, psicóloga, arteira, psicanalista em (de)formação e atravessada pela psicanálise, atuante na clínica e em psicologia social em perspectiva crítica. Nessa conformação, circulo em

espaços que são hegemonicamente dicotomizados, como a clínica é do sujeito e o social é do concreto. Cada coisa em seu lugar: não se faz clínica na política pública, assuntos do sujeito se fecham em uma concepção individualizante que pouco dialogam com as condições políticas que se inserem. Costuras que podem ser frágeis e que na artesanaria de meu saber fazer, questiono e me rebelo. Com o objetivo de colocar estas questões em interface e em diálogo com Claudia Mayorga, minha orientadora, que trouxe a ideia da potencialidade de estar em lugares fronteiriços: penso que ser de fronteira me conecta enquanto pesquisadora em perspectiva de compreender como pertencente e com crítica de *extimidade* nestas andanças.

1.2 Linhas: Enlaçamentos de Pesquisa e Afetos

O amor precisa estar presente na vida de todas as mulheres negras, em todas as nossas casas. É a falta de amor que tem criado tantas dificuldades em nossas vidas, na garantia da nossa sobrevivência. Quando nos amamos, desejamos viver plenamente. Mas quando as pessoas falam sobre a vida das mulheres negras, raramente se preocupam em garantir mudanças na sociedade que nos permitam viver plenamente. [...] E para viver plenamente as mulheres negras não podem mais negar sua necessidade de conhecer o amor.

bell hooks (2010)

Considerando a pluralidade do amor em suas conceituações e experiências, no âmbito referente às relações afetivossexuais, no recorte de marcadores sociais de gênero, raça e sexualidade, é possível pensar nas diferenças em como os sujeitos em suas diversidades vivenciam subjetivamente e coletivamente este fenômeno. Abordando mulheres negras cis e trans brasileiras quanto às experiências afetivossexuais e tomando como necessário pensar a dimensão subjetiva vivenciada individualmente na interface da coletiva, há caminhos para trilhar que contemplem tal complexidade.

Desta forma, uma das possibilidades de compreensão é a partir da análise interseccional da historicidade cultural evidenciada nas narrativas de sujeitos que vivenciam a temática.

A constituição cultural, segundo Clifford Geertz (2001) é embasada em variados mecanismos de controle, em que simbolicamente as sujeitas inseridas participam e regem

suas ações e experiências emocionais. Se a cultura é pública, os símbolos também são símbolos públicos. Desta forma a emocionalidade e significações afetivas são artefatos culturais. O autor indica a abordagem semiótica das emoções, com viés de significação e de práticas de construção cultural, na compreensão de que se os símbolos emocionais são públicos, eles adquirem formatação, sentido e circulação, na conformação de

palavras, imagens, gestos, marcas corporais e terminologias, assim como as histórias, ritos, costumes, sermões, melodias e conversas, não são meros veículos de sentimentos alojados noutro lugar, como um punhado de reflexos, sintomas e transpirações. São o locus e a maquinaria da coisa em si. (Cliford Geertz, 2001, p. 183)

Portanto, a cultura e seus símbolos podem explicitar a transversalidade do social no individual na construção dos relacionamentos afetivossexuais no panorama mulheres negras brasileiras. Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013) faz considerações sobre fatores estruturais da sociedade que historicamente se dão pela construção sociocultural do colonialismo brasileiro, constituidor do racismo, sexismo e cisheteropatriarcado que são reguladores societários que atuam também no que concerne às subjetividades e na afetividade sexual.

Estas estruturas sociopolíticas ganham materialidade nas preferências afetivas dos sujeitos, propiciando repercussões no que concerne às preferências afetivas e acesso ao afeto, indicando a quem é dado e a quem é negado o direito de ser escolha afetiva por quesito da raça.

Neste ponto, o preterimento de alguns segmentos de mulheres quanto a serem escolhidas como potenciais parceiras afetivossexuais se constrói pela via da racialização da negritude em detrimento da não-racialização da branquitude. Esta diferença se dá na vivência interseccional de raça e gênero em outros grupos femininos nesta temática, marcadamente em como as mulheres brancas que seriam majoritariamente preferidas nestas relações, deste modo colaborando para a solidão de mulheres negras (Ana Cláudia Pacheco, 2013).

Considerando o panorama em que se enfatiza a solidão como parte quase que intrínseca diante a afetividade de mulheres negras, de modo amplo para além das relações afetivossexuais, abordar de modo interseccional as pluralidades de experiências, pode apontar a diversidade de caminhos de não estigmatização e universalidade de vivências

que podem ser coletivas, entendendo a vastidão de modos de se relacionar, alegrias, dores e resistências.

O desenvolvimento deste estudo na área de Psicologia Social, na linha de pesquisa Política, Participação Social e Processos de Identificação, permitiu abarcar a complexidade de colocar-se em análise fenômenos considerados hegemonicamente restritos ao psicológico, como a solidão, na interface do social e seus atravessamentos interseccionais. Isto propicia levar a campo relacional incidências individuais, que em certa parte, são também coletivas e reciprocamente inversas:

estranhar/desnaturalizar o que se sabe sobre si, o que se escuta sobre si e deixar-se em suspensões para novas reorganizações, para uma prática de questionamentos em que a interrogação não versa somente sobre o outro, mas sobre si na relação com outros. (Jorge Luiz da Cunha e Joana Elisa Röwer, 2014, p. 34)

O afeto também é político. Trazer experiências subjetivas do campo da afetividade para a política se interliga na própria concepção contemporânea de subjetividade que refuta uma concepção restrita a mentalismos e individualismos, para uma relacionada com a objetividade. Nesta compreensão, Kleber Prado Filho e Simone Martins (2007) apontam que a subjetividade aparece como resultante do movimento das relações de saber/poder referenciando uma pluralidade de sujeitos que não o da universalidade da razão, por exemplo, mas “para sujeitos concretos, regionalizados e historicamente construídos” (Kleber Prado Filho e Simone Martins, 2007).

A subjetividade se produz na relação das forças que atravessam o sujeito, no movimento, no ponto de encontro das práticas de objetivação pelo saber/poder com os modos de subjetivação: formas de reconhecimento de si mesmo como sujeito da norma, de um preceito, de uma estética de si. [...] A resistência aos modos de objetivação e de subjetivação acaba desempenhando importante papel nestes jogos de identificação e reconhecimento de si. (Kleber Prado Filho e Simone Martins, 2007)

Portanto, nestes movimentos de investigação das subjetividades em movimentos de estranhamentos/desnaturalizações, abarcar a historicidade política dos

atravessamentos de raça e gênero como indissociáveis se torna necessário para se analisar criticamente a experiência, neste enfoque, de mulheres negras.

Autoras feministas negras como bell hooks (2020) e Grada Kilomba (2008), ressaltam na abordagem da mulher negra há imprecisão do questionamento de gênero se referenciado apenas as opressões do patriarcado, assim como o esvaziamento em complexidade ao abarcar somente mulheres politicamente posicionadas no alto das hierarquias raciais. Reconhecer tal indissociabilidade implica diferenças intragênero e produz espaços de visibilidade para a pluralidade entre a categoria de análise para além do “feminismo se trata de sexismo, não sobre racismo”, como é referenciado pelo feminismo branco hegemônico tomado como caráter universal na abordagem do que é ser mulher (Grada Kilomba, 2008, p.120).

O feminismo negro enquanto produção de conhecimento em psicologia crítica propicia a construção de conhecimentos a desvelar jogos de poder em ocultação, que sustentam o *status quo* das posições de subalternidade de mulheres em sua pluralidade, enfaticamente mulheres negras, no campo das ciências, da política e contexto de modernidade (Tayane Lino e Claudia Mayorga, 2020).

Somado a outras vertentes críticas, historiciza seus conceitos e compactua com uma ciência comprometida com a realidade social e com as implicações políticas da produção científica. Acaba ainda por desafixar parâmetros permanentes de poder-saber e incorpora a dimensão da subjetividade aos pilares da produção científica. Assim, o que antes foi tido como pertencente ao âmbito do privado passa a fazer parte do campo público, político e científico. (Tayane Lino e Claudia Mayorga, 2020, p. 683)

Valendo-se do aporte do paradigma metodológico da interseccionalidade, o feminismo negro aponta caminhos de não-universalização do conhecimento científico, necessitando para maior complexidade de abordagem, não ter pretensão de explicar a experiência como um todo, mas recortes e suas especificidades. Dizer de estruturas sociais no interjogo de política na interface da subjetividade, indaga as produções científicas hegemônicas que dicotomizam a relação objetividade e subjetividade e em que projeto político se baseiam e reiteram.

Nas combinações e entrecruzamentos das opressões que incidem sobre as sujeitas, as teorias de ponto de vista ou *stand point* partem de um lugar de onde se baseia a

construção de conhecimento na perspectiva da subalternidade, - sujeitos nessa posição como obscurecidos e ocultados, não possuindo história ou espaço para fala, sendo o sujeito feminino afetado de modo mais intenso (Gayatri Spivak, 2010)-, compreendendo a indispensabilidade de contextualização histórica de determinado lugar em relação ao problema e opressão nos vieses gênero, sexualidade, raça e classe. Instrumentaliza-se também como teoria crítica para se pensar em novos marcos civilizatórios e pluralidade, crítica e complexidade na sistematização dos saberes como possibilidade contra-hegemônica de pesquisa e intervenção (Ana Claudia Pacheco, 2013; Djamila Ribeiro, 2016).

Enquanto aplicação, a interseccionalidade é compreendida a partir de três pontos principais: como ferramenta teórico-metodológica para compreender a multiplicidade de opressões; de não hierarquização ou somatória de opressões e o lugar de fala individual tem referências múltiplas a partir de suas vivências (Dayane Assis, 2019), se esquematizando através de

conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (Kimberlé Crenshaw, 2002)

Considerando os marcadores sociais como locus das incidências estruturais, para contextualizar quem são as mulheres negras abordadas é preciso situar a composição identitária destes sujeitos. Stuart Hall (2006) entende as identidades nas posições de que as práticas discursivas constroem para os sujeitos, como ponto de sutura, representando a intersecção entre discursos e práticas sociais. Essa sutura primeiramente inicia-se com gênero e raça, a se complexificar em sexualidade posteriormente.

Desta forma, se mostra relevante pesquisar no discurso destas mulheres sobre as experiências vividas em relações afetivossexuais em seus enlaces psicossociais e suas implicações nas formas que atuam os atravessamentos interseccionais que faz referência “ao que faremos politicamente com a matriz de opressão responsável por produzir diferenças, depois de enxergá-las como identidades”, indicando como possível se pensar

na dinâmica promovida pelas interações e seus devires atuando nas interações, produções e reproduções de desigualdades sociais (Carla Akotirene, 2020, p. 46).

Nesta compreensão, a escolha da temática desta pesquisa é uma reação à estrutura social brasileira racista, sexista e cisheteropatriarcal que rechaça de maneiras explícitas e veladas a possibilidade de autoamor e amar aos outros quando em posição de subalternidade. Colaborar com a visibilidade e ampliar a pauta da subjetividade das mulheres negras de modo amplo através do recorte específico desta pesquisa é uma oportunidade de desvelar, estranhar e desnaturalizar vivências que podem incidir de maneira violenta na microestrutura e questionar a perversidade das estruturas sociais que hegemonizam e/ou ocultam tais sujeitos macroestruturalmente.

bell hooks (2000) expõe que a sociedade não propicia garantia de direitos às mulheres negras para que possam viver plenamente nos âmbitos objetivo e subjetivo e reconhece as dificuldades cotidianas em sobreviver e cuidar da sobrevivência da família. Entretanto, traz a urgência da presença do amor na vida e nos lares das mulheres negras, no sentido do amor que não se restringe apenas ao afetivossexual, mas que também abarque a amplitude das vivências de amor, como o autoamor, amor ao *ethos* e amor à família.

Adotar na Psicologia Social o viés de estranhamento e desnaturalização, incita a pensar novos modos de abordar fatores de adoecimento e angústia nos sujeitos na interface psicossocial, onde surge o interesse da discussão sobre afetividade. A pesquisa está baseada nos enlaçamentos e experiências que se interseccionam em marcadores sociais da pesquisadora como mulher negra, psicóloga, psicanalista e estudante, em vivências profissionais atuais em clínica e anteriores em políticas públicas de educação e prevenção à criminalidade, estudos em feminismo negro interseccional e incidências psicossociais pessoais de gênero e raça, percepções de como a afetividade é mobilizadora e relatada em amplos contextos.

1.3 Cacos e Mosaicos: Educações Como Sintoma da Doença Colonial e a Educação Como Cura

Ficamos plenos de esperança, mas não cegos diante todas as nossas dificuldades. Sabíamos que tínhamos várias questões a enfrentar. A maior era a nossa

dificuldade de acreditar novamente no valor da vida... Mas sempre inventamos nossa sobrevivência.

Conceição Evaristo (2016)

Para chegar a minha sensibilidade de pesquisa, ressalto que para além de funções de justificativas acadêmicas de relevância social, também responde a meu próprio sintoma. Aliás, a pesquisa tende a responder a um enlaçamento com algo de si. Pensando nisto trago cacos de experiências pessoais que considero relevantes no processo de elaboração, construção e desconstrução desta pesquisa.

O escritor Rubem Alves elabora sobre obras de arte e a poesia pensando em mosaicos: “os cacos em si não tem beleza alguma. Mas se um artista os ajuntar segundo uma visão de beleza eles se transformam numa obra de arte” (Rubem Alves, 2007, p.15). Mosaicos parecem ter muito em comum com pesquisa. Mosaicos e pesquisa não se fazem só: precisam da dedicação ao ofício pelo artista e pela pesquisadora. De cacos também somos feitos. Cacos de vidro, cerâmica e experiências. O autor recupera o escritor Milan Kundera (1989) na comparação da vida, e aqui adiciono os movimentos de pesquisa, com uma partitura musical:

O ser humano, guiado pelo sentido da beleza, transpõe o acontecimento fortuito [o caco] para fazer dele um tema que, em seguida, fará parte da partitura de sua vida. Voltará ao tema, repetindo-o, modificando-o, desenvolvendo-o, transpondo-o, como faz o compositor com os temas da sua sonata. (Milan Kundera, 1989, p. 58)

Seguindo a ideia de Rubem Alves (2007) em que mosaicos e sonatas são a cara de quem os fez. A pesquisa assim informa algo da experiência (Joan Scott, 2001) de quem se propõe a juntar caquinhos de sensibilidades no mundo em seu viés, construindo não a partir, mas com outras que vieram trilhando anterior e contemporaneamente, acrescido de seus modos de montar, colar e costurar. Desta forma, retomo cacos e retalhos que me trouxeram ao tema de pesquisa.

No campo da educação, assim como muitas pessoas negras, fui a primeira pessoa da família nuclear a ingressar no ensino superior como bolsista do ProUni- Programa Universidade Para Todos. Enfatizo a importância dos movimentos de democratização do acesso à educação, que reivindicam a efetivação de sua universalização, entendendo suas

assimetrias: para alguns estudantes há ambientes e infraestrutura facilitadora da aprendizagem em condições objetivas, como professores qualificados e tempo hábil para estudo, em paralelo com outros estudantes que convivem com a precariedade dessas condições e frequentemente, não tem possibilidade de resistir a elas para prosseguirem em formação (Camilla Gabrielle Gomes Vieira, Dannielle Starling, 2022).

Recordo-me diante dos acessos educacionais que pude ter dentro de uma realidade de classe popular e de periferia, em minha trajetória estudei o ensino fundamental na escola pública do bairro em que cresci e o médio em escola pública em bairro de classe média. Não é muita surpresa as notícias de qual território colegas evadiram do ensino médio ou encerraram os estudos com a formatura do ensino médio - tendo em vista ou em paralelo com o mercado de trabalho- em que poucos tiveram a possibilidade de ingressar na educação técnica ou superior em seguida, e, em qual território o ensino superior era uma realidade natural e concretizada de ingresso.

Segundo a Constituição Federal de 1988, Artigos 205, 206 e 208, a educação é um direito. Para garanti-lo, diversas ações precisam ser tomadas para modificar esta realidade e outras fortalecidas, como no Brasil as políticas de ações afirmativas de reserva de vagas, bolsas e auxílios permanência para promoção de inclusão, diversidade e permanência dos estudantes na Universidade.

Enfatizando a intersecção racial nas políticas de ação afirmativa, a Lei 12.711 de 2012, conhecida como Lei de Cotas assinada no governo da Presidenta Dilma Rousseff, que inicialmente se tratava de porcentagem de vagas em ensino superior para estudantes egressos de escolas públicas ou rendimentos de até 1,5 por pessoa no núcleo de residência, e dentro destes enfoques porcentagem para candidatos com autodeclaração racial negra ou indígena (Brasil, 2012) junto a Lei 11.096 de 2005, o Programa Universidade Para Todos (PROUNI) promulgado governo do Presidente Inácio Lula da Silva que dispõe sobre bolsas de estudo integrais e parciais, com reserva de vagas para candidatos negros e indígenas (Brasil, 2005), trouxeram muitos avanços no sentido de iniciar medidas de reparação históricas ao colonialismo que usurpou e ainda usurpa na colonialidade, de maneiras ainda mais refinadas, o direito do bem viver e da vida para muitos, embasado na estrutura social racista brasileira (Camilla Gabrielle Gomes Vieira, Dannielle Starling, 2022).

É preciso pensar e agir em favor das estudantes pretas, das estudantes mães, das estudantes trabalhadoras, nas estudantes periféricas, atentar para a matrifocalidade das estudantes mulheres. Com o acesso a direitos sociais como os de alimentação, emprego e

renda, educação, moradia e saúde, que democratizam possibilidades contrahegemônicas que desafiam o atual estado das coisas em que a classe que acessa e circula é capitalista, branca, patriarcal, cisheteronormativa e cristã. Não dá para estudar com um acesso que garanta de maneira precária apenas o acesso, sem a efetividade de permanência. Não dá para estudar com fome e sem o cuidado de si e dos seus.

Nessa perspectiva, me formo no ensino médio e ingresso no ensino superior no curso de Psicologia. Me deparo com a diversidade de estar em uma universidade: códigos, saberes, novidades. Entretanto, a diversidade se mantinha em uma monoculturalidade que aparentemente fornecia mais cientificidade: eurocentrada e branca, assim como grande parte dos meus colegas, o que era uma frustração, mas esperança de construções outras possíveis através da potência da transmissão e diálogos favorecidos pelas instituições educacionais, como bem marca bell hooks (2013).

A academia não é o paraíso, mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula com todas suas limitações continua sendo ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, exigir de nós e de nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permite encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginemos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade (bell hooks, 2013, p. 273).

Neste período, acontecem movimentos pessoais de me compreender como pessoa negra. Isso traz ressignificações, estranhamentos e desnaturalizações, que cresciam assim como os meus cabelos que descobria como crespos sem químicas de alisamento. Diante disso, em um processo um tanto solitário, vi em fóruns e grupos da Internet, o acesso a teorias de Feminismo Negro e Interseccional, que favoreceram palavras para elaborar questões de minha própria experiência. Dentro da universidade, o *status quo* se mantinha nas epistemologias. A pesquisa se tornou para além de movimento acadêmico, uma potência de fruição de vida, que de um paralelo, passou a ser enlace e agalma com a prática da psicologia em posição de resistência do que era hegemonicamente dado.

Nas andanças propiciadas pela psicologia, estive em encontros em lugares de muitos saberes, desafios, sensibilidades e questionamentos. Para dizer dos cacos que formam minha experiência na educação, além do lugar de estudante, e no mestrado como professora no Estágio de Docência na disciplina de Psicologia: Povos Indígenas e

Quilombolas, também estive no lugar de trabalhadora da educação como estagiária de psicologia no apoio à inclusão na educação municipal infantil e básica.

Nos caminhos da vivência na escola, onde a rotina prescrita era acompanhar e criar estratégias para auxiliar o processo de aprendizagem dos estudantes que possuem deficiência física e/ou mental, contemplando um universo de estudantes de 4 a 16 anos, durante todos os horários dentro da sala de aula, compreendendo, potencializando e auxiliando diante de suas especificidades.

A revivescência do meu próprio processo educacional em escola pública se fez presente em que o modo de fazer não estava tão diferente, principalmente no avançar das séries. Carteiras enfileiradinhas, as crianças com maior rendimento de notas na frente, matemática como dificuldade frequente, português que parece um tanto distante da língua falada na comunidade, história contada pelo ponto de vista colonial: menções a povos originários reduzidos a Dia do Índio em que era tocada a música da Xuxa e pintura de rostos para os pequeninos, e, em temática de discussão racial no Dia da Consciência Negra, cartazes por vezes bastantes ingênuos contra o racismo e também pinturas corporais, sem qualquer menção a racialização da branquitude e discussões rasas acerca da escravização de pessoas negras.

Quanto à distribuição racial entre professores, em um universo de 20 profissionais, que identifiquei como não-brancos, eram apenas dois. Disparidade que não é sem efeitos.

Na educação básica, em contato com as trabalhadoras e estudantes, a pedagogia tradicional se sustenta, mas sempre com catacreses e o estilo de cada uma. No encontro com os estudantes no lugar de estagiária de psicologia no apoio à inclusão, retomando a ideia de extimidade, estava na fronteira entre as trabalhadoras professoras, coordenação e manutenção da escola e os estudantes. Isso propiciava que me endereçassem falas sobre a instituição fora dos círculos estritos profissionais e assim como falas dos estudantes que não chegavam às professoras. O sentimento massificante e maçante me tomou e se tornou adoecedor.

Um modelo de educação hegemonicamente engessado.

Na contramão desse panorama, o pedagogo Luiz Rufino (2019) descreve que a educação pode ser pensada de forma plural, tal como as psicologias, as educações. Elas englobam diferentes sentidos entendendo que socialmente se educa para diversos fins e projetos políticos. Ele marca a radicalidade da educação como ação de responsabilidade e que também reproduz um projeto colonial, servindo atos de irresponsabilidade, violência e mentiras a serviço da dominação que "forjou imaginários, repertórios,

subjetividades e manteve o ser/saber sobre o regime discursivo da política colonial. Assim, esse padrão formativo de atos contrários à diversidade, é também contrário à vida e por isso produtor de injustiças cognitivas/sociais" (Luiz Rufino, 2019, p. 264).

Desta forma, não se educa para liberdade na concepção freiriana, mas para propagação e manutenção do *status quo* dos efeitos do colonialismo e da colonialidade, trazendo apagamentos para o que nomeia como tragédia colonial (Luiz Rufino, 2019).

Entretanto, isso não deve ser uma prática que devemos nos resignar, mas transgredir. Remontando o orixá Exu como matriz de movimento, Rufino constrói a proposta da pedagogia das encruzilhadas como um projeto de política, ética e de poética que toma medidas emergenciais contra este embotamento epistemicida: "o primeiro é a defesa de que a problemática da política do conhecimento é também étnico-racial, o segundo é o fortalecimento de um modo de educação intercultural e o terceiro são as elaborações de pedagogias decoloniais" (Luiz Rufino, 2019, p. 265).

A relação Exu e axé nos lança como perspectiva um campo de possibilidades pautadas nas dimensões do encante e desencante. Esses dois termos são fundamentais, pois rasuram a oposição vida e morte. Tomando como base os fundamentos de Exu e axé, a vida pode se tornar morte, e a morte vir a ser vida. Essas noções, que em uma leitura ocidentalizante aparecem em oposição, lançadas na encruzilhada, tendem a transgredir os limites impostos. Isso se dá, pois, onde opera o encante, opera o movimento contínuo e inacabado da vida. Enquanto a vida se inscreve como possibilidade, ciclicidade e continuidade consagradas pelos ritos, a concepção de morte se inscreve como a dimensão do esquecimento, do desencanto. (Luiz Rufino, 2019, p. 268)

O projeto colonial é calcado no desencante. Mortificador de corpos e epistemologias, se constituindo em supremacia eurocêntrica branca, capitalista e cisheteropatriarcal "em detrimento da pilhagem de corpos negros-africanos, ameríndios e suas práticas de saber" (Luiz Rufino, 2019, p. 269). Entretanto, pela via do encante é possível fazer insubordinações pela via da vida aos massacrados por este sistema, operando em meio às fissuras e fronteiras para produzir enfrentamentos que antagonizam com a lógica colonial, em movimentos constantes de reflexão, criatividade, política,

comportamentos e epistemes (Ricardo Dias de Castro, Tayane Lino e Claudia Mayorga, 2021).

Na operação do encanto, opera movimento, criatividade e vida. Isso pode remeter a curiosidade das crianças e a empolgação pelo saber e a brincadeira.

Na educação infantil com os pequenos, as costuras acontecem rápidas, importantes e por vezes efêmeras, sem a pretensão dos adultos de sedimentarem e fixarem um conjunto de ideias e de saberes. As perguntas correm como formigas apressadas no trabalho do formigueiro para absorver e compreender o mundo. Essas, as minhas preferidas. De inusitadas como: “tia, por que a gente não tem pêlo na orelha?”, outras informando de seu contexto “sabia que meu tio namora homem?”, de curiosidade questionamento da separação “por que minha mãe não pode ficar na escola comigo?”, teste de hipóteses “por que não posso namorar se minha irmã namora?” e marcação de diferenças “por que seu cabelo é diferente?”. E vastidões de assuntos ouvia para além das perguntas e elaborações: se presentificavam na fala violações de direitos manejadas com escola e rede, acontecimentos de violência da região, ausências e abandonos parentais.

Desses dois últimos, era de se estranhar quantas mulheres negras tinham matrifocalidade familiar e/ou eram mães solo, por ocasião de ausência ou não reconhecimento paterno de suas crianças, se desdobrando para garantir cuidado e sobrevivência.

É certo que a escola tem suma importância em promover e transmitir sociabilidade, diversidade e inclusão. Pensando no ingresso das crianças na escola, elas vão aprendendo a coletivizar no mesmo período em que se descobrem sujeitos separados do núcleo responsável. Crianças em suas descobertas interagem ativamente com as pessoas e os espaços. Tudo ensina. A professora, a porteira, a terra do pátio, a biblioteca, a brinquedoteca, a cantina. O espaço da escola traz a realidade e o tão importante faz-de-conta. Absorve brincantes e sonhadores no início do processo educacional e devolvem o quê? Qual a entrega final da carga escolar das estudantes?

Uma pista é a especialização do conhecimento em áreas, em detrimento de um olhar hegemônico de tomar como distante, de vanguarda ou rechaço às estruturas e práticas de transdisciplinaridade e interculturalidade na educação. Estudantes e professores representando papéis que não contemplam suas subjetividades e seus atravessamentos interseccionais em prol de uma objetividade e cientificidade.

A objetificação do professor dentro das estruturas educacionais burguesas parecia depreciar a noção de integridade e sustentar a ideia de uma cisão entre mente e corpo, uma ideia que promove e apoia a compartimentalização. Esse apoio reforça a separação dualista entre o público e o privado, estimulando os professores e alunos a não ver ligação nenhuma entre as práticas de vida, os hábitos de ser e os papéis professorais. [...] o único aspecto importante da nossa identidade [professoral] era o fato de nossa mente funcionar, ou não, ou sermos capazes de fazer nosso trabalho na sala de aula. (bell hooks, 2003, p. 29)

Uma fragmentação que produz cacos, mas não favorece uma tradição de conexão dos saberes junto a implicações consigo e com o mundo, pelo contrário, produz tendências de adoecimentos e desvinculações: “longe de ser autoatualizada, a universidade antes era vista como um porto seguro para pessoas competentes em matéria de conhecimento livresco, mas inaptas para a interação social” (bell hooks, 2003, p. 29).

Na contramão disto, bell hooks (2013), escritora, professora e teórica feminista negra, aponta caminhos sobre construções pedagógicas baseadas na ética freiriana de educação libertária, junto a suas práticas e vivências de uma pedagogia transformadora que compreende o afeto como parte central da educação. Nesta seara, como guia de atuação, compreensão e intervenção, sumariza a teoria de Paulo Freire em que a “educação só pode ser libertadora quando todos tomam a posse do conhecimento como se fosse este uma plantação em que todos temos de trabalhar” (bell hooks, 2013, p. 26), articulando teoria, prática, afetos e interseccionalidade, promovendo transformações significativas para os envolvidos e seu entorno.

Quando nossa experiência vivida da teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorrecuperação, de libertação coletiva, não existe brecha entre a teoria e a prática. Com efeito, o que essa experiência mais evidencia é o elo entre as duas – um processo que, em última análise, é recíproco, onde uma capacita a outra. A teoria não é intrinsecamente curativa, libertadora e revolucionária. Só cumpre essa função quando lhe pedimos que o faça e dirigimos nossa teorização para esse fim (bell hooks, 2013, p. 85-86).

A autora propõe uma pedagogia engajada, de uma educação progressiva e holística, enfatizando o bem-estar, comparando professores com curadores. A cura pode

ser entendida em vários significados para além de reestabelecimento e ausência de sintomas, como a cura para diversas psicologias, os processos de curagem de queijo em que se trabalha com tempo e intervenções para elevar ao maior grau de excelência o produto, como a cura para psicanálise (Renato Mezzan, 1996). A cura implica em autoatualização coletiva, em uma ética de cuidado e bem-estar, entendendo que contra especialismos monoculturais e colonizantes das ideias, é preciso trânsito, movimento e atuação (bell hooks, 2013; Luiz Rufino, 2019).

1.4 Políticas Públicas de Prevenção À Criminalidade: O Território Cenário da Vida

As políticas públicas, necessárias para efetivação de direitos e democracia diante das assimetrias sociais, não passam incólumes aos atravessamentos de raça para além do território em que se encontram: “navegamos por um abismo racial que não nos deixa esquecer que podemos até remar pelas mesmas águas, mas o racismo distribui desigualmente os recursos necessários para velejar” (Paula Gonzaga, Vivane Cunha, 2020, p. 4). Remontando a presença de um passado colonial que é reeditado nas estruturas sociais, como as instituições e os sistemas/cistemas que se mantêm vivos e ativos no presente como marca Grada Kilomba (2019, p. 158), “a ferida do presente ainda é a ferida do passado e vice-versa; o passado e o presente entrelaçam-se como resultado”.

Estes serviços representam por muitas vezes dentro de certos territórios, o único enfoque do poder público à serviço do cuidado com a população que é visto e reconhecido. Frequentemente em algumas políticas, como as de segurança pública, a prestação de serviço aparece ambígua ou opressora, como a Polícia, operadora ativa nas ações do genocídio negro e ponta de um projeto político de seletividade penal.

Nas experiências em políticas públicas nos últimos anos é notável o sucateamento e o enfraquecimento destas, principalmente em detrimento do contexto político desde 2013 marcado por sucessivos golpes à democracia e a sustentabilidade de projetos, programas e políticas sociais.

A atuação nestes espaços favorecidas pela formação em psicologia, propiciou trocas diversas e aprendizados sobre os enlaçamentos de equipe, território e sujeitos atendidos. Dentre elas, a principal é sobre o território ser vivo: tem dinâmicas de afetações e afetos ampliadas que revelam a complexidade dos avessos das costuras sociais.

Pensando em mulheres negras e afetos, percepções em política pública de Alternativas Penais, a solidão evidenciava-se de modo sutil, mas fortemente atrelado a atravessamentos sociais de raça e classe.

Isto permitiu algumas percepções de experiências por relatos, como os de mulheres negras apareciam, por atividades ilícitas, por exemplo, relacionadas ao trabalho em Jogos de Azar, Lei 3688/41 - Art. 50, articulado interseccionalmente a fatores como a estrutura matrifocal brasileira, junto a uma série de precarizações sociais que negam acesso a condições objetivas de vida, favorecendo as exclusões inclusive no campo afetivo. Algumas alegavam envolvimento em contravenções penais como meio de alcançar recursos financeiros para sobrevivência própria e de seus filhos desassistidos pelos progenitores e ausência de parceria afetiva. Mães com filhos em Alternativas Penais diziam do peso de ser única referência familiar na lida com conflitos deste âmbito. Outros casos apareciam com leitura semelhante sobre solidão, em que mulheres idosas se envolviam nestas atividades pelo sentido que o trabalho traz para vida, junto à socialização com a comunidade.

Outros pontos se marcavam, com enfoque nas relações afetivossexuais, que era o atendimento a homens ligados a alguma alternativa penal pela Lei Maria da Penha, em que frequentemente mulheres acompanhavam estes que haviam praticado algum modo de violência contra elas.

Em outro espaço, a atuação em um programa de prevenção de homicídios voltado à juventude dentro de território considerado vulnerável socialmente, em que estive durante a pandemia de Covid-19, escancaradamente se via o resultado político da crise política e sanitária: pobreza, desemprego, trabalho precarizado, morte pelo Estado que pode matar e prender de muitas formas: mortifica a vida pela impossibilidade de acessar o bem viver, mata de forma direta e violenta de bala e porrada, enfatizando o alvo no corpo dos sujeitos negros e mata de forma indireta de Covid-19 de uma pandemia instrumentalizada como ferramenta eugenista (Paula Gonzaga, Vivane Cunha, 2020) que marcadamente pelo racismo estrutural, atinge pessoas negras e povos originários. Prende além do presídio, prende também no território com o transporte público que custa dezenas de reais para se deslocar em ida e volta no dia dentro da região metropolitana de Belo Horizonte. Criminaliza a pobreza e prende na falta de acesso e circulação nos territórios vulnerabilizados.

Certa vez escutei de uma pessoa referência na comunidade em que atuei, que o único serviço público no território era a segurança: tinha a polícia e a política de

prevenção à criminalidade. Água faltando e os moradores buscando em bairro de outra cidade limítrofe em condições precárias. Isso em uma semana em que morrem cinco pessoas locais em operação policial em confronto armado com o tráfico.

Dizer disto, da experiência em território, diz também de afetos de modo amplo. Relatos de sofrimentos e resistências. Diz de mulheres negras que sofrem com a violência que incide em seus corpos e de suas famílias: dos filhos que podem apanhar ou morrer com envolvimento na criminalidade, as advertências e ensinamentos sobre abaixar a cabeça para polícia, andar com documentos, implicações com a aparência e estética- os cabelos descoloridos, os cortes de sobrancelha-, a ameaça ou o trabalho infantil; dos maiores no tráfico à necessidade de trabalhos precarizados nos sinais de trânsito vendendo balas e quinquilharias.

Filhos com questões de saúde mental que possuem acesso frágil aos serviços de referência por falta de profissionais suficientes, dificuldades de transporte considerando a distância do domicílio ao CAPS e em um atendimento, quando acontece, medicalização exacerbada para docilizar, relatando até mesmo situação que o médico psiquiatra medicou em “uma injeção que dormiu por mais de dia inteiro” [sic].

Mulheres negras tratadas com machismo e como posse patriarcal, punidas pela dinâmica criminal caso aconteça envolvimento afetivossexuais, ‘traição’, ‘talaricagem’, com agressão, raspagem dos cabelos, expulsão do território, ameaça ou feminicídio, geralmente filmado e espalhado na comunidade como exemplo de ‘correção’.

Mulheres negras que em situação de desamparo social, com transtornos mentais e dependência de drogas, se prostituem para conseguirem angariar dinheiro.

Também diz muito sobre resistência e arranjos estratégicos de cuidado de si, das outras, dos outros, da comunidade, como as mulheres referências comunitárias vinculadas às igrejas - vida religiosa como possibilidade de força e transmissão de possibilidades diversas propiciadas pela conexão com divindades-, nas associações, nos conselhos comunitários, por exemplo. Assim como dentro da dinâmica criminal, não tão curiosamente, uma mulher opera no ‘desembolo’, uma espécie de mediação de conflitos comunitária dentro dos territórios dominados pelo tráfico que possui seus métodos de justicamento.

Mulheres que se articulam em seus espaços de vida, que com as dores e mazelas que atravessam a comunidade, trabalham de modo a reivindicar e potencializar o melhor, seja no acesso às bases locais de políticas públicas em que se vê pessoas e a personificação do poder público ou no agenciamento do boca a boca, como as ações solidárias que

amenizaram ou mataram a fome de muitos na arrecadação de alimentos no período mais crítico da pandemia de Covid-19, as mobilizações comunitárias para auxiliar na reconstrução das moradias em períodos de fortes chuvas, protestos contra a violência policial que ceifa continuamente vidas, majoritariamente de homens pretos e jovens, com queima de pneus, convite a mídia, transmitindo que o silenciamento precisa se quebrar, pois sempre teve gente falando.

Quanto aos movimentos de resistência, assunção dos riscos da fala e da reivindicação de mulheres negras, Lélia Gonzalez (2020) disserta sobre o lugar do *infans*, o da criança dita em terceira pessoa pois não tem fala própria, e o lugar das pessoas negras na sociedade brasileira é o da lata de lixo diante das dominações estruturais. Traz uma subversão via psicanálise, em que cita Jacques-Alain Miller na Teoria da Alíngua “psicanálise e lógica, uma se funda sobre o que a outra elimina. A análise encontra seus bens nas latas de lixo da lógica. Ou ainda: a análise desencadeia o que a lógica domestica” (Lélia Gonzalez, 2020, p.77). É preciso deslocar o olhar de subalternidade como sinônimo de impossibilidade de falar, mas questionar os porquês da não escuta (Gayatri Spivak, 2010; Jota Mombaça, 2015). Insubmissão é maior que as estruturas coloniais podem captar: Para Lélia Gonzalez (2020), há um risco e é preciso assumi-lo, “nesse trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar e numa boa” (p.77).

1.5 A Clínica com Mulheres Negras e Psicanálise

A clínica é um espaço que se apresenta como lugar de dizer o possível e o indizível endereçado a alguém que supostamente pode escutar como especialista.

Nas minhas andanças em psicologia, que inicialmente a clínica era rechaçada como ideia de campo de trabalho e de me colocar a trabalho, passa a me tocar a partir da experiência pessoal em análise e da percepção política que a atuação com os sujeitos em perspectiva individual também reverbera de forma ampla. Atuando em políticas públicas, o lugar da intervenção psicossocial e da clínica é demarcado ferrenhamente, principalmente para as profissionais e estudantes de psicologia. Há algo que se trata da demanda que vincula o sujeito no serviço, e, estrategicamente, se trata de atravessamentos do social e do comunitário que escapam com articulação a rede. Entretanto, há algo que resta, ganchos do que na relação transferencial entre quem atende e quem é atendida que querem falar.

Nesses caminhos, concebo a clínica como um lugar político de entrelaçamento historicizado com as relações de poder, junto às articulações interseccionais de uma a uma, que emerge no encontro com as sujeitas. Com o enodamento da formação em psicologia e com percurso de (de) formação em psicanálise - como uma teoria independente que se difere da psicologia (Renato Mezzan, 1996)-, considerando meu enfoque de estudos em raça, gênero e diversidade.

Considerando minha experiência em clínica e dos compartilhamentos de pares, é perceptível o movimento crescente de demanda de pessoas negras, principalmente mulheres negras jovens e adultas, por acompanhamento psicoterapêutico que compreenda especificidades das relações étnico-raciais e/ou profissionais por identificação racial. Frequentemente surgem relatos de relações afetivas de modo amplo, como as que envolvem preterimento e solidão com percepção racial e estratégias dissidentes da norma monogâmica.

Os espaços de cuidado psi para pessoas negras frequentemente é relatado como faltante na abordagem de questões raciais. Ao dizer de abordagem racial é importante demarcar que a branquitude não se racializa em detrimento da racialização de sujeitos negros (Cida Bento, 2002) e que isto, não é sem efeitos, como o negro é o outro do branco (Neusa Santos Souza, 1983; Grada Kilomba, 2020).

Nesse sentido, é preciso retomar que a academia como reprodutora do projeto político colonial, hegemonicamente, não forma profissionais com aporte teórico que trabalhe e se coloque a trabalho das questões étnico/raciais, não sejamos ingênuas. Interpelações por centralização de debates em psicologia e psicanálise, em círculos conservadores e dogmáticos de uma pureza teórica, recebem a nomeação de pauta identitária ou questões a serem discutidas em espaços específicos de sujeitos negros ou de povos originários, por exemplo, retomando a ideia de Lélia Gonzalez (2020) sobre o lugar de *infans*.

A clínica pode ser uma estratégia de quebra do silenciamento. Grada Kilomba (2020) toma como exemplo para pensar no silenciamento de sujeitas/os negras/os, a figura de Anastácia, datada do século XVII. Sem história oficial, em uma das histórias, é contada como uma mulher negra originária de África, onde teria sido princesa, ali raptada e trazida nas águas do Atlântico na condição de escravizada. Nos relatos e na figura, Anastácia usa uma máscara de ferro na boca, que internamente se localizava entre a língua e o maxilar, preso por cordas na cabeça, junto a um pesado colar de ferro. Tal atrocidade teria sido explicada de forma oficial que funcionava como método para evitar que as

pessoas em situação de escravização, não comessem a produção da lavoura, mas como a autora aponta, servia como instrumento de implantação dos regimes sádicos de dominação através da boca, como uma política de mudez e silenciamento, indicando a quem está no lugar de outridade do branco, os limites e consequências de quem pode, o que acontece e sobre o que se pode falar.

A autora demarca que nesse contexto, a boca é tomada como posse. A fantasia do branco colonizador é que o sujeito negro quer possuir algo que lhe pertence, embora, moralmente, pertença ao colonizado, fazendo uma perversa inversão em que o colonizador que estaria sendo roubado. Desta forma, acontece um mecanismo que em psicanálise se nomeia como negação: "o senhor nega seu projeto de colonização e o impõe à/ao colonizada/o. É justamente nesse momento- no qual o sujeito afirma algo sobre a/o "Outra/o" que se recusa a reconhecer em si-próprio- que caracteriza o mecanismo de defesa do ego." (Grada Kilomba, 2020, p. 34).

O racismo então opera a partir da negação para manutenção e legitimação das estruturas e da violência das opressões raciais, partindo da fantasia do colonizador: "elas/es querem tomar o que é Nosso, por isso Elas/es têm de ser controladas/os" (Grada Kilomba, 2020, p. 34), tornando sujeitas/os negros como inimigos intrusivos e o branco como vitimado. Isto remonta ao pacto narcísico da branquitude, que Cida Bento (2002) elucida enquanto um pacto para negação da racialização da branquitude com intuito de manter privilégios raciais e a dominância da hegemonia, através da negação e da exclusão.

Vivendo em uma sociedade colonialista onde a máscara do silenciamento se reedita às/aos sujeitas/os negros, em uma série de delimitações de fala e acesso, não parece estranho a psicologia inserida neste contexto de hegemonia branca, reproduzir e atuar com violência através do não reconhecimento dos apagamentos históricos, ocultamento e silenciamento das especificidades negras e dos povos originários que são duramente maculados pelas feridas coloniais. Na constituição das sujeitas, trabalhar em uma clínica de interfaces se torna mais que necessário, apontando uma ética de cuidado que favoreça a fala, escute, atue nos ditos e não-ditos. Uma clínica viva com sujeitas e sociedade.

Partindo disso, nos encontros com pacientes negras, os relatos de solidão se apresentam de forma ampla com ligação aos impactos do racismo estrutural, como em tornar-se negra e relações de amizade e familiares, quando colocada em paralelo a relações de pessoas brancas.

Nas relações afetivossexuais, se escancaram aspectos nomeados solidão/sentir-se sozinha, como matrifocalidade forçada, preterimento, hiperssexualização, invisibilidade enquanto sujeitas de desejo, percepções de limitação no trânsito afetivo - quanto a encontrar parcerias para além de relações casuais e centradas em sexo-, e, aderência às relações não-monogâmicas sem de fato desejo pela premissa afetiva em si, mas pela possibilidade de acessar afetos negados monogamicamente. Escuta-se também muitas formas, amarrações e invenções no campo afetivossexual que proporcionam trânsitos de vida e resistência. Muitas destas questões nem sempre são tratadas na complexidade da intimidade em interface com a estruturalidade de opressões societárias e é algo que cada vez mais tem sido colocado em evidência pelas sujeitas atendidas, a necessidade de vislumbres mais complexos. Colocar-se a trabalho em uma clínica interseccional não exime as sujeitas da responsabilidade de lidar com suas demandas e desejos, mas reconhece os trânsitos nas avenidas identitárias (Carla Akotirene, 2019) e as relações únicas de cada uma dentro da coletividade.

Vivemos em uma sociedade calcada na história colonial que se reedita com refinamentos opressivos atualizados pelo colonialismo, que não é sem efeito na vivência dos sujeitos. A psicanálise, enquanto teoria subversiva que se coloca a trabalho “daquilo que permaneceu fora de questão para a racionalidade vigorosa e clássica da modernidade: a existência do inconsciente como experiência com o real” (Andrea Guerra, 2020), tem de se haver com os enquadres em que se desenvolvem os movimentos de vida dos sujeitos, como as estruturas sociais, não tendo a pretensão de ser uma *Weltanschauung* (Sigmund Freud, 1932)- uma visão de mundo que pretende explicar em totalidade e unidade, tal como as ciências hegemônicas, em especial as eurocêntricas-, mas de tratar também dos restos.

Para isso, pensar a pesquisa clínica em psicanálise atreladas a metodologias de pesquisa decoloniais, é um desafio pela produção de incitações de na pesquisa responder questões colocadas à psicanálise, como demarca Marie-Jean Sauret (2003). Colocadas à e não em psicanálise, produz deslocamentos sobre endereçamentos feitos aos analistas, mordidos pela peste e acalanhados por suas questões de pesquisa.

Situando a localização pessoal de sujeito como uma jovem mulher negra pesquisadora na universidade, nos caminhos de desvelamentos da Psicologia Social e do constante processo de (de) formação da psicanálise, as colocações de Fernanda Costa-Moura (1998) apontam um ponto balizador na pesquisa, o do desejo, em que compreendo

que ela pode também se servir a um sintoma pessoal, como um espaço de fala e de elaboração em construções coletivas na comunidade acadêmica. A autora disserta sobre as implicações do desejo do sujeito pesquisador e seu inconsciente como posição fundamental na pesquisa em psicanálise para produzir seu campo que não acontece sem a escuta:

Implicar na pesquisa seu desejo significa deixar-se trabalhar pela questão que se coloca; acolhê-la, trabalhar sob seu comando numa inversão das posições tradicionais "sujeito-objeto do conhecimento". Até o ponto em que o pesquisador se produza como efeito da questão, que se interrogue ele próprio de seu ato e disto possa tirar as consequências. Há portanto um passo a ser dado e há que esperá-lo. Há que esperar que o pesquisador se produza como efeito da questão, que se interrogue ele próprio de seu ato e disso possa tirar as consequências. (Fernanda Costa-Moura, 1998, p. 66)

Nestas consequências, se implica os sujeitos no ato de pesquisa. Se o desejo na pesquisa infere na forma da pesquisa, é preciso também pensar em quem pesquisa e em qual contexto se realiza.

Estudando o atravessamento de escutas e elaborações de saberes, somos inseridos em uma localidade e em um contexto cultural, que informado pela história e suas repercussões. Compreendendo o enfoque da pesquisa e da atuação clínica em relações raciais, decolonialidade e interseccionalidade, o deslocamento maior é sair de uma posição objetificante, para escutar sujeitos plurais, enfatizando sujeitos negros em sua produção de desassujeitamentos.

Paralelamente ao subalterno que fala em Lélia Gonzalez (2020), a Escrivência de Conceição Evaristo (2020), através das sensibilidades poéticas da escrita vivência está como possibilidade de enunciação de si, denúncia, tentativa elaboração do real que não se inscreve e resistência para mulheres negras diante de um movimento estético e artístico literário, que remonta a processos em análise.

Escrever como ato estando tanto para o sujeito pesquisador e para os sujeitos com quem se constrói a escuta, que desembocada pela pesquisa em psicanálise, toca em questões mobilizadoras como Fábio Bispo (2021) recorda bem em citar o título do livro da pesquisadora Giovana Xavier (2019) *Você pode substituir mulheres negras como*

objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história, em um deslocamento que reflete e convoca sobre a realidade de pesquisadoras negras no Brasil.

Com isso, entendendo o lugar do analista/pesquisador no lugar de escuta e tratamento da fala que se diferencia, contar a própria história informa os atravessamentos sociais que são parte do enquadre dinâmica de vida dos sujeitos. Nesta interface da psicanálise e pesquisa com (e não ‘de’) sujeitos subalternizados, Grada Kilomba (2019), mostra que:

(...) a margem não deve ser vista apenas como um espaço periférico, um espaço de perda e privação, mas sim como um espaço de resistência e possibilidade. A margem se configura como um “espaço de abertura radical” (bell hooks, 1989, p. 149) e criatividade onde novos discursos críticos se dão (...) Assim, a margem é um local que nutre nossa capacidade de resistir à opressão, de transformar e de imaginar mundos alternativos e novos discursos. (Grada Kilomba, 2019, p. 68)

Retomando algo que se transmite no meu corpo atravessado pela psicanálise e pela psicologia social, compreendendo os atravessamentos na clínica e em pesquisa situada na perspectiva crítica e de margem, há certa tendência de busca de pessoas negras e de LGBTQIA+ pela ênfase de pesquisa e produção sobre raça e gênero na psicologia social, com expectativas de correspondência como profissional de compreensões que vão além da acomodação epistêmica e prática da branquitude.

Frequentemente na clínica psicanalítica, nos primeiros atendimentos escuto pontos como: “troquei de psicólogo pois não sentia que me escutava como pessoa negra”, “já me disseram que deveria me responsabilizar por situações de racismo”. Neste local sou convocada a um lugar de expectativa de compreensão de uma experiência comum entre analista e analisando por um atravessamento de raça enquanto sujeito.

Entretanto, em psicanálise o processo se dá por outra via: o analista não está ali para sujeito, mas como objeto de desejo fazendo semblante de *objeto a* - em psicanálise “um objeto não nomeável, um objeto presente-ausente, um objeto causa do desejo” (Inês Seabra, Márcia Rosa, 2019)-, transferencialmente. Lacan no Seminário XVII coloca em questão em que analista se toma o lugar de saber de quê “para desencadear o movimento de investimento do sujeito suposto saber - sujeito que, por ser reconhecido como tal, é fértil de antemão, em seu recanto, daquilo que chamamos transferência” (Jacques Lacan, 1992, p. 35).

Para saber de quê, é necessário que se questione no um-a-um, que se faça um giro, como cita Jacques-Alain Miller (2015) no texto *Osso de uma Análise*, para colocar em palavras o que é de si e o que o implica nos atravessamentos sociais que existem nas vivências coletivas. Desta forma, o analista ocupar um lugar de saber que não precisa ser questionado por ser previamente referenciado, faz de muitas coisas o processo de ter uma pessoa diante de si com uma demanda, exceto enigma na escuta analítica e interpretações como método fomentado pela *talking cure*. Assim, escutar para além do um a um dos sujeitos, tendo como comprometimento com a escuta das interseccionalidades, não deixa de ter comprometimento ético e teórico com o rigor da psicanálise.

Diante disto, a psicanálise não deve usar de argumento proveitoso para cerrar os olhos diante dos atravessamentos sociais, mas incitar pensar sobre as próprias implicações na construção de saber da pesquisa e da práxis em relação à manutenção de discursos hegemônicos, como o da branquitude, tendo de se haver também com estas escutas e com a compreensão dos gozos sociais. Quanto ao ouvir o paciente psicanalisante, Jacques Lacan coloca como o impressionante no discurso analítico que o que move a transferência não é o sujeito suposto saber na figura do analista, mas a subversão do discurso do mestre destinado a uma perda:

Se a palavra é tão livremente dada ao psicanalisante - é justamente assim que recebe essa liberdade -, é porque se reconhece que ele pode falar como um mestre, isto é, como um estouvado, mas isto não dará resultados tão bons quanto no caso de um verdadeiro mestre, de quem se supõe que conduz a um saber - um saber do qual se toma penhor, refém, aquele que aceitar de antemão ser produto das cogitações do psicanalisante, ou seja, o psicanalista - posto que, como tal produto, está ao final destinado à perda, à eliminação do processo. (Jacques Lacan, 1992, p. 35)

Caminhando assim, usando do artístico como ilustração e antecedência da teoria, Conceição Evaristo traz o movimento de escrita de si e decolonialidade, remontando o amalgamento de escrita e vivência na arte de mulheres negras: a *Escrevivência* descrita “como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças” traz pela letra e situa que “a nossa

escrivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Conceição Evaristo, 2020, p. 31).

Há subversão em Freud em escutar as históricas de outrora, assim como há subversão na escuta a qualquer sujeito, não obstante escutar os sujeitos em posição de subalternidade em psicanálise que vivem em um cenário social e por ele é atravessado. Para isso, remontando a questão de Gayatri Spivak (2010) se “pode o subalterno falar?”, a pergunta deve ser voltar também à psicanálise se ela pode escutar a pluralidade de sujeitos subalternos. Como pista, não só pode, como é concebida a partir disto.

1.6 Caminhos Tecidos: Objetivos de Pesquisa

Partindo da exposição do processo de costuras da experiência entre a vida e os itinerários em psicologia que se tecem, atuando a partir de uma pesquisa que envolve os saberes localizados (Donna Haraway, 1995) e propõe uma escrita feminista, da pretensão de provocar deslocamentos de poder ao desafiar a ciência hegemônica eurocentrada, androcêntrica e calcada nos referenciais da branquitude, reiterando que “todas as fronteiras internas-externas do conhecimento são teorizadas como movimentos de poder” (Donna Haraway, 1995, p. 9), temos como aporte as teorias de *stand point* e da interseccionalidade, em que a subalternidade e a margem são oportunidades de complexificação dos saberes que se inscrevem corporificados também em quem produz. Neste sentido, destaco a importância de pesquisas sobre pessoas negras, feita por pessoas negras:

Aliás, não que outros não possam falar sobre nós, muitos já tem feito isso. Mas é que nós podemos e queremos falar e escrever sobre nós mesmos. Inclusive, temos feito isso de diferentes modos e, agora, reivindicamos o direito de fazê-lo no espaço acadêmico. (Larissa Amorim, 2022, p. 59)

Retomando a ideia de cacos e mosaicos, suponho que uma das colas nesses ajuntamentos sejam os afetos. Dentre esses afetos, um que toma centralidade e inúmeras perspectivas, é o amor (bell hooks, 2021). Hegemonicamente é tomado como o sinônimo de relações afetivossexuais e possui grandes dimensões como o *rapper* Criolo na música Ainda há tempo (2016) demonstra: “amizade é importante, mas o amor escancara a

tampa/ o que te faz feliz também provoca dor”. Pensando que entre felicidades, dor e dororidades (Vilma Piedade; Marcia Tiburi, 2018) existe pluralidade de experiências (Joan Scott, 2001) que se interfazilizam em subjetividades e coletividades, nesta pesquisa, a experiência de mulheres negras. Esta construção teve como objetivo geral conhecer as experiências afetivossexuais de mulheres negras a partir de perspectiva interseccional, considerando gênero, raça e sexualidade. Como objetivos específicos, em primeiro lugar, compreender os processos de racialização ao 'tornar-se negra' para mulheres negras; analisar relações afetivossexuais dissidentes e cisheteronormativas de mulheres negras e por fim identificar estratégias de autocuidado e resistência de mulheres negras em relações afetivossexuais.

Esta construção incita a compreender que existe potência para mudança atrelada ao amor, convocador de ações capazes de alterar as estruturas sociais vigentes, que tão violentamente atacam as pessoas negras em seu cotidiano. Resgatar, construir e desconstruir saberes propiciam discussões emancipadoras de potencialidade diante dos desafios cotidianos na vivência dessas mulheres, em vista de horizontes onde exista espaço para vivência e presença do amor de forma plena.

Por fim, a relevância desta pesquisa é de fomentar e potencializar discussões na problemática apresentada na sua indissociabilidade do campo social com o subjetivo, considerando o campo social e os atravessamentos sociais e políticos enquanto relações de forças e opressões que mobilizam experiências coletivas e individuais.

Se as relações afetivossexuais são hegemonicamente marcadas por perspectivas centradas em campo enfaticamente subjetivo na produção acadêmica, estando os atravessamentos sociais em opacidade, colocar em questão tais fatores auxiliam a desvelar construções históricas, como elas incidem e são ocultadas em perspectivas dicotômicas: ora sociais, ora subjetivas, potencializa transitar em possibilidades de maior complexidade ao pensar na interface relacional destes fenômenos e experiências.

Isto remonta aos movimentos e constante necessidade de atuação política da Psicologia, enquanto ciência, ética e profissão comprometida com o social. Fazendo ligações na interface histórica do mundo objetivo e sua ligação intrínseca com o subjetivo e os processos de identificação sociais, não apenas como relação de causalidade, mas de manifestações das engrenagens que movem a sociedade, nesta proposição de pesquisa destacadamente ligadas às ações opressivas de raça e gênero, que permeiam a atenção com a diversidade entre as pessoas e necessidade do reflexo disto em pesquisa e intervenção.

2 METODOLOGIA

2.1 Encontro com as participantes

Como estratégias metodológicas para abarcar a complexidade das relações afetivossexuais de mulheres negras e ponto de partida para acessar suas narrativas, a pesquisa se valeu da entrevista individual em profundidade, que compreende um único respondente por vez e permite que se explore em profundidade a biografia pessoal, vivências e o mundo da participante que contribui com sua história na pesquisa (George Gaskell, 2008).

A entrevista individual se torna instrumento adequado por propiciar espaço seguro por se tratar de um tema sensível que pode evocar deslocamentos e desnaturalizações na história pessoal. Diante da demanda da pesquisa de se conhecer as experiências afetivossexuais das mulheres negras que envolvem a intimidade, há potencial de que se mobilizem afetos, sentimentos e elaborações de si que podem ir se construindo desde o aceite da participação na pesquisa, até sua verbalização. Questões que aparecem no individual, se atendo às minúcias que emergem em um momento exclusivo que não talvez não aparecessem em uma situação grupal por estarem expostas a uma coletividade.

Para contemplar o acesso e apreensão das narrativas das mulheres negras com quem dialogo nesta pesquisa, a proposta foi de utilizar um roteiro de entrevista semiestruturada (ANEXO I). A partir do tópico-guia, considerando a prévia autodeclaração como mulher negra, fiz o convite: me conte sobre suas histórias de relações afetivossexuais, sejam de amor, desamor, ausências, presenças e suas percepções sobre. Todas as mulheres cujas histórias foram escutadas e analisadas nesta pesquisa consentiram em participar da mesma e firmaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO III).

Prosseguindo com a perspectiva sobre autodefinição e representação de si, centralizando a ideia de mulheres negras contando sua própria história, considerando as construções imagéticas que a ideologia racial difunde para os diversos marcadores sociais, Azoilda Loretto da Trindade (2005), marca o esquecimento, ocultamento e apagamento das referências negras em suas obras, arte e trajetórias pessoais, entretanto fortalece e difunde que na contramão destes movimentos de subtração da humanidade, subjetividades e de vida, existem as mesmas histórias com necessidade de serem contadas

pelo ponto de vista delas: “outras histórias, marcadas pela potência de vida, foram escritas, histórias de luta, resistência, solidariedade, amor, generosidade. Só que estão submersas, pedindo para serem contadas e recontadas” (Azoilda Loretto da Trindade, 2005, p. 256). Mulheres negras não são referências de submissão à violência colonial!

(...) outras histórias relativas à ação e à presença positivada da mulher negra na história do Brasil precisam ser rescritas e contadas, pois são referências que garantem a construção de uma auto-estima afirmativa da mulher negra e de seus/suas descendentes. Histórias que mostram que os quilombos não eram, necessariamente, território de fugitivos, não eram só rurais; que os negros e negras se organizavam e compravam a alforria de muitos outros e outras; que as quitadeiras juntavam dinheiro com a venda dos quitutes e compravam suas alforrias e as de muitos homens negros; que nas proximidades dos quilombos havia pequenas relações comerciais; que as negras da casa-grande, as chamadas mucamas, não eram necessariamente submetidas, subservientes, mas detinham um saber fundamental para as insurgências, rebeliões e sublevações, que alimentavam as senzalas: conheciam os hábitos, os desejos, e os segredos dos e das escravocratas. (Azoilda Loretto da Trindade, 2005, p. 258)

Nessa trilha, pegando o gancho da arte, no final dos encontros, proponho construção de uma representação de si através do desenho: presencialmente forneci materiais para elas como aquarela, tintas, brilhos, lápis de cor... entretanto não foi uma atividade na qual todas se engajaram. A partir deste retorno, sugeri o compartilhamento de uma linguagem artística que as representassem, como música, escrita e arte visual. Sem surpresa, emergiram várias artes autorais, como a escrita e a curadoria de objetos de significância e cuidado pessoal.

Assim, os convites do tópico guia e da representação de si, serviram como estopim para um momento de conversação que propiciasse a emergência das narrativas das vivências destas mulheres. Isto permitiu que aparecessem em suas narrativas novos ganchos que foram respondidos e se interligando nas respostas, surgindo outras falas dentro da conversação a partir das interpelações que surgiam no decorrer do nosso encontro. Sem roteiro completamente fixo, os questionamentos e retornos foram se sensibilizando e se adequando à diferentes linguagens e demandas para qualificar o conhecimento a partir do encontro com cada participante.

Para selecionar as participantes, os critérios adotados foram: mulheres cis ou trans autodeclaradas negras com mais de dezoito anos, brasileiras, independentemente da orientação sexual e se estão ou não em relacionamentos afetivossexuais no momento da pesquisa. Foram entrevistadas 16 mulheres, sendo duas desistentes da participação por motivos de evocação de elaborações que precisavam ser tratadas em foro íntimo, em análise, fora da pesquisa e outra participação por motivo de não retorno ao contato para continuidade do encontro, interrompido com a justificativa de demanda de trabalho.

Para acessar as participantes nos valem os do método *bola de neve*. A partir da divulgação da pesquisa entre pessoas da rede de contatos pessoais, acadêmicos e da rede socioassistencial de Belo Horizonte e Ribeirão das Neves (MG), foi compartilhada uma carta convite de pesquisa (ANEXO II) em que as mulheres que desejassem participar entravam em contato e/ou através do compartilhamento de contatos por estes vínculos de mulheres que possivelmente aceitariam a participação. Nesse caminho participaram também amizades pessoais como entrevistadas e como multiplicadoras do convite: muitas das mulheres são amigas, vizinhas e colegas de trabalho minhas ou de pessoas de círculos em que me insiro.

Com o aceite do convite, as entrevistas aconteceram de abril a julho de 2023, enfatizando o tempo dos encontros como marcação e comunicação de novos movimentos afetivos de algumas participantes no passar dos meses.

O número de entrevistas foi definido de acordo com a escuta das participantes e o alcance dos objetivos da pesquisa, assim, oscilando entre 1 e 2 encontros, dependendo da disponibilidade das voluntárias e da necessidade ou não de prolongamento da narrativa de suas histórias. As entrevistas duraram em média 1h50min, acontecendo virtual ou presencialmente.

Nas entrevistas presenciais, ocupamos espaços públicos da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, como o Centro de Referência das Juventudes (CRJ-BH), o Parque Municipal Américo Renné Giannetti e o campus Pampulha da Universidade Federal de Minas Gerais. Um ponto que se destaca, foi a oportunidade de as participantes conhecerem espaços da cidade que até então não haviam sido explorados, embora fosse um local de passagem cotidiana, e/ou a retomada desses espaços como possibilidade de lazer e presença.

Nas entrevistas virtuais, nos encontramos pela plataforma Google Meet ou Zoom. Longe de tornar o encontro asséptico, estive presente em lares, trabalhos, passei o território de moradia junto - quando uma participante conversa comigo em movimento

pelo bairro -, conheci felinos, esposa, plantas, artes, escutei música, moto na rua, família demandando, barulho da vizinhança, incômodo com chuva e sol, falhas técnicas, aprendizados em como transmitir o modo de entrada nas plataformas para participantes, minhas estagiárias caninas que eventualmente pedem carinho durante o encontro... A voz e o olhar tomam corporeidade, presença e estar, mesmo não compartilhando do mesmo chão, mas compartilhamos do mesmo tempo.

Enquanto procedimentos éticos foi apresentado, como informado anteriormente, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO III) informando às participantes sobre como se procederá a pesquisa: a contribuição voluntária na participação; garantia do anonimato, exceto se a participante optar pela identificação; possibilidade de declinar na participação da pesquisa a qualquer momento e a permissão de gravação dos áudios dos encontros. Como possibilidade de sanar as demandas que podem efervescer junto com a participação na pesquisa, caso fosse necessário foi disponibilizada possibilidade de encaminhamento para serviços de atendimento psicológico, como o Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Minas Gerais (SPA- UFMG).

A ética da pesquisa, conforme se discorre ao longo do trabalho, consiste em uma ética de cuidado e escuta, baseada nos pressupostos teóricos da psicologia, feminismos e interseccionalidade. Nesta consideração, resalto a importância da devolutiva para as participantes com quem escrevo na finalização da pesquisa, entendendo a partir de relatos a problematização da falta de retorno tanto no âmbito individual para participantes, quanto como retorno para comunidade.

A devolutiva traz expectativas múltiplas das participantes: alguns dos relatos falam de se reconhecerem futuramente no trabalho enquanto um registro de uma história que não havia sido explorada com profundidade, assim como a perspectiva de entender se as trajetórias na vida afetivossexual são parecidas com as de outras mulheres.

A ideia dessa pesquisa foi parcializar olhares de modo decolonial na compreensão dos relacionamentos afetivossexuais de mulheres negras, de modo que esta leitura possa contribuir em processos pessoais e de práticas profissionais.

2.2 Eu pesquisadora: manejando a agulha na costura dos encontros

Nos caminhos da pesquisa, o encontro com as mulheres que fazem interlocução com esta escrita é vivo e reverbera na indissociabilidade de pessoa e pesquisadora.

Andanças que vão distanciando das perspectivas positivistas que trabalham com a ideia de participantes como amostra e o espaço de encontro como campo de suposta neutralidade. Assim, coaduno com a proposição da psicóloga e pesquisadora Juliana Cecchetti (2021) de uma experiência experimentante não-experimental como um método inventivo nestas confluências.

Em sua construção, a autora que trabalha com o Carnaval carioca, lança a questão: “como forjar um corpo folião-pesquisador?” (Juliana Cecchetti, 2021, p. 28). Isso reverbera na ideia de como me pensar como mulher negra que dialoga com mulheres negras na situação de pesquisa. Me pergunto: como forjar um corpo que pesquisa seus próprios atravessamentos? Como forjar um corpo pesquisador que também se espelha?

Nisto, ela aposta no método como invenção. Inventar diante da singularidade do encontro. De suas dores e delícias. No giro metodológico, tal como a fita de Moebius, o percurso e sentidos, passa a ele próprio ser o sentido do pesquisar. Baseada em uma perspectiva foucaultiana, enfatiza o movimento no campo e que os resultados desse encontro devem estar centrados na experiência e seu relato, antes da constatação de se verdadeiras ou falsas ou comprováveis, mas “uma experiência que não cabe nos laboratórios assépticos e nas análises frias. Que não pode ser antecipada, simulada, contida ou reproduzida. Uma experiência experimentante não-experimental” (Juliana Cecchetti, 2021, p. 30).

Nessa experiência experimentante-não experimental que se desenvolveu no encontro com as mulheres participantes da pesquisa, diferente da clínica em que ocupo a função de analista fazendo semblante de *objeto a* se reinventando e estranhando a cada paciente que se endereça a mim, outro lugar tomo: o de pesquisadora. Como pesquisadora, percebo que vou tomando outro espaço, talvez um pouco mais próximo de Camilla, uma mulher que também é um sujeito. Há outro giro: eu me endereço a elas como alguém que não sabe e desejo saber das histórias que só cada uma delas tem.

Nos encontros, há uma visão compartilhada que estamos entre pares: passa a existir um nós mulheres negras que me inclui dentro das narrativas como ponto de conexão entre nossas supostas experiências parecidas. O fenótipo aparece como certo espelhamento: há uma participante que diz sobre se sentir bem em “alisar o cabelo ruim” [sic], se referindo ao seu cabelo natural, logo olha com certo estranhamento para meu cabelo crespo e volumoso em reconhecimento e pede desculpas.

O acesso às participantes vem também em perspectiva de rede: são mulheres próximas ou de suas conexões de convivência. Amigas, irmãs de amigas, vizinhas de

amigas, colegas de trabalho de conexões de pesquisa... Reverberando para fora do estrito momento do encontro: por meio das outras escutei comentários sobre efeitos de desencadear a fala sobre a temática afetivossexual no grupo por ocasião da entrevista, outra conta sobre as observações que a amiga fez sobre minha beleza física, outras comentam sobre meu tom de voz. Há muito que escapa do momento do encontro.

Dos escapes, houve mulheres que não sustentaram a continuidade na pesquisa: uma que se voluntariou para participação a partir da exposição deste trabalho em um evento acadêmico, disposta, se entregou ao encontro e abriu profundamente suas histórias e sua vida. Entretanto, pede a participação seja retirada, pois evocou assuntos que desencadearam outros caminhos em sua análise pessoal, relatando não ter tido outro momento na vida de se narrar afetivossexualmente desta forma aprofundada. É um tema sensível, assumimos o risco, inclusive de levar estas elaborações para lugares que não o da universidade e da pesquisa. Outro caso foi de uma participante que tem um tempo breve para a entrevista entre seus compromissos de trabalho, assim combinando outro momento para prosseguirmos com a conversa. De primeiro contato intenso em que se emociona nos relatos, depois do encerramento, não responde mais aos meus contatos.

Forjando o corpo-pesquisadora como uma experiência de extimidade entre as interfaces de pessoa, profissional que transita na clínica e no social, não é preciso de muita imaginação para inferir numa pesquisa que se pessoaliza e diz de sintomas pessoais enlaçados com coletivo que há ressonância no ser de facetas holísticas que se corporifica como Eu.

Contando dos encontros com as participantes para Claudia Mayorga, minha orientadora, em um encontro de orientação, digo que é um espaço quase que de análise pessoal, no tripé de análise pessoal, didática e estudos da psicanálise, só que da pesquisa e do pesquisar. Histórias que compartilho intimamente de sentimentos, que me reconheço em situações que já passei e passo, uma situação em que a aparência, o jeitinho e a cadência da fala de uma das participantes que me lembrou de forma um tanto ambígua entre saudosa e doída da figura de uma ex sogra, risadas fora dos tópicos da pesquisa com as *afropatys*, admiração pelas mulheres, medo de não fazer jus a toda abertura e confiança em me narrarem de coração aberto a vida, sonhos, esperanças e resistências que me inspiram.

Em camadas ainda um pouco mais profundas, essas reverberações vão sendo compartilhadas, elaboradas e cuidadas entre as nossas da comunidade acadêmica que vão se tornando pessoas da vida, como o encontro bonito, potente e com propósito, como o

que se tece continuamente com amizade de mestrado, Eledá Trindade, mulher preta, psicóloga, pesquisadora. Dentre alegrias, algumas profundas decepções e construções, relação que me relembra da importância do quilombamento, das redes e éticas de cuidado e de um dito duro que compartilhamos: quem gosta de mulher preta, é outra mulher preta.

Outros encontros importantes nos espaços dos quais pertenço, Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão Conexões de Saberes e da Coletiva Urucum Girassol da Universidade Federal de Minas Gerais - a última a trabalho de/com/sobre os povos originários e quilombolas afropindorâmicos -, destaco as interações com Áquila Bruno e Lucas Luís, psicólogos e pesquisadores no enfoque dos povos indígenas, que incitaram movimentos de transformação no meu modo de escrita e de vida, pelas linguagens contrahegemônicas e contracoloniais de pesquisa e de serem quem são.

2.3 Elas: apresentando as interlocutoras de pesquisa

Falar de si, se contar, contar suas histórias. Esse foi o convite para as mulheres negras participantes que se disponibilizaram a centralizar esta pesquisa. Contrariando um pensamento universalizante de mulher negra como uma categoria homogênea, como demarca Jurema Werneck (2010, p. 76) “as mulheres negras não existem”. Assim, entendemos aqui como uma articulação interseccional do tecido de vivência de cada uma em suas particularidades e heterogeneidades, advindas de temporalidades e territorialidades históricas coletivas de dominação eurocentrada, escravidão, expropriação de vida e bem viver, atualizadas na modernidade racista e globalizada que não é sem efeitos.

Nisto, as mulheres negras em sua pluralidade são não sujeitas resignadas às situações adversas em que fomos forçosamente inseridas desde a diáspora africana, mas produtoras de estratégias de resistência, de luta, de viver para além da sobrevivência, não somente situadas em dores e sofrimentos (Jurema Werneck, 2010).

Neste movimento diaspórico, a luta constante é pelo aniquilamento das estruturas opressivas - racismo e cisheteropatriarcado -, assim como genocídio voltado a população negra - vinda de necropolíticas que inclusive são amparadas pelo Estado-, e o epistemicídio e apagamento dos saberes e ciências negras. Fazer frente contra isso, de forma consciente de discursos políticos ou não, tem o objetivo de agenciar condições de

vida para si e seus vínculos (Jurema Werneck, 2010). Afropindorâmicas existem, resistem e não restringem a correspondência do que a fantasia colonial narra!

Agenciar-se, narrar-se, autovalorar-se e autodefinir-se impõe limites e ações políticas de resistência, como ilustrado pela poética de Audre Lorde (2012, p.173) “se eu não me definisse por mim mesma, teria sido esmagada pelas fantasias de outras pessoas para mim e comida viva”. Fantasias da branquitude, fantasias do racismo, fantasias do patriarcado. A feminista negra, socióloga, professora e pesquisadora Patricia Hill Collins (2016), trabalha a importância da autodefinição e autoavaliação de mulheres negras como resistência a perspectivas objetalizantes de estruturas opressivas, sendo um dos pontos-chaves de historicização e da construção contemporânea do Feminismo Negro.

Autodefinição envolve desafiar o processo de validação do conhecimento político que resultou em imagens estereotipadas externamente definidas da condição feminina afro-americana. Em contrapartida, a autoavaliação enfatiza o conteúdo específico das autodefinições das mulheres negras, substituindo imagens externamente definidas com imagens autênticas de mulheres negras. (Patricia Hill Collins, 2016, p. 102)

Ou seja, tratar de imagens autênticas convoca a destituição de imagens fantasiosas estereotipadas, como demonstra Marcia Rangel Cândido e João Feres Júnior (2019) em as representações de mulheres negras na cultura midiática em produções de cinema e televisão, transitam volumosamente nos papéis de mulata, favelada, crente, trombadinha, revoltada ou militante, empregada, e batalhadora.

Deste modo, autoras descrevem tais representações da seguinte forma: a mulata como a mulher negra de pele clara, sedutora dançarina e/ou prostituta que fomenta dissensos sociais em sua comunidade, é imoral e não pertencente ao foro conjugal, que atravessa o mito da democracia racial e identidade nacional com certo agenciamento de sua vida e destino, entretanto figura a personagem objeto de desejo para brancos; a favelada como sinônimo de barraqueira, pobreza subjetiva e objetiva, trabalho precarizado, violência, crimes e samba; a crente como passiva e subserviente por orientação religiosa; a trombadinha representando a fobia dos brancos que se racializam em um “outro” no pacto narcísico da branquitude, em que a vida das sujeitas são ligadas ao sofrimento, crime, prisão e morte violenta; a revoltada ou militante como mulheres de forte agência, aparece escassamente, sendo um papel pouco mais comum para

personagens masculinos e quando femininos, geralmente de finais trágicos - podemos refletir em como os papéis de agenciamento público se centra em homens e do relativo ao cuidado, com o privado as mulheres conforme as representações a seguir-; advindo do passado do escravismo colonial, há a empregada que é a dócil mãe-preta, subserviente, que abdica do cuidado dos seus para cuidar da família, necessidades emocionais e manutenção da casa dos brancos, e a batalhadora, geralmente sendo mulheres negras de pele clara de classe popular que protagonizam cenas cômicas e de sofrimento na luta por sobrevivência e contra adversidades da vida (Marcia Rangel Cândido e João Feres Júnior, 2019; Cida Bento, 2002). Importante marcar que ser e estar atravessada por estes marcadores não é e nem deve ser algo depreciativo, o ponto é como estes papéis cerceiam de modo enviesado a abordagem estereotipadas de mulheres negras.

Nesta consideração, as iconografias e estereótipos servem a manutenção e reiteração de condições de desumanização de mulheres negras enquanto sujeitas de desejo, de afetos, de complexidade e de cidadania. Nestes entrecruzamentos, não é difícil perceber a romantização da precariedade social de acesso a bens objetivos e subjetivos, assim como a marcada exploração trabalhista. Na mídia brasileira, um dos mais conhecidos exemplos em várias gerações é a Tia Anastácia do Sítio do Picapau Amarelo, baseado em obra de Monteiro Lobato, no estereótipo da mãe-preta, tem sua história pessoal apagada, suas nuances de comportamento estão restritas a docilidade, não se relaciona com outros personagens negros da série e está ao dispor além do cuidado do trabalho, das demandas emocionais da família branca.

Em produções contemporâneas que supostamente são representativas como a novela Todas as Flores (João Emanuel Carneiro, 2022), é incômodo perceber personagens como Judite, interpretada por Mariana Nunes, personagem coadjuvante importante, que transita e vivencia grande parte das histórias emblemáticas da trama, embora não tenha espaço de explorar com profundidade sua própria experiência, se restringindo ao cuidado dos dramas de protagonistas brancos, falas docilizadas e até mesmo um pouco ingênuas, numa perspectiva maniqueísta de boazinha. Atravessando vários estereótipos como a empregada que extremamente competente como costureira, não ascende na organização e é devota dos patrões brancos; a favelada que mora em um cortiço na Gamboa, bairro de periferia na cidade do Rio de Janeiro, contando como lazer apenas a escola de samba local; a batalhadora, mãe solo, cria seu filho sozinha lidando com vários atravessamentos sociais pouco explorados e não obstante a mulata: Judite é uma linda mulher, de cabelos crespos volumosos, pele escura, curvilínea, que seus envoltórios amorosos são

atravessados por homens que ou se envolvem com mulheres brancas ou não a prioriza face a possibilidade de ascensão social. Para o último, traz representação a pureza e romantização das origens de classe popular.

Muito se diz sobre representatividade de mulheres negras na mídia, mas a questão que fica é que qualidade de representação tem se mostrado hegemonicamente? Representatividade e representação são conceitos e abordagens diferentes. A primeira estaria para um campo estético em “a compreensão de que a cena contemporânea deve se constituir também sob uma perspectiva ética, priorizando a construção de um novo tipo de representação que é calcada na emancipação através da presença” (Conrado Dess, 2022, p. 7), e a segunda para um campo mais político ainda em sentido de uma representação delegada, em que:

ninguém é representativo de um grupo, mas atua como representante. Esse processo parte, primeiramente, de uma vontade: um grupo deseja eleger o seu representante, o que pode acontecer por meio de votações, visibilidade social ou do poder de liderança que um indivíduo adquire. Desse modo, um indivíduo pode se tornar representante através de ações políticas propriamente ditas, como uma eleição, ou de modo orgânico, a partir de um arranjo social. Em um segundo momento, esse representante age, defendendo os desejos e necessidades desse grupo. Como esse poder de “porta voz” é apenas delegado ao representante, essa concessão, teoricamente, pode ser revogada caso ele pare de atuar em defesa de seus representados. (Conrado Dess, 2022, p. 8)

Na contramão destas descrições feitas hegemonicamente à revelia de mulheres negras, as participantes se narram e se representam: exercício de autodescrição com efeitos como elaboração e sintetização de si.

Como já foi informado, foram entrevistadas 16 mulheres e 13 destes encontros foram trabalhados nesta escrita.

Quadro 1: Participantes

Nome	Identidade de gênero	Orientação sexual	Idade	Profissão

Ale Gonçalves	Mulher trans/ Travesti	Atração por pessoas que são homens, homens gays e bissexuais ativos	28	Articuladora comunitária
Bratz (nome fictício)	Mulher cis	Bissexual	28	Assistente de arquivo
Gabriela	Mulher cis	Bissexual	31	Contabilidade
Conceição	Mulher cis	Heterossexual	59	Atendente de lanchonete
Carina	Mulher cis	Em descobrimento entre lésbica e bissexual	27 anos	Coordenadora de confeitaria
Ayesha (nome fictício)	Mulher cis	Heterossexual	30	Psicóloga/Psicanalista
Carolina	Em construção de nomeação de gênero: ela/ele/elu	Bissexual	28	Cientista de dados
Cris	Mulher cis	Lésbica	44	Analista de risco
Fátima	Mulher cis	Heterossexual	54	Serviços gerais
Fab	Mulher cis	Bissexual	28	Biomédica
Virgínia	Mulher cis	Heterossexual	27	Psicóloga
Nanda	Mulher cis	Pansexual	29	Psicóloga
Lana	Mulher trans	Heterossexual	28	Arquiteta e design de interiores

Fonte: Elaboração própria

2.3.1 *Encontros: autodescrição das participantes mediadas pela pesquisadora e suas reverberações*

Encontro 1: Ale Gonçalves

Nenhum vento me balança. Aliás, eu balanço, mas eu não caio, né?

(Ale Gonçalves)

Nos encontramos a partir de contatos em comum na rede socioassistencial da cidade de Ribeirão das Neves, Minas Gerais. Ale, como o vento, exprime leveza e também força que movimenta onde chega. O nosso encontro aconteceu virtualmente e a pergunto se está tudo bem com a câmera, pois ela não aparecia em alguns momentos. Assim, ela comunica: "porque eu estou respondendo aqui no zap e ouvindo, para você ver como eu sou proativa. Vou te responder". Em sua brevidade de tempo disponível e entre suas demandas, ela me conta de si. As falas em primeira pessoa vêm do compartilhamento do seu texto de apresentação e as falas em tempo presente são oriundas do nosso encontro.

Figura pública, tem 28 anos e se descreve como "mulher trans, nordestina, preta, da periferia e de axé. Com toda essa história carregada em seu corpo, é resistência". Com todas estas significações e percepções, ela se apresenta:

Sou uma travesti, sou negra, 1,74m, cabelos de tranças, trançados. Os meus cabelos são crespos, né? Olhos castanhos, é... Isso! Não tenho mais nada para falar a respeito das minhas caracterizações físicas, né? É isso, mais ou menos, para o imaginário da pessoa tentar, né? Imagina como seria uma boneca de pano, na verdade. (Ale, 28 anos, mulher trans/travesti, se atrai por pessoas que são homens ativos, gays ativos e bissexuais)

Vinda do interior da Bahia, da cidade de Ituberá, conta da percepção do território como "uma cidade pacata, construída a partir de identidades, que a nossa cidade vem de uma aldeia indígena, com questões também da escravatura, dessa diáspora africana

também, que se perpassa na nossa vida e na nossa identidade também, a partir dessas contextualizações” e das vivências na Igreja Católica como parte da formação enquanto humana e articuladora comunitária nos seus espaços de vivência. No campo do trabalho e de estar a trabalho, se nomeia como “lutadora social, defensora de direitos humanos, é criadora da Associação das Diversidades e de diversos projetos de impacto social em Ribeirão das Neves/MG”. Conta que está com “terceiro grau incompleto, pedagogia, falta alguns semestres para concluir. Autônoma, não trabalho, desempregada, aliás”.

Sobre os trânsitos que a levaram hoje à cidade de Neves, conta que começaram a partir do seu entendimento de gênero:

E aí morava lá em Ituberá, né? Comecei a morar sozinha, saí da casa dos meus pais, porque assumi minha condição humana de ser travesti ou trans, ou o que as pessoas queiram denominar, houve essas questões da aceitação. Eu tive muita questão, uma problemática muito grande com minha mãe, que não aceita e não aceita até hoje. E aí o aceitar não é nem do outro, tem que ter o meu aceitar. Eu já aceito da maneira que eu sou, eu já me vejo dessa maneira que eu sou, então tá ótimo. E aí foi quando eu retirei minha cauda do ambiente familiar e fui percorrer minha vida, ter minha casa, construí minha casa lá no interior da Bahia. (Ale, 28 anos, mulher trans/travesti, se atrai por pessoas que são homens ativos, gays ativos e bissexuais)

Envolvida politicamente por onde passa, na sua trajetória ressalta a todo momento a importância das construções coletivas de cuidado com a população e o território onde transita. Território que não se restringe ao chão onde se pisa, mas também ao território corpo: “É o mix, nosso corpo é político”.

Trabalhei na Coordenação de Igualdade Racial e Gênero, fui me envolvendo a partir das minhas lutas, das minhas construções. Tudo é um trabalho em rede, um pouco de cada ambiente de construção social. E aí vim para Ribeirão das Neves, que eu sou de aventuras, eu gosto de vamos, preciso dar um *up* na minha vida, acordar. O mundo na minha cidade ficou pequeno para mim, eu sou muito avançada, muito para frente. Frustrações também, questões políticas, [...] eu tinha que sair dali. Fui, vim para Ribeirão das Neves, fez dois anos que eu estou aqui, onde criei também aqui, a partir de convivências, de trabalho em rede com o outro

e com outras, a Associação da Diversidade. (Ale, 28 anos, mulher trans/travesti, se atrai por pessoas que são homens ativos, gays ativos e bissexuais)

Sobre a percepção da cidade de Neves, em sua apresentação escrita, diz:

Ribeirão das Neves é uma cidade periférica da Região Metropolitana de Belo Horizonte, com uma população batalhadora e mais de 75% da população que se autodeclara negra. É uma cidade de potências e resistências, mas subestimada e precarizada pelos poderes públicos. (Ale, 28 anos, mulher trans/travesti, se atrai por pessoas que são homens ativos, gays ativos e bissexuais)

Quando lhe pergunto sobre o porquê deste território, ela conta que não teve motivo consciente específico e que não conhecia o estado:

Nunca. Nunca conhecia ninguém, nunca vim pra esse estado de Minas Gerais. Nunca, nada, não conhecia nada. Como eu sou ousada, baiana nordestina, eu não ia ficar parada, cair do céu, não sou dessa de esperar, só chuva vai cair. Eu não sei nem de esperar a chuva, eu vou. E aí fui construir associação, adentrar nos conselhos, nos coletivos, e aí fui, uma amizade com uma, uma amizade com outra, e construindo as ações parafraseadas, para a comunidade LGBT, para o povo preto, para o povo de comunidade de religião de matriz africana e nações do candomblé. E estou aqui com um dossiê, com um portfólio de ações, tanto da minha cidade, da onde eu vim, que tudo é documentado, tudo é guardado e daqui. (Ale, 28 anos, mulher trans/travesti, se atrai por pessoas que são homens ativos, gays ativos e bissexuais)

Tendo a transformação social como pauta de vida, faz um paralelo da vivência entre Ituberá e Ribeirão das Neves e os pontos de encontro de desafios em lidar com opressões estruturais na produção de novas ações de bem viver para si e as diversidades.

Então, são experiências que se atravessou de uma região para outra, diferente região, problemáticas, as mesmas. Racismo, preconceito, discriminação, aqui é pior, porque é conservador, Estado. O município de Ribeirão das Neves também é conservador, patriarcal, racista, machista, e a gente empurra com o pé, não é

nem com a mão, não pede nem para entrar, a gente já empurra. Porque se não for dessa forma, não há transformação social. (Ale, 28 anos, mulher trans/travesti, se atrai por pessoas que são homens ativos, gays ativos e bissexuais)

A transformação social é urgente! Ale conta de suas ações de transformação prática dentro do território que incide sobre a vida de numerosas mulheres em um bairro que apresenta forte vulnerabilidade socioeconômica e presença frágil do poder público, fatores que influenciam em fatores como classe, segurança, lazer, educação, empregabilidade e principalmente no senso de comunidade, considerando quase que hegemonicamente, a percepção de moradores de atrelar vergonha e desafios ao lugar que se vive, rechaçando o pertencimento de si à realidade que se tece a partir de onde está a fundação de suas casas.

Então eu tenho uma transformação social aqui no convívio onde eu moro, no bairro de Jardim Colonial, onde eu cuido de 40 mulheres, um projeto que eu dou aula gratuita, não ganho nada, não tenho fim lucrativo, ninguém, apoio de ninguém, cuidando das mulheres, saúde do corpo e da mente. Aula de aeróbica, de zumba, tererê e vai. Dois dias na semana, às terças e quintas, na quadra do CRAS, usamos só a estrutura ali da quadra. A gente tem um projeto também de oficina de balé e teatro para crianças, mas o poder público não quis ajudar, não quis dar contrapartida, então fica difícil. Eu me doava voluntariamente, não tinha como ser a partida do poder público. E aí, cancelei, não dou mais aulas de balé para as crianças, onde o meu bairro é vulnerável, onde as pessoas não têm perspectivas de vida, onde o Índice de Desenvolvimento Humano de Ribeirão das Neves é baixíssimo e as pessoas se iludem, que está tudo lindo, que está tudo maravilhoso. O branco sendo mais rico e o pobre sendo mais pobre. Essa é a condição de Ribeirão das Neves. (Ale, 28 anos, mulher trans/travesti, se atrai por pessoas que são homens ativos, gays ativos e bissexuais)

Quanto a intimidade que constitui Ale, ela diz: “vou te falar resumidamente, porque é um mix de emoções a minha vida”. Nas suas relações afetivossexuais, ela demarca sua orientação:

Ah, eu me atraio com pessoas que são homens. Ativos, homens e gays ativos, bissexuais também. Eu nunca tive uma relação com homens trans, mas também não tá fora de cogitação. Não estranho isso, em caso aconteça, mas eu nunca tive nenhuma experiência com homens trans, nem com mulheres cis, nem com mulheres que são lésbicas, entendeu? E nem com mulheres trans, e nem com travestis. O que me atrai é o lado masculino, do ser masculino. Por isso que eu me envolvo mais com homens que são gay e ativos, ou versátil também, que sou uma pessoa versátil, uma travesti versátil na relação sexual, claramente. Não, como uma travesti que é versátil, entendeu? Entendi. Nas relações homoafetivas com homens gays que são ativos ou versátil, pessoas que se consideram nessa vertente de orientação sexual. (Ale, 28 anos, mulher trans/travesti, se atrai por pessoas que são homens ativos, gays ativos e bissexuais)

Sobre seus sonhos e desejos para o futuro, ela reflete sobre os caminhos de autorrealização e das relações afetivossexuais:

Na verdade, o meu sonhar eu tenho que almejar. Eu tenho que buscar isso. Tenho vontade de me casar, de morar com a pessoa, de cuidar da pessoa e a pessoa cuidar de mim também, somar algo na vida, crescer junto. Mas não é prioridade para a minha vida isso agora. Eu deixo tempo direcionar essa questão. É prioridade de me formar, ter estudo, ter informação na minha luta social. Isso é prioridade para mim que eu vou plantar e eu vou cuidar, é me doar para o outro dessa forma. Relacionamento é algo muito... Vai acontecer na hora certa. Não pode ser primordial para nossa vida porque vai deixar a gente doente, porque a gente vai querer depositar nossa felicidade no outro. E eu não quero isso para mim. Mas eu trabalho isso em mim. Cada pessoa tem que trabalhar em cada pessoa. Não depende só falar. Eu tenho que trabalhar isso na minha vida, na minha mente, principalmente a saúde mental, né. (Ale, 28 anos, mulher trans/travesti, se atrai por pessoas que são homens ativos, gays ativos e bissexuais)

Encontro 2: Bratz

Nós tudo vive pra morrer, mas luta pela vida.

(Morra Bem, Viva Rápido - Don L, 2013)

Bratz é um nome fictício escolhido pela participante, inspirado na franquia de bonecas estadunidense Bratz, lançadas pela MGA Entertainment, em 2001. Contrapondo a hegemonia de Barbie e Susi junto a suas reproduções raciais e de estilo padronizadas em um estereótipo quase que majoritariamente branco e magro, as Bratz, vem para as crianças nascidas no final dos anos 1990, como possibilidade de representação mais diversa no quesito racial e na representação de beleza, assim, para muitas, as primeiras bonecas negras como personagens jovens conhecidas. Com multiplicidade de cabelos de cores e texturas diferentes, lábios carnudos e brilhantes, olhos grandes e amendoados, as bonecas tem a narrativa de adolescentes ícones de moda e se expressam com indumentárias criativas, coloridas e complexas, fortemente inspiradas na cultura *street, hip-hop*. Glamurosas, também são representações de comportamento, como no termo estadunidense *baddie*, de mulheres negras que adotam estética mais urbana inspirada nos anos 1990, tendo como referência, por exemplo, a personagem Hillary Banks e o grupo musical Destiny's Child, sustentando atitude, autoestima e ostentação de acesso ao luxo e bem viver.

As *afropatys* ou *pretas patrícias*, como se refere e se atualiza na realidade brasileira, mais que um movimento estético, sintoniza com o pertencimento racial, acesso e ascensão socioeconômica de mulheres negras, assim como a representação em espaços de poder como referências de intelectualidade. Como exemplo das várias *afropatys* do meio midiático, Mc Taya, cantora e compositora do hit Preta Patrícia (2019), em sua multiplicidade de frentes de trabalho como *rapper*, produtora de conteúdo e influenciadora, conta em entrevista à revista Claudia, na matéria *Afropatys rompem tabus ao buscar ascensão social e liberdade de consumo*, por Ana Carolina Pinheiro (2021), sobre sua formação acadêmica de graduação e pós graduação na área da moda, refletindo sobre a importância da educação como forma de emancipação: “a meritocracia pra gente não funciona, mas a autoestima do poder transforma. Já que não nasci em berço de ouro, assim como a maioria de nós, não queria deixar de fora o estudo, que é nosso maior aliado”. Em suas composições ressalta a beleza e ostentação de mulheres negras, com críticas aos estereótipos e opressões que nos são direcionadas. Ter pessoas negras em lugares de poder, acessados de muitas formas, mas principalmente pela educação não significa que está tudo resolvido, como marca Mc Taya: “temos negras como CEO,

profissionais na ciência, vice-presidente, mas não significa que o racismo e machismo acabaram e a mulher negra venceu. Enquanto temos uma no topo, dez passam fome”. Ser *afropaty* não é restrito a pretas com dinheiro e altos ganhos, mas também como ela ressalta “quando comecei, escutava das fãs que elas não podiam falar que eram *afropatys*, mas que iam estudar e trabalhar para ser uma. Só que essa aspiração já as coloca no movimento; é a determinação de lutar por suas vontades, é ostentar sabedoria”. Nesta mesma matéria, outra fala importante é a percepção da jornalista Monique Evelle: “é horrível ser a única pessoa preta em um ambiente. É tudo o que não quero. Preciso olhar para o lado e ter vários de nós. Não é sobre representatividade, mas proporcionalidade. Não é preto no topo, mas preto descentralizado e alinhado. Chega de reproduzir uma lógica que sabemos que não deu certo coletivamente”.

Passando seus *glosses* brilhantes por cima de *ombré lips*, técnica de contorno labial, a participante Bratz, assim como outras *afropatys*, falam constantemente da importância do autoamor, da autoestima e do autocuidado com a estética e muito para além dela.

Retomando a Bratz, a partir deste contexto, nosso encontro da pesquisa e para além dela vem de uma construção de aproximadamente 5 ou 6 anos, vindo de uma noite bonita de festa que provavelmente contarei como acontecimentos coloridos do passado, futuramente, presumo. Bratz era a mulher mais bonita da noite com sua cabeleira cacheada e volumosa. Com a audácia jovem, acontece um beijo, encontros e desencontros e daí... uma das mais importantes e queridas amizades! Entre tutoriais de maquiagem, discussões sobre sermos mulheres negras, amores, pesquisa, companhia para festas, compras, invenções para o futuro, críticas e acolhimentos ao presente, samba, *tweets* engraçados, muita receita de banhos, tarô de toda sorte e espiritualidade, tecemos uma troca bonita que corresponde ao meu desejo de criança de ter uma amiga irmã.

Convidei a participação e a partir deste convite, Bratz também traz sua irmã Gabriela, que participa contando também sua história. Nos encontramos presencialmente no Parque Municipal Américo Renné Giannetti e uma das riquezas, foi a conversa acontecer também com a interação das irmãs que compartilham histórias e reminiscências, uma completando memórias da outra, a concordância e discordância em posicionamentos de forma muito fluida, assim como elas contam que compartilham roupas, contas, compras e tanto mais que a intimidade, amizade e o suporte mútuo propiciam.

Bratz e Gabriela são nascidas e crescidas de Belo Horizonte, filhas de pais negros: a mãe parda e o pai negro. A mãe falecida aparece nas histórias de espiritualidade com a época em que frequentavam terreiro.

Bratz, a irmã mais nova, tem 29 anos, é mulher cis e bissexual. É formada em arquivologia e trabalha como assistente de arquivo. Se descreve fisicamente como “mulher negra de pele clara, cabelo cacheado na cor castanho escuro, meu nariz e pequeno arredondado na ponta, meus olhos são grandes castanhos, meus lábios são médios, e tenho rosto redondo”, também se caracteriza como gorda. A última, toma dimensão mais ampla nos modos de se perceber e vivenciar o afeto de si para si, de si para os outros e dos outros para si, ressaltando o trânsito e a importância dos movimentos de autodefinição e autocuidado.

[Bratz] Já pirei muito. Com passar da idade, também com as neuras que você tem com o relacionamento passado, você fica “peraí, eu tenho que tá bem comigo primeiro!”. Eu acho que ainda não estou 100%. Acho que estou com 60, 70% para conseguir mais, vai demorar um pouquinho, mas estou a caminho.

[Camilla: o que te fez chegar nos 60?]

[Bratz] Nossa muita coisa, acho que foi com a idade. Eu tenho muito essa neura com meu peso, que as pessoas não gostam de mim porque eu sou gorda. Desde que eu me conheço por gente, meu peso sempre foi uma coisa que eu levei em consideração pra tudo. tipo assim, para amizade também, escola era difícil fazer amigo, se eu fizesse um amigo era com outra pessoa gordinha, porque a gente criava um... como é que chama? Um afeto. Mas com o passar do tempo você vai se achando, se olhando no espelho, não só isso que é bonito, você também é bonita. não é bom ficar se colocando pra baixo, porque depois você fica bem pior, fica lá no fundo do poço. Se eu resolver emagrecer é porque eu tenho que querer e é por causa da minha saúde, não tenho que ficar fazendo coisas malucas e ir num padrão que não é meu. Ficar a vida toda me machucando para conseguir uma coisa que não é minha? [...] Eu até me escondia muito. Hoje eu uso mais cropped, saia. Eu gosto muito de mim hoje em dia! (Bratz, 29 anos, mulher cis, bissexual)

Se perceber como causa de desejo de si para si e para o outro, gerou deslocamentos: “consegui me envolver com uma pessoa sendo gordinha. Me tirou um pouco dos meus traumas, mas só eu posso cuidar de mim. Tirar coisas da minha cabeça,

você que tem que gostar de você, tem que cuidar”. Movimento que convocou a mudanças na sua estética e na forma de ser no mundo, considerando a (o)pressão estética que atinge violentamente nos corpos e subjetividades de mulheres, no sentido gozo perverso do capitalismo: sempre na insuficiência e repetição sem reflexão, de forma que nem mesmo a Barbie, como exemplo de padrão ocidental de beleza branca, se fosse humana, não conseguiria corresponder à demanda infinita de perfeição.

Antigamente eu nem passava batom, pegava qualquer roupa, usava muito preto, sabe? Hoje compro coisa que quero usar e acho bonito. [...] Às vezes bate uma neurose, mas eu não vou fazer cirurgia. Nem se eu tivesse dinheiro ia fazer cirurgia. Eu tenho que me adaptar com isso, assim, eu não gosto, mas beleza. Vem uma neura? Vem! Mas tem que trabalhar, porque senão... Eu já perdi muito tempo da minha vida ficando em casa, me escondendo, eu não ganhei nada com isso. [...] Eu só andava com casaco. Não tava nem frio, mas eu queria me esconder. (Bratz, 29 anos, mulher cis, bissexual)

Vivermos imersas na cultura do culto ao branco e a magreza, não é sem efeitos subjetivos. Questões que se interfacializam socialmente com a constituição subjetiva: como arriscar estar como causa de desejo do outro em uma cultura que constrói que mulheres comuns e plurais são indesejáveis? Rechaçar o amor para rechaçar a frustração? Fazer suplência à falta do amor com acumulação de outros capitais, como de cuidado?

Com isso eu não consigo mais ter relacionamento, não consigo me abrir muito. Os poucos que eu tive é porque bate a neura e me recolho, “ah, beleza, vou ficar aqui”. Eu consigo me curar, então eu vou ficar aqui quietinha, depois eu procuro alguma coisa. [...] Eu evito, eu me escondo, fico quietinha. Faço outras coisas, vou focar em outras coisas: estudar pra passar num concurso, fazer um curso novo. Focar em outras coisas que não sejam relacionamento. Gostei de você? Gostei. Mas também posso esquecer. (Bratz, 29 anos, mulher cis, bissexual)

Mais que os trânsitos opressivos, as mulheres negras também se divertem e tem suas preferências! O Rio de Janeiro, não só para Bratz, mas também para outras mulheres como Carina, representam um ponto de cultura e beleza negra.

Lá eu acho que vou ser feliz [...] Tem muito homem bonito. Tanto mulher como homem lá tem bonito. [Camilla: o que faz as pessoas serem bonitas lá?] Acho que é o jeito, a voz, tem mais preto lá, acho mais bonito. Aqui eu acho que não tem muito não. Aqui a cidade tá muito branca, não tá? Não sei se é os rolês que eu tô indo, mas tá branco. (Bratz, 29 anos, mulher cis, bissexual)

Pergunto onde é rolê de gente bonita na cidade de Belo Horizonte, e ela me conta:

Na Autêntica [casa de shows em Belo Horizonte]. Nossa, menina. quando vou no show da Flora [Matos], só mulher bonita [...] já viu aquela música da Flora? ‘Chei de gata’. [...] menina no carão, que sustenta. que veste uma roupa assim e fica belíssima! [...] Tem show que a gente vai que só tem gente feia, gente branca feia [risos]. [...] Um monte de gente esquisita com ácido [sob efeito de drogas sintéticas], não gostei! (Bratz, 29 anos, mulher cis, bissexual)

Quanto aos seus planos e desejos para o futuro, descreve o sonho:

[Bratz] Eu super penso em tá rica, né? Importante. Ter uma casa linda, belíssima. Eu penso muito nisso, ter uma casa grande, com terreiro, com plantas, linda e a arquitetura belíssima. E eu também quero ter filhos, mas eu não sei se eu vou adotar ou ter mesmo [gestar]. Eu sigo muito a Gabi Oliveira [mulher negra, influenciadora digital, mãe solo], ela adotou dois filhos sozinha. Eu não sei se eu vou lá na frente tá casada, por isso que eu não sei. Eu só sei que uma casa belíssima.

[Camilla]Você teria filhos sendo mãe solo?

[Bratz] Eu teria. Super, super teria. Eu penso muito nisso. é mais fácil ser mãe solo, o homem não cuida mesmo, uai! (Bratz, 29 anos, mulher cis, bissexual)

Prossegue demonstrando a insatisfação com os modos relacionais da masculinidade hegemônica:

Cê vai ter que fazer o papel? Então faz o papel todo sozinha mesmo, sem preocupar em ter ninguém enchendo o saco. Eu mesma sou a mãe, sou o pai, sem

ter ninguém para encher o saco. É isso. Mas eu me vejo assim: rica, bonita, com dois filhos, não sei se dois ou três... viajando para muitos lugares, tendo cachorro. Essas coisas. (Bratz, 29 anos, mulher cis, bissexual)

Sobre as expectativas afetivossexuais pergunto se ela se imagina com alguma pessoa no futuro, ela responde demarcando certa descrença e dissociação da necessidade de estar se relacionando com alguém para realizar seus planos, como a maternidade:

Não, mais fácil eu me ver com filho do que com uma pessoa [risos]. É estranho. Sei lá por quê. Eu sempre bato o pé, sempre falo com todo mundo que eu me vejo lá na frente mãe, mas casada ou com alguma pessoa eu não me vejo. Posso ter a objetividade de ter, mas não tenho mais, acho que caiu por terra. [...] É muito difícil ter uma relação duradoura com alguém. Não é porque eu não quero, eu até posso querer, posso realizar isso. O que eu quero lá na frente é estar bem tanto emocionalmente, financeiramente. Eu quero tá muito bem financeiramente, muito bem. Aí sim eu quero ter filho, isso eu quero ter. Com certeza eu quero ser mãe! (Bratz, 29 anos, mulher cis, bissexual)

Encontro 3: Gabriela

Gabriela, mulher cis, tem 31 anos, é bissexual e “racialmente eu não saberia falar... parda, negra, não saberia identificar o que eu sou!” [risos]. Formada em pedagogia e atualmente trabalha em escritório de contabilidade. Católica. Fisicamente não se autodescreve, mas de acordo com minha percepção é uma mulher de estatura mediana, pele negra amendoada, cabelos lisos, sorriso largo, voz doce e sempre de estilo e comportamento elegante. Irmã de Bratz, é a irmã do meio de três irmãs, filhas dos mesmos pais, que como Bratz descreve, mãe negra e pai pardo.

Mediada pelo convite de Bratz, me encontro também com Gabriela, que já havia conhecido em ocasiões festivas. Nós três compartilhamos uma tarde no Parque Municipal Américo Renné Giannetti que entre gatos, pernilongos, barulhos da Área Hospitalar de Belo Horizonte, risadas e situações cômicas, emergiram conversas profundas e íntimas sobre vida e relações afetivossexuais, algumas que inclusive não serão reproduzidas aqui, “deixa no off”, a pedido das irmãs.

Ela conta com brevidade sobre os relacionamentos que já aconteceram e não deseja aprofundar na conversa. Sobre as expectativas de relações afetivossexuais, pontua: “hoje nada [sobre ter expectativas], amanhã não sei, mas hoje não. Nenhuma. [...] Hoje eu prefiro a surpresa, surpreender. Ver no que dá. Expectativa nenhuma eu tenho”.

Assim como Bratz, reafirma e cita a importância da irmã como presença de amizade, carinho, compartilhamentos e apoio na vida: “compartilho muito com Bratz, minha irmã. Mais ninguém, só ela”.

Sobre seus sonhos e desejos para o futuro, com esperança, Gabriela se imagina:

Rica, com três filhos, um marido. [Camilla: um marido menino?] Ah, imagino com um homem. Eu também gosto de mulher, mas um homem. Com dinheiro, filhos, uma carreira bem sucedida: profissional, financeira, lazer, família. Em tudo! Que as vezes a gente acha que nunca dá certo em nada, sabe? Que tudo tá ruim, mas nem sempre é assim. Imagino assim, com sucesso. Só. (Gabriela, 31 anos, mulher cis, bissexual)

Tecendo seu futuro com beleza e *looks*, resume seus desejos:

Só sonho com ter muito dinheiro, comprar muita roupa. Sou muito consumista. Viajar, viajar para conhecer muita loja de roupa que tem espalhada! E só! Para isso tem que ser muito bem financeiramente. [Camilla: um monte de roupa pra usar onde?] Não sei, pra usar em casa. Pra ir lá no [supermercado] BH fazer compra [risos]. Andar na rua e levar os cachorros para passear com roupa nova. Quem sabe um dia? (Gabriela, 31 anos, mulher cis, bissexual)

Encontro 4: Conceição

Mas todo aquele que vos honra tem a certeza de que sua vida, se for provada, será coroada que depois da tribulação haverá a libertação, e que, se houver castigo, haverá também acesso à vossa misericórdia. Porque vós não vos comprazeis em nossa perda: após a tempestade, mandais a bonança depois das lágrimas e dos gemidos, derramais a alegria.

(Bíblia Sagrada Católica, Livro de Tobias, capítulo 3, versículos 21 e 22)

Por intermédio de minha amiga Daniele, conheço Conceição, sua vizinha. Nos encontramos virtualmente, após alguns desencontros e dificuldades com a plataforma de vídeo. Pela telinha do celular, Conceição compartilha sua história de maneira profunda e íntima, com confiança como se nos conhecêssemos e estivéssemos presentes juntas na sala de casa, tomando um cafezinho da tarde.

Quando a pergunto quem ela é, me conta de seu nome e sua idade, 59 anos e que “fui casada há 27 anos. Separei tem... vai fazer dois anos”. O casamento aparece como parte que a toma subjetivamente e grande parte de sua vida. É mãe de um filho adulto. Nasceu e vive na cidade de Rio Acima, Minas Gerais. Quanto à família, foi criada pelo pai: a mãe faleceu quando Conceição tinha quatro anos de idade. Aos 15 anos perde o pai, que antes de falecer, pede que o irmão mais velho “que tomasse conta da gente, até cada um casasse e seguisse sua vida”. Católica, é engajada na organização religiosa: catequista e participa de obras de caridade social.

Sobre seu trabalho e formação, trabalha há 14 anos em uma lanchonete na cidade e diz que formou “para professora, mas não quis seguir. Fiz magistério, mas não quis seguir”. Lanchonete que é palco de acontecimento de várias histórias e interações, segundo ela relata.

Conceição quanto ao mundo do trabalho e estudos, ressalta a importância da educação, seu investimento e o sonho realizado de ver o filho formado em uma faculdade. Exultante, conta que o filho é publicitário e trabalha para uma grande empresa de engenharia. Muito orgulhosa, fala com admiração de sua cria, de seus comportamentos e de quem ele é:

Eu fiz de tudo para ele estudar, justamente, por a gente não ter tido essa oportunidade, né? De estudar mais. Mas, para mim, ele já estudando, como eu falei com ele, “eu não posso te deixar nada, a não ser estudo”. É o estudo que a gente pode deixar para os filhos, e o resto, eu sei que tem que correr atrás mesmo. Eu só tenho um, só ele de filho, único. Mas, assim, é um filho maravilhoso, abençoado demais, cuida muito bem de mim! (Conceição, 59 anos, mulher cis, heterossexual)

Fisicamente se autodescreve: “eu tenho 1.67, sou negra. Meu cabelo está assim, mas não era tão bom. Meu cabelo era bem cacheado. Hoje, de tanto fazer planchinha, ele já não cacheia mais”. A vida e por consequência o corpo, passaram por grandes mudanças por conta de ter adoecido:

Em 2019, tive um câncer no estômago. Emagreci 35 quilos, porque eu era bem forte. Emagreci bastante, porque eu tive que retirar o estômago. Mas Deus foi maravilhoso, fez a obra na minha vida, fez um milagre na minha vida. Eu não precisei de fazer nem quimio, nem rádio, foi só cirurgia. Agora está bem, graças a Deus, que foi em 2019, né? Agora, graças a Deus, eu estou bem! (Conceição, 59 anos, mulher cis, heterossexual)

Neste momento de intensa fragilidade, Conceição foi abandonada pelo marido. Além de lidar com o adoecimento, teve também que lidar com a negligência e as repercussões do término de seu casamento:

E aí nesse intervalo da minha doença, foi a hora que eu mais precisei, foi que meu marido achou mais de... meu ex-marido achou mais de ir embora, né? Não me ajudou quase nada na minha doença. Quase não, em nada. Meu filho que me sustentou o tempo todo na minha doença, ele que esteve ali, me ajudando em tudo, me levando no médico, dormindo comigo no hospital. E assim, senti abandonada, totalmente abandonada na minha doença, que ele [o ex- marido] me abandonou. Porque assim, não tinha um tempo, falava que não tinha um tempo de ligar para saber. Eu estava internada, eu estava no CTI, não tinha um tempo de ligar para saber “como é que você está?”. E tudo. (Conceição, 59 anos, mulher cis, heterossexual)

Para além do amparo e cuidado do filho, com quem tem muita proximidade e carinho, sendo rede de apoio mútua, cita as amigas, a comunidade e a Igreja Católica como fonte de engajamento social e cuidado consigo e com os outros:

Eu tenho bastante amizade, mas eu tenho uma vizinha aqui que ela é, como diz o outro, é aquela amigona mesmo. Para toda hora. Às vezes, ela chega no domingo, depois do almoço, e fala, vamos sentar aqui no terraço, vamos tomar uma

cervejinha, vamos falar. Tenho, mas eu participo do grupo, eu faço parte da pastoral da igreja da catequese, sou catequista, os meus catequizantes são crianças, canto salmo na igreja, sabe? Tenho amizades, gosto de ir num barzinho. (Conceição, 59 anos, mulher cis, heterossexual)

Ativa, ela conta que a partir da Igreja Católica tem seus movimentos coletivos para passeios e trocas, como as caravanas para o Santuário Rosa Mística em Brumadinho/MG e a Gospa Mira em Belo Horizonte/MG.

Então, assim, eu tô mais assim, sabe, focada mais nessas coisas. Eu vejo que o povo aqui [da cidade] separou ou ficou viúvo. Ah, vamos para o forró! É uma solução, não? Eu gosto de dançar. Eu gosto de ter uma festa de família. Eu vou, eu danço, eu gosto. Eu divirto, eu aproveito. Estou na zumba, faço zumba. Não estou parada, não. Gosto muito de dançar, por isso que eu preferi fazer zumba. (Conceição, 59 anos, mulher cis, heterossexual)

Diz também das práticas de caridade na comunidade, por seu desejo e pelo alinhamento religioso:

Então assim, a gente aqui ainda tem muito essa ajuda, assim, gosto de ajudar as pessoas. Uma pessoa está passando uma necessidade, eu corro atrás, às vezes vou de porta em porta, eu faço uma cesta básica, gosto de ajudar, gosto mesmo, sabe? As pessoas já procuram, já me procuram, já procuram meu filho, porque sabe que a gente é de igreja, então quando elas precisam de uma cesta básica, elas sempre procuro aqui em casa também. Eu falo com meu filho: “nossa, precisou é para agora, não é para amanhã não!”. Essa pessoa precisou de uma cesta básica? Ah, semana que vem? Não, não é para semana que vem não. Ela precisa é para agora. Não tem não? Corre nos vizinhos, pede um, pede outro, vão montar ou vão comprar. [...] Na semana passada, meu irmão tinha uma família que estava precisando, aí me ligou, providenciei. Aí essa semana tinha uma pessoa de Raposos, também precisando, também providenciei. Tem um casal que tem muitas crianças aí de Belo Horizonte. Todo, de três em três meses, eu mando uma cesta para ele que vale, para três meses. Belo Horizonte já é mais difícil. [...] Não procuro saber para quem, quem precisa, só quero ajudar. Entende? [...] A fome

não está só aqui, a fome está em todos os lugares. Igual essa que veio aqui pedir para povo de Raposos, eu não queria saber para onde, para quem, como que vai, eu quero é mandar. Vai chegar, vai aliviar aquele povo, aquela família que está necessitando? É isso para mim. (Conceição, 59 anos, mulher cis, heterossexual)

Descreve com alegria seu modo de ser e seus vínculos:

Sou uma pessoa muito alegre, graças a Deus, aquela fase de tristeza dos momentos tristes que passaram. Até mesmo quando eu recebi notícia que eu estava com câncer, eu não fiquei triste. Entendeu? Eu não fiquei triste. Entreguei para o Senhor e o Senhor que conduziu tudo. Não fiquei triste. As pessoas me perguntavam na época “cê dorme?”, eu deito e durmo. Fui trabalhar até, internei no domingo, até no sábado eu trabalhei normal, rindo. Rindo. Me entreguei mesmo. Gosto muito de mim. Me olho no espelho e me acho bonita. Porque eu sou bonita! Sou uma pessoa feliz, graças a Deus. Tenho tudo aquilo que Deus... Tenho tudo o que eu preciso na minha casa. Tenho Deus comigo. Tenho meu filho comigo. Tem as minhas amizades que são importantes, as pessoas que na hora que você mais precisa tá ali, com essa amiga que eu te falo: [ela fala:] “ah, vou, estou precisando de ir no médico, não quero ir sozinha, dá para ir comigo?”, [a amiga responde] “vamos embora!”. Sabe? Então assim, tem minhas amizades, tem as pessoas que eu gosto muito, não sou muito de ir na casa dos outros, porque meu pai falava que a gente não pode ficar indo muito na casa dos outros, porque vai indo e já não dá certo. Se precisou, se está doente, eu estou. Se precisou, né? Mas eu sou assim. Eu sou essa pessoa. (Conceição, 59 anos, mulher cis, heterossexual)

Quanto aos seus desejos e sonhos para o futuro, Conceição conta:

Menina, fui em Porto Seguro, conheci uma cidade, Cabrália [Santa Cruz Cabrália/Bahia]. E assim, apaixonei com o lugar. Apaixonei de chegar deslumbrada, de chegar assim, apaixonei com Porto Seguro, Porto Seguro apaixonei toda. Mas com esse lugar, Cabrália, gente, mas que lugarzinho lindo. Se eu tivesse hoje que falar com você o meu sonho de consumo, era ganhar na loteria e fosse embora para lá. É mesmo um sonho de consumo. Esse lugar. E olha que eu já fui para Natal, Maceió, lugares muito... Porto de Galinhas também é um

lugar assim... Porto de Galinhas eu fui, pela primeira vez, a cidade não era o que eu fui ano passado. A cidade está linda, maravilhosa, o povo muito acolhedor. Muito, muito bom! Mas para morar, se eu tivesse um lugar que eu queria ir embora, é Cabralia. Amei aquele lugarzinho, amei aquela cidadezinha. Meu sonho de consumo! (Conceição, 59 anos, mulher cis, heterossexual)

A perspectiva de cuidado com a comunidade também segue no sonho de se potencializar ainda mais:

Eu, tirando esse lugar que eu queria estar, eu queria hoje dedicar mais... assim... ajudar as pessoas... sabe... é isso que eu tenho prazer... se eu pudesse... se tivesse mais condições de vida... de ajudar... eu queria ir para um lugar...passa muito aquele lugar onde tem essas crianças, África. Eu tinha uma vontade de ir para aquele lugar, de ajudar, de acolher aquelas crianças, de fazer algo que eu acho que tudo eu posso, mas eu não posso nada sem Deus. Mas eu acho que tudo eu posso, mas eu tinha uma vontade, sabe? De, assim, se falar comigo assim, “se você fosse fazer enfermagem?”, eu queria mexer na área das crianças.

[Camilla] E você já trabalha com criança, né? Na catequese.

Trabalho. Então assim, o meu sonho de consumo é poder ajudar mais, daqui cinco anos poder ajudar mais. Se hoje eu posso ajudar com uma cesta básica, se eu tenho, que aqui eu sou assim, sabe? Eu tenho pessoas assim, tem pessoas que eu já deixo uma cesta básica aqui, tem pessoas que eu já tenho uma cesta básica garantida [...]. Então assim, eu gosto muito, sabe, de ajudar. Eu posso, eu vou! (Conceição, 59 anos, mulher cis, heterossexual)

Pergunto se há alguma obra de arte, música, leitura ou versículo bíblico que a represente, ela menciona:

Eu gosto muito da Bíblia. Gosto muito, muito mesmo, que eu não saio muito da Bíblia. Eu gosto muito de João Batista. Porque ele que veio abrir caminho para Jesus. Ele que primeiro batizou com a água, depois que veio Jesus. Gosto muito dele. Gosto muito de Jesus. E da Bíblia, o que eu gosto muito é da história de Tobias. [...] Gente, a história dele são seis capítulos, mas assim, que um dia eu sentada no sofá, comecei a ler, mas assim, naquele domingo, a tarde inteira,

enquanto eu não dei o fim daquele livro, de tão bonito que é a história dele. Eu sou apaixonada com a história de Tobias. Sou apaixonada. Porque fala muito do anjo Rafael, o anjo da cura, né? E gosto muito, leio, todo dia eu leio, não. Todo dia eu proclamo, deitada ainda na minha cama, na hora que eu acordo, o Salmo 91. [...] De tanto que eu fui lendo, hoje eu já decorei ele. (Conceição, 59 anos, mulher cis, heterossexual)

Encontro 5: Carina

Eu sou meu próprio lar.
(Triste, Louca ou Má- Francisco, el Hombre, 2016)

Carina e eu nos encontramos a partir da divulgação da carta convite à pesquisa feita por Diana, uma querida amiga que compartilhamos. Nos encontramos presencialmente no Centro de Referência das Juventudes de Belo Horizonte, onde ela me conta de sua história em meio ao brilho dos veículos e o caos da cidade na Avenida dos Andradas, vista pelos grandes vitrais do prédio e o som das músicas das aulas de dança que ali aconteciam. Um dia especialmente difícil quanto a questões pessoais no tocante às relações afetivossexuais em minha vida, mas o encontro com Carina revivesceu esperanças na pesquisa com toda sua leveza, alegria e beleza dourada de filha de Oxum.

Nisto, Carina se conta como mulher cis, tem 27 anos, nascida e crescida em Belo Horizonte, Minas Gerais. Trabalha como coordenadora de confeitaria. Candomblecista. Conta da percepção racial que foi construindo ao tornar-se negra: “foi um processo, até então morena, parda... pardo é papel, não tem isso. Então foi de uns dois anos pra cá, mais ou menos que eu tenho como negra mesmo”.

Se descreve fisicamente e fenotipicamente como “não muito baixa, não muito gorda, não muito magra, cabelo enrolado, cacheado, curto e negra. Independente de ser mais clara ou mais escura, é negra!”, o rosto “embora tem algumas manchinhas de espinha, redondo, de nariz grande, de olho pequeno, puxado”, herdados da família que é negra:

Meu pai tem a pele mais retinta, só que minha avó, minha mãe mesmo, até minha irmã são claras mesmo. é da minha cor mais ou menos. Então para mim é até um

pouco desconfortável, semana passada, se não me engano, teve uma situação assim que a menina falou: “você nem é tão negra, porque você nem é tão escura” e eu “querida, tá!”. Enfim. são coisas que acontecem, né, e é um pouco desconfortáveis. E é a segunda vez que vem acontecendo esse tipo de coisa, até então nunca tinha acontecido, mas depois que passei a me interagir, a descobrir, a entender o que é ser negro, o que a gente é, que vem acontecendo mais... ou talvez acontecia antes e eu como eu não sabia, não tinha tanta informação acabei não percebendo. (Carina, 27 anos, mulher cis, em descobrimento entre lésbica e bissexual)

Espiritualizada e leonina, se conta como uma pessoa contagiante:

Escutei uma frase hoje de uma pessoa não muito próxima que trabalha comigo, onde ela me disse assim: “Carina, você não combina com estado de tristeza, com estado de raiva, rancor, essas coisas. Você é uma pessoa muito leve. E você traz alegria pro ambiente, você é aquela pessoa que chega e todo mundo quer ficar perto, quer conversar, quer brincar e tal”, e isso me marcou muito. Eu sou aquela pessoa que cuida da energia, que cuida disso, que tá sempre alinhada com, eu gosto muito de astrologia de universo, essas coisas. então eu vejo que tá dando resultado. Cuidar dessas áreas para ser essa pessoa. Eu gosto de ser leve, eu gosto de ser tranquila, de tá bem. Vai ter dias que não vai ter como, ser humano, né? Mas o que eu puder fazer pra ser essa pessoa que traz paz para as outras, que traz energia positiva, que acolhe, eu tento ser essa pessoa sempre. (Carina, 27 anos, mulher cis, em descobrimento entre lésbica e bissexual)

Quanto à orientação sexual, Carina conta que o processo de compartilhamento com a família sobre a sua sexualidade foi difícil. Veio de um contexto religioso cristão, em que por volta dos 13 anos se assumiu e teve avó como rede de apoio quando se assumiu, até mais que a mãe. Teve seu primeiro namoro com uma menina, mantido às escondidas, aos 15 anos, quando frequentava igreja evangélica. Como uma das repercussões, conta que não conversa com o pai e da escolha dele de não se comunicar com ela e o irmão, que é gay, questão que traz sofrimentos para ambos, como ela percebe: “pô, meu pai não quer falar comigo porque eu sou lésbica. Ele me virou as costas porque eu gosto de uma mulher. Então isso pra mim foi bem difícil”.

Marca que “não vou ser essa pessoa que vai suprir sonhos e expectativas”, retomando sua história:

Eu sempre estava ali por mim mesmo, apesar de ter algumas pessoas me virado as costas. Não foi só ele. Me sustentei. eu não vou deixar de ser eu por causa de ninguém. Sou a Carina, goste a quem gostar ou não. Se quiser tá presente ok, se não tiver, vai ser difícil? Eu vou ficar triste? Vou, mas vai passar. Não posso abrir mão daquilo que eu gosto, daquilo que eu sou por causa de ninguém. [...] Saí de casa com 18 anos, fui morar sozinha, tive minha independência e tudo mais. Até então, eu tô assim. (Carina, 27 anos, mulher cis, em descobrimento entre lésbica e bissexual)

Sobre as mulheres da família: conta que a relação com a mãe melhorou depois que saiu de casa nos atravessamentos religiosidade e sexualidade, embora se não fosse a orientação sexual demoraria mais para fazer este movimento. Diz com carinho e cuidado da avó e sua presença:

Com a minha avó a gente sempre foi muito unida. Muito mesmo. Tanto que qualquer coisa que me acontecia eu não contava para minha mãe, contava para ela primeiro. Falei para ela de namorada, de escola, de coisa da vida. Era tudo a minha avó por a gente ter essa proximidade, esse afeto maior. Ela sempre me apoiou, sempre tava do meu lado, independente do que fosse, nunca me virou as costas. Nunca deixou de estar presente na minha vida por causa disso, por causa das escolhas que eu fiz pra mim, pelo contrário. [...] Era deus no céu e minha avó na terra. desde sempre. [...] Agradeço muito quem eu sou a ela. (Carina, 27 anos, mulher cis, em descobrimento entre lésbica e bissexual)

Reflete também sobre seu atual momento em relação a sexualidade: está em movimento de entender sobre ser “sapatona”, estando aberta a aceitar o descobrimento se for algo que afirme a lesbianidade ou não.

Então, menina, eu não sei! [risos, rimos] Não é que eu não sei. Até então pegava mulheres. Me via como lésbica, pegando mulheres e tal. Só que também de uns tempos para cá eu tenho me sentido atraída por homens, homens negros. Não sei se é por entender, se é por achar lindo, não sei, mas hoje em dia me sinto atraída também por homens. Então eu me coloco em descobrimento. Eu não falo que eu sou bi, mas também não falo que eu sou totalmente sapatão. Estou me descobrindo ainda. (Carina, 27 anos, mulher cis, em descobrimento entre lésbica e bissexual)

Sobre seus sonhos e desejos para o futuro, Carina espera estar “realizada de estar em um casamento, estar com uma filha, no Rio [de Janeiro] ou em Recife”. Ela conta que o maior sonho é mudar de cidade e viver os encontros, que principalmente o Rio de Janeiro pode oferecer quanto a religião, a natureza e a vida no litoral.

Encontro 6: Ayesha

Ayesha, é um nome fictício inspirado em Ayesha McGowan, mulher negra, ciclista e norte-americana, que trabalha por maior diversidade e representatividade no ciclismo, sobretudo para mulheres e pluralidade étnico-racial.

Ayesha é um encontro a partir dos círculos de psicanálise, em que já vínhamos compartilhando questões sobre afetividade e mulheres negras, por motivos de meu enfoque de trabalho e pesquisa, e que gentilmente se disponibilizou a participar desta construção. Com uma presença forte de uma mulher belíssima, com seus cabelos grandes e cacheados e uma dicção impecável, virtualmente, pela tela do computador, ela conta que se identifica como mulher cis, negra e heterossexual. Tem 30 anos, é solteira, psicóloga e ciclista. É especialista em clínica com crianças e adolescentes e está na trajetória formativa da psicanálise, que é sua linha de trabalho.

Nascida e crescida na cidade de Belo Horizonte, atualmente mora com a mãe e o irmão, depois do falecimento do pai, acometido por câncer. Identifica os pais racialmente, sendo a mãe como mulher negra e o pai homem branco. Atualmente está em um relacionamento monogâmico de mais de quatro anos com um homem cis, que ela nomeia racialmente como pardo.

Se descreve como tendo “altura mediana, magra mas não muito magra, cabelos cacheados um pouco abaixo do ombro, sou negra, mas a minha pele não é retinta, boca

grande eu acho que minha boca é muito grande”. Sobre seu modo de ser no mundo, conta que:

Eu gosto muito de pessoas, gosto muito de conversar, apesar de gostar muito também de ficar mais quietinha, de ficar na minha. Como a gente conversou lá no início, eu gosto muito de pedalar, eu faço academia, mas eu gosto muito também de ficar quietinha, de ficar sozinha, sabe, em casa, de ver um filme. Eu acho que eu estou muito comunicativa, como eu falei, eu sou muito brincalhona. Eu sou muito nervosa também, às vezes, um pouco impaciente, então não tenho esse negócio de ficar rodeando, que eu tenho que falar, eu procuro ser o mais objetiva. Acho que essa sou eu, assim. (Ayesha, 30 anos, mulher cis, heterossexual)

Conta da importância dos processos pessoais em psicanálise, como foi seu entendimento de si enquanto mulher negra, enfaticamente marcados pelo corpo e estética, junto a convivência familiar. Marca como desafios atuais, as repercussões do falecimento do pai e a responsabilidade com a família, o isolamento da pandemia e a solidão da profissão que tem seus efeitos:

Nossa, assim, eu gostava muito de pedalar. Sempre gostei muito, sabe? Eu pedalava muito. Acho que eu circulava mais, saía mais, sabe? Acho que teve a pandemia também, né? Não vou só falar que eu tô assim por conta dele [do pai], assim. Eu acho que esses dois anos dentro de casa, assim, acho que mexeu com muita coisa. Eu fiz uma especialização em casa, trabalhei muito em casa. A clínica por si só, ela é muito solitária, né? Então, eu tô tentando fazer essa construção, né? De novos laços, né? Assim, sair de casa. (Ayesha, 30 anos, mulher cis, heterossexual)

Nestes movimentos de retomada à coletividade, cita a importância dos espaços presenciais em psicanálise que propiciam (re) encontros e novos desejos, assim como a presença do namorado. Sobre o ciclismo, contrariando a suposta ideia de coletividade, compartilha a percepção como um esporte elitizado e de vínculos que atravessam várias complexidades, principalmente por posicionamento político:

Eu tenho relações lá, eu tenho amizade com as pessoas, conheço muitas pessoas. Mas amiga, amigo, amigo, assim, eu posso contar no dedo quantos são. A minha relação é muito superficial. Até mesmo porque eu não acho que seja um grupo confortável para mim. Como, por exemplo, política. 90% das pessoas são de direita, de extrema direita. Sabe? Então na época das eleições, o ano passado, teve uma galera que parou de me seguir, por exemplo, porque eu fiquei bem chateada, sabe? Então, eu não acho que seja o meu grupo. Eu acho que eu estou ali. Para uma coisa, companhia para pedalar. Mas você aí e eu aqui, “tudo bem, como é que você está? Vamos bater um papinho aqui”, mas nada de... De ter muita... Muita afinidade. (Ayesha, 30 anos, mulher cis, heterossexual)

Sobre sonhos e desejos para vida, Ayesha marca enfaticamente que

Não tenho esse sonho de família, de casar e ter filho. Não tenho! A minha meta é continuar estudando e fazer boas viagens. A minha meta de vida é essa. De estudar mesmo, de ser uma analista com a escuta mais apurada, mais sensível. Pretendo fazer um mestrado daqui a alguns anos. E quero focar na clínica, sabe? Porque é uma coisa que eu gosto muito. (Ayesha, 30 anos, mulher cis, heterossexual)

Quanto aos trânsitos e aos cuidados nesses sonhos, conta que

Não, não é nada assim de “nossa, quero muito viajar pra tal lugar!”. Acho que o único lugar que eu tenho muita vontade de ir é na França, sabe? Tenho muita vontade de ir na França. Mas qualquer viagem, eu adoro viajar, é um negócio bom demais, me faz muito bem danado, eu volto energizada, sabe? Nem que seja interior, Serra do Cipó ou Rio de Janeiro, sabe? Mas assim, não tem nada assim de... igual a França, tá, médio e longo prazo, não é nada que tá organizado. Mas é mais passear mesmo, sabe? Conhecer lugares diferentes, pessoas diferentes, isso faz muito bem. Eu volto revigorada. Acho que é isso que eu tô precisando, viu, Camilla? (Ayesha, 30 anos, mulher cis, heterossexual)

Encontro 7: Carolina

Carolina, marca que seus pronomes podem ser ela/ele/elu. Natural de Minas Gerais, tem 28 anos, conta que tem “superior completo [em engenharia elétrica], pós-graduação e eu trabalho atualmente como cientista de dados. Trabalho com TI. É bem legal. E atualmente estou fazendo [graduação em] Belas Artes, estou fazendo cinema de animação”. Sobre a orientação sexual diz: “sou bissexual. Bi de biscoito, mas de bissexual também”.

Nosso encontro presencial acontece na UFMG, mas vem de trocas pelas redes sociais, onde Carolina compartilha recortes bem-humorados e criativos de alguns de seus vários interesses como arte em várias linguagens - *time lapses* de desenhos realistas de grandes personalidades, experimentos de formas de desenho, de materiais...-, leituras, culinária e suas opiniões sobre o mundo.

Para além da pesquisa, foi a oportunidade da troca de abraço presencialmente, quando ao final, fui presenteada com o livro *Saber de Mim: Autoconhecimento em escritórias negras - Pra Preto Ler* (2023), das autoras Bárbara Borges e Francinai Gomes, mulheres negras, estudantes de psicologia e pesquisadoras com enfoque na saúde mental de pessoas negras. Um livro que não foi escolhido ao acaso: Carolina fala da importância do encontro e da participação em atividades promovidas pelas autoras do livro e da página *Pra Preto Ler*, no Instagram, que tem um alcance grande, importante e potente sobre vivências negras. Ela conta a importância do espaço facilitado por Bárbara e Francinai no processo de tornar-se negra e de se colocar a trabalho da compreensão de da sua trajetória e seus atravessamentos sociais como pessoa negra. Livro que devorei com rapidez e muitos rabiscos nas páginas que serviram de colo, acalanto e cuidado ao questionar modos em que o racismo e sua naturalização na colonialidade, nos ferem em corpo, subjetividades e comunidade. Certamente uma leitura que passei a indicar para quem deseja tratar dessa temática com fluidez e fácil compreensão de linguagem.

Prosseguindo com a autodescrição de Carolina, é importante enfatizar a não rotulação como mulher cis, que vem se desenvolvendo no decorrer da conversa:

Eu sou uma pessoa lida como mulher pela sociedade, uma mulher que não performa a feminilidade, então eu normalmente estou usando roupas mais largas, masculinas. Eu tenho cabelo curto, crespo. Eu normalmente uso óculos, se eu não estiver usando é porque eu esqueci. Eu tenho traços físicos de pessoa preta, então meu nariz é mais largo, meus lábios são um pouco mais avantajados. Tenho olhos pequeninhos, aqueles olhos de quando sorri, desaparecem. E a minha cor é o

marrom. Às vezes eu acho que é o marrom mais avermelhado, mas com certeza aquele marrom que você olha e fala, bom essa pessoa preta, não há dúvidas. E eu sou baixinha, acho que é isso, me descreveria fisicamente assim. (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)



Fonte:Arte produzida por Carolina para esta construção

Descreve a família como negra, e conta “eu consigo identificar isso neles, tipo, ah, são pessoas pretas, mas também consigo entender que eles não têm esse letramento”. Nessa leitura, conta:

Meu pai, a parte da família dele é a parte da família retinta. Meu pai é um homem preto retinto. Minha avó era uma mulher preta retinta. A parte da minha mãe já tem uma relação meio que interracial. O meu vô por parte de mãe era branco e a minha avó negra de pele clara. E aí minha mãe é uma mulher negra de pele clara. Isso é um pouco complicado porque a minha mãe não se identifica como uma mulher negra. Ela não sabe que ela é uma mulher negra. Eu acho até que meu pai

também não sabe essa questão de letramento, mas acho que para uma pessoa retinta o dia a dia pesa muito mais que para uma pessoa com uma pele mais clara que não tem letramento racial, que é o caso da minha mãe. (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)

Quanto ao letramento racial, Carolina marca que embora a falta de letramento racial não produza nomeações, o racismo não deixa de atingir e marcar o corpo e suas vivências:

Com meu pai, às vezes mais, porque eu vivo com meu pai, né, eu moro com ele. E a gente já passou por muitas situações juntos, assim, de ver o meu pai sofrendo racismo. Quando eu era pequena eu não tinha noção disso. Eu sei que feria a gente, mas eu não tinha noção. Hoje em dia eu já tenho noção e eu falo: “pai, isso foi uma situação de racismo”. “Pai, não faz isso porque se você fizer isso é ser lido de uma forma diferente do que uma pessoa branca”, sabe? Então não é uma troca direta, mas é umas coisinhas assim, sabe? (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)

Considerando este contexto, aborda com complexidade a intersecção de vivências raciais com classe e gênero, como a educação, seus modos de relação consigo e com os outros, principalmente no tocante a seu corpo e afetividade de modo amplo.

Eu acho que com terapia e tudo mais, eu tenho entendido aos pouquinhos que tem coisas no corpo que me incomodam, mas que incomodam assim, não é tipo, ah, “meu nariz, eu quero!”, sei lá, vou fazer uma cirurgia. Vai além, vai de entender como pessoa mesmo. Recentemente eu tenho tentado pensar mais nessa questão da não-binaridade. Se eu for olhar no longo da minha vida, eu sempre fui uma pessoa não-binária. Seja eu não performar a feminilidade sempre, seja eu performar quando eu estou a fim. Sempre fui muito fluida nessa coisa. Eu estou começando a tomar posse disso sabe? Começando a me entender como, mas eu tomo muito cuidado com isso porque, sei lá, não quero fazer isso de uma forma vazia sabe? Só jogar, e, “gente, sou não-binária!”. (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)

Se compreender e fomentar novas nomeações é um desafio:

Eu quero entender isso mais à fundo, eu acho que eu tô quase chegando lá. Quase chegando lá. Vou te falar, Camilla, tem coisas no meu corpo que me deixam extremamente insegura até mesmo pra me nomear, não sei como me nomear como não-binário. Coisas que me incomodam, que me impedem até mesmo de sentir prazer no meu próprio corpo. (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)

Deste modo situaremos o gênero de Carolina como em construção de nomeação de gênero.

Quanto a seus sonhos e desejos de futuro, Carolina conta:

Daqui uns 10 anos, putz, eu tenho muita dificuldade de pensar em futuro. Eu acho que por não ter referências tipo assim: “nossa, sei lá, tem uma tia muito igual a mim, hoje ela...”. Enfim, não tenho isso, eu não consigo me colocar lá na frente. Imagino trabalhando com coisas que eu gosto, que fazem sentido pra mim, tipo agora mesmo. Imagino dando mais conforto pro meu pai, mais conforto financeiro porque é necessário. Eu não consigo me colocar como protagonista do meu futuro. Eu fico pensando nas pessoas ao meu redor, tipo assim, eu quero que minha mãe seja feliz, quero que meu irmão seja não sei o quê. [...] Mas é, porque eu acho que eu alcancei tanta coisa que eu não esperava, e eu me senti tão confortável em algumas áreas que eu não consigo nem imaginar melhorando, sabe? (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)

Encontro 8: Cris

Então acho que eu sou muito essa questão do... da energia, do movimento, sabe?
(Cris, 44 anos, mulher cis, lésbica)

Encontro com Cris por intermédio de Beatriz, mulher negra, pesquisadora e professora de inglês de quem fomos alunas na escola de inglês afrocentrada Odara. Nossa conversa acontece virtualmente: ela em São Paulo e eu em Minas Gerais. Conversa afetuosa em que conheci um cantinho do íntimo da história de Cris e da casa com a esposa Bete, que inclusive, tímida, aparece para me cumprimentar no cantinho do vídeo.

Cris, pois, “Cristiane é muito formal. Pessoal só me chama de Cristiane quando é para dar alguma bronca, falar alguma coisa séria!”. Tem 44 anos. É umbandista. Residente de São Paulo, na infância e juventude morou no Capão Redondo, cenário sobre o qual faz várias observações sobre raça, classe e sexualidade em relação à si e a coletividade. Há 15 anos vive no Jabaquara, espaço com melhor qualidade de vida principalmente em relação ao transporte e circulação na cidade, como demarca.

Em meio a fala risonha, se autodescreve com alegria e enfatizando a autoestima e o autorreconhecimento de forma positiva:

Uma mulher negra. Gorda. Olha, uma coisa assim que.... E eu agradeço muito de mim, isso já é de mim. Nunca tive problema com o meu corpo, eu sei que tenho que me cuidar. Sei que tenho que fazer os meus exames por questão de saúde, mas eu nunca fui... de... dessa questão de estética, sabe? Não, tem que emagrecer, tem que caber, sei o quê... quem gostar de mim vai gostar assim. Então eu falo mesmo, sou uma mulher negra, gorda, lésbica, preta mesmo, nordestina [risos], sou filha de baianos, assim, todo mundo. É... cabelo crespo mesmo! Hoje eu dou umas pintadas nele, como eu não aliso mais. Então é isso, assim, acho que de pessoa assim, pra se falar como eu sou, me reconheço mesmo negra. E essa de “moreno”, de “ah, se é mais clarinha”. Não! Me respeita [risos]! Porque o povo ainda fica tentando justificar [gesticula aspas com os dedos das mãos] a cor da gente, né? (Cris, 44 anos, mulher cis, lésbica)

Descreve seu rosto como:

Ah, meu rosto assim... é redondinho, gordinho, tem um furinho aqui quando eu dou risada, minhas covinhas, [Cris coloca as mãos no rosto para mostrar] que o pessoal sempre gosta. An... o olhinho pequeno, [Cris continua a mexer as mãos enquanto fala] o castanho escuro. Uso óculos desde... já tem trinta e... já tem trinta e dois anos que eu uso óculos, então óculos já faz parte de mim. Acho que

se ‘oftalmologo’ falar assim ó não “precisa usar mais óculos”, eu uso armação, porque já é minha marca registrada! É, tô usando aparelho agora [risos]. E é isso assim. Gosto da minha boca, que é um bocão, que o pessoal fica pagando aí pra botar, porque eu não preciso! [risos] É natural. Que eu brinco com as meninas que eu falo assim, ó cês ficam botando esse negócio pra ficar com a boca inchada, eu já tenho a minha. É... tenho 44 anos, mas assim, todo mundo fala que não parece. Eu sou mais velha dos meus irmãos, mas todo mundo acha que eu sou mais nova, né, porque eles são todos mais altos que eu, assim. E... então eu falo, ó gente, tá vendo? Ó, isso que dá, tá vendo? A cor da pele ajuda. É.. então assim, tô feliz. E quando vocês estão aí se matando, eu tô aqui, ó, firme e forte, linda e bela. É isso! [rimos] (Cris, 44 anos, mulher cis, lésbica)

Quanto ao campo do trabalho e educação, atualmente trabalha como analista de risco para uma grande empresa processadora de pagamentos. Sobre o âmbito educacional, é formada e pós-graduada em radiologia. Conta para além da formação, os desafios diversos que atravessam a possibilidade de atuação como profissional da área, como necessidade de recursos financeiros para sobrevivência em dissonância com a necessidade de estagiar, requisito básico para exercer a profissão, e as repercussões da pandemia de COVID-19:

Eu me formei em radiologia, eu cheguei a fazer a pós em radioterapia, mas a área da saúde é uma área bem complicadinha, né? Pra gente poder estagiar, e... aí você precisa pagar aluguel, você precisa comer. Eu ainda forcei bastante, só que eu fiz após e tal, mas aí eu teria que ficar, sei lá, um ano fazendo estágio, assim, né?! Eu bancando o meu bolso e tudo. E acabou que quando... e aí o que aconteceu, o que era minha ideia assim. Eu antes, da pandemia, né, nem no sonho nem imaginava. Eu trabalhava numa empresa e... e eu pedi eu pedi para eles me mandarem embora. E até que foi bom porque depois ela abriu falência, então não reclamo disso. Mas minha intenção era o quê? Pegar os seis meses do seguro e focar no estágio, que eu tinha acabado de me formar na pós e aí até teria essa oportunidade de estagiar lá no Einstein, que eu fiz a pós. E foi bem na... Eu fui mandada embora em outubro, quando foi em fevereiro, começou aquela questão da pandemia. Foi bem no começo da pandemia, aquela coisa de louco. Aí acabou parando tudo, travou tudo. Né?! (Cris, 44 anos, mulher cis, lésbica)

Depois destes acontecimentos, estive um ano fora do mercado de trabalho formal, fazendo bicos, até a ocupação atual. Neste período, conta que repensou sobre as coisas que deseja para vida, inclusive o trabalho:

Esse atendimento, essa coisa de análise de risco [...] seria um plano B na minha vida. E aí depois da pandemia, assim, eu comecei a repensar algumas coisas. Essa questão de dificuldade e nem essa questão de dificuldade, a questão de racismo mesmo, mesmo que velado a gente sabe que infelizmente o hospital tem muito isso. Eu fiquei, bem... eu fiquei um pouco decepcionada com algumas coisas que eu vi assim. Não diretamente comigo, mas o geral né? [...] a minha intenção quando eu entrei na saúde, na verdade, a minha intenção de vida era assim ter uma profissão que eu pudesse ajudar o próximo. Sempre foi. E aí agora eu tô trabalhando com essa questão para poder começar a voltar a estudar e fazer Direito. Totalmente os opostos, né? Mas aí como tem a oportunidade, a empresa paga o curso, né? [...] Então, assim, acho que tudo tem um momento, tem um porquê. Aprendi muito com os estágios que eu fiz no hospital, tanto particular como público. Mas, assim, aquele sentimento de ajudar é independente, né? (Cris, 44 anos, mulher cis, lésbica)

Na vivência do atual trabalho, passou por um período de dificuldades com a gestão, que atrelados a experiência pandêmica, trouxe várias repercussões danosas para saúde mental de Cris:

No finalzinho da pandemia, eu fiquei sete meses em casa sem sair para nada, não saía mesmo, assim. E eu nem percebi que eu estava tão assim. E aí eu passei por essa gestão e aquela sensação de fazer você duvidar do serviço que você fez a vida inteira, né?! Eu tava nesse ponto. E como tava todo mundo trabalhando de casa, você não consegue conversar com um colega para descobrir se é você ou o que tá acontecendo. (Cris, 44 anos, mulher cis, lésbica)

Com estes acontecimentos, foi convocada a repensar nos modos de cuidado de si e de permissão ao cuidado dos outros:

É... então, esse que é o problema, é... essa coisa aí mesmo. [Cris gagueja] Sempre... não me vejo nessa parte do... do... Ah! eu vou procurar ajuda, assim, né?! Porque é uma troca, né?! E isso que é uma coisa que eu também preciso aprender, assim, ver que eu também sou frágil, que eu também preciso de ajuda, de... de acolhimento. (Cris, 44 anos, mulher cis, lésbica)

Cris se situa como pessoa, depois de passar por todas as mudanças dos últimos anos:

A gente tem que aprender, sabe, com tudo. Independente de tudo que você passa, sempre vai te deixar uma lição para alguma coisa. E tudo passa. Tudo que é bom vai passar, tudo que é triste vai passar. Então, assim, hoje em dia, eu penso muito nessa questão do momento. Eu tô... assim, apesar de ser nova, de ter 44 anos... No meu meio, assim, eu perdi muitos amigos novos, assim, por questão de coração, por questão de Covid. Então, eu me enxergo hoje assim, é... gente sobrevivente de uma pandemia, então a gente tem que agradecer dia após dia. Sabe, antigamente eu ficava pensando que... eu vou ser... eu só vou ser feliz lá para frente, ou conquistar... não! Hoje eu imagino assim, eu sou grata pelas coisas que eu tenho, ainda tenho muito a conquistar, mas eu sou... eu sou mais pé no chão, assim, não sou tão sonhadora, han... Que mais, assim, busco... hoje em dia eu busco muito mesmo essa questão do meu crescimento, mas acima de tudo eu quero ter, essa questão da minha paz, mas desde que eu não prejudique ninguém ou eu me esforce demais, como eu já fiz muito, sabe, de às vezes passar por cima de mim para poder ajudar o outro. Hoje eu já consigo falar não, já consigo... é, ver o que eu posso fazer no meu limite. (Cris, 44 anos, mulher cis, lésbica)

Sobre o modo que se cuida, conta que para além do cuidado com a saúde de modo holístico, que vem se tecendo com estabelecimento de limites e ressignificações. Vem lapidando seus sonhos e sabendo nomear seus desejos e as coisas que a compõem, como sua essência:

E... e aí, com a questão da religião, eu percebi também que a gente precisa ter a mente boa para ter o corpo são, né?! A gente tem que ter esse equilíbrio. Então, sempre que posso, aí...eu faço meus banhos de limpeza, faço minhas orações,

faço minha proteção. É, agora eu tô voltando... eu sempre gosto de ler, de estudar... eu amo... cristais, é, pedra, é... eu amo lua, eu amo energia, eu gosto de abraçar árvore, eu gosto de pôr o pé no chão. Então eu sou muito isso, assim, eu brinco que se... que se eu pudesse mesmo, assim, eu acho que eu viveria lá no meio do mato do nada, assim, só agradecer. [Cris ri enquanto gesticula com as mãos] Mas, quem sabe, um dia vai pra frente, compro uma casa, sei lá, no mato, na praia, eu não sei! O lugar que eu sei que, sabe, assim, eu gosto muito de energias, eu amo pedras... eu brinco o pessoal viaja eu peço pra todo mundo trazer pedra ‘dos lugar’, assim, “ah! pega uma pedrinha...” eu não quero pedra comprada, é da região ali, pra me pegar energia, assim, sabe?! Acho que isso é uma coisa muito, muito legal, assim, de mim, assim. E aí, tipo, e aí você entra nessa parte da... da simplicidade também, né?! Você começa a perceber que coisas que você tinha como importante... coisas materiais, que nem é... que nem eu falei assim, uma parte da minha família que sempre foi muito apegada a coisa material, então é festa, é final de ano, eu lembro que eu cresci naquele meio que você tinha que ter roupa nova, sapato novo, mesmo que você passasse dentro de casa sentado no sofá. E aí eu não tenho mais isso e não ligo, sabe?! Pra mim não é isso que é importante, pra mim é importante tá todo mundo junto. Que nem esse Natal que passou, eu consegui reunir, que era o sonho meu, juntar todo mundo da minha família aqui em casa para fazer aquele... jantar de Natal. E, ai, foi muito legal, e todo mundo dormiu aqui. Então para mim aquilo foi uma realização tão legal, assim, né?! Eu falei assim: “gente, poder agradecer a Deus e tá todo mundo aqui, né?”. Então eu sou muito... muito isso hoje, assim, para mim. E espero continuar assim, sempre, independente do... do sei lá, do que aconteça, do que muda, que eu não perca essa minha essência. (Cris, 44 anos, mulher cis, lésbica)

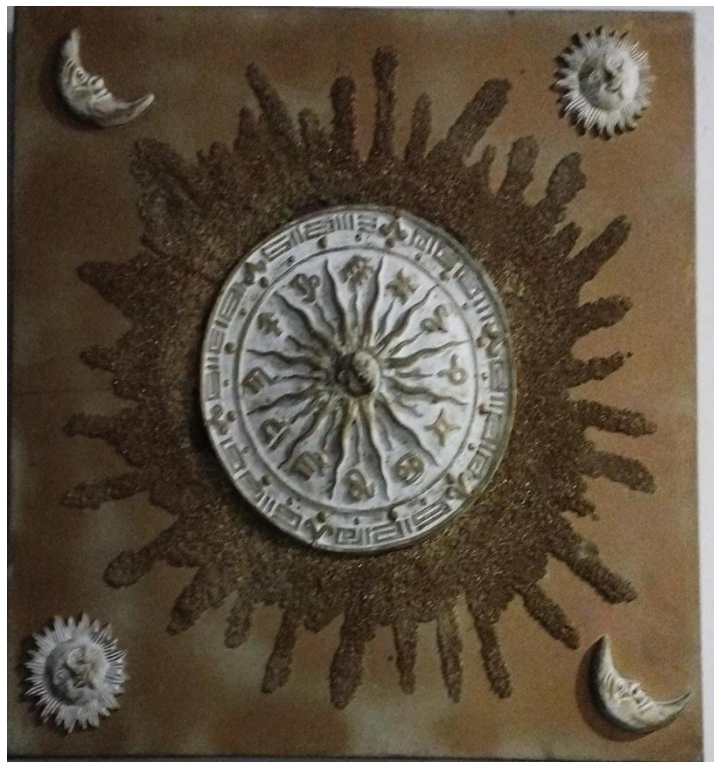


Figura 2: Foto enviada por Cris

Com toda essa energia, a escolha da linguagem artística que a representa, segue nesta sintonia:

Ah, eu tenho um... um quadrinho aqui, não é obra de arte. É, uma obra pra quem fez... mas ele é tipo, [Cris tenta explicar desenhando no ar com a mão enquanto fala] tem todos os signos assim, tem a lua, tem estrela, tem o sol. Eu... eu gosto... a primeira vez que eu vi assim, eu me apaixonei, assim, eu acho que aquilo... sou eu, assim, sabe?! Que essa questão de energia, de tudo... E aí eu sempre brinco, assim, que eu falo que, pros meus amigos, né, que eu brinco, que eu falo que Deus me deu um céu, e aí de vez em quando ele me manda amigos que são estrelas pra... iluminar meu céu, assim. Né?! E eu acho muito bonito isso e eu sou muito grata, assim. [...] E acho que essa questão da energia, assim, eu acho que é... é... eu sou muito isso, assim, sabe?! Eu sou muito de... de... de sentir, de... de viver, tipo, se a pessoa tá do meu lado, [Cris gesticula com as mãos] tá conversando, tá feliz, tá alegre, aquilo me dá uma euforia, dá uma alegria. Aí se a pessoa está do meu lado, tá triste, tá chorando, aquilo me dá tristeza, dá uma agonia. Então acho

que eu sou muito essa questão do... da energia, do movimento, sabe? (Cris, 44 anos, mulher cis, lésbica)

Encontro 9: Fátima

Por intermédio de nossa amiga Tamires, encontro com Fátima. Em um final de manhã de sábado, nos falamos virtualmente. Inicialmente, a fala vem na cadência de seu forte sotaque norte-mineiro, tal como no pintar uma tela pela primeira vez: ela tateia com pequenas pinceladas de lapsos sobre sua vida. Conforme vamos criando laço, pinceladas cada vez mais bonitas, confiantes e complexas. Depois destes primeiros momentos, me acolheu como uma amiga na sala de casa, retomando os assuntos de modo espiralar, com cada vez mais detalhes e sentimentos.

Neste encontro havia algo de familiar: o sotaque e a coincidência de aparência muito similar a de minha ex-sogra, mãe de minha ex-namorada, que após o momento de entrevista reverberou em sentimentos e ambiguidades pessoais que foram elaboradas posteriormente. É, creio que impossível sair incólume de afetar e ser afetado nos trânsitos da pesquisa, para além da obtenção de um marco acadêmico. Retomadas e reelaborações sintomáticas da pesquisadora.

Retomando a centralidade a Fátima: tem 54 anos, natural da cidade de Jordânia, Minas Gerais. Atualmente vive na cidade de Belo Horizonte, para onde se mudou a convite do companheiro, há cerca de 30 anos. É cristã, evangélica. Mãe de duas filhas. Avó. Vive um relacionamento à distância com o marido (homem cis, idoso, hétero, branco), que está morando em Jordânia por oportunidade de trabalho, após a demissão no período da pandemia. Hoje ela trabalha como auxiliar de serviços gerais.

Se autodefine como uma pessoa persistente: “tudo que eu pego para fazer, eu termino. Nunca deixo pela metade. Entendi. Porque se você ter o hábito de pegar uma coisa para fazer e deixar pela metade e não fizer, você nunca vai terminar nada praticamente de sua vida”.

Eu não quero começar uma coisa para eu não terminar. Eu sempre começo uma coisa e termino. Foi para estudar para fazer a prova do ENEM? Agora estudar e fazer a prova do ENEM. Foi para fazer curso no Senai? Que tipo de curso você pretendia fazer? Esse, esse, esse. Fui lá e fiz todos. Você vai terminar seus

estudos? Cansada, chegava cansada, de tarde do serviço, jogava a bolsa das costas, descia de onde eu moro até lá perto do centro, a pé, com a bolsa nas costas, para terminar o ensino médio. Então, terminei. Então, é aquela coisa. Primeiro, eu penso muito no que eu quero e no que eu quero fazer. Eu vou dar conta de fazer isso? Vou, porque eu não quero parar no meio do caminho. Não quero deixar pela metade. Então, aí mais para frente, eu vou ver o que realmente Deus está preparando para mim e seja feita a vontade dEle, porque Ele sabe de todas as coisas e Ele sabe que eu nunca deixo as coisas pela metade, faço as coisas pela metade, né? Não deixo as coisas no meio do caminho. Me entende? (Fátima, 54 anos, mulher cis, heterossexual)

Para além dos modos subjetivos de ser, se diz cuidadosa com a aparência, se descrevendo com boa autoestima: “tem que dar uma progressiva no cabelo, tem que fazer a sobrancelha, tem que arrumar a unha, tem que ir lá na rua comprar um sapato, comprar uma roupa”. Prossegue fazendo relação sobre sua estética e pertencimento racial:

Eu falo assim, eu amo a minha cor. Gosto, tudo em mim eu gosto. Pra mim, Deus me fez perfeita. Tem gente que fala assim: “ah, eu não gosto do meu nariz, eu tenho que fazer uma plástica, eu não gosto disso, não gosto daquilo!”. Eu olho pro espelho e falo assim, eu sou linda, maravilhosa, eu gosto da minha cor, adoro a minha cor! Meu nariz é perfeito, minha boca é perfeita, minha sobrancelha é perfeita. Eu falei assim: “eu queria ter nascido desse jeito, Deus me fez nascer desse jeito!”. Eu procuro cuidar do que Deus me deu, no máximo que eu posso. (Fátima, 54 anos, mulher cis, heterossexual)

Embora conte sobre se sentir bem subjetivamente consigo, na relação com os outros, é importante focar nos atravessamentos do apagamento racial negro, embranquecimento e rechaço ao fenótipo, como marca na fala sobre o “cabelo ruim” que nasce naturalmente crespo. Esses fios de violências estruturais e microviolências de transmissão cultural, por mais que a afetem, pensando em um tear artesanal, se tecem como pano juntados com fios de resistência e insubmissão às nomeações que vão contra a sua autodefinição:

Tem pessoas que me veem e acham que eu sou negra. E tem outras que falam assim: "ah, Fátima, mas você não é negra, você é parda!". Eu não sou parda, eu sou negra, gente! E o meu cabelo é ruim, meu cabelo é alisado, entendeu? O meu cabelo é ruim, não é cabelo bom, cabelo liso, meu cabelo é alisado, entendeu? Mas é aquela coisa, a pessoa, ela... Tem pessoas que aceitam ela própria do jeito que ela é e tem pessoas que não aceitam ela própria do jeito que ela é. Ela quer ser uma coisa que ela não é, entendeu? (Fátima, 54 anos, mulher cis, heterossexual)

Sobre o campo do trabalho, conta que fez várias formações com apoio da ex-patroa com quem trabalhou por 25 anos como empregada doméstica. Neste trabalho criou laços de amizade, relatados com carinho:

Maravilhosa! Ela não queria que eu sáísse nunca. Mas aí eu já estava um pouco cansada, sabe, de trabalhar em casa de família. Ela me deu a oportunidade para terminar meus estudos. Eu só não fiz faculdade, né? Mas eu terminei segundo grau, que é ensino médio. Fiz vários cursos no Senai, de confeitaria, de... Como é que fala? Salgadeira. Entendeu? Padeira. Fiz vários cursos no Senai. Só não coloquei um negócio pra mim, né? Mas futuramente aí, se der pra eu colocar, eu coloco. Porque prática eu já tenho. (Fátima, 54 anos, mulher cis, heterossexual)

Reflete sobre o desligamento do antigo trabalho em "casa de família" e o atual trabalho em empresa de serviços gerais, prezando pelo seu bem estar e oportunidade de descanso:

É mais calmo, sabe? Não é que é mais tranquilo. É quando você chega e fala assim, ah não, casa de família pra mim já deu, então vou procurar outro tipo de serviço pra descansar um pouco mais, né? Porque casa de família é o seguinte: você tem sua casa, sai da sua casa pra trabalhar e não quer ter família. Quando você chega da casa da família que você tá trabalhando, na sua casa você vai fazer tudo de novo também, tudo a mesma coisa. Então é um serviço muito cansativo. É que você sai cedo e vai pra casa de família. Lá você arruma, lava, passa, cozinha. Aí você chega na sua casa e tem que fazer tudo também. A mesma coisa. Fala, gente, eu não vou parar com esse serviço nunca, não? No serviços gerais, eu

trabalho em empresa do serviços gerais, eu saio daqui de casa, 10 para 6h da manhã, pego ônibus ou chego lá, limpo um condomínio, sai, depois vou para outro condomínio, que eu limpo três condomínios por dia, entendeu? Mas eu tenho as horas que eu trabalho, em um condomínio eu faço duas horas, no outro eu faço três horas, no outro eu faço quatro horas, tem minha hora de almoço, de descanso. Então, eu chego em casa, eu não vou ter aquela preguiça de fazer um café, fazer uma comida para me comer, lavar um banheiro, lavar uma roupa, mesmo porque já estou vendendo um serviço que não é esse tipo de serviço que eu estava fazendo. Era outro tipo de serviço. (Fátima, 54 anos, mulher cis, heterossexual)

Nestes caminhos das escolhas de autocuidado, como a mudança de trabalho, diz também sobre os modos que se cuida e aproveita de sua companhia:

Olha, eu hoje ocupo meu tempo de várias maneiras: de manhã eu trabalho o dia todo, chego em casa de tarde, gosto de tomar sempre primeiro um banho quando eu chego deitar no sofá e relaxar um pouco. Depois eu faço um café, faço um lanche, um almoço, ou um jantar, se for no domingo, almoço, na semana que eu chego mais tarde no serviço, eu preparo o jantar. Gosto de ler um livro, gosto de assistir um jornalismo, gosto de ouvir umas músicas, gosto de ouvir uns louvores, porque agora eu sou cristã, então eu gosto de ouvir louvores. [...] Eu gosto de sair, gosto de passear, gosto de ir na casa de uma amiga, no churrasquinho, tomar um refrigerante. Antes eu tomava cerveja, tomava muito cerveja. Hoje não, hoje é só mesmo ir lá e almoçar, tomar um refrigerante e jogar uma conversa fiada fora. Tem um violão aqui em casa que de vez em quando eu dou umas arranhadas, mas não sei tocar, não. (Fátima, 54 anos, mulher cis, heterossexual)

Sempre tecendo sonhos a serem realizados, conta de alguns que darão mais conforto e realização pessoal ao se concretizarem, como os estudos e área de atuação, quanto a conquista de morar em casa própria:

Eu tive um sonho, ainda tenho, mas esse sonho meu eu acho que eu vou deixar ele encostado aí na gaveta. Era o sonho de ser enfermeira. Eu queria fazer primeiro o técnico de enfermagem, para depois fazer o de enfermagem. Só que eu estou com uns probleminhas aqui de saúde, sabe? Problemas de coluna, esse negócio.

Então eu estou dando prioridade para tratar dos meus problemas pessoais. Deixar um pouco... Não que eu desisti, sabe? Não que eu desisti. Mas eu vou dar um tempo. Eu falei com o Tamires quando fui fazer o curso de cuidadora de idosos, ano passado, que eu ia fazer o curso de técnico de enfermagem. Só que como eu estou trabalhando e esse serviço tá me dando esse probleminha, eu aqui agora estou praticamente travada, a coluna aqui e eu nem abaixo. Aí eu falei: “não, Tamires, eu vou dar um tempo, vou fazer uns exames, eu vou fazer umas fisioterapia, né, e vou me cuidar um pouco mais, depois eu penso: se der pra eu fazer, eu faço, se não, infelizmente eu vou, a hora que chegar mais pra frente aí, que o seu sair dessa empresa, aí eu vou, se eu for voltar pro interior, eu vou botar um negocinho pra mim, sabe, trabalhar por conta própria, não sei mesmo, é isso”. O que der, o que der lucro, acho que vou mexer, sabe? Vou mexer com salgado, com doces, com bolo, ou bota uma merceariazinha pra mim, ou bota um barzinho pra mim, entendeu? Meu projeto de vida, meu futuro é esse, é o que eu vejo lá na frente, mas está entregue nas mãos de Deus, Deus sabe todas as coisas, Ele é que está no comando, Ele é que está no controle, entendeu? (Fátima, 54 anos, mulher cis, heterossexual)

Sobre as conquistas materiais, como a casa própria, explica:

Nesses 30 anos que eu estou aqui, eu comprei um lote, lá eu construí uma casinha pequenininha, mas eu construí para a minha filha morar, sabe? Porque ela morava de aluguel, vivia pulando de galho em galho, como diz o pessoal no interior. Ela era casada. Continua casada, mas agora também já no segundo casamento. Então, no primeiro casamento, ela vivia morando de aluguel. Saía de um lugar, ia para outro. Então, como eu já tinha o lote lá, que eu trabalhei esses anos todos, comprei o lote e tudo, aí eu consegui construir uma casinha pequenininha para ela, falei: “não, está aqui a chave para você morar, futuramente isso aqui vai ser seu mesmo”. Então eu construí uma casa pequena nos fundos do lote, deixei a frente do lote para eu construir futuramente. Mas aí ele também tem um lote lá que a mãe dele deu para ele. Então a gente está vendo aí se a gente [Fátima e o marido] constrói nesse lote ou se a gente junta um pouco mais para dar uma entrada numa casa pronta, entendeu? Esse é o plano da gente. Mas a gente tem que esperar em Deus, né? Colocar Deus na frente, que seja feita a vontade dele. Se ele ver que a

gente vai envelhecer junto lá, então vai ser lá. Se for da vontade de Deus que ele volta pra cá, trabalhar aqui pra gente investir aqui, comprar aqui, vai voltar pra cá. (Fátima, 54 anos, mulher cis, heterossexual)

Encerrando nosso encontro e conversando sobre as artes que poderiam representá-la, Fátima conta sobre as músicas que a acompanharam durante a vida:

Em cada fase da vida da gente, a gente acha que uma música, quando você conhece uma pessoa, de uma certa forma marca a sua vida. Eu, nesses três relacionamentos que eu tive, foram três relacionamentos diferentes e três músicas diferentes que marcaram a minha vida em cada um desses relacionamentos. Me contei. Teve o primeiro relacionamento, teve o segundo relacionamento. Do meu primeiro relacionamento, teve uma música... que eu curti muito com o pai da minha filha, que é uma música do A-ha. É uma música muito bonita do A-ha, que eu não sei cantar, não. Eu não sei cantar ela, não. Do segundo relacionamento, teve uma música daquela banda canadense lá, da Roxette. Também que me marcou muito uma música dela, né? Daquela banda. Marcou muito o meu segundo relacionamento. E desse casamento agora que eu estou, desse último relacionamento, tem uma música do Phil Collins que meu esposo gostava muito. Quando a gente era jovem, que a gente começou a namorar, ele gostava muito, então eu aprendi a gostar muito dessa música também, que ficou muito marcada no nosso relacionamento. Então, sempre que eu escuto essa música, eu falo com ele, “olha, aí! É a nossa música, o nosso relacionamento!”. (Fátima, 54 anos, mulher cis, heterossexual)

Convidando a pensar em uma música que represente a si para além dos relacionamentos, ela conta:

Ah, tem. Essa aí eu vou te contar. Essa aí eu vou carregar para a vida toda! [risos]. Tem uma música do Ritchie, Menina Veneno. Nossa, mas toda festa que eu vou, até hoje, depois que eu parei de beber, que eu vou no churrasquinho, que às vezes alguém está com a música, o som ligado lá. Aí as meninas já sabem, né, a turma, que é minhas amigas. Ah não, passa aquela música sua lá. Eu falo assim: “ó, eu não tô mais no mundo, mas a música ainda tá aí. Então pode passar, que essa

música eu adoro” [risos]. Aí passa a Menina Veneno. Ah, menina do céu, é muito boa! Da minha época de juventude, sabe, eu morava em Vitória da Conquista [Bahia]. E na época em que eu morei lá, o Ritchie, ele foi cantar lá em Vitória da Conquista. E como eu era de menor, eu não pude ir na rádio onde ele foi cantar. Então aquilo me marcou muito. Eu gostava da música demais. Eu falava: “gente! O dia que esse cantor vir aqui em Conquista, eu vou no show dele!”. O dia que ele foi, eu não pude ir. Não tinha ninguém pra me levar. Entendeu? Não tinha ninguém pra me levar, que eu era de menor. Então marcou muito minha vida essa música, muito mesmo. As músicas, sim, essas músicas do mundo, que o pessoal fala que é do mundo, né? Mas na época, pra mim, que eu era mundana também, como diz o povo, né? Que eu era mundana, essas músicas me marcou muito. Hoje tem louvores, né? Tem muitos louvores que você canta, que te agrada, que você sente uma paz, né? Que marca, que começa a marcar sua vida e sua nova caminhada, né? (Fátima, 54 anos, mulher cis, heterossexual)

Sobre memória e marca, resume seus aprendizados como uma constante da vida, independente de como vivenciou anteriormente e vivencia atualmente sua espiritualidade:

Então vai te marcando no início, vai lá mais na frente, daqui alguns anos, e falar: “nossa, quando eu ouvia esse louvor a primeira vez, eu sentia uma paz!”, igual essas outras músicas aí, que eu ouvi há 20, 30, 40 anos atrás, né? Que me marcou, e que eu não consigo esquecer. A gente não esquece, né? Nada que passou pela sua vida, de bom ou de ruim, você esquece. Fica sempre um aprendizado, né, para a vida toda. Ou que seja de uma coisa que foi para o seu bem, que te fez crescer para o bem, ou se foi uma coisa que te magoou, que te machucou também, você aprendeu com aquilo ali. Você cresceu e aprendeu com aquilo ali! (Fátima, 54 anos, mulher cis, heterossexual)

Encontro 10: Fab

você é assustadora

estranha e bela

uma mulher que nem todo mundo sabe amar

(For Women Who Are Difficult To Love - Warsan Shire, 2017)

Conheço Fab por mediação de Lana, que também participa da pesquisa. Amigas de adolescência, compartilham histórias em que citam uma a outra em perspectivas de amizade e admiração. Encontro com Fab virtualmente em um início de noite. Enérgica e falante, se narra com apropriação de sua história.

Se nomeia como Fab, redução do nome Fabiane. Tem 28 anos. Mulher cis, bissexual. Capoeirista. Biomédica e pós-graduanda em microbiologia. Experiencia a espiritualidade nos enlaces com religiões de matriz africana, com ênfase no candomblé. Amante do cuidado do seu cabelo. É artista declarada: "eu pinto e escrevo. Pinto não, né? Futuramente vou pintar. Eu desenho e escrevo poemas, geralmente, mas agora estou fazendo um diário sentimental onde tudo que eu sinto eu escrevo nesse diário. E ele é desde 2017".

De família negra, em que o pai é um homem negro retinto e a mãe mulher negra de pele clara. Conta que a consciência racial e política que tem hoje foi construída ao longo da vida, fora do círculo familiar. Ligada aos territórios em que vive e viveu, conta que é e cresceu na região de Venda Nova, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Em 2022 se muda para o bairro Concórdia, na mesma cidade, pela riqueza e tradição em cultura e espaços pretos no município.

Sobre a autodefinição, fenotipicamente se descreve:

Sou mulher preta, não retinta, mas também não com a pele tão clara. Meu cabelo é crespo, com as pontinhas alaranjadas. Meu lábio é médio. Meus olhos são castanhos. Grandes, redondos. Meu nariz achatado. Meu lado de esquerdo é melhor que o direito. Sou muito bonita. Tenho lindas tatuagens feitas com a minha melhor amiga, que tem traços finos. Minha estatura é média. Eu sou uma pessoa magra. É... Eu acho que é isso. Estou sempre colorida e com brincos. (Fab, 28 anos, mulher cis, bissexual)

No processo da passagem da adolescência para a vida adulta, conta dos encontros que favoreceram sua construção de identidade e autoestima. A Internet foi uma ferramenta importante:

Eu também comecei a conversar com muitas pessoas na internet. É verdade! Nesse período eu comecei muito a conversar com pessoas na internet! E aí eu conheci uma menina chamada Marcela e ela tava na transição capilar. Aí o cabelo dela parecia um Sol. E eu falei, meu Deus, que lindo esse cabelo! Ela falou, “cortei o cabelo e agora estou deixando ele crescer naturalmente”. Ela era de São Paulo. (Fab, 28 anos, mulher cis, bissexual)

Ter acesso a pessoas fora do círculo social presencial, abriu possibilidades novas de simbolizações e apostas, como conta de Marcela e a descoberta do que era transição capilar, que se inspirou e iniciou pouco tempo depois. É difícil sonhar e concretizar possibilidades do que não vemos. Enfrentou resistências da família na decisão de deixar seu cabelo crescer naturalmente, sem alisamentos:

E aí minha mãe e meu pai falavam que não iam me dar dinheiro se eu continuasse com isso. [...] E aí eu estava no curso técnico [de análises clínicas], então eu podia estagiar, então eu escolhi um estágio remunerado, que não era na área que eu queria. O que eu queria era ficar em laboratório, na bancada e fazer análise, mas o único que pagava era na coleta. Então eu fui lá e entrei para um estágio da coleta e aí um dia eu acordei e cortei meu cabelo. Deixei ele crescer por curtinho. E esse dia foi muito legal. (Fab, 28 anos, mulher cis, bissexual)

Autonomia sobre o próprio corpo, em muitos casos, também passa pela independência financeira: o custo de apostar na autenticidade de ser quem se é, nem sempre vem acompanhado de louros, mas também de déficits que vão do material ao campo subjetivo, como o acolhimento da rede de apoio:

Eu acordei e falei: “chega, acho que tá na hora!”. E aí eu cheguei na frente do espelho e comecei a cortar todos os cabelos lisos. Eu conseguia pegar e... E cortar, né? E ele ficou curtinho, curtinho, curtinho, curtinho. Isso vai fazer 9 anos em novembro, tá? Vai vir as fotinhas esses dias. (Fab, 28 anos, mulher cis, bissexual)

Nos campos de possibilidades da Internet, Fab vai conhecendo nomeações, como a de identificação com sua orientação sexual e como ferramenta para construir contatos presenciais na cidade:

E aí teve esses grupos da internet, conversando, e aí eu soube o que é bissexualidade, e eu falei, “olha, eu acho que eu sou bi”. E aí eu começo a dar umas paixonites ali por algumas colegas de sala, outras ali. Só que eu estava passando todo o processo da transição. E aquela tensão toda que eu tinha com o cabelo alisado, eu estava perdendo aquela... Eu perdi aquela tensão, só que aí também acendeu a faísca da consciência racial. Porque muita gente preta parava na rua e falava: “nossa você é muito corajosa!”. Nisso, tipo algumas frases sobre racialização, aí eu comecei a pesquisar sobre. E pesquisar sobre, só que ainda bem triste. E aí eu começo a ver o que é racismo, etc. Entro no grupo [de Facebook] Mulheres Pretas Existem e Resistem. E aí eu crio um grupo de WhatsApp de mulheres pretas de BH. (Fab, 28 anos, mulher cis, bissexual)

Sobre a vida afetivossexual, Fab conta de deslocamentos desde quando iniciou estes contatos e como hoje tem se posicionado:

Eu sempre chamo as pessoas pra sair. E aí eu falei: “não, agora eu quero que as pessoas me chamem pra sair”. O que diminuiu bastante minhas saídas. Mas... Tá sendo legal. Tá sendo legal as pessoas me levarem pra onde elas querem ir. Ou falarem: “a gente pode fazer tal coisa”. Eu falo “tá bom!”, porque antes eu tinha que chamar as pessoas para sair. Eu tenho que definir as coisas. Parece que eu tenho que organizar tudo. E eu tô cansada de organizar tudo. Eu já tenho que organizar casa. Tenho que organizar o trabalho, tenho que organizar também os encontros. E aí eu tô deixando as pessoas chegarem em mim. Não estou chegando em ninguém. Não, ‘ninguém’ é forte. Não estou chegando... em todo mundo. (Fab, 28 anos, mulher cis, bissexual)

Rememora uma decepção amorosa que influenciou em suas produções artísticas: conta que conheceu Daniel - nome fictício, homem cis branco -, em um aplicativo de relacionamentos em 2016. Nesta época Fab estava cursando a graduação e ambos estudavam no mesmo campus da universidade. “E a gente começou a se encontrar muito, só que eu achei ele chato. Só que, tipo, minha carência... Ai, que bronca. Minha carência fez com que eu continuasse”. Não tinham pactuado sobre o que era a relação que tinham.

Conta que foi convidada por ele para uma festa de Ano Novo, que foi acompanhada por um casal de amigas que já estavam reunidas anteriormente. “Só que ele tava muito bêbado quando eu cheguei, muito bêbado. E aí eu lembro que ele falou: “ai, senta aqui no meu colo”. Ela disse: “Não, obrigada”. Ela observou que ele estava olhando muito para uma mulher branca, e um tempo depois, apenas os dois sumiram da festa e a casa tinha um cômodo com a porta fechada. “E eu lembro que tinha uma mulher chamada Paula [nome fictício] e ela olhou pra mim, uma cara tão de dó!”. O casal de amigas retiraram Fab da situação e foram para casa, falando que ouviram gemidos sugestivos de um momento sexual que seria de Daniel com a mulher branca.

Elas chegaram em casa, o casal se ausentou e ela ficou sozinha:

[Fab] Eu coloquei Solange. Aí tinha um cigarro de maconha. E eu lembro que... na pesquisa que eu li, que maconha apagava a memória recente. E eu falei... Então tá. Aí eu fumei o cigarro inteiro. [...] Só que eu tava muito triste, eu tava muito triste, eu tava extremamente triste. E aí eu liguei pro meu irmão e falei: “vem me buscar, pelo amor de Deus!”. Aí meu irmão me buscou. Aí no outro dia eu fui pra casa do meu avô, etc. Aí no dia 2 de janeiro eu escrevi os Três Poemas da Tristeza [...] porque é um poema da tristeza, do desgosto. Um sobre o amor, esperança e felicidade. [...] Então, eu prefiro não sentir a felicidade, porque é horrível quando ela vai embora. Só fica um vazio, dor e sofrimento, que o amor é a propaganda enganosa mais difundida de todos os tempos e que é só contemplada por algumas pessoas, pelos escolhidos, e que a maioria nunca vai sentir isso, e que a esperança é algo venenoso, e que é importante sentir esperança, só que se você sentir demais, você vai ser enganado e vai ter uma das piores decepções.

[Camilla] Isso é uma coisa que você concorda hoje?

[Fab] Não. Tirando a felicidade, a felicidade meio que...A felicidade ainda me pega. Mas do amor, eu racializei o amor. (Fab, 28 anos, mulher cis, bissexual)

E gentilmente Fab compartilha e permite a reprodução de sua escrita:

E infinita, resta

A esperança,

rainha de expectativas insanas,

Amiga de um futuro distante,

pouco provável,

doentio,

imaginário,

vazio.

Ela é um bom combustível,

Mas exige controle.

É difícil viver com ela,

Como é difícil viver sem ela.

É uma faca de dois gumes

Pronta para estraçalhar seus sonhos,

A sua realidade, sua vida.

Ela controla sua mente

e desdenha por meios de devaneios bobos

Que a potencializa e assim forte

Infinita, resta para destruir tudo que você foi, é e poderia ser

A desilusão é pior que a morte em certos casos

Ela vai te arrastar para os locais mais escuros de sua mente

E fazer com que implore para parar até adormecer

Como qualquer pesadelo, um dia você acorda e

tudo será esquecido até sentir novamente

E recomeçar o ciclo de dor e sofrimento

A Felicidade

Decidi que não quero ser feliz
Comecei a evitar a felicidade
para não notar o contraste da minha vida
Com ela e sem ela.
Virei carcereira de sentimentos.
Não deixava exalar nada.
Mas a felicidade é tóxica
Difícil de conter
Muito fácil de se envolver
E quando ela vai (Ela sempre nos deixa)
Sobra o vazio, uma saudade
Uma espécie de ansiedade
A sua abstinência quase me mata
As vezes, desejo a morte
Do que ser atormentada pela sua sombra
Seu preço é muito alto
Eu não consigo pagar com tanto sofrimento
Tanta dor e perda
Estou incrédula de mim mesma
Por ainda pensar que poderia ser feliz
Sem sentir o peso depois

Em nome do amor

O amor é o sentimento mais mesquinho que existe

Ele é egoísta e perverso, não apenas com os amantes

Também com as pessoas ao redor

Ele destrói, prende e causa dor

Seu rastro de sofrimento é disfarçado pela felicidade

Ele é o Santo Graal, só sentida pelos escolhidos

A propaganda enganosa mais difundida de todos os tempos

Ele é a ruína de pessoas

É responsável por perdas de vidas, do respeito e da confiança

Chegou a tal ponto que por amor se pode tudo

Pode desprezar alguém, se for em nome do amor

Pode abandonar alguém, se for em nome do amor

Pode trair, se for em nome do amor

Pode roubar, matar, enganar em seu nome

Em nome do amor, tudo é perdoado

Porque foi para ele, por ele, em nome dele

Ele pode tudo, é superestimado demais, poderoso demais

Para um sentimento que precisa de pessoas imperfeitas

É uma infecção generalizada que é banalizada

E destrói seus hospedeiros e seus corações.

(Fabiane Araújo, 2023)

Para além da própria escrita para se autodefinir, Fab cita um trecho da poesia *For Women Who Are Difficult To Love* de Warsan Shire (2017) “você é assustadora, estranha e bela”, refletindo sobre sua potência positiva em ser mulher, entretanto, como cita a poesia “uma mulher que nem todo mundo sabe amar”. Nem todo mundo pode saber como amá-la, mas demonstra o amor que sustenta por si através de seu autocuidado e edificação de sua autenticidade, vem de maneira explícita e energizante.

Fab parece gingar autenticamente na vida e nas relações afetivossexuais tal como na prática e ética da capoeira: dança, jogo, mandinga, luta e resistência!

Capoeira é legal. A Capoeira Angola me fez ver a luta na capoeira. Eu amo lutar a capoeira. Eu amo jogar capoeira, mas lutar capoeira... E às vezes a gente entra numa roda mais para jogada que é para lutar, mas às vezes quando é luta é muito bom. [...] Depende da pessoa que você está jogando. E aí na luta você quer acertar a pessoa. Você quer realmente dar o golpe. E a Capoeira Angola eu acho que é a coisa mais linda porque ela tem a mandinga, ela tem a ginga, ela parece uma dança. E você está lá rodando com outra pessoa etc. E ela precisa dessa magia que ela tem. O golpe dela não pode parecer que é um golpe. Ela tem que fingir que é um movimento de dança. Você tá lá, seduzindo a pessoa, aí quando a pessoa vai, você vai com o golpe e sai. E é muito doido que às vezes nem acontece o golpe, mas você coloca um pezinho ali e sai. As pessoas que já entendem, já sentem que aquilo ali é um golpe, aconteceu um golpe. (Fab, 28 anos, mulher cis, bissexual)

Encontro 11: Virgínia

Deixa um pouquinho pra ler amanhã
E diga o que entendeu de mim
(Rico Dalasam, 2020)

Virgínia, nome fictício inspirado em Virgínia Bicudo (1910-2003): socióloga, psicanalista negra, célebre pesquisadora nos estudos sobre racialidade e destacada

movimentos de difusão da psicanálise no Brasil. Virgínia escolhe pelo anonimato. Conheço-a por meio de divulgação da carta-convite em círculos de psicologia.

Virgínia tem 27 anos. Filha de família interracial, em sua leitura, a mãe é negra e o pai branco. Quanto a classe, diz que é “pobre, de classe média baixa”. É psicóloga social e clínica, bastante envolvida com pautas políticas, interseccionais e no cuidado com a profissão.

Nascida e residente em cidade interiorana de médio porte, conta dos atravessamentos e pertencimentos à sua cidade, e como o território dá a tônica de um pensamento coletivo sobre relações afetivossexuais:

Uma cidade muito tradicional, uma cidade muito cristã, muito religiosa também, então tem assim, muitas homenagens a figuras religiosas, nomes de santos, isso é muito presente aqui. E eu tô falando isso porque isso fez presente na minha construção. Fui uma criança católica, frequentei muitas práticas religiosas, grupo de oração, grupo de jovens. Isso não se mantém depois que eu comecei a... Eu acho que depois que a gente começa a estudar psicologia, a gente vai se distanciando de algumas coisas, ou por não se identificar ou por questionar. E aí eu me distanciei bastante da religião e comecei a entender também qual que era essa relação que eu tinha estabelecido. Hoje eu entendo que foi totalmente influenciado pela minha família. Eu acredito que exista algo que possa ser rede de apoio, não sei se é um Deus, sei lá, seja uma entidade, mas não compactuo o que a religião católica tem como estilo de vida. Só que isso já fez muito sentido para mim, impactou bastante a minha forma de relacionar afetivossexualmente, sabe, Camilla? Já quis muito casar na igreja de véu e grinalda, virgem, um relacionamento santo e por aí vai. E assim, a forma de eu me relacionar com os homens também assim tinha dificuldade: de relacionar com pessoas que eram de outra religião. (Virgínia, 27 anos, mulher cis, heterossexual)

Tece sua narrativa com centrimento nas atividades educacionais e culturais, cenário de descobrimentos e elaborações sobre si e o mundo. Conta que chegou a fazer três períodos da graduação em Direito, não se identificou e pediu transferência para Psicologia. Se formou em sua cidade, embora tivesse a oportunidade de estar em faculdades privadas da capital pelo ProUni e em federais em outros estados, mas por questões financeiras prossegue seus estudos de graduação em seu território: “naquela

época, os meus pais não acreditavam que a gente tinha auxílios, né? Auxílio-moradia, auxílio-alimentação. E como eu não tinha dinheiro e eles não estavam dispostos a poder me ajudar a pagar, então eu estudei aqui mesmo”. Marca a percepção sobre a educação na cidade: “mas sou muito grata pela minha formação, eu tive professores muito bons que me incentivaram a participar, a produzir e por aí vai”.

Por que que eu tô frisando assim bastante da faculdade? Porque foi na faculdade que, na verdade, eu sempre tive, assim, as minhas vivências sempre me lembraram que eu era uma pessoa preta, né, assim, seja pelo outro dizer ou me relacionar àquilo que a negritude toda representava, ou foi, sei lá, pela falta de vivências, e eu comecei a associar aquilo dali. [...] E fui assim, cada vez me distanciando, assim, dessas pessoas e cada vez me aproximando dessas pessoas que eu encontrava, assim, nos eventos. Então, a minha construção enquanto uma pessoa negra preta, né, ela se deu, assim, a partir desse emparelhamento, assim, dessa semelhança com o outro, até porque a psicologia teve muito presente, assim, na minha vida, assim, acho que eu fui deixando algumas coisas para trás, que agora eu falo mais em questão da afetividade. Eu me preenchi assim, enquanto estudante, e fazendo aquilo que eu queria fazer, e ser reconhecida por isso. (Virgínia, 27 anos, mulher cis, heterossexual)

Esses preenchimentos de seus interesses pessoais, profissionais e coletivos, vão fazendo suplência às relações afetivossexuais:

E aí a minha vida afetiva foi ficando mais de lado, porque não aparecia as pessoas, e sempre me propus a relacionar com homens, mas acredito que se eu tiver vontade de me relacionar com uma mulher, eu vou acolher esse desejo. Mas hoje em dia, eu sinto desejo por homens, e aí como esses homens não apareceram, eu ia me preenchendo com essas outras vivências assim, né, eu me sentia nesse local. E aí isso óbvio que não me trouxe um, como que eu vou dizer, um arcabouço assim no sentido de me relacionar, né, tem muita dificuldade de me relacionar, assim, de compreender os sinais, assim, é... de entender o que aquela pessoa está querendo me dizer, se ela está afim, se não está. Porque isso não foi uma coisa que eu trabalhei muito durante a minha adolescência. Eu sempre cresci com muitas pessoas brancas, então assim, na época minha da adolescência, eu não era

o alvo do afeto dos meninos, eram sempre as minhas amigas, elas sempre namoraram, elas sempre tiveram alguém. (Virgínia, 27 anos, mulher cis, heterossexual)

Crescer em uma comunidade em que brancos não se racializam, traz reflexões ressignificadas da infância e adolescência no advento dos processos de tornar-se negra e adulta:

Eu sempre tive uns *crush*, naquela época não falava *crush*, em alguns meninos, mas assim, hoje em dia eu percebo assim: “nossa, jamais que esse menino iria me beijar!”, o menino da escola não ia me beijar. Hoje em dia eu percebo, não que eu não merecesse, mas por ser branco, é, branco, privilegiadíssimo no último grau. E assim, e aí acabava que sempre uma dessas minhas amigas beijava esses caras. E naquela época eu não tinha muita noção. Isso não me entristecia, porque eu era uma pessoa que participava de muitas atividades. Então eu era do teatro, daí eu participava da dança, que não sei o que que tem. E aí eu acho que isso de alguma forma me preencheu até um momento que eu tive a consciência disso, né? Que veio assim, tem pouco tempo, menos de cinco anos que essas coisas já não me preenchem mais, porque eu quero um afeto, eu quero um chamego. E aí fui vivendo, vivendo, essas ficadas assim. (Virgínia, 27 anos, mulher cis, heterossexual)

Virgínia demarca o que deseja atualmente em relação às parcerias afetivossexuais, amorosas. Entretanto, junto às expectativas vem a transmissão de certa desconfiança e descrença de concretização:

Eu queria ter um relacionamento afrocentrado, monogâmico e assim, não digo, tipo assim, ter uma cerimônia religiosa de casamento, mas que a gente pudesse ter uma oportunidade de, sei lá, de celebrar, de ter algum tipo de rito também se eu tivesse, se essa pessoa também tivesse esse desejo que eu tenho, né? Porque eu quero. Eu quero construir uma família, quero ser mãe, mas esse desejo é um desejo que não depende só de mim. Então assim, precisa encontrar uma pessoa que os nossos desejos se encaixem. E aí até então eu não tô encontrando. [...] Eu acho meio arriscado, Camilla, eu falar que... eu gostaria muito que isso acontecesse.

Mas eu acho complicado afirmar se isso vai acontecer ou não. Primeiro que essa minha vontade pode mudar. Eu tô falando isso hoje. Hoje esse é o meu desejo, é de viver um relacionamento afrocentrado, monogâmico, que eu possa conviver com essa pessoa, sei lá. Não necessariamente preciso dar um nome de um relacionamento, de um casamento, mas a gente pode tomar uma união estável, e por aí vai. Hoje eu quero isso, mas pode ser que depois eu não queira mais e pode ser que eu não encontre uma pessoa também que queira estar comigo nessa condição. Existir deve, não é possível nesse mundo com milhões de pessoas, deve existir alguém que queira, mas eu não posso afirmar que eu vou encontrar também essa pessoa, porque nesse encontro também pode acontecer várias coisas que vão fazer com que essa pessoa se distancie. Eu já fui muito afim de uma pessoa e quando ela me falou que usava cocaína, eu não quero mais, entendeu? Tinha todos os pré-requisitados, ah, eu tô em redução de danos de cocaína. Aí morreu, entendeu? Então assim, não sei. Eu gostaria muito que acontecesse, porque eu acho que todo mundo merece um lance, um chamego, alguma coisa, né? Mas se não acontecer, também não faz o quê? Vou obrigar você vai ficar comigo? Foda. É foda. (Virgínia, 27 anos, mulher cis, heterossexual)

Sobre os movimentos de autocuidado, observa que pós formatura da faculdade no período da pandemia de COVID-19, teve mais tempo para repensar nos seus modos de vida, principalmente em seus gostos. Faz atividades de seu interesse sozinha, caso não tenha desejo ou encontre companhia. Ligada a música brasileira, frequentemente transita na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, para estar em atividades musicais. Consome conteúdos que gosta na internet e reflete sobre a qualidade e direcionamento:

E assim, eu, às vezes, tenho alguns vídeos que questionam muito o algoritmo das nossas redes sociais. E quando eu abro o Instagram e vou naquela página de pesquisar, hoje em dia eu percebo que aparece muito conteúdo de pessoas pretas lá. E isso é muito bom, então é possível que eu tô consumindo mais conteúdo negro, né? (Virgínia, 27 anos, mulher cis, heterossexual)

Segue dizendo dos gostos e cuidados no seu cotidiano:

Eu vou pra academia porque me faz muito bem fazer atividade física, né? É questão de qualidade de vida, né? E se isso reverberar numa estética, ótimo, mas me faz muito bem praticar uma atividade física, eu jogo basquete, é... o que mais? Eu estudo, eu gosto muito de estudar, eu gosto muito de estudar. [...] Ah, eu gosto de estudar relações éticas e raciais. Gosto muito de estudar sobre isso. E aí, gosto muito de escrever. Então eu sei que o edital da UFMG tá pra abrir. Preciso me organizar pra poder passar nesse negócio. [...] É... Mas, assim, gosto muito de escrever... Às vezes eu me arrisco a escrever alguns poemas de algumas coisas que eu vivo, né? Gosto muito de cozinhar... Gosto de estar com as minhas amigas, assim... Gosto muito de ir pra roça com a minha família. A gente tem uma rocinha... Eu gosto muito de ir pra lá, ficar com a minha cachorra... É... Eu já falei de cozinhar, né? Eu gosto de cozinhar. Gosto muito de explicar as coisas assim. Gosto muito de ficar nessa posição de explicar o que eu sei falar. As pessoas me perguntam, eu falo assim: “ah não, te explico com boa vontade”, eu fico lá três horas e a pessoa só me escuta, e eu falando, eu falando, eu falando. Gosto muito de explicar, não sei se explico, se tenho uma fala assim, didática, mas gosto. Então preciso também melhorar nisso, porque eu também nunca perguntei. Gosto muito de dirigir, amo dirigir, amo dirigir. (Virgínia, 27 anos, mulher cis, heterossexual)

Virgínia lista a qualidade das atividades, acessos materiais e subjetivos que possui, refletindo criticamente que não é uma realidade comum entre pessoas negras. Prossegue marcando, que embora tenha tais possibilidades na realidade concreta de seu viver, o campo das relações afetivas destoa:

E assim, Camilla, assim, vai chegar na reta final e aí eu fico lembrando as coisas que eu disse, né? E é meio que como se eu chegasse na conclusão de que eu tô numa posição muito privilegiada em relação à maioria das pessoas pretas, assim. Mas isso que eu vivo não é um privilégio, né? É um direito. Eu acho que todo mundo tem o direito de fazer uma faculdade, de estudar um idioma, de poder fazer uma atividade física, de comer bem, de se alimentar, de ter esse poder de deslocamento, seja no transporte público, seja no veículo próprio, porque acho que em BH não é vantagem nenhuma você deslocar com o seu próprio veículo ou do trânsito, que é infernal, né? Mas aqui na minha cidade isso é super possível. E

assim, como as pessoas que eu... Por mais que eu seja uma pessoa preta e pobre, eu ainda vivencio uma realidade diferente da maioria das pessoas pretas e pobres assim, do Brasil, né? Mas afetivamente, me acho um fracasso. Eu acho um fracasso a minha vida afetivossexual. Nossa Senhora! É a única parte da minha vida que eu não estou muito satisfeita. Também porque depende muito do outro, as outras coisas dependem mais de mim, entre aspas. Bem entre aspas, porque existe um sistema e por aí vai. (Virgínia, 27 anos, mulher cis, heterossexual)

Questiono sobre as coisas que dependem dela e se Virgínia percebe se há autonomia no panorama das relações afetivossexuais. Ela responde:

[Virgínia] Eu acho que é complicado também falar que tem alguma autonomia, porque todas as vezes foi um outro que escolheu não ficar, sendo que eu também posso escolher não ficar, mas as experiências que eu tive foi sempre esse outro que escolheu não ficar, mesmo eu tendo motivos para não querer ficar também, mas eu continuei.

[Camilla] Por que você continua?

[Virgínia] Eu continuei porque naquela época pra mim tava bom, era o que eu queria. E hoje em dia, depois que passa, que eu olho pra trás, eu percebo assim, na época eu achava que o Ítalo [nome fictício], eu e o Ítalo ia dar muito certo. Só que hoje em dia eu falei, não, a gente não daria tão certo assim, por *n* motivos. Mas é assim, as minhas amigas, elas me chamam de burocrática: “nossa, você é muito burocrática, mas você é muito burocrática, muito burocrática!”. Eu não acho que eu seja burocrática. [...] Burocrática no sentido de me relacionar, sabe? Afetivossexualmente. Que eu tenho muitos pré-requisitos, não sei o que que tem. Olha gente, eu não sou obrigada a beijar um cara que falou que votou no Bolsonaro, mesmo ele sendo um gatão maravilhoso e tudo mais. Então assim, você é muito burocrática. Não, eu não sou burocrática. Eu tenho, assim, eu coloquei esses pré-requisitos e eu tô arcando com a consequência disso. (Virgínia, 27 anos, mulher cis, heterossexual)

Enfatizo a radicalidade entre burocracia e agência. Na pauta é autonomia, se situar diante de seus desejos e valores pessoais inegociáveis de qualidade e acolhimento nas

relações afetivossexuais, bancá-los é resistência. Resistência que tem suas repercussões, que Virgínia descreve como:

as consequências desses pré-requisitos e ser uma pessoa preta, é de eu não ser uma pessoa que vai beijar muitas bocas com frequência. Pelo fato de eu ter colocado esses pré-requisitos e pelo fato de eu ser uma pessoa preta. Pode ser que eu até beije muitas bocas, mas pode ser que eu não vá ter um relacionamento com essas pessoas que eu tô beijando. E aí elas me chamam assim um pouco de burocrática. Às vezes eu penso assim que eu deveria ser um pouco menos rígida, mas se eu sou menos rígida, eu tô abrindo mão daquilo que eu estabeleci como prioridade, então não tem como. Acho que eu já abri mão demais de coisas, eu não quero abrir mão. E tá tudo bem, se eu morrer encalhada, tá tudo bem. Tudo bem. Não, não tá tudo bem, né gente, é óbvio que não tá tudo bem, mas assim, também não vou me sujeitar a qualquer tipo de relação pra poder ter um prazer ali instantâneo e assim esse é o meu estilo de vida e respeito às outras pessoas. (Virgínia, 27 anos, mulher cis, heterossexual)

Considerando toda essa construção de sua vida afetivossexual, ela conta sobre suas expectativas como (não) expectativas:

Eu não tenho, porque, assim, eu acho que essa questão profissional agora é 100% minha prioridade. E assim, se de fato surgir uma pessoa que vai estar comigo nessa jornada, né? É ótimo. Não é essa ideia, não. Nossa, imagina se eu estou no mestrado, estou vivendo em um relacionamento, não necessariamente um namoro, que esteja nessa possibilidade de me envolver, de ter alguém, para ser lá, para assistir um filme, para beijar a boca, enfim. Seria ótimo, mas assim, como que eu vou estabelecer? Eu não sei se a minha faceta de neuroticismo está muito alta, mas como que eu vou estabelecer? Uma expectativa que ela não depende, assim, 100% de mim. Eu posso me movimentar, olha, eu posso tentar conhecer outras pessoas e hoje em dia eu estou bem mais atenta aos sinais de desinteresse, né, de... Não, não tem necessidade de ficar perguntando pro outro porque ele sumiu. Porque ele [Ítalo] sumiu, se ele estava ali presente, se ele sumiu porque ele não quer. Isso é óbvio. E assim, ok, olha, eu quero muito... imagina se eu faço mestrado e encontro, nossa, encontro uma pessoa na faculdade que está lá, ou não. Enfim, ou

que seja aqui da minha cidade, acho que é bem difícil aqui da minha cidade. Mas tudo é possível! [...] Então, assim, se acontecer, eu acho que a gente não deve viver em prol de encontrar um parceiro ou uma parceira. Se essas pessoas, nesses ambientes que a gente se faz presente, seja no ambiente profissional, no ambiente lazer, por aí vai. Se a gente consegue encontrar, ou no aplicativo também, uma pessoa pra estar do nosso lado, ótimo. Mas quando a gente coloca isso como objetivo na vida, pode ser que a frustração vai ser o impeditivo pra nos paralisar diante dos nossos outros objetivos. E foi isso que me aconteceu também. Eu me vi muito paralisada, às vezes, assim, pelo sentimento que me aconteceu depois da questão do Ítalo. Eu me vi assim, nossa, eu me sentia um lixo, um nada. E a gente sabe, os sintomas depressivos, os sintomas ansiosos, às vezes nos paralisam. Então assim, tem que ir de uma forma mais consciente, né? (Virgínia, 27 anos, mulher cis, heterossexual)

Sobre seus sonhos e prioridades, conforme ela já demonstra na interface das outras temáticas, está centrada atualmente na vida profissional e acadêmica. Conta do desejo de fazer mestrado, trabalhar como professora e talvez conciliar com a atuação em políticas públicas, de modo ideal, sendo concursada.

Porque tem gente que faz mestrado, mas não tem esse desejo de ser professor. Eu quero muito fazer mestrado para estar nesse espaço de ensino-aprendizagem. E seria ideal se fosse aqui na minha cidade, porque eu gosto muito da faculdade que eu estudei, sabe? Me sinto muito à vontade quando vou lá. E questões profissionais, eu quero muito ser, eu já sou muito realizada profissionalmente. E não digo isso nem por questões financeiras, é por saber, assim... Obviamente nós não somos perfeitos, em algum momento eu já devo ter feito alguma intervenção errada, não sustentei um silêncio que eu deveria ter sustentado, somos seres humanos e isso provavelmente já deve ter acontecido. Mas eu me sinto muito feliz profissionalmente e eu espero que aumente, na medida que eu consiga avançar nesses meus desejos, nessas expectativas. Quero muito ser feliz e realizada, porque assim eu já fiz outra faculdade e como eu fiz três períodos de direito, né, e a minha vivência na psicologia foi totalmente diferente da vivência que eu tava lá no direito eu ia assim me arrastada pra aula e na psicologia eu ia porque eu gostava muito de estar lá. Então todas as vezes que eu desejo parabéns para uma

peessoa eu sempre falo assim nossa eu desejo que você seja muito feliz e realizada nos seus esforços, porque a gente só tem essa vida pra viver. (Virgínia, 27 anos, mulher cis, heterossexual)

Conta também da conquista de estabilidade financeira como viabilizadora de realização de outros sonhos, como sair da casa dos pais, fazer viagens e ter seguridade quando desejar parar de trabalhar:

Eu estou numa fase da minha vida que eu preciso me estabelecer também financeiramente, né? Porque eu não posso ficar morando aqui com os meus pais, eles já tiveram as jornadas deles, enquanto profissionais, são aposentados. E eu também preciso fazer a minha jornada, né? Eu também não quero trabalhar para sempre, né? Eu preciso investir. Eu também tenho os sonhos para realizar, que dependem da minha questão financeira. Eu quero muito viajar, quero muito conhecer a África, quero fazer um safári, quero ir para a Amazônia. Eu preciso comprar meus livros, eu preciso comprar muita coisa. (Virgínia, 27 anos, mulher cis, heterossexual)

E quanto linguagens artísticas que a compõem e possam representá-la, Virgínia cita o poema ‘Me gritaron negra’ (1978) da poeta peruana Victoria Santa Cruz: “diz muito do que vivi, principalmente na minha infância. Ela no começo fala: “tinha sete anos e algumas vozes na rua gritaram NEGRA. Assim, a gente descobre que é negra a partir do outro, antes cê tá vivendo ali de boas sua vida”, remontando a ideia de que frequentemente pessoas negras se entendem racialmente por um processo de violências várias relacionadas ao fenótipo.

Nestas composições sobre si, ela cita a importância da música e a ligação com os sentimentos que reverberam a partir dela, como o evocado pela obra de Milton Nascimento: bastante ligada ao território em que vive, conta do pertencimento, cultura, natureza e belezas das nossas Minas Gerais.

Encontro 12: Nanda

Liberdade pra nós. Tudo que a gente quer, é viver!

(Desejo Inevitável -Bia Ferreira, 2022)

Nos conhecemos a partir da divulgação da carta convite para participação da pesquisa. Nos encontramos virtualmente. Com a fala calma e cadenciada, referências poéticas e políticas da vida de Nanda, conversamos.

Nanda, apelido de Fernanda, tem 29 anos. Nascida e vive na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Lê a mãe como negra e o pai branco. Tem uma irmã gêmea. Se autodefine como mulher cis preta, pansexual. É psicóloga, atuante e trabalhadora em políticas públicas de diversidade LGBTQIA+.

Se descreve fisicamente e fenotipicamente: “tenho cabelos curtos, cacheados [...] um rosto mais cheinho, com o nariz mais largo, a boca... Como que eu falo? Com lábios médios”.

Conta que se compreender como negra foi um processo:

Eu usava muito o termo, ah, eu sou morena. Esse termo que as pessoas criticam hoje, né, assim, eu falava assim: “ah, eu sou morena, parda”. Mas hoje eu tenho essa coisa de, “estou respondendo questionário? Não.”. Eu entendo na minha leitura, que eu faço, eu entendo que parda é uma pessoa que é preta. Eu entendo isso hoje, mas eu não entendia, eu achava que não tinha nada a ver. (Nanda, 29 anos, mulher cis, pansexual)

No seu processo de adulecer e de construção de identidade, diz que cursar a graduação em psicologia foi um período que propiciou espaços importantes para elaboração e agenciamento de si, em relação ao entendimento de sua orientação sexual e racial e o que fazer com, passando por mudanças no posicionamento e no corpo, como passar pela transição capilar:

E aí, ao longo do curso de psicologia, eu comecei a desconstruir muita coisa da minha vida, do que os meus pais pensavam, do que me afetavam e tudo mais. E aí em um momento eu falei, não, eu vou resistir, contra isso. Se é uma coisa que eu gosto e tal, eu vou buscar formas de lidar com isso. De uma forma que por mais que os meus pais não aceitem, mas eu quero ficar bem comigo mesma. [...] Quando eu entrei na faculdade que eu comecei a deixar meu cabelo natural, mas a parte de

usar progressiva, nossa, era um sofrimento danado. Eu lembro de uma vez que eu fui no salão, minha mãe me levou para fazer uma progressiva. Nossa, o meu cabelo ficou assim, muito pequeno, assim, a moça cortou o meu cabelo quase todo, porque queimou um monte, nossa, foi horrível, horrível. Depois dessa época, eu cresci um pouco, ficava lembrando disso, foi um trauma esse negócio. E aí eu falei, não, eu vou deixar meu cabelo natural e agora eu vou assim, no cabelo natural. (Nanda, 29 anos, mulher cis, pansexual)

Romper com algumas expectativas prescritivas da família e construir suas próprias respostas ao que é ser mulher, propicia um tratamento mais cuidadoso de si:

Ah, então... Lá em casa, gente, na verdade, eu passo por alguns processos de engordar, emagrecer, emagrecer desde novinha. E a minha mãe sempre cobrou muito que, “ah não, você tem que ser magra”, não sei o quê e tal. “Você tem que ter um...”. E aí essa parte de falar de ser magra, ela me cobrava que eu estivesse dentro de um padrão. E aí... eu entendi, eu há um tempo atrás, eu fazia de tudo que estava dentro desse padrão, seja no cabelo, seja na questão de fazer atividade física para emagrecer e usar roupas dentro do padrão mesmo. E aí, num momento eu paro de, eu começo a me questionar e tal, e falo: “não, agora eu vou usar roupas que fazem sentido pra mim!”. E aí eu lembro muito de uma vez que eu fui numa festa de aniversário minha e da minha irmã, e aí eu ia com meu cabelo natural e elas falaram comigo que eu tinha que fazer escova. E aí eu fiz escova, fui de vestido, de salto alto, nossa, e aí foi horrível, porque eu não tava ali do jeito que eu queria, eu tava ali meio que pra agradar o povo que tava falando que eu tinha que ir assim. Então assim, hoje a minha situação em relação ao meu corpo, eu aceito muito mais ele do jeito que ele é, seja no cabelo, seja na questão de estar mais cheinha e às vezes minha mãe fala comigo: “não, você tem que emagrecer”. Eu falo: “não, mas eu tô bem assim, eu não tô doente, eu não tô, eu tô bem assim e eu quero ficar assim”. Então hoje é mais tranquilo, mas já foi muito difícil de tipo assim, de brigar, uma briga, né, com o meu próprio corpo. (Nanda, 29 anos, mulher cis, pansexual)

O processo de tornar-se negra e tornar-se psicóloga, trouxe reflexões sobre intersecções e sofrimentos que seus ancestrais vivenciaram:

E aí eu olhava muito pro meu antepassado, assim, por exemplo, o meu avô, o pai da minha mãe, que era um homem, né, de mais retinto, a minha mãe tem a pele mais escura do que a minha, né, e aí eu ficava meio que lembrando disso. Teve uma questão do meu avô também, que ele veio do Espírito Santo e ele passou por algumas situações que eu não sei direito o que foi, mas que rompeu alguns relacionamentos com a família. Então a nossa família, por parte da minha mãe e da família do meu avô, é pequena, sabe? Eu não sei de fato o que aconteceu, mas aí tem uma questão também, que esse avô meu suicidou e aí eu ficava pensando, hoje eu penso nisso porque eu faço um curso de terapia comunitária que eu dou num roda de terapia num albergue para homens em situação de rua e a maior parte desses homens são negros e aí o meu avô era negro e eu faço essa referência assim sabe porque o meu avô talvez ele não tinha com quem falar é conversar ou tinha mas é na sociedade patriarcal é como se os homens não pudessem sofrer, né, não ter essa coisa assim. (Nanda, 29 anos, mulher cis, pansexual)

Com estas percepções e uma abordagem ético-política engajada socialmente, Nanda costura seus desejos e interesses, como o gosto pela literatura e pelos estudos:

Gosto muito de ler Ryane Leão. Acho maravilhosa. É... Gosto muito também da Rupi Kaur. [Sobre o livro *Eu destilo melanina e mel* de Upile Chisala (2020)] tem uma parte que fala, que tem muito a ver comigo, que fala que quando a gente está triste, a gente, para minha linhagem não funciona sair e encher a cara de bebida, que funciona ficar, se cuidar, comer uma comida quentinha, e eu acho muito lindo isso assim. Mas eu leio coisas de poesia. Essas são as que eu mais gosto, mas eu sempre estou procurando artistas que escrevem sobre a questão do feminismo, sobre a questão das mulheres pretas. Então, eu sempre estou com o livrinho na mão, mas eu gosto muito de ler também coisas sobre saúde mental. Então, livros que contam a história, por exemplo, do Holocausto Brasileiro, livros de sociologia, de ciências sociais, eu gosto muito dessa pegada, assim, também. Então, eu acho que faz parte, assim, quando você conhece um pouco da sua história, e aí quando eu pego uma poesia e falo ali coisas sobre o hoje, eu acho que é interessante conhecer a história também, sabe? Eu acho que isso dá uma mexida comigo também. Ah, na história, esse livro do Holocausto Brasileiro foi

um livro que me marcou muito, porque eu gosto muito de ver, assim, estudar essas coisas, coisas que aconteceram que não foram legais, por exemplo, né, com as pessoas que iam para os manicômios, a forma como iam para os manicômios, como iam, quem iam. Então, eu acho que é entender isso para evitar com que essas coisas voltem a acontecer. Eu acho que é um pouco disso, porque quem ia para os manicômios, por exemplo, eram as pessoas que eram rejeitadas na sociedade. Então, isso me pega muito. Eu gosto de estudar, mas é muito triste. Só que eu acho que é importante a gente estudar para a gente evitar com que essas coisas voltem a se repetir. É importante. Eu acho que não tem isso, igual eu escuto minha irmã falar, “ah não, mas eu não quero estudar isso, é triste”. Mas a vida não é só coisa boa. A gente precisa entender o que aconteceu de ruim na história para a gente não repetir. (Nanda, 29 anos, mulher cis, pansexual)

Como práticas de autocuidado, marca os movimentos de desvencilhar dos padrões convocados pela família; o cuidado com a saúde de modo sistêmico, enfocando o cuidado com a saúde mental - conta que foi diagnosticada com transtorno bipolar e está em tratamento-; o desejo de retomar ao exercício de atividades físicas; a leitura de poesias e o gosto por circular pelos espaços culturais na cidade:

Eu gosto muito de ler poesias, gosto também de passear bastante, então eu sempre arrumo alguma coisa para fazer fora do meu horário de trabalho. Gosto de participar de formações, atividades da cidade mesmo, gosto de curtir um parque ao ar livre. Teatro, cinema, música, show, então eu gosto um pouquinho de cada coisa. Aí em relação à música, eu gosto de escutar muito música MPB, mas eu também gosto de escutar rap. Gosto de festa, então quando eu vou para alguma festa geralmente eu danço. Gosto de samba também. (Nanda, 29 anos, mulher cis, pansexual)

Sobre seus sonhos e expectativas para relacionamentos afetivossexuais, narra:

Eu quero ficar do lado de pessoas que eu possa ser eu mesma, que eu possa ser verdadeira com a pessoa e comigo. Acredito que eu tô nesse processo de perceber as coisas que me fazem bem, o que não faz, e ver o que fazer com isso. Eu gosto

muito, por exemplo, de estar com o Breno [nome fictício. Homem cis, branco, hétero, jovem. Atual relacionamento afetivossexual de Nanda], com os meninos dele, ele tem dois filhos e tal, e é uma coisa que me faz bem. Por exemplo, esses dias eu cheguei e vi o Gui [nome fictício], que é o filho dele, me viu de longe, e ele saiu correndo no meio da rua pra me dar um abraço. São coisas que mexem comigo, assim, sabe? E então em relação... É isso, assim, eu não penso em casar no papel, mas eu penso talvez em morar com ele mais pra frente, mas desde que seja tranquilo, assim, desde que eu esteja assim, me sentindo tranquila pra fazer isso, assim, e não quero atropelar as coisas também. Talvez propor um relacionamento aberto, porque ele sabe que eu gosto de ficar com as meninas também, não sei se com algum outro rapaz, porque isso era uma questão para ele um tempo atrás, mas eu acho que é uma construção e desconstrução constante também. (Nanda, 29 anos, mulher cis, pansexual)

Sobre os outros campos da vida, prossegue:

Em relação ao geral da minha vida, continuar trabalhando na área que eu gosto de trabalhar, que é psicologia social, talvez voltar a estudar. Eu já estou estudando, na verdade, eu faço esse curso de terapia comunitária, né? E aí eu vou formar nele agora em setembro. E aí eu tô pensando em talvez me inscrever para alguma disciplina isolada da UFMG, entrar para algum grupo de estudo, começar a conhecer um pouquinho sobre as pesquisas, mestrado, mas assim, um movimento devagar ainda, assim, de entender um pouquinho. Mas eu tenho pensado nessas coisas, assim. (Nanda, 29 anos, mulher cis, pansexual)

Encerrando com uma representação artística, Nanda cita a música Só por um instante (2016) de Maíra Baldaia, “não se perca da sua própria essência [trecho da música], que eu acho que é muito forte, assim, para mim”.

Encontro 13: Lana

Conheço Lana a partir de trocas e indicação em nossa rede de amigos em comum para o momento da pesquisa. Nos encontramos virtualmente e me deparo com um acontecimento de mulher que fala sorrindo e gargalha, exalando beleza e o “Efeito Lana”

que ela nomeia sobre evocar nas pessoas um movimento de reposicionamento na postura e de ajeitar a aparência no que é possível quando a encontram. Não passei incólume ao seu magnetismo e graça dos fractais de doçura com sagacidade, franjinha e olhos grandes brilhantes perfeitamente delineados.

Neste convite a compartilhar sua história, ela se conta:

Bom, eu sou Lana de Moraes, obviamente, né? Eu tenho os faço 28 anos agora dia 13. Dia 13 julho, canceriana, né? Por isso que eu amei o tema. Eu sou arquiteta e designer de interiores, eu tenho essa dupla formação. Quebrei a barreira aí da transexualidade, entendo dois diplomas de uma vez só. E hoje, atuo como arquiteta mesmo. (Lana, 28 anos, mulher trans, heterossexual)

Sobre a orientação sexual, diz que: “amor, hétero, infelizmente. Infelizmente heterossexual”. Fisicamente e esteticamente, se autodescreve:

Bom, eu sou uma mulher trans negra, vamos lá, de nariz, parece ser feito com cirurgia, mas não é. Amo meus traços negros, grandes olhos, né? E é isso. Meu cabelo, por hora não sabemos realmente como ele é de fato, porque eu sou negra, obviamente, meu cabelo é um black, só que eu nunca tive uma vivência com ele, né? É porque... Essa é porque eu vou fazer dois anos agora, né? Dois anos de idade, transição. Então, anteriormente... É... Sei lá. Nunca tinha cabelo, vamos dizer assim, né? Entende o que eu falo? Sempre curtinho, aquela coisa, né? Enfim. Mais próxima da transição, porque eu comecei a usar muitas tranças, né? É... E ali, quando eu transicionei, eu coloquei o *mega* [*hair*, extensão capilar], mas foi porque eu tive um corte químico, meu cabelo já tava bem grande, eu deixava ele crescer e anelava ele. Só que foi um corte químico porque eu quis parar de usar alisamento. Enfim, fui pro *mega* [*hair*] e foi até hoje. Mas não tem problema também com isso, eu acho que não tem. Isso não fere a minha negritude, sabe? Não tem problema com isso. Pra mim, na verdade, é só mais uma artimanha da mulher negra, sabe? De poder fazer. (Lana, 28 anos, mulher trans, heterossexual)

Quanto ao movimento de compreensão, florescer e desabrochar como mulher, conta do seu processo subjetivo em interface com o social, refletindo sobre os encontros e (não) encontros nos espaços de vida em que circulou:

Então foi isso, né? Saí aí da faculdade, saí aí da escola sem nenhuma experiência, vamos dizer assim. Já na faculdade, que já abre um pouco a mente, pela pluralidade, ainda mais um prédio de arquitetura, né? Tinha contato com mais pessoas, com... Enfim, com homens gays, com mulheres lésbicas. Até então ninguém trans. Eu vou ler: aonde estão? [...] Mas ali o rolê já tá diversificando mais, a faculdade é muita gente, muitos homens, entre os gêneros, mulheres vivendo, é uma diversidade inteira. Então ali eu já comecei a olhar mais pros lados e pra diversidade, sabe? (Lana, 28 anos, mulher trans, heterossexual)

Assim, foi tecendo nomeações para o seu modo de ser:

E aí eu fui meio que aceitando o rótulo de... né, de menino gay, aquela coisa ali, tal. Por mais que todo mundo sempre me olhava com aquela cara e ficar assim: “não acho que é menino não!”, sabe? [risos]. E nunca foi nada forçado, nada estereotipado. Tem até aquela brincadeira da bicha e da menina, da mulher. E sempre era uma coisa da mulher, claro. Não era nem bicha, nem gay. Era uma mulher. Nem pra inventar, sabe? Não é uma drag [queen], é uma mulher! [...] porque eu mesma não tinha essa percepção [sobre ser uma mulher trans], mas era uma percepção externa. E eu brigava com as pessoas que falavam isso, “que falta de respeito!” [risos]. E tenho amigos da época que falavam: “Lana, você é, eu acho que, você é uma mulher trans”. E eu falava: “nossa, que nada a ver!”, sabe? Eu não sabia, eu nem sabia e hoje estamos aí. (Lana, 28 anos, mulher trans, heterossexual)

Nestes caminhos, iniciou sua transição em 2021. Marca como um renascimento em que aniversaria: atualmente tem dois anos de idade. Processo que se iniciou do modo em que relata:

Comecei a partir daí, a hormonização e tal. Porque antes eu apenas era um ser quase que, na leitura de hoje, não-binário. Vamos dizer assim, né? E como, repito,

não era algo forçado, era eu, sempre fui muito autêntica, mas nunca foi nada de ser pro lado ativista da coisa não, era só minha expressão mesmo, eu era assim fofa, sabe? E tava assim, é isso, é isso, é tanto é que eu não sou uma pessoa que sofri muito *bullying*, sabe? A longo da vida, porque não tinha o que falar de mim, sabe? Tipo, eu era uma *nerdzinha*, fofinha e tal, então... Vai brigar comigo pra quê? Sabe? Me deixa quieta aqui, como eu sou da parte criativa, né? Então, eu fiquei assim, “ah, é só artista mesmo”, sabe? (Lana, 28 anos, mulher trans, heterossexual)

Nisto, reflete como este modo fluido de expressão repercute atualmente como passabilidade trans. Este termo é entendido como situações em que “pessoas que são assignadas como sendo de um sexo quando nascem e, em diferentes momentos de suas vidas, intencionalmente ou não, passam por alguém de outro sexo” (Tiago Duque, 2020):

Amor, é... hoje eu tô mais acostumada com a essa passabilidade, né? Nesse termo assim e tal, mas é um rolê que não é tão doce, né, quanto parece, porque é meio que o sonho de quase todas as mulheres trans, né? Ser passável. Só que, gente, eu não quero falar isso como, tipo assim, problema de gente branca. Porque parece como isso. Mas é uma situação que te coloca nessas situações. Do cara achar que está enganando ele. [...] É, não é um mar de flores não porque isso é um pouco sério. É um pouco sério. E tem caras que levam isso a sério demais, por ser o enganado. E sabemos como se termina, pra maioria de nós. Brasil é o país que mais mata em mulheres trans, né? Então, assim... E eu acredito que muitos desses vão por esse caminho, sabe? Por enganar [faz aspas com os dedos].[...] O homem que o homem enganado é um ‘ô dó’, né? (Lana, 28 anos, mulher trans, heterossexual)

A passabilidade também interfere no modo de construção dos relacionamentos, como posteriormente será contado no relacionamento com Batman, parceria afetivossexual, com nome fictício escolhido por Lana. Ela conta sobre a velocidade, qualidade e quantidade nos seus trânsitos afetivossexuais, marcando inclusive a diferença que percebe em relação a amigas negras cis. Cita sua amiga Fab, que também participa da pesquisa.

Então assim, os meus caminhos na vida amorosa são fluidos, sabe? Provavelmente você vai entrevistar garotas aí que não fazem a menor ideia como é isso, né? Bom, uma das minhas melhores amigas, que é uma mulher negra que nunca teve um encontro formal. Ela não sabe o que é ganhar uma flor. E assim, é uma mulher bissexual, nossa, Fabiane é incrível! Ela tem mil relações e tal, explosiva, e tal, aquela coisa toda. Mas o rolê afetivo de fato ela nunca teve. Eu tenho outras amigas também que nunca... Negras, né? Que nunca... Faz a menor ideia que só acompanham e assistem a minha vida amorosa e ficam “uau!”. E é muito curioso porque apesar do “uau”, não tem nada de uau. Nada de uau porque é bem triste a verdade, né? Porque eu não queria ter tido nada disso. Eu queria estar quietinha com Batman numa história feliz pra sempre, sabe? Não é uma escolha, né? (Lana, 28 anos, mulher trans, heterossexual)

Sobre estas (não) escolhas, embora marque que seus caminhos são fluidos, percebe a dificuldade de possibilidade de escolher determinados modos relacionais, diante encontros afetivossexuais com algumas pessoas que vão despertando desejo da “história feliz”, como exemplifica, o querer uma relação monogâmica com Batman. Deste modo, se convida ao autocuidado e autopercepção de centrar elaborações e solitude em si:

Então, tô um pouquinho cansada das relações, eu ainda não desisti de querer ter uma relação, ainda não desisti do amor romântico, nem nada disso. Só que no momento eu me sinto um pouco indisponível. Afetivamente, eu acho, sabe? Justamente por ter sido negada tantas vezes, sabe? E aí vem a parte da solitude, né? Que foram tantos não! E não que eu me... Não que eu tenha aceitado esse lugar de não. Mas é que por enquanto não. Sabe? Me deixa um pouquinho quietinha, sabe? Vocês fizeram bagunça demais, me deixa um pouco quieta agora. (Lana, 28 anos, mulher trans, heterossexual)

Em outros campos da vida, Lana conta sobre *Lana Land*: um mundo colorido, seu *storytelling* pessoal sobre si e sua vida, cenários e personagens.

Eu sou muito da criação, sou muito criadora, então... Tudo vira texto, tudo cria *link* com música... *O Incrível Mundo de Lana*, né? *Lana Land*. Normalmente as pessoas me veem no mundo à parte, sabe? Como se eu fosse realmente uma Barbie. Que vivesse no mundo da Barbie, né? Então, eu acho que esse meio... Essa fuga artística tem a ver também com o meu rolê. (Lana, 28 anos, mulher trans, heterossexual)

Nessa narrativa de cor, beleza e sonho, o espaço do trabalho ganha centralidade: arquiteta e criativa, conta que foi coordenadora de um instituto de arquitetura de alto padrão que passou por atravessamentos diversos na pandemia, em que encerrou as atividades do modo de funcionamento anterior. Atualmente tem seu próprio escritório, em que tem se deparado com sonhos e dificuldades: “tô preocupada pra caramba porque o mercado não é legal pra mulheres negras, ainda mais para mulheres trans negras, né? Tô preocupada, mas vamos!”. Como sonho e possibilidade de enfoque, marca o trabalho de arquitetura voltado para pessoas negras, mulheres e LGBTQIA+, observando “a demanda dos clientes tá legal, tá considerável!”.

Reflete sobre o trabalho como parte da centralidade de sua vida, que por vezes faz suplência ao amor: “porque quando não há amor, há trabalho. Então eu foco todas as minhas energias no trabalho. Então é isso, eu tenho um trabalho como foco, foco máximo”.

A minha vida é amor e trabalho. Eu tenho uma aura de bem-sucedida, mas na verdade é porque trabalho é uma das coisas que sobrou. E eu comecei muito cedo. Eu fui treinada por mim mesma muito cedo. E as pessoas me enxergam, as pessoas romantizam isso, sendo que não é tão legal. Eu trocaria a tour de trabalho por ter uma vida margarina. Sabe? Uma vida cisgênero, padrão, mulherzinha e tal. Trocaria facilmente. (Lana, 28 anos, mulher trans, heterossexual)

Sobre as práticas de cuidado e de conexão consigo, marca o amor como outra parte central da vida, em que se torna quase ritualística: “devoção aos parceiros homens. Então durante esse um ano eu tava me dedicando a eles, a cada um deles”, demonstrando certa frustração.

Em relação aos seus investimentos outros além de amor e trabalho, diz do gosto pela arte, escrita, música e fotografia: ser fotografada e fotografar a vida, algo que marca presença nas redes sociais junto à sua narrativa. Adiciona:

A minha vaidade é um autocuidado, né? Minha terapia é um autocuidado. Querendo ou não, acho que me dedicar também ao meu trabalho também não deixa de ser um autocuidado, porque é a minha empresa, é o meu negócio, sabe? É o meu nome. Então, eu tenho meus autocuidados. Fazer uma carta no dia 12 [de junho, Dia dos Namorados] e botar na internet é um autocuidado, é um desabafo. Então assim, a gata faz as limonadas dela, sabe? [risos] (Lana, 28 anos, mulher trans, heterossexual)

Carta essa que Lana me deixa o convite para leitura e permissão para reprodução nesta construção:

Habitava no Paraíso, em meio a muita fartura de afeto, amor puro e respeito, embora soasse como se faltasse algo. Ao morder a maçã, tudo transicionou em um tão esperado renascer, mas acordei na Terra. Do Paraíso cai, e com medo do novo, andando sempre rememorando a paz e olhando para o alto, segui.

Não bastaram dois passos, para que Terra esbarrasse em mim com seu ar de quem tem pressa, além do seu terno e carro do ano, dos quais faziam com que eu me sentisse apenas só mais uma presa. Lugar aonde não havia tempo e espaço para maiores ilusões, apenas materiais e impessoais negociações. Aqui eu poderia ter tudo o que eu quisesse, menos você, que sei que de algum lugar obscuro, me lê. Perdoe-me por não conseguir estar em meio as suas sombras, ao sigilo maquiado de discrição. Minhas cores, na verdade, nunca seriam submissas aos seus múltiplos tons de preto, de luto em vida, preconceito.

Na busca pelo calor humano, me queimei no avassalador e apaixonante Caos. Ali havia intenso amor, mas também muitas outras drogas, que nem minhas setes vidas que transbordavam paixão, lhe serviram de reabilitação. Por você, derramei as minhas mais puras e sinceras lágrimas, em abstinência, nas suas ausências. Perdoe-me por não conseguir aplaudir as suas malícias e malandragens, tal como

eles. Meu consentimento silencioso, na verdade, sempre foi o abraço que escutava as suas carências.

Desesperançosa, olhando para o céu, me deparei em meio aos fogos de artifício com um herói-nada-alado. De peito estufado e grandes promessas, soava na verdade atrapalhado, sem entender muito bem a importância que eu lhe dava ao meu lado. Perdoe-me por ter acreditado nos seus planos fictícios, ao invés de seguir seu conselho e me olhar no espelho. Afinal, no mundo real, publicamente não era a mim que você queria incessantemente socorrer — ou em tons de azul, entreter.

Sozinha na noite, sua voz grave chegou estremecendo a minha cama, rei, quase de Wakanda. Ao amanhecer, fez de mim sua rainha, mas naquela aldeia de ânimos aflorados, a sua família não era a nossa, a minha. Perdoe-me por não ter correspondido aos seus precoces “eu te amo”. De impulsos eu entendo, e sorria ansiosa olhando para esse dia doze de junho no calendário, embora o vento frio do oceano soprasse que você não estaria nas fotos desse ano.

Enfim, só, me deparei com meu infinito particular. Solitude, com olhar marejado, de quem ainda não desistiu de amar. Esperançosa em sentir novamente aquela paz, da qual só vivenciei no Paraíso, e hoje só resta lembrar. Contudo, para quem renasceu, nada como um dia após o outro, e a minha porta para o novo estará sempre aberta. Pode entrar!

Ah, perdoem-me também, leitores.

Essas longas linhas foram escritas com amor,

Aos meus ex-amores. (Lana de Moraes, 2023)

Fazendo as limonadas dela, narra seus sonhos e desejos:

Claro, estabilidade financeira. Eu acho que é ver no escritório de um modo que ficou linear, né? Eu acho que nem seria assim a famosa ascensão eterna, mas acho

que de uma forma confortável, de modo que eu estou me sustentando com o meu trabalho, yeah, sabe? Então essa linearidade, não é nenhuma ascensão e paz num relacionamento. É pedir muito? Acho que não, né? Mas acho que é ter um relacionamento que há afeto, que há paz, que há respeito, que há um tempinho do qual eu não faço muita ideia de como é isso, sabe? Então é um desejo. É um desejo legítimo. (Lana, 28 anos, mulher trans, heterossexual)

E entre coelhos, flores, fúcsia e verde, unhas em garras estileto, projetos de arquitetura e gargalhadas, enuncia sobre como se posiciona perante a vida em uma metáfora intensa e explícita baseada na experiência de prática de poledance:

Ih! Bom, o poledance é muito significativo, né? Eu acho que é um pouco autoexplicativo também, né? Porque tem a questão da vulnerabilidade, da sexualidade, da vulgaridade, da luxúria. É um local onde eu posso me expressar sem julgamento, porque eu tô ali pra fazer isso mesmo, tu tá vendo, você tá assistindo porque você quer assistir. Então tá fazendo o que aqui? Você não quer, cai fora, entendeu? Então, eu acho que é um lugar disto, se você não quer cair fora, essa frase tá pra muito boa, hein? Ó, analisada, né? Então, assim, se você não quer uma mulher trans, então cai fora, porque eu vou continuar girando lindamente no meu mastro. Se você tá querendo, você tá querendo. Então acho que é autoexplicativo. (Lana, 28 anos, mulher trans, heterossexual)

3 TORNAR-SE NEGRA

Para compreender a complexidade de relações entre gênero e raça, a interseccionalidade com viés com metodológico decolonial serve de ferramenta de crítica política para compreensão da fluidez de identidades subalternizadas impostas a preconceitos, subordinações e opressões que se estruturam na colonialidade moderna. De maneira conjunta trabalha as estruturas racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado e seus eixos opressivos (Carla Akotirene, 2020).

Na abordagem racial, Silvio Almeida (2018) centraliza a tese da estruturalidade do racismo enquanto elemento integrador da organização econômica e política da sociedade. Engendrado em construções coloniais, o racismo estrutural e o conceito de raça se contingenciam em relações de poder, conflito e decisão, tratando se de conceito relacional e histórico.

O racismo estrutural é incidente tanto individual quanto coletivamente nos modos de relação entre as pessoas. Ineildes Calheiro dos Oliveira e Eduardo Santos (2018) afirmam que o regime escravocrata inferiu sobre o julgamento da população brasileira, sobre quem é digno ou não de amor. Diante disto, as escolhas afetivas, embora pareçam estar relacionadas apenas à esfera privada, estão sujeitas ao plano coletivo. Desse modo, ter enrijecido hegemonicamente a imagem de mulheres negras a estereótipos de corpo para trabalho e corpo sexual contribui para que elas sejam as menos indicadas a compor o ‘mercado matrimonial’ e expostas ao preterimento, possibilitando experiências de solidão para este segmento de mulheres.

3.1 Processo de racialização e identidades negras

Se preto de alma branca pra você
É o exemplo da dignidade
Não nos ajuda, só nos faz sofrer
Nem resgata nossa identidade

(Identidade- Jorge Aragão, 1992)

Racializar-se no Brasil não é um processo dado a priori. Nomeações como mestiça, mulata, cafuza, morena, crioula bordejam a racialização de mulheres negras: pretas retintas, negras de pele clara e não-brancas, em detrimento da não racialização da branquitude e seu projeto colonial de apagamento seletivo.

Com base na pesquisa da psiquiatra, psicanalista, pesquisadora e escritora Neusa Santos Souza, descrita no livro *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* (1983/2021), tecemos a travessia da racialização e do deslocamento de ideais subjetivos calcados na branquitude, para a construção de uma identidade que contemple a autenticidade de se localizar na racialidade negra.

A história da ascensão social do negro, é, concomitantemente, a história da construção de sua emocionalidade, esta maneira própria, historicamente determinada, de organizar e lidar dinamicamente com o mosaico de afetos. [...] A emocionalidade do negro é vista aqui como um elemento particular que se subordina ao conjunto mais geral de injunções de História da formação social onde ele se inscreve. (Neusa Santos Souza, 2021, p. 47)

A participante Fátima nos bem escurece a situação, contando de reflexões que tem no encontro com seu núcleo familiar:

[Fátima] Às vezes a pessoa é parda e quer ser branca. Às vezes a pessoa é negra e quer ser parda. Você sabe que é uma pessoa branca, que é uma pessoa negra, que é uma pessoa parda. Que é uma pessoa índia. Igual eu tive um tio que era branco, branco, branco do olho verde. O cabelo bem enrolado. Aí meu pai falava assim, minha mãe falava assim: “Zé é branco!”, que Deus o tenha que já faleceu. “Zé, meu cunhado, é branco. E o irmão dele é pardo”. Eu falava com minha mãe assim: “minha mãe, ele é o verdadeiro negro”. Como diz o povo do interior, né, o nego aço. Ele era branco, do olho verde. Porque é época do gênesis, do gene da mãe que herdou, da mãe do pai, do bisavó, não sei. Mas o cabelo era... Você via que a pessoa era negra! Mas a pessoa se achava branca. Porque tinha o olho verde. É igual falar: eu sou negra? Eu poderia ter olho verde? Poderia. Poderia ter herdado um gene da minha família. Porque tem gente na minha família que tem olho verde. Mas eu ia continuar sendo negra do mesmo jeito.

[Camilla] Então você acha que o que faz negra uma pessoa?

[Fátima] É o cabelo, é a pele, é tudo? Como é que é? Nem uma coisa, nem outra. Isso aí é a aparência da pessoa. Aparência da pessoa. O que faz tudo isso que você falou é a mente do ser humano. Que a pessoa vê que você é negra, você se aceita uma pessoa negra. Mas só que tem pessoa que na mente dela sabe que você é negra. Aí ela chega pra você, olha pra você e fala assim: “ah não, você não é negra não”. Entendeu? A pessoa na mente dela, ela vê você, ela te vê com os olhos que você é negra. Na mente dela ela sabe que você é negra. Entendeu?

[Camilla] Mas por que você acha que fala que o preto é branco?

[Fátima] Só que ela chega pra você e você fala pra ela assim: “não, eu sou negra, eu sou negra, legítima”. “Não, que nada, que isso, ela é negra não, hein”. Isso é a pessoa querer, como se diz, testar o seu autoconhecimento, entendeu?

[Camilla] Entendi.

[Fátima] É a pessoa querer testar o seu autoconhecimento, sua auto-sabedoria, entendeu? Você tem sabedoria daquilo que você é. A outra pessoa te vê e sabe, tem a sabedoria dela. Sabe, mas a pessoa fica naquela ali que “ah, eu vou falar isso não, porque pode ser que eu vou ofender a pessoa. Eu vou ofender a pessoa”.

[Camilla] Ofender? Ofender pra ela ser negra?

[Fátima] “Não, eu vou ofender ela, vou falar que ela não é negra não”. Que isso! Que problema tem, né? E, por exemplo, tem meu esposo [homem branco cis], sempre falava comigo aqui, mas ele falava de uma maneira tão carinhosa, eu brincava com ele também. Ele falava comigo assim, às vezes ele falava alguma coisa, eu reticava, falava assim, a gente falava: “neguinha, neguinha!”. Aí eu falava assim, “ó, isso é racismo, hein, você me chamando de negra, eu não sou negra não!”. Cego aquele que não quer ver, que não quer enxergar. Eu falei, mas é o que mais tem. O que mais tem na face da Terra é cego, que não quer ver. Entendeu? Cego é aquilo que não quer ver, que não quer enxergar. (Fátima, 54 anos, mulher cis, heterossexual)

Pós suposta liberdade advinda da abolição, suposta, pois quais outros grilhões objetivos e subjetivos permaneceram engendrados na existência de cerca de 700 mil pessoas negras e sua descendência posterior “libertadas” com a Lei Áurea em situação de cárcere e diáspora de seus territórios originários? Em que foram abandonadas à própria sorte de sobrevivência sem políticas de reparação e produção de bem viver com dignidade vindas do poder público. Importante salientar que a Abolição, glorificada e contada

hegemonicamente pela branca salvadora Princesa Isabel que assina a Lei Áurea, não libertou todos por ser abolicionista - sempre existiram movimentos de resistência e insubmissão, que inclusive custearam a compra de cartas de alforria - ou por demanda de cuidado e defesa de direitos humanos, mas por resposta às sanções políticas e econômicas por outros países, assim como novas conformações modernas do capitalismo.

Neusa Santos Souza (2021, p. 162) em publicação em comemoração da abolição do escravismo no Brasil, disserta sobre as problemáticas reverberações subjetivas no povo negro, fazendo distinções entre abolição da escravidão: “quer dizer fim de um sistema cruel e injusto que trata os negros como coisa, objeto de compra e venda, negócio lucrativo para servir à ambição sem fim dos poderosos” e abolição da escravatura: “quer dizer aqui fim da humilhação, do desrespeito, da injustiça. Abolição da escravatura quer dizer libertação”. Prossegue tensionando tais diferenças:

Mas será que acabamos mesmo com a injustiça, com a humilhação e com o desrespeito com que o conjunto da sociedade brasileira ainda nos trata? Será que acabamos com a falta de amor-próprio que nos foi transmitida desde muito cedo nas nossas vidas? Será que já nos libertamos do sentimento de que somos menores, cidadãos de segunda categoria? Será que gostamos mesmo da nossa pele, do nosso corpo, do nosso jeito de ser? Será que nesses 120 anos de abolição, conquistamos o direito de entrar e sair dos lugares como qualquer cidadão digno que somos? Ou estamos quase sempre preocupados com o olhar de desconfiança e reprovação que vem dos outros? (Neusa Santos Souza, 2021, p. 162)

Responde aos tensionamentos com lapsos de nossas conquistas e lutas coletivas, enumerando o tempo de abolição e reconhecendo “desse país que é nosso e que ajudamos a construir: não só com o trabalho, mas sobretudo com a cultura transmitida por nossos ancestrais e transformada e enriquecida por cada um de nós”. Reflete sobre lutas para ocupar espaços políticos, luta constante contra o racismo e reconhece que cada vez mais estamos nos amando em nossa diversidade de tonalidades negras (Neusa Santos Souza, 2021, p. 163).

A participante Nanda, bem explicita como se apropriar de sua identidade racial e de suas repercussões enquanto processo pessoal também é político, em uma elaboração que não cessa de se inscrever. Retomando o dito iorubá que transmite “Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje”, nossas ações individuais reverberam

em dismantelamentos e (des) construções no passado, como a ressignificação identitária e os cuidados de si para si e de si para os outros em amplos planos temporais. O cabelo de Nanda não foi tocante apenas a si, mas também no de sua mãe:

Então foi uma construção muito assim que eu comecei de ler, de estudar algumas coisas. Aquele livro da Neusa Santos, Tornar se Negro. Nossa, eu li ele e eu fiquei, nossa, ela está falando coisas que fazem muito sentido. Essas coisas vão me ajudar bastante. E perceber que eu posso ter o meu lugar, apesar de todo o preconceito que ainda existe, a questão de ser uma pessoa LGBT, de ser uma pessoa preta, tem muito preconceito ainda, mas eu acho que a primeira coisa que a gente tem que fazer se perceber, porque se eu não percebo os meus preconceitos, eu não vou conseguir lutar contra eles. E eu acho que todas as pessoas têm algum tipo de preconceito. A gente tem que aceitar primeiro para lidar com eles e não negar. Então acho que é por aí, mas não foi um processo fácil, mas foi um processo que eu percebia, por exemplo, porque a minha mãe, hoje ela usa o cabelo liso, de *mega-hair*, mas no momento que eu deixei o meu cabelo natural, ela parou de fazer química no cabelo dela. Então assim, eu percebi esse movimento, sabe, por mais que ela não falasse nada, mas eu percebi esse movimento. Mas é um processo difícil, eu acho assim. (Nanda, 29, mulher cis, pansexual)

Nos círculos negros, muito se fala e se tece sobre cura ancestral, ligadas a família e a comunidade. É sabido que modos de cura são amplos e cabem toda inventividade singular. A história de Nanda, incita a ideia de que a cura ancestral começa por nós, implicando com frequência o autocentramento para o constante reelaborar e construir o agir. Tal como um lago silencioso, abaixo de sua camada tranquila, pode existir toda forma de vida. Há revoluções que podem operar no silêncio. Não nascemos ou vivemos sós no nosso modo comunitário de vida, por mais que o projeto fragmentário da individualidade moderna nos permeie. Temos testemunhas que resistem no ambíguo sentido da palavra. Quem vê a cura de um, com seu consentimento, pode sonhar e de seu jeitinho de administrar suas medicinas.

Avanço e avante! Requeremos os fractais de alma e identidade que nos foram usurpados individual e coletivamente!

3.2 Identidade e Emocionalidade

Para tornar-se negra, o primeiro passo é racializar a si e seu meio de vida. Identificação que frequentemente passa pela violência racista estrutural e suas tecnologias, como a branquitude se situa como padrão universal de ser sujeito que não se racializa, detentor do saber/poder, relegando a racialização à outridade não-branca, como na realidade brasileira, a população negra e povos originários. Estruturação evidentemente não é sem efeitos subjetivos.

Neusa Santos Souza (2021) propõe com base na psicanálise, a formação da racialização a partir da branquitude que infere sobre os Ideais de Ego:

É preciso que haja um modelo a partir do qual o indivíduo possa se constituir - um modelo ideal, perfeito ou quase. Um modelo que recupere o narcisismo original perdido, ainda que seja através de uma mediação: a idealização dos pais/substitutos e ideais coletivos. Esse modelo é o ideal do ego. [...] O ideal do ego é do domínio do simbólico. Simbólico quer dizer articulação e vínculo. Simbólico é o registro ao qual pertencem a ordem simbólica e a lei que fundamenta essa ordem. O ideal do ego é, portanto, a instância que estrutura o sujeito psíquico, vinculando-o à lei e a ordem. É o lugar do discurso. O ideal do ego é a estrutura mediante a qual “se produz a conexão da normatividade libidinal com a cultural”. (Neusa Santos Souza, 2021, p. 64)

Deste modo, as pessoas negras inseridas na estrutura colonialista da branquitude que tende a construir como Ideal de Ego o Ideal de Ego branco, de modo que “sobrevive imerso numa ideologia que lhe é imposta pelo branco como ideal a ser atingido, e que endossa a luta para realizar esse modelo” (Neusa Santos Souza, 2021, p. 65).

A branquitude, esta conceituada como construção estrutural sócio-histórica que produz um falacioso ideário que consiste em superioridade racial branca em que os sujeitos nesta posição possuem privilégios e acesso a bens materiais e simbólicos, por herança colonial e imperialista, mantidos e reeditados na atualidade nas sociedades calcadas no racismo. Demarca desigualdades raciais advindas de conflitos de poder, cristalizando o lugar do sujeito negro em padrões de relacionamento com sujeito branco em posição de assimetria, sendo como ideal o branco, inserindo o paralelismo entre cor

negra e inferiorização de posição social (Lia Vainer Shucman, 2012; Neusa Santos Souza, 1983).

A participante Ayesha, conta do processo de se reconhecer negra. Ressoando como frequentemente é posto para a comunidade negra, sua identificação passa pelo reconhecimento de violências em sua história. Desalienar-se do discurso da branquitude é uma aposta dura e dificultosa, que convoca em planos materiais e subjetivos, como ela marca:

Eu estou no processo. Eu acho que esse processo começou, bem começou mesmo, na escola, no ensino fundamental, sabe? Eu acho que não, né? Eu tive alguns bons professores que começaram a introduzir isso, e que, depois de formada, na clínica, porque essa questão de racismo e etc. Eu acho que isso é uma pauta nova, não se estudava isso, era um assunto que ficava de lado. Então eu acho que nos últimos anos esse tema foi ganhando espaço, eu fui me despertando para isso, eu acho que a clínica também vai pedindo isso. Mas para mim ainda é muito difícil, assim, de falar sobre isso. Eu acho que eu tenho uma relação, assim, de que ser negro é estar em uma posição, né, ser alguém, de inferioridade, sabe? Então, acho que por isso que para mim é muito difícil ainda. (Ayesha, 30 anos, mulher cis, heterossexual)

Como se reconhecer se o banho narcísico que recebemos da cultura é branco? Ayesha conta da discussão sobre raça ser relativamente jovem em seu círculo, se tratando de uma mulher negra em ascensão social. O racismo é uma problemática edificada pela branquitude. É preciso dar responsabilidade a quem tem responsabilidade, não apenas se deter no sofrimento e na agência que se interfazializa em amplas frentes da vida das sujeitas.

Apontando a responsabilidade nestes conflitos, a psicóloga e pesquisadora Cida Bento (2002, p. 105) propõe a tese do pacto narcísico da branquitude, conceituado como “pacto silencioso de apoio e fortalecimento aos iguais. Um pacto que visa preservar, conservar a manutenção de privilégios e de interesses”. Este pacto baseia-se na proteção dos interesses e defesa de seus iguais brancos e, embora por vezes reconheça a discriminação e disparidade em outros grupos étnicos-raciais, o discurso é de indiferença em relação a tais violações. Para abordar esta relação de proteção entre brancos, a autora utiliza o termo ‘narcísico’ no sentido freudiano de investimento de amor e preservação de

si e de aversão ao diferente, produzindo ligações unificadoras pelo ódio aos sujeitos negros e pelo medo de perder as posições de poder e privilégio que hegemonicamente a branquitude detém (Cida Bento, 2002).

Para manutenção destes privilégios, a branquitude estruturalmente racista se vale de tecnologias de sentido como o "mito negro", que representa o negro como "irracional, o feio, o ruim, o sujo, o superpotente e o exótico", sem contradizer tal lógica como calcada nos interesses políticos, históricos e na amplitude de determinações que sustentam a estrutura de opressão racial (Neusa Santos Souza, 1983, p. 27).

o mito não é uma fala qualquer. É uma fala que objetiva escamotear o real, produzir o ilusório, negar a história, transformá-la em “natureza”. Instrumento formal da ideologia, o mito é um efeito social que pode entender-se como resultante da convergência de determinações econômico-político-ideológicas e psíquicas (Neusa Santos Souza, 1983, p. 25).

Nestas divergências e conectando ao campo das emocionalidades, Frantz Fanon (2008) diz da diferença de tratamento entre as pessoas negras entre pares e brancos, como dimensões duais, reeditando a desigualdade racial introjetada psiquicamente pela estrutura social racista, evidenciado na afirmação em que “arquétipo dos valores inferiores é representado pelo negro” (Frantz Fanon, 2008, p. 160). Isto repercute nas vivências afetivas de construção identitária e do que se coloca a trabalho, como explicita a participante Ayesha, que é psicóloga e psicanalista, refletindo sobre a presença, embora a não participação ativa no espaço formativo sobre racialidade e clínica psicanalítica:

Como ouvinte [participa]. Eu nunca, nunca participei, sabe, de produzir coisas do tipo, não. [...] Eu acho que é interessantíssimo, sabe? Eu acho importante, assim. Não sei por que eu nunca participei de verdade, de nenhum Cartel. Não sei o que falar, sabe? Se é essa iniciativa, se é isso despertar, se é uma defesa, sabe, se é uma recusa de eu não quero mexer com isso agora. Mas eu nunca sentei para discutir sobre isso. Olha, eu vou ser muito sincera pra você, Camilla, que às vezes eu recuso entrar nisso. Eu evito pensar. Não... Tem uma recusa muito grande em mim, assim, de falar sobre isso, sabe? Eu me reconheço como negra. Eu sei que eu circulo por alguns espaços, como o esporte, por exemplo, que eu estou lá, mas que eu não sou dali. Né? Mas que isso me traz uma certa angústia e que eu também

não consigo entrar nessa angústia não, sabe? Eu acho que é uma defesa, sabe? Eu acho que ser negra é uma questão muito delicada pra mim, até pelo meu preconceito, quando eu falo do meu primeiro namorado, né? Que é um homem negro de pele retinta, que eu gosto, eu acho bonito, mas que eu tenho vergonha, eu fico preocupada com o que as pessoas vão dizer. (Ayesha, 30 anos, mulher cis, heterossexual)

Quanto a vivências afetivas que seriam comuns às pessoas brancas, pessoas negras vivem em constante negação em detrimento da opressão do racismo, o que pode ser fator adoecedor. Cita a posição de vigilância dos sujeitos negros, de forma a evitar discriminações e violências. Quando é negada a espontaneidade de ser o que é, a negra em seu referencial branco passa a ter de se impor ou se defender. Carolina fala da experiência afetivossexual de namoro interracial com uma mulher branca, jovem e rica, junto a sua experiência de ser pessoa negra, com experiências *queer* na compreensão de identidade de gênero, estudante em espaços educacionais de prestígio e pertencer a classe popular:

[Carolina] Eu tinha um orgulho dentro de mim de estar andando com uma pessoa branca. É uma coisa que eu falo assim, que eu vejo nitidamente hoje esse orgulho que eu tinha de, sei lá, estar num espaço branco, mas ao lado de uma pessoa branca. Além disso, a segurança mesmo, porque eu sei que as pessoas poderiam, sei lá... Não que elas não me destratarem, mas a possibilidade de elas me destratarem seria muito menor, porque eu estava acompanhada de uma pessoa branca.

[Camilla] Você espera que as pessoas te destratem?

[Carolina] Sim, sempre. Eu tô sempre esperando que as pessoas me destratem. Olha, eu acho que as pessoas me destratem mais por não performar a feminilidade do que por ser preta em alguns espaços. Acho que alguns olhares, algumas coisas assim, vem mais disso. Porque eu já, sei lá, tive tranças e tal, e às vezes eu gosto de formar a feminilidade e eu vejo que o tratamento das pessoas é completamente diferente. Então eu tô sempre esperando que me destratem, em qualquer espaço, aqui mesmo na UFMG, se eu sair ali eu já vou estar tipo assim, já com a cara fechada, já esperando que alguma coisa vai acontecer. Acho que é um momento assim de estar 100% alerta, mas quando eu tô com uma pessoa do lado, com uma

pessoa branca do lado, eu já devo me relaxar porque a possibilidade de isso acontecer seria menor. E às vezes uma sensação de proteção, eu senti que se acontecer, essa pessoa vai fazer alguma coisa por mim. Alguma coisa assim. Então acho que foi um relacionamento muito doido, em muitas formas esse relacionamento interracial que eu tive. Eu sei que houve alguns abusos por parte dela, nessa questão de, por exemplo, ela não sair porque... falar comigo que eu não ia a uns lugares, porque eu não tinha condição. (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)

Transversal na vivência dos sujeitos negros, racismo estrutural perpassando e influi em expectativas sociais de relacionamento, mesmo nas relações familiares, diretamente influenciadoras na construção da identidade. Mostra o rompimento da identificação neutra, marcando com diferença, inferioridade e subalternidade em relação ao branco e branquitude como referencial de definição e de autodefinição do negro (Neusa Santos Souza, 1983, p. 26).

Insubmissas a este panorama, quando o processo de racialização negra acontece e há referenciais positivos, há impulso para o giro na dança da resistência contracolonial de apropriar-se de si, como Fab relembra:

[Fab] Na sétima série, eu encontrei a Beyoncé e aí tem uma mulher maravilhosa dançando e uma mulher negra. E aí eu falo, meu Deus, eu quero ser vista assim. Por que que eu estou sempre triste, sempre cabisbaixa, me sentindo feia, quando tem a Beyoncé? E aí eu solto o meu cabelo, porque a mãe falava sempre que eu tinha que ir com o cabelo amarrado.

[Camilla] E seu cabelo sempre foi crespo?

[Fab] Não, alisado desde os meus sete anos de idade.

[Camilla] Por demanda sua, de sua mãe?

[Fab] Minha e da minha mãe. Eu lembro que eu me senti tão feliz quando meu cabelo foi alisado. Fiquei tipo assim... Uma das melhores coisas que aconteceu na minha vida foi alisar o cabelo. E aí eu jogava ele para o lado, para o outro. Era uma loucura. E aí vem a sétima série, Beyoncé. Aí eu soltei meu cabelo, jogar, joga por aí. Aprendi as coreografias, as músicas. E aí vem... Autoestima. Aí eu começo a tacar o foda pelo que as pessoas pensam de mim. (Fab, 28 anos, mulher cis, bissexual)

Diante da negação do afeto às pessoas negras em detrimento da branquitude, há incidências na autoestima desses sujeitos. Zygmunt Bauman (2004, p. 102) expõe que para construir o amor próprio, é preciso ser amado por outro previamente e que a “recusa do amor – a negação do status de objeto digno do amor – alimenta a auto aversão. [...] Outros devem nos amar primeiro para que comecemos a amar nós mesmos”.

Considerando este perverso panorama, mulheres negras perpassadas pelas várias intersecções sociais, experienciam sentimentos de auto ódio e solidão como repercussão do racismo estrutural. Isto violentamente se exprime através da exclusão social: coloca-se um *apartheid* velado entre negras e a branquitude, marcando por refinados mecanismos racistas tanto o acesso quanto a negação de condições concretas de vida e/ou condições subjetivas de vida e bem viver, como a própria saúde mental: viver em constante tensionamento entre superego, ego e ideal do ego tem como repercussões clínicas como “sentimentos de culpa, inferioridade, defesa fóbica e depressão”, por se depararem com uma estrutura social de “desconhecimento/reconhecimento” (Neusa Santos Souza, 2021, p. 116).

3.3 Estereótipos e Estética

A estética como corporeidade da mulher negra mostrada primariamente pelo fenótipo, é perpassada por diversas representações sociais que naturalizam e atribuem conceitos e estereótipos racistas e machistas. Como bonito, aprazível e desejado está o outro como ideal de branquitude: “o negro é o outro do belo” (Neusa Santos Souza, 1983, p. 29), de forma que “as mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres [...] que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca” (Sueli Carneiro, 2003, p. 30).

A participante Lana (28 anos, mulher trans, heterossexual) relata: “eita lasqueira. Eu fui chamada de coreana. Um dia, naquilo, o restaurante com o branco tentando me cantar, eu falei: “ô, meu anjo, eu sou negra! Você não foi muito bem, né?”. A branquitude precisa criar mecanismos para assimilar uma mulher negra a beleza: é mais fácil atribuir beleza a um pertencimento étnico-racial completamente distinto como justificativa, do que apenas enaltecer a beleza dela como mulher sem racializar de modo racista.

A construção social da mulher negra é nacionalmente corporificada nos estereótipos de mulata e mãe preta. A escritora Conceição Evaristo (2005) faz um

apanhado na literatura brasileira da representação feminina negra quanto a imagem ancorada na história do escravismo, ressalta como padrões que são evidentes nesta produção: mulher negra, mulata como corpo para procriação e/ou objeto de deleite do macho senhor e a mãe preta que abdica do cuidado de seus filhos pretos, causa de piedade por criar os filhos brancos do poeta. As mulheres negras que surgem como infecundas e por tanto perigosas, dotadas de animalidade e sexualidade perigosa, ora por ingênua conduta sexual, desprovidas de desejos e de corpos a serem desejados, ora “mulher-natureza, incapaz de entender e atender determinadas normas sociais” e da negra mestiça, característica do indianismo e romantismo brasileiro, reafirmadores dos ideais de democracia racial (Conceição Evaristo, 2005, p. 52).

Nestes padrões intrincados no imaginário social brasileiro há tensionamentos da identificação e desejo estar nestes estereótipos como possibilidade de acesso e visibilidade, como também há o requerimento e construção de outras representações estéticas e comportamentais possíveis para mulheres negras, o que também atua no tocante à representatividade, seus acolhimentos e problemáticas.

A participante Virgínia rememora as experiências ligadas ao corpo que foram marcadas por hiperssexualização vivenciadas desde a infância:

Sempre muito objetificada, sempre muito objetificada porque, assim, aqui não dá pra me ver, [nos encontramos virtualmente] mas eu sempre tive a bunda muito grande. Em relação, assim, hoje em dia eu me considero ter um corpo padrão, mas a minha bunda sempre chamou atenção, sempre foi algo comentado pelas pessoas. Isso desde criança, eu lembro, assim, de ir pra diretoria, porque eu chorei porque uma pessoa falou que eu tinha a bunda de tanajura. Às vezes tinha teatro na escola e tinha fantasias. O pessoal falava que não precisa colocar mais, porque ela já tem a bunda. Às vezes fantasia de formiga. Então, tem essas memórias. Lembro das pessoas me perguntarem o que eu queria ser quando crescer. Eu sempre falava que queria ser Globoleza. A Globoleza era a representação do meu corpo. Era assim que o meu corpo era visto. (Virgínia, 27 anos, mulher cis, heterossexual)

Em contraponto, Fab traz a perspectiva de não pertencimento a estes estereótipos na adolescência. Nas suposições de resposta ao que é ser uma mulher em formação para um adolescente de sua escola, ele marca a reprodução social que estranha, apontando a

falta de alguns marcadores que a definiriam como mulher no período em que diferenciações de gênero e sexualidade, afetiva e genital, passam a ser pauta coletiva:

Tinha umas mesinhas lá [na escola do ensino fundamental] e eles ficavam sentadas na mesinha conversando. [...] Um dia, esse menino preto chegou pra mim e falou: “por que você não rebola? As meninas da sala rebolam, por que você não rebola?”. “Eu... não sei”. E também tinha os outros meninos falando: “por que seu peito não cresce? Por que você... É assim?”. “Não sei”. (Fab, 28 anos, mulher cis, bissexual)

Na vida adulta, elaborações outras de corpo e subjetividade se constroem e embora em movimento, se assentam na personalidade e identidade de cada uma. Ser mulher é uma experimentação, mas se distinguem os seus sedimentos, tal como um redemoinho d’água, representando a adolescência e início da vida adulta, no acalmar das águas, no fundo sabe se distinguir a água e os materiais do fundo sem tanta dificuldade. Estes sedimentos informam sobre a interseccionalidade e as amarrações subjetivas durante a vida.

A participante Conceição (54 anos, mulher cis, hétero), relata que passou por um período de doença muito intenso: teve câncer de estômago e necessitou de tratamento que passou por cirurgia e medicamentos fortíssimos. O corpo, mediador da vida, reflete e repercute o sofrimento da doença, tomado quase que um território de domínio público habitado pelas palavras de opinião alheia, que inclusive serve de manutenção para opressões estruturais, como a gordofobia. Quantas mulheres recebem elogios por terem emagrecido, independente da situação acontecida e se foi uma escolha?

[Conceição] Eu pesava quase 90 [quilos]. Hoje eu tô com 56. Dei uma engordadinha, tem pouco tempo que eu dei uma engordada. Pouquíssimo tempo mesmo. Eu pesava 50, 52, sabe? Mas... O que eu não estava gostando de mim mesmo, eu sei, porque ficou muito caído. E por mais que a menina me reconheceu outro dia e falou assim: “nossa, você está com os peitinhos assim em cima!”. Eu: “não é boba, tira ele do sutiã para você ver o que é!”. E aí, por mais que você põe sutiã, como ele está muito flácido,

ele escapole para os lados, sabe? Então isso que me incomodava. Agora da flacidez do braço, da perna, isso não me incomoda. Porque eu não sou de usar short. Posso usar uma bermuda. [...] quando eu vou para a praia, eu vou e coloco um biquíni normal, tô nem aí não. [...] o importante que eu falo é que a gente está com saúde.

O cuidado de si é profundamente necessário e essencial para manutenção da vida e do bem viver. Entretanto, como é evidente, há outros enlaces fundamentais como a sociedade capitalista se arraiga em um modelo de consumo. No campo do corpo, cria padrões de beleza, corpo e comportamento que fomentam a sociedade do desempenho: qual a melhor forma que posso parecer hoje, diante do que posso comprar e fazer por mim?

A revelia do bem viver, o capitalismo cria padrões que mudam ao longo de ciclos, tal como o ciclo dos 30 anos: tempo que compreende o nascimento, crescimento e inserção na cadeia produtiva de trabalho, que ao final desse tempo retorna a nostalgia de infância que hoje pode ser comprada, quando eventualmente não pode ser consumida na infância, e performada. Nisto, é possível perceber o retorno à, por exemplo, a cultura da virada do milênio: desde sombra cintilante nos olhos, até os alisamentos e cultura da magreza adornada por calças cintura baixa. Todos acompanhados pela gordofobia e pressão estética.

Estes padrões também ditam caminhos para preferências afetivossexuais: os relacionamentos entram como objetos a serem consumidos e a exibição de posse. Retomando a psicanálise discorre sobre a posição masculina e feminina, não como marcação de gênero, mas de função inconsciente, em que a posição masculina coloca bens e pessoas no lugar do falo, algo é que já fora perdido e que performa fantasmaticamente sua suplência como *objeto* a ser objetificado e possuído (Giselle Wendling Rabelais, 2012). Então, se este padrão é o belo, aprazível e popular na moda e na cultura, pinça-se o olhar para tal *a priori*.

Conceição relata como o corpo foi atravessado pela fala do ex-marido:

Já fui magra. Quando eu era mais nova eu era magra. Depois [sobre o envelhecimento] parece que a gente engorda mais. [...] Quando eu era gorda, ele jogava bastante na minha cara. [...] “Você está muito gorda...”, que não sei o quê, sabe? E a gente passa uns pedaços. Não é fácil, não. E a primeira coisa que ele me

perguntou quando eu cheguei... Ele viu que eu fui emagrecendo muito. Eu falei assim... Eu acho que o tanto... Eu posso até engordar um pouco, mas... O tanto que eu era é meio difícil. Já é meio difícil. Porque eu custei ganhar uns quilinhos, para você ver, depois de quantos anos? Em 2019. Porque eu fiz a cirurgia em dezembro. Agora pouco tempo que eu ganhei uns quilos. [...] Estou bem. Estou bem, hoje eu estou bem.

Pergunto se ela dava importância aos comentários do ex-marido sobre a sua aparência:

[Conceição] Não. Não dava, não. Mas só que era assim, você ia comprar uma roupa... Hoje tem uma menina que vende aqui, aí ela vende *plus size*. Mas tá com cada roupa linda. Eu falo com ela assim: “Gi, na época que eu era gordinha, você não tinha pra trazer essas roupas tão lindas!”. Porque hoje, eu consigo ver, às vezes, umas roupas bonitas que me serviriam. Entendeu? Mas hoje também eu tô bem, porque... Qualquer coisa que eu vou comprar me serve. Se é do meu tamanho, me serve. Entendeu? E... Fico satisfeita. Hoje eu tô satisfeita também. Naquela época eu só ficava assim porque, às vezes... Quando ele me cobrava, né? De que eu era gorda, que não sei o quê. Aí, às vezes, eu tinha até vergonha. Hoje não.

[Camilla] Vergonha do quê? De você, vergonha dele, vergonha do quê?

[Conceição] De mim mesmo, do meu corpo, de mostrar o corpo para ele. Entendeu? [...] Assim, porque aí na hora de fazer sexo, você tem que tirar a roupa toda. Ah, não, eu tinha vergonha.

Não ter uma boa relação com o corpo é essencial para o ciclo do consumo. A gordofobia é uma destas tecnologias de manutenção e ocultação do consumo pelo capital. De um lado se vende fórmulas para alcançar o tal corpo perfeito: jovem, magro e mais próximo à estética branca, e, do outro, entrega o rechaço através do não-acesso: antes Conceição não conseguia comprar roupas de seu tamanho gosto em sua cidade. Hoje consegue acessar com mais qualidade e tranquilidade, por ter um corpo magro. Outro ponto perverso no processo de emagrecimento, é a glorificação da mudança do corpo sem a preocupação com a escolha e a qualidade deste movimento. Não importa se está doente

física, social e/ou emocionalmente, desde que esteja magra e de preferência de aparência jovem e colagenada.

Mesmo com o fortalecimento da autoestima, a maioria das participantes relatam incômodos com a barriga: o ponto focal da identificação de ser gorda como característica indesejada. A ambivalência com o corpo é quase que uma constante na autodescrição e autovalor do corpo das mulheres participantes: tem se aprendido e se apropriado cada vez mais do discurso de autoamor e autocuidado, entretanto, as tecnologias da gordofobia se reiteram cotidianamente. Algumas contam sobre não julgar o corpo da outra pela forma e peso, mas quando chega na própria pele, é difícil afastar o algoz do viés de crítica e insatisfação consigo.

A autoestima fortalecida, considerando as falas das participantes, implica em reconhecer os pontos e a intensidade do que gostam ou não em si com honestidade. Gabriela (31 anos, mulher cis, bissexual) conta que gosta de seu corpo “principalmente quando passo bronze [risos]. Antes eu não gostava, mas eu aprendi a gostar”, mas “o que atrapalha um pouquinho é a barriga”. Ayesha também relata e reflete:

Eu gosto muito das minhas pernas. Eu não sei se é por causa do esporte também, que vai fortalecendo, mas sempre gostei muito assim das pernas. Agora o abdômen, o rosto... Teve uma época que eu gostava muito do meu rosto, mas de um tempo para cá não. Eu tenho o me olhado com muito desdém, sabe? “Eu sou muito feia, se eu terminar meu namoro, acho que não arrumo ninguém”. O que é uma mentira, porque beleza não... Mas eu tenho percebido isso, uma autodepreciação da minha parte, fisicamente falando. (Ayesha, 30 anos, mulher cis, heterossexual)

Cris se autodefine como gorda e cita também a barriga como uma parte do corpo com relação dificultosa, sendo a única parte que se imaginaria modificando de maneira radical cirurgicamente. Marca que por mais incômodo que tenha com a barriga, seu autocuidado é centralizado em si e não se volta para se mutilar dentro de uma forma de performance estética de magreza. Mulheres negras estão se gostando, se amando ou tentando e isso impacta de forma política coletivamente. Importante enfatizar a interseccionalidade como ferramenta de cartografia das avenidas identitárias e societárias que se entrecruzam em nossas vidas. Tal cartografia oferece mapas para além de

denunciar, construir estratégias de cuidado a tantas outras opressões que atravessam que atravessam além do enlace identitário. Marca a satisfação com o corpo e a saúde de seus movimentos que permitem maior fruição de vida e bem viver.

Hoje em dia, falar assim, a única coisa que um pouco me incomoda é que, assim, é... eu nunca fui magra, mas eu nunca tive a barriga. Minha barriga tava ficando, tipo, avental. Então, é... uma coisa assim, não que eu não vá deixar de usar roupa, não vá deixar de sair, mas incomoda por questão de movimento, de fazer as coisas. Tanto que... que se fosse, e eu falo, assim, acho que se fosse a única coisa que se fosse mexer mesmo seria, sei lá, fazer a abdominoplastia para a barriga [Cris ri]. Mas assim, sempre gostei de tudo. Eu amo minhas pernas grossas. Eu adoro perna grossa, gente! Eu acho lindo, assim, eu brinco, eu falo que a mulher de meia calça, assim, que aquelas... é... destaca, acho que é uma coisa tão bonita, a perna, sabe? Então, assim, eu gosto das minhas pernas. Então, hoje eu faço academia, mas por questões, como eu trabalho muitos anos digitando, então começou a desenvolver problema no ombro, no pulso e por movimentar mesmo, porque assim, eu brinco que... é... Por mais que minha cabeça ache que eu tenho 15 anos, o corpo grita, opa! não é aí, vamo... né?! Você vai sentir isso. Então, me movimento mais, justamente porque me sinto bem, né?! Mas assim, para falar que... que sei lá, ah... não vou deixar de usar ou fazer alguma coisa por conta de alguma parte do meu corpo. Não. Isso não, sabe? Essa parte de mim, assim, eu sou bem resolvida e é que nem eu falo, tá?! Comigo tem que gostar de mim do jeito que eu sou. Se eu vou que nem eu tô fazendo exercício agora, emagrecer vai ser uma consequência por conta dos exercícios das coisas que eu tô fazendo. Mas não é uma coisa que nem eu vejo na academia, né?! Que o povo chega já... aí todo mundo chega pra você, quer te passar 50 mil receita louca. Eu só olho assim, “brigado”. [Cris ri] Mas, é... tanto que é o que nem eu falei pro meu professor. Eu falei assim, “ó, eu quero ganhar condicionamento físico.” Tá, eu quero isso, eu quero ficar bem. Dor no digitar ou fazer as coisas. Eu quero andar e não sentir cansada. É isso que eu quero, né?! E tanto que, tô... vai fazer três meses agora, tô bem mesmo, assim. Você sobe uma escada, você percebe que você... Nossa, gente, eu andei isso e não tô suando, não tô... Mas assim, é... sou bem assim, sabe? Graças a Deus, assim, eu sou bem feliz com essa parte. Não é coisa de doido, não. (Cris, 44 anos, mulher cis, lésbica)

O corpo também é território. E como território, tem campos em disputa: há todo o aparato opressivo que rivaliza com as éticas de cuidado, mas também há como se elabora dessa experiência. Seguindo o fluxo de ir para além da racialização na compreensão de si, Carolina conta como fatores como acesso a informações e intervenções em saúde de pessoas com útero e estudos de gênero, contribuíram para ressignificação e apropriação de seu corpo:

Coisas que outras coisas que não é tanto do de ser preta, mas sei lá, eu tenho ovários policísticos que me fazem ter pêlo, por exemplo, na barriga eu tenho muito pelo, me faz o período menstrual ser completamente insano. Então comecei a entender, procurar ajuda, enfim, várias coisas se resolveram. Basicamente, muitas coisas assim se resolveram. Mas, por exemplo, os meus seios me incomodam demais. De olhar num espelho e falar: “puts, eu odeio isso!”. E aí eu ficava achando que poderia ser alguma coisa relacionada à raça, mas aos pouquinhos eu fui entendendo que não, que é uma coisa que realmente não me identifico com isso. E tá tudo bem eu não me identificar com isso e querer que modificar isso, sabe? Então aos pouquinhos eu tenho me permitido desejar uma coisa diferente para me sentir bem com o meu corpo. Não que eu adore o meu corpo, tudo que acontece no meu corpo. Estou aprendendo a explorar agora, mas só de ver coisas e falar: “poxa, isso aqui eu não gosto por um outro contexto, por uma outra forma” e tal, isso acho que ajuda bastante, sabe? Ajuda bastante. (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)

Nesta construção contemporânea sobre ser mulher e a relação com o corpo, assim como em outras intersecções, é preciso tratar das interfaces do social com o objetivo. Em todo corpo há uma história marcada por pertencimentos, transmissões culturais societárias, familiares e geracionais. Importante sempre reiterar que não é sem escolha ou agência:

Bom, como eu disse, eu estou completando agora os dois anos, né? E nos dois anos, o marcado é quando o seu corpo, o corpo da mulher trans, ele para de ter modificações.

É quando você chegou a sua fase ali, ó, a partir de agora você vai ser assim mesmo. Então, hoje me sinto um pouco mais satisfeita, com andamento. Crescimento de mama eu acho ok. Só que eu tenho um pouco disforia, assim... Fora, genital, obviamente, eu penso em fazer a cirurgia de redesignação, mas eu também tenho um pouco de disforia com essa questão de quadril, de curvas em si, sabe? Justamente por ter vindo de uma família onde todas as mulheres são muito curvilíneas. Então é um padrão que não é tipo assim: “ai, mas para de ver Kim Kardashian, parem de ser tão alienados”. São outras memórias. Então, por ter essa memória, né, de corpo curvilíneo, é algo que eu ainda quero alcançar, né? Eu tenho ciência que eu tenho, né? Mas eu quero mais. É isso, eu acho. (Lana, 28 anos, mulher trans, heterossexual)

Beatriz Nascimento expõe o padrão estético da sociedade como referenciado na branquitude ligado a experiências de solidão, embora a sociedade seja plurirracial, quem tem maior proximidade do embranquecimento tem maior mobilidade no trânsito afetivo, considerando que “a atração sexual está impregnada de modelos raciais, sendo ela representante da etnia mais submetida”, sendo suscetível ao estereótipo de mulher hiperssexualizada como um fator objetificador e de eleição afetivossexual pelo corpo (Beatriz Nascimento, 1990, citada por Alex Ratts, 2002, p. 128). Virgínia reflete:

E ao mesmo tempo que ele [o corpo] era objetificado, ele nunca foi alvo, ele já foi alvo. Ele não era naquela fase, alvo de afeto dos meninos. Então tipo assim, as minhas amigas sempre, elas tiveram, tanto que eu nunca namorei, né? Até hoje. Já me envolvi afetivossexualmente, mas nunca namorei. Mas as minhas amigas já tiveram vários namorados, em questão de aplicativo, Tinder, essas coisas, sempre tá encontrando parceiros por lá e tudo mais. Não que eu não encontre também, mas os objetivos, eles são diferentes. (Virgínia, 27 anos, mulher cis, heterossexual)

Enquanto repercussões subjetivas do aparato opressivo produzido e sustentado pelo enlaçamento de racismo estrutural e sexismo, Ervin Goffman diz de sujeitos que são estigmatizados - percebidos com condições sociais desvantajosas pelo grupo - podem construir "sentimentos, percepções e comportamentos ambivalentes em relação ao próprio eu, além de dificuldades de receber o apoio social que facilitaria a elaboração dos

sentimentos negativos, fator essencial para a qualidade de vida e saúde" (Erving Goffman citado por Neusa Santos Souza, 2008, p. 108).

Cara, eu acho que indo bem do raso, assim, até chegar no que realmente tem sido o grande foco hoje em dia, até mesmo de terapia, eu acho que eu sempre me odiei muito. Acho que faz parte da sociedade fazer com que a gente, pessoas pretas, se odeiem. Eu lembro de pequena, ter toda essa preocupação com o nariz, que tá muito largo, com a pele, ficar muito escura. Eu lembro quando eu tinha 10 anos, que fazia um tempo que eu não via um tio meu, e aí quando ele me viu ele falou: “cara, você tá virando Michael Jackson, você está ficando branca!”. E eu fiquei muito feliz com isso, sabe? Tipo, “nossa, que bom eu tô ficando branca!”. Hoje em dia, cara, que loucura, sabe? Mas era uma coisa, o cabelo também, eu sempre alisei o cabelo, passava aquelas químicas, e eu tinha o meu couro cabeludo muito sensível, então, tipo assim, vivia queimado. Basicamente, tudo no meu corpo eu odiava. Mas a partir do momento que eu comecei a me entender como uma pessoa preta, tomar posse disso, falar: “poxa, eu sou preta!”, e ter todo um outro contexto, eu comecei a amar essas coisas. Amar o meu nariz, amar a minha cor. Nossa, conhecer a textura do meu cabelo foi muito gostoso, sabe? Claro que você sabe! [eu, Camilla, tenho o cabelo crespo e passei por transição capilar] [risos]. Mas é gostoso demais. Você vim, passar um produto e ver cachinhos, então, sei lá, vê como é que o seu cabelo tá ali, tá crespo, enfim, brincar com cortes, brincar com pinturas. Recentemente eu descolori e ficou horroroso, mas assim, que gostoso eu poder fazer esses merdas no cabelo! Enfim, então quase tudo pra mim foi transformado. Nossa, comecei a gostar muito. Ou então, entender, tipo, áreas do nosso corpo que é um pouco mais escura, axila e tal, entendi que era normal, pessoas pretas têm isso. (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)

3.4 O relaxamento capilar quebra as pontes de hidrogênio do cabelo, mas não quebram as pontes para a travessia de tornar-se negra: transição capilar e o caminho de resgate ancestral e racialização de mulheres negras

O cabelo é uma fonte de informação de trajetória de vida, condições existenciais e marcador de experiências em determinados grupos sociais. Exemplifica-se como no

não-corte do cabelo das mulheres como o parte da doutrina de algumas vertentes cristãs protestantes e o cultivo de *dreadlocks* na cultura Rastafari, junto ao corte ou raspagem como os ritos de passagem de entrada de universidade; de ligações religiosas, como ‘fazer o santo’ no candomblé; entrada em instituições militares ou prisões; práticas de justicamento em territórios de crime organizado para punição de ações como relação extraconjugal em situações monogâmicas e ‘talaricagem’- relacionamentos afetivossexuais com parcerias de amigos íntimos.

Há, também, uma relação entre cabelo, poder e potência sexual. [...] Por isso, cortá-lo ou raspá-lo pode equivaler, simbolicamente, à castração. Essa é a condição dos novatos, dos recém-admitidos em determinadas instituições. No entanto, os cabelos rebeldes, soltos e descuidados podem expressar independência ou mesmo relutância às normas sociais, como é o caso de líderes religiosos, profetas, *rastafaris*. É muito comum encontrarmos entre os/as docentes a presença de relatos que associam os cabelos *rastafaris* e a estética dos integrantes do movimento *hip-hop* à sujeira e à marginalidade. [...] essas associações, muitas vezes, extrapolam a esfera individual e transformam-se em representações coletivas negativas sobre o negro, seu cabelo e sua estética. (Nilma Lino Gomes, 2002)

Estas representações vão se modificando por fatores interseccionais como gênero, raça, classe e geracionalidade.

Em alguns casos, é o cuidado da mãe, a maneira como a criança é vista no meio familiar, que lhe possibilitam a construção de uma auto-representação positiva sobre o ser negro/a e a elaboração de alternativas particulares para lidar com o cabelo crespo. Diante disso, podemos inferir que saber lidar, manusear e tratar do cabelo crespo está intimamente associado a estratégias individuais de construção da identidade negra. Para o/a adolescente negro/a, a insatisfação com a imagem, com o padrão estético, com a textura do cabelo é mais do que uma experiência comum dos que vivem esse ciclo da vida. Essas experiências são acrescidas do aspecto racial, o qual tem na cor da pele e no cabelo os seus principais representantes. Tais sinais diacríticos assumem um lugar diferente e de destaque no processo identitário de negros e brancos brasileiros. A rejeição do cabelo pode

levar a uma sensação de inferioridade e de baixa auto-estima contra a qual faz-se necessária a construção de outras estratégias, diferentes daquelas usadas durante a infância e aprendidas em família. (Nilma Lino Gomes, 2002)

Marcando pelo tempo e retomando a geracionalidade, parte considerável das mulheres negras na última década tornaram-se negras por um processo em comum: a transição capilar. Filhas da popularização de alisamentos, se aproximar da estética da branquitude se tornou uma opção possível e relativamente acessível com as escovas com secador e prancha, potes coloridos com de relaxamento de guanidina, amônio e sódio das farmácias de bairro com valores populares, até as escovas progressivas com seus vários nomes, que tinham o objetivo de deixar o cabelo sempre mais liso, sem volume e brilhantes, oferecidas nos salões chiques adornados com fotos de mulheres brancas e longos cabelos esvoaçantes. Objetivo nem sempre cumprido após a submissão a químicas um tanto mutiladoras: de modo mínimo, irritação na pele; mais frequentemente queimaduras, feridas, cascas de pus e sangue no couro cabeludo; mais graves com acontecimentos literais de morte, como as provocadas pelas escovas progressivas com alta concentração de formol. O aspecto, principalmente para cabelos naturalmente crespos, nem sempre era dos melhores: quebra constante, queda, enralecimento do cabelo e um aspecto poroso, sem vida, sem brilho.

Isto remonta o saber fazer com o corpo de mulheres negras atrelado processo colonial de escravização de sujeitas negras para além coisificação enquanto escravizado materializado nas relações sociais e no furto da liberdade: a presentificação no tratamento do corpo como território de disputa e reiteração da dominância: os castigos corporais, açoitamentos, marcas a ferro, mutilações corporais, abusos sexuais, entre outras perversidades. Para a manutenção de liberdades outras, no período em que na política e legislação a liberdade para as sujeitas escravizadas se materializava nas cartas de alforria, o cuidado com o corpo e a espiritualidade como os cultos a ancestralidade, a capoeira, as danças, a medicina das ervas para cura de doenças, chagas dos castigos corporais e subjetivos, assim como o trançar dos cabelos, marcam a resistências e insubmissões aos açoitamentos, correntes, a branquitude e o sistema escravocrata, diferentemente de como a história hegemônica narra (Nilma Lino Gomes, 2002). A colonialidade ainda sustenta a perversidade pelas tecnologias racistas de tratamento e perspectivas de pessoas negras:

A diferença impressa nesse mesmo corpo pela cor da pele e pelos demais sinais diacríticos serviu como mais um argumento para justificar a colonização e encobrir intencionalidades econômicas e políticas. Foi a comparação dos sinais do corpo negro (como o nariz, a boca, a cor da pele e o tipo de cabelo) com os do branco europeu e colonizador que, naquele contexto, serviu de argumento para a formulação de um padrão de beleza e de fealdade que nos persegue até os dias atuais. [...] A existência de um padrão de beleza que prima pela "brancura", numa sociedade miscigenada como a nossa, afeta ou não a nossa vida nas diferentes instituições sociais em que vivemos? (Nilma Lino Gomes, 2002)

Nestas afetações e fazeres com o corpo, pensar em cabelo e transição capilar - deixar o cabelo crescer em sua textura natural sem químicas que a alterem, momento de tensionamentos e elaborações objetivas e subjetivas- resgata a história das mulheres da minha família e a construção de autoestima um tanto precária por alguns fatores como classe, raça e relações afetivossexuais interracialis. Esta se torna mais evidente com a observação do histórico de casamentos: minha avó é uma mulher branca de cabelos ondulados, olhos claros e traços do estereótipo que habita o imaginário das pessoas quando pensamos em indígenas - filha de meu bisavô supostamente alemão e de minha bisavó Benedita, mulher indígena ou afroindígena pelas histórias que vó conta-, e meu avô um homem preto retinto, que não sabemos muito de sua trajetória. Deste encontro nasceram filhos: um deles, minha mãe Lena.

No meu olhar parcial de filha, mãe é uma mulher branca e pequena, tímida, atrevida, gambiarreira e arteira, foge a toda possibilidade de carinho físico, mas é a pessoa mais inteligente, carinhosa e amável que já conheci. Já trabalhou num tanto de trem: em lava-jato de carros, foi artesã de acessórios de pedra e prata, foi dona-de-casa, fez curso de alta costura... Hoje é zeladora, amante de plantas e animais, acorda absurdamente cedo pra testar alguma invenção da Internet ou inventar alguma limpeza desnecessária, para depois descansar com as cachorras assistindo conteúdos em *streaming*, principalmente doramas. Minha maior apoiadora e defensora, sempre ofereceu escuta e amizade, é interessada e se engaja em conhecer muitas das pautas que trago a ela: seja sobre uma fofoca ácida, até discussões como descriminalização do aborto e da maconha, transitando de maneira leve. Feroz contra a LGBTQ+fobia, sempre acolhedora comigo, minhas parcerias amorosas que foram quase todas *queer*. Fomentadora da autonomia e liberdade das mulheres, principalmente pela educação: meus presentes desde quando me entendo

por gente são livros. Me alfabetizou aos 4 anos. Sempre reitera para mim e para os outros o orgulho que sente por ser minha mãe. Contam que nosso jeitinho de ser e falar é parecidíssimo e gosto disto!

Lena tem os cabelos castanhos tingidos de preto - por mim a cada três meses, deixando a marca de tinta nas minhas mãos por nunca lembrar de comprar luvas adequadas- super cacheados e volumosos, geralmente presos, muito presos e o mais contidos possível em um coque com presilha. Cabelos que resistiram aos piores momentos de queda devido a questões provocadas por sofrimentos da vida, principalmente os afetivossexuais pela relação com meu pai: homem negro de pele clara, de quem herdei a aparência quase idêntica... altura, porte de corpo grande, cabelos bastante crespos de cor castanho avermelhada, nariz largo, lábios grossos, orelhinhas pequenas e pontudas como de fada, expressão constantemente séria com certa altivez pelo olhar de olhos pequenos e em vários tons de marrom com olheiras intensas - provavelmente pela parte descendente de italianos da região rural das montanhas capixabas-, expressão de tédio, facilidade de explosões de choro e afeto intenso. Assim como meus pais e os pais de meus pais, também filha de relacionamento interracial.

Retomo minha mãe, pois dela veio a maior parte da transmissão do cuidado e qualidade de apreço de cabelo que tive. Ela conta que era uma criança magrela, loira e dos cabelos extremamente volumosos e crespos difíceis de pentear, contando às vezes com a ajuda das irmãs mais velhas que não tinham tanto manejo e cabelos muito diferentes, mais puxados para lisos. Viveu a infância em extrema pobreza: minha avó viúva e com 7 filhos trabalhava como costureira e era atravessada por fatores sociais de classe e transtornos mentais, junto a uma rede de apoio reduzida. Então quando se falta o de 'cumê', o de cabelo que não vai ter. O cabelo era um sofrimento: já teve de pentear com garfo, não tinha cremes desembaraçantes, pegou piolho... De adolescente para vida adulta que começa a se organizar subjetivamente com seu cabelo. Pessoalmente acho a coisa mais linda. Torcia para que meu cabelo fosse como o dela.

Num salto de tempo, passo a existir: das memórias de infância, lembro dela zelosa passando creme Seda de embalagem verde no meu cabelo - cheiro que provavelmente ficou nas reminiscências de muitas mulheres que foram meninas nas décadas de 1990 e 2000 - enrolando cada cachinho no dedo minuciosamente, adornando com toda sorte de belezinhas de acessórios. Uma bonequinha de cachinhos, uma criança amada e que se sentia amada, bonita e desejada. Fui crescendo, espichando assim como os cachinhos passaram a ser tranças para durar mais pós nascimento de meu irmão e depressão pós-

parto de mãe. Tranças que por vezes foram feitas na ausência dela, por minha avó: os cabelos muito esticados com escova de cerda de javali, besuntados de óleo de semente de uva, em uma trança única com a ponta amarrada com um lacinho de retalho ou elástico de seus restos de costura. Os meus olhinhos que eram pequenos ficavam mais ainda, como num *lifiting* pela tração da trança.

Fui crescendo e meu cabelo mudando, ficando cada vez mais crespo, volumoso, difícil de pentear e deixando de ser enorme e similares ao de mãe como antes. Sonhava em ter o cabelo liso escorrido das amigas de minha prima de Belo Horizonte e odiava ter que levantar muito mais cedo para pentear os cabelos parecidos como das minhas colegas, que hoje leio como negras, em minha escola em Ribeirão das Neves. Até que pessoas sugeriram que fizesse relaxamento “para soltar a raiz”. Magia, magia, magia! Cinderela ficando bonita para o baile da branquitude!

Lembro da noite antes de meu pai me levar ao salão: sonhava acordada em uma transformação em que meus cabelos ficassem lisos e maiores, já que os cachinhos ficariam esticados. Cerca de uma década se passou de alisamentos em alisamentos, um tanto de frustração por meu cabelo não ficar efetivamente liso, migrar para simultaneamente alisamento, escova e prancha para “ficar mais arrumadinha”, fui crescendo desgostosa de autoestima: passando pela puberdade me tornei uma adolescente grande e rechonchuda, usava óculos e sofria *bullying* por meu corpo, por ser evangélica pentecostal e nerdzinha na época. Rememoro que em um show que estava satisfeita com meu cabelo alisado e com óculos de sol no rosto, vi minha pele clarinha, quase branca. Desejei que fosse assim sem as lentes. Um namorado de minha tia-madrinha, homem negro retinto e ela branca, dizia em tom de brincadeira com ares de carinho que meu apelido era “Torradinha”: papai do céu errou o tempo de forno, porque se tirasse um pouquinho antes do seria branca e deixasse mais um pouquinho seria pretinha.

Cresci, entrei no ensino médio: evitava usar a camisa branca de formanda por evidenciar os cabelos quebrados que ficavam em pedacinhos no tecido. O cabelo não estava mais saudável. Entrei na faculdade e depois de um corte e alguns desencontros de horário com a cabeleireira da época, tive que passar uma semana sem escovar o cabelo. Obrigada a me deparar com a raiz com relaxamento por fazer e lidar com o desafio. Desafio que topei e abriu caminhos para entender de tantos outros processos que se materializavam no desfazimento do meu cabelo. Passei pela transição capilar quando ainda não sabia dessa nomeação. Encontros e (não) encontros se teceram na vida e na Internet. Me experimentei, fui criando minhas respostas do que é ser mulher. Me tornei

negra, me descobri e desenvolvi junto com os fios mais crespos que lembrava de ter na minha infância.

Em toda complexidade desse processo, o cabelo, questão mais aparente, se tornou pauta quase que coletiva sobre minha vida: minha mãe me apoiava, mas sempre cutucava para manter do jeito mais disciplinado possível que um cabelo pode estar, transmitindo que poderia não ser lida profissionalmente com as competências reais que possuo. Entendo que rememorava a própria experiência traumática dela com seu cabelo natural e tinha seu movimento de proteção da filha. Meu pai chegou a perguntar se precisava de dinheiro para fazer relaxamento. As paqueras diminuíram. Minha mãe e uma tia - mulher que leio como negra, mas que se entende como morena - fizeram um endividamento para colocar um *mega hair* lindo para que eu me sentisse melhor: coisa que não durou muito tempo, pois o cabelo escolhido era de um cacho mais aberto que o meu e tinha muitas texturas numa mesma cabeça que me incomodavam. Até que um dia pedi minha mãe para desfazer os nós de nó italiano, técnica de alongamento capilar, que prendiam esse cabelo diferente em meus fios naturais. Cortei as partes alisadas e senti liberdades plurais que não sabia que existiam, como não me desesperar com a chuva - porque não viraria a Cinderela esfarrapada a meia noite!,- e entender que não precisava desmontar o que vem forte de dentro para caber na caixa de um jogo da branquitude que não preciso jogar. Viver sem prescindir de mim mesma.

Nanda conta de desafios para assumir o cabelo natural que também passa pelas relações familiares e a construção de autonomia:

E aí essa construção de deixar o cabelo cacheado, né, do jeito que ele é mais natural mesmo, foi muito difícil, porque a referência que eu tinha na minha casa era de alisar o cabelo, de que o meu cabelo era ruim e eu ouvia isso da minha mãe, da minha irmã, gêmea, ela usa cabelo liso hoje ainda. Ela sempre falou, quando eu deixei cachear, ela falava: “nossa, mas seu cabelo tá horroroso, seu cabelo tá igual um leão”, não sei o quê. E aí eu vi isso era muito difícil, sabe, mas eu ficava, não, eu quero ser eu mesma. (Nanda, 29 anos, mulher cis, pansexual)

História que parece comum entre as experiências das participantes que se entrecruzam com as minhas. Carolina e Carina contam do período da transição capilar,

suas expectativas e perspectivas que se abriram em tornar-se negra, que não sem conflitos, desembocaram em autoaceitação:

Que aí foi um momento muito ruim, porque a transição é muito complicada, é se achar a pessoa mais feia do universo, é estar descobrindo o cabelo. Então, assim, eu não sabia como era o meu cabelo, não sabia o que ele iria ser, sabe? Tinha a pressão da época do Beleza Natural [salão especializado em químicas para cabelos crespos e cacheados], que era tipo, os cachos têm que estar definidos. E eu morria de medo do meu cacho não ser definido, até entender que o meu cabelo é crespo, não vai ter definição [risos]. Então, assim, foi um processo muito louco, mas a partir disso eu comecei a abrir os olhos, a fazer aquela perguntinha em todo o ambiente eu chegava: quantas pessoas pretas que tem aqui, qual posição que elas estão? (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)

Já tive muito problema com questão de cabelo mesmo, antes de passar pela transição, de não aceitar o cabelo, de ter black e tal. Tinha problemas com isso, de nem sair de casa por causa do cabelo. Foi uma fase bem difícil porque queria viver de trança, ficava “ai, meu cabelo é feio, meu cabelo é isso, meu cabelo é aquilo”. Foi um processo também. Hoje em dia não. Raspei [para fazer o santo na religião], tá crescendo de novo. Embora a aparência fala muito comigo, mas não deixo de curtir, não deixo de sair, não deixo de fazer as coisas que eu gosto por causa disso, antes era presente, hoje não mais. Aprendi a ver meu cabelo, é o meu cabelo, faz parte de mim [...] aprendi a amar ele do jeito que ele é. (Carina, 27 anos, mulher cis, em descobrimento entre lésbica e bissexual)

Ayesha conta da relação com cabelo de lugar mais ambíguo, que é atravessado pelas experiências escolares e de adolecer, que já não são processos fáceis. A escola como ambiente institucional em que somos apresentadas para alteridade e cultura diferentes da nossa convivência familiar, “de onde emergem as diferenças e se torna possível pensar um “nós” - criança e família negra - em oposição aos “outros” - colegas e professores/as brancos” (Nilma Lino Gomes, 2002). A escola pode operar como Luiz Rufino (2019) aponta, em educações: algumas no encanto e outras no desencanto. A

escola plural e do movimento acolhe as diversidades. A escola engessada aposta na tradicionalidade de manter uma educação que reitera o *status quo*. No contato das pequenas com a escola, hegemonicamente

Se antes a aparência da criança negra, com sua cabeleira crespa, solta e despenteada, era algo comum entre a vizinhança e coleguinhas negros, com a entrada para a escola essa situação muda. A escola impõe padrões de currículo, de conhecimento, de comportamentos e também de estética. Para estar dentro da escola é preciso apresentar-se fisicamente dentro de um padrão, uniformizar-se. A exigência de cuidar da aparência é reiterada, e os argumentos para tal nem sempre apresentam um conteúdo racial explícito. Muitas vezes esse conteúdo é mascarado pelo apelo às normas e aos preceitos higienistas. Existe, no interior do espaço escolar, uma determinada representação do que é ser negro, presente nos livros didáticos, nos discursos, nas relações pedagógicas, nos cartazes afixados nos murais da escola, nas relações professor/a e aluno/a e dos alunos/as entre si. [...] Embora o discurso que condiciona a discriminação do negro à sua localização na classe social ainda seja predominante na escola, as práticas cotidianas mostram para a criança e para o adolescente negro que o *status* social não é determinado somente pelo emprego, renda e grau de escolaridade, mas também pela posição da pessoa na classificação racial. São nesses espaços que as oportunidades de comparação, a presença de outros padrões estéticos, estilos de vida e práticas culturais ganham destaque no cotidiano da criança e do/a adolescente negros, muitas vezes de maneira contrária àquela aprendida na família. (Nilma Lino Gomes, 2002)

Ayesha narra este encontro alteritário com a escola e a branquitude, atrelada a crescer como adolescente negra em um ambiente branco com representatividade incipiente:

A minha transição não foi tão transição assim. Eu passei por uma transição, mas não foi tão transição, porque eu fazia progressiva e usava alongamento. Meu cabelo batia bem nas costas, lisinho, de alongamento, muito progressiva e tal. [...] Eu usei *mega* [*hair*] dos 11, 12 anos até os 23, mais ou menos. Até os 23. [...] Tinha 11 anos. Minha mãe sempre usou mega. Usou *mega* muitos anos. Eu

vi uma menina bonita lá na escola, Lívía [nome fictício] é o nome dela. E a Lívía tinha um cabelo lindo, assim. Aí um dia ela colocou uma tiara e aí ela pranchou o cabelo todo para fora. E eu achei lindo. Aí eu cheguei em casa e falei: “amanhã eu vou para a escola igual a Lívía”. Arrumei uma tiara e na hora de pranchar meu cabelo para fora, minhas pontinhas estavam todas espigadas. Falei, não, tá horrível. Eu peguei a tesoura e fui cortar. Ai, quando eu fui cortar, ficou tudo torto. Aí fui para a escola, contei para as amigas. Não dá, Lívía, né? Mas contei que eu tinha cortado meu cabelo e tal. “Sua mãe vai te matar, você é doida!”, não sei o quê. E aí, quando eu cheguei em casa da escola, eu contei para minha mãe aos prantos. “Mãe, eu cortei meu cabelo, coloca tranças no meu cabelo!”. Essas trancinhas de nylon. E aí, ela ficou muito brava, me xingou, né? Porque eu tinha cortado o cabelo. E aí, eu coloquei trancinha. No início, assim, eu gostei, mas era uma outra coisa assim, que eu era olhada com certo preconceito, sabe? Pelos meninos, assim. Ah, eu... Tipo assim, aquilo me incomodava, assim. Era um cabelão de plástico, mas não era um cabelão igual ao das meninas, assim. Eu percebia que tinha um certo preconceito. Um dia na minha análise eu até falei sobre isso, eu falei: “eu odeio trança, eu odeio trança com todas as minhas forças. Isso me lembra uma das piores épocas da minha vida!”. (Ayesha, 30 anos, mulher cis, heterossexual)

A construção estética de modo mais que evidente é uma experiência calcada nas ideologias de branqueamento racial, em que Abdias do Nascimento (2016) aponta como tentativa de aniquilamento sem sucesso da racialidade, identidade e cultura negra. Jurandir Freire Costa (1984) coaduna:

Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e de recusar, negar e anular a presença do corpo negro [...] a violência racista do branco é exercida, antes de mais nada, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro. (Jurandir Freire Costa, 1984, p. 104)

Encarnar os ideais de Ego da branquitude implica na tendência de construção de auto ódio: ser o que se quer aniquilar. As tranças, modo ancestral de cuidado capilar, que

já existia antes da diáspora de África, ganha várias conformações de sentido no encontro com outros sistemas de poder contemporâneos, como o penteado do cabelo das meninas para evitar uma leitura racista de descabelo e sujeira - considerando as figuras de mulheres responsáveis pelo cuidado capilar em posição de poder assimétrica: as crianças geralmente sem possibilidade de escolha: agente certa passividade à transmissão das adultas-, ou do adorno e enaltecimento da estética negra, como no uso de miçangas, búzios, metais, cores e formas diversas nas fibras de cabelos sintéticos (Nilma Lino Gomes, 2002). Ayesha e sua relação ambígua com as tranças, pode representar um momento de reelaboração da complexidade de seus ideais de Ego, no encontro com a racialização:

E hoje eu tenho muita vontade de fazer essas tranças e não tenho coragem de fazer essas tranças. Não tenho. Eu acho, Camilla, que se eu fizer as tranças, eu acho que eu vou me achar bonita, mas eu tenho medo da reação do outro. Sabe? O que o paciente vai pensar da psicóloga dele de trança? Se eu vou conseguir pegar e colocar o capacete da bicicleta, esse é um ponto também, sabe lá. Se coloca essa trança aí, né? E aí o capacete não entra, sabe? Porque querendo ou não, eu sou uma mulher negra, mas eu circulo por muitos espaços de pessoas brancas, até no esporte, sabe? Eu estava conversando hoje lá na academia, com o meu personal. (Ayesha, 30 anos, mulher cis, heterossexual)

Em paralelo com a experiência de Ayesha que se passa em um cenário territorial de classe média, em que o encontro com pessoas negras se dava em menor número fora de sua família, há a experiência de Cris. Cris cresceu no Capão Redondo, São Paulo, região periférica e de classe popular, com convivência mais frequente com pessoas negras.

Um ponto importante para se enfatizar, é o institucional: se com Ayesha as instituições educacionais têm iniciado agora seu movimento do debate de racialidade, com Cris, a instituição educacional deu elementos para pensar sua racialidade, explicitado na experiência com a Odara, escola afrocentrada de inglês e o grupo de afinidade da organização em que trabalha:

O pessoal lá [no Capão Redondo], tipo, é... ainda está naquela fase do cabelo liso, de progressiva, de chapinha, que cai aqui na frente [Cris gesticula passando as

mãos em frente ao rosto]. Quando tem um ou outro adolescente que começa a assumir o black e tal, [Cris gesticula balançando as duas mãos] tem que ser muito corajoso assim, né?! [Cris gesticula aspas com os dedos das mãos] porque está naqueles padrões ainda. Eu falo, gente, que absurdo, né?! Então, ainda tem isso assim... Não que o pessoal de lá não vai tratar mal. Assim, pelo menos comigo, assim. Conversam todos meus amigos mesmo, assim, de boa aceitam, tem outra cabeça, claro. Mas... o meio em si, né, que a gente fala. E tanto essa questão de... de escolhas mesmo, assim. Eu vivi muito numa bolha branca, eu aprendi muita coisa sobre essa questão de vivência, de cor, de cabelo, quando eu entrei no Odara para fazer o curso de inglês. Tanto que eu tinha muita vergonha, eu falava, caraca, mas eu não sei isso. Gente, eu não conheço isso, que vergonha, né?! Você se sente mal até, mas não é. (Cris, 44 anos, mulher cis, lésbica)

Neste processo de tornar-se negra, não é uma regra que para este processo é preciso passar pela transição capilar: o cabelo não faz mais ou menos negra, a questão basilar é o modo de identificação. Cris demonstra em sua fala as tecnologias de branqueamento e ocultação da racialização através da mestiçagem através da cultura.

[Cris] Minha família, ela sempre foi muito misturada. Então, tipo assim, meu pai é negro, minha mãe ela é branca, né, minha avó índia, [Cris gesticula movimentando as mãos] então assim, metade da minha família é... tipo assim, aquele colorismo louco. Então, tem sarará, tem o pessoal que é índio, índio total, assim, com aquele cabelão preto liso. E assim vai, eu brinco que cada um que nasce ali é uma experiência que só vai saber depois que nascer como é que vai ficar, né?! Mas assim, a gente sempre foi criado tipo nesse... nesse mundo. Assim, eu não tive... muitas referências de coisas negras, de vivência. Meu pai, ele já é falecido, mas assim, meu pai não era aquela pessoa de samba. Ele já gostava de música internacional. Né?! Então, tipo, eu comecei a aprender mais essas coisas depois de grande e tal. Então eu comecei a ter mais consciência mesmo depois que... que... depois de grande, depois que eu saí de lá, depois que eu me descobri, depois que eu entrei no Odara, né?! Mas eu vivi muito nessa bolha branca mesmo e a gente nem percebe, né?! E a gente carrega algumas coisas assim, hoje não, mas... Mas até mesmo essa questão de... de... de preconceito ou de achar que algumas coisas que se falam é normal, né?! Porque você cresce com aquilo, tipo...

é...essas questões de... de... que nem cabelo mesmo. Assim, acho que né, minha mãe, minha madrinha, juntava minhas tias tudo, tacava alisante no cabelo da gente, desde que a gente entende por gente. Então, demora você... aceitar, tipo, o cabelo, tal. Né, Graças a Deus hoje de boa, meu cabelinho, [Cris gesticula com as mãos] chega de sofrer [ambas riem] com esses alisantes de louco. Mas assim...

[Camilla] Mas quando você viu essa história do cabelo? Quando que você começou? Você sempre se entendeu como negra?

[Cris] Não! Por isso que eu falo. Foi mais depois do... é... o Odara. O Odara tem o quê? 5 anos que eu conheci o Odara mais ou menos. Mas depois disso daí realmente. Tipo assim, eu comecei a... Eu não queria mais alisar o cabelo, mas não nessa questão nem de pensar. Era de sofrer mesmo. Digo... Meu couro cabeludo sempre foi muito sensível a essas coisas. Então machucava, criava ferida. Minha irmã de tanto passar creme, ela... ela desenvolveu aquela alopecia. Então aquilo vai te assustando, né?! E aí eu comecei a fazer tranças. Tranças. Eu comecei a fazer tranças novas. Aí eu comecei a fazer trança em 99, mas mesmo assim, quando tirava a trança, era aquele negócio de alisar. Eu comecei a...a parar mesmo, a questão de transição foi na pandemia, quando eu fiquei em casa. Que aí fica mais fácil deixar o cabelo, que aí eu fui soltando, fui hidratando. Então assim, tipo, aí me ajudou muito assim, porque aí o cabelo foi, meu cabelo tava bem pequenininho, curtinho. Então... aí ele começou a crescer, eu comecei a hidratar, minha esposa trabalha num laboratório de cosmético. Então ela trazia o cremezinho e tal, e assim foi. Então assim, eu me desapeguei e hoje não ligo, sou muito feliz. Gosto do meu cabelo, gosto de trança, tal, mas essa conscientização também... esse emprego que eu tô hoje, como a gente tem um grupo de afinidades, então eu faço parte do grupo de negros da empresa e do grupo LGBTQIA+. Então a gente discute bastante coisa também... e... aí você começa... a entender, né?! (Cris, 44 anos, mulher cis, lésbica)

Reiterando o cuidado com o cabelo das meninas crianças negras pelas mulheres negras mais velhas: coletivamente cuidando da estética e da beleza nos finais de semana. Importante marcar que o reconhecimento racial de Cris se deu posterior ao conhecimento das tranças: não é apenas ter pessoas negras no convívio que dá a tônica da racialidade, mas também ter pessoas se nomeando, afetando e sendo afetadas, discursando sobre, que abre espaço para olhar para si e se reconhecer na coletividade sua diferença racial.

Eu entendo hoje, minha mãe ela... nunca... que nem às vezes tinha é... aqueles depoimentos de Odara, né, das mães, depreciar o cabelo das filhas, não sei... minha mãe nunca fez isso com a gente, ao contrário. Então, assim, eu acho que essa proteção dela ainda ajudou bastante a gente, né, nessa questão, mas é aquilo que eu falei, a gente ainda ia muito pelo... pelo meio que a gente vive, assim. Tanto que... minhas primas, que ainda moram no Capão todo, todas alisam o cabelo até hoje. Nenhuma tem coragem de falar: “Nossa! Eu admiro, é bonito, mas não tenho essa coragem ainda”, sabe? Da transição, e ainda tem... E aí tem essa parte, assim, de algumas tias, apesar de ser negras, ainda fica com aquela “não, porque aí tem que casar com um homem branco, com uma mulher branca”. Sabe? Aí fica aquela coisa assim. Então tem uma parte da família que é bem assim. E... mas (...) minha bolha era quando... quando entrei no Odara, as coisas foram clareando, foram saindo. Então hoje eu entendo e hoje eu converso muito com os meus sobrinhos justamente por essa questão, para não seguir esse pensamento do pessoal. Meus primos ficam passando para os filhos essa coisa e eles graças a Deus assim já têm essa visão mais diferente. Entendem! E também estão estudando, estão pesquisando. Hoje tem mais, né, tem essa coisa, tem mais oportunidade de você ver propaganda, ver as pessoas, então ajuda bastante. Mas, eu falo que eu ainda tenho muito que caminhar e aprender, assim, com... E... e de tudo, assim, né? (Cris, 44 anos, mulher cis, lésbica)

A questão da representatividade é um prisma complexo em que é necessária abordagem crítica: do que ponto é fator de promoção e recursos para geração de cuidado e autonomia e o que se excede para mercantilizar a autoestima no capitalismo. O capitalismo cria padrões impossíveis e recursos inesgotáveis que aproximam deles para serem consumidos. Se antes o liso mais liso e brilhante era o mais almejado pelas meninas e mulheres negras que alisavam seus cabelos, hoje são os cachinhos mais definidos e controlados, são incorporados como possibilidade de venda e aderência a pautas sociais, como a estética negra. Objetificação mais uma vez. Nestes caminhos, como bem conhecemos no trabalho clínico é a particularização das sujeitas com seu desejo em interface ao mundo que se insere.

3.5 Educação como matriz de movimento de encanto e desencanto

Tornar-se negra, implica em grande parte estar em constante reformulação de seu Ideal de Ego, para além das experiências autoatualizantes da vida, por motivos da racialização. Na tentativa de aproximação do Ego ao Ideal de Ego, lembrando a perversidade constitutiva da branquitude que se coloca como ideal de ser humano, em que o negro para ser como o outro precisa aniquilar a si mesmo, Neusa Santos Souza (2021, p. 71) aponta que: “nessa tentativa de realização - tão imperiosa quanto impossível-, o ego lança mão de táticas diversas, cujo denominador comum se faz representar por um redobrar permanente de esforços, por uma potencialização obrigatória de suas capacidades.

No campo de classe, que possui vários desdobramentos, como a qualidade e o acesso à direitos básicos como moradia, alimentação, saúde, segurança, comunidade e educação, a última, representa para muitas, possibilidade de autoafirmação e ascensão social. O ponto não é pela construção destes sentidos, mas por frequentemente centralizar como autoridade para alcançar a alteridade: a potencialização obrigatória das capacidades, como citado acima. Ser a melhor para alcançar a glória para além de material, de ter algo a mais para gozar, um trunfo para ser subjetivamente notada: melhor aluna, melhor trabalhadora, melhor nos hobbies. Afirmação pelo reconhecimento esforço que se materializa, já que a afirmação por quem se é subjetivamente não vem com tanta facilidade. Saída ou aprisionamento?

Ser o melhor! Na realidade, na fantasia, para se afirmar, para minimizar, compensar o “defeito”, para ser aceito. Ser o melhor é a consigna a ser introjetada, assimilada e reproduzida. Ser o melhor, dado unânime em todas as histórias de vida.

Para o negro, entretanto, ser o melhor, a despeito de tudo, não lhe garante êxito, a consecução do ideal. É o ideal do ego do negro, que é em grande parte constituído pelos ideais dominantes, é branco. E ser branco lhe é impossível.

Dilacerante, crua, cruenta descoberta...

Diante da experiência do inverossímil, frente à constatação dramática da impossibilidade de realizar o ideal, o negro vislumbra duas alternativas genéricas: sucumbir às punições do superego ou lutar, lutar ainda mais, buscando encontrar novas saídas. (Neusa Santos Souza, 2021, p. 73)

Conceição conta da importância da educação para pessoas negras e reflete sobre a transmissão deste ideal para seu único filho. Orienta a ser o melhor para ter um trunfo para ser escolhido, entendendo que as escolhas profissionais não são voltadas naturalmente para a população negra:

Quando eu falava com meu filho, cheguei a chorar para o meu filho estudar, você acredita? Eu chorar para ele estudar. E dele estudar, porque falou com um colega dele: “eu estou estudando por causa da minha mãe, que minha mãe até chora!”. E quando ele entrou para a faculdade eu falei com ele: “você não pode”, porque a gente pagava, eu falava assim: “suas provas você tem que tirar, você tem que ficar fera nas provas, sabe por quê? Porque você é pobre, negro você é pobre, você já tem essa tendência. Você já é pobre e já é negro. Essas duas coisas já não te ajudam muito. Se você não for bom nos estudos, não vai adiantar você estudar, porque você não vai abrir caminhos para você. Você tem que abrir com a sua sabedoria, então você tem que ser o melhor da escola”. E quando ele entrou, que ele falou com um colega dele que, ah, que ele não gostava de estudar, eu nunca... toda a vida conversei. Eu sentei com ele aqui na mesa e falei assim: “olha... Você acha que seu avô, que a gente foi sustentada no cabo da enxada que meu pai vivia, era de capina? Era de capina que ele sustentava a gente? Você acha que era porque ele queria? Por que ele era preto? Eu nem conhecia meus avós da parte de meu pai, nem conhecia a família da parte dele. Você acha que é por que ele queria, por que ele não teve condições, por que naquela época já era difícil? Hoje em dia nós estamos te dando essa oportunidade de você estudar antes de você casar, porque depois que casa fica difícil. Aí depois que ele formou, aí ele esforçou, era muito esforçado na escola. Aí os amigos dele indicavam ele, indicou ele para ser [parte de uma grande empresa de engenharia civil], aí ele entrou. E eles gostam muito dele, o trabalho dele é bacana, ele gosta. [...] E hoje eu falo com ele assim: “aí bonito, você estudou por minha causa?”. Ele: “não, mãe, é por minha mesmo”. “Então é assim que você vai fazer com seus filhos”. (Conceição, 59 anos, mulher cis, heterossexual)

A transmissão é eficaz para muitas. Componente geracional forte, Conceição poderia ser uma familiar mais velha de Carolina. Representando gerações diferentes, há

um paralelismo importante: em relação a classe, as mulheres mais jovens têm tido cada vez mais oportunidades de acesso. Não raro a descrição de estar no lugar de primeira a alcançar o mais alto grau de escolarização, a ascensão social, usufruir de liberdade financeira para poder acessar locais que eram negados por questão de classe, como viagens, restaurantes, aprendizados e hobbies fora do circuito de formação para trabalho e renda, o que não é sem efeitos: estas experiências podem gerar desconfortos subjetivos e adoecimentos, como resultado do adoecimento colonial racial.

Recordo-me de uma situação que passei com minha mãe, mulher branca de classe popular, em que a convidei para comer bolo de chocolate numa confeitaria bonita do centro da cidade de Belo Horizonte. Ela categoricamente se nega, dizendo que não era um espaço para ela, que não se sentiria confortável nesse “lugar chique”. Fiquei aborrecida, por embora ambas poderem pagar, coisa que faria nesse convite, a ferida de classe e o histórico de escassez é tão grande, que limita ao acesso, até quando ele supostamente é permitido. Supostamente, pois a barra que persiste limitando, ainda mais perversa, é a subjetiva. Observo também posicionamentos de que ela me convida para resolver burocracias em lugares “mais formais”, entendendo que minha formação acadêmica daria mais passabilidade de classe, embora seja uma mulher negra. Na maioria das vezes, não me inteiro do assunto. Outras vezes, ela traz estranhamentos como quando acessamos lojas em que ou somos mal atendidas ou são hipervigilantes, questão que não se precisa ir muito além para nomear como racismo. Além de aliadas afetivas pelo laço familiar e de amizade, frequentemente somos aliadas pelas feridas de classe e raça.

Pessoalmente, escuto com certa ambiguidade os relatos de ‘primeira a acessar’: um misto de alegria de ver mulheres negras investindo em si, sua edificação e desejos, junto a revolta e tristeza de ser uma realidade concretizada apenas agora no presente. É o que sinto também por minha experiência: escrevo com meus olhos marejados de choro, com o corpo tomado por uma sensação de ódio, lembrando das inúmeras vezes que fui deslegitimada como estudante e profissional, com faces de ser “muito precoce, novinha” e ao mesmo tempo “arrogante”. Arrogância essa de estar em constante luta para aceitar e afirmar meus predicados materiais e subjetivos por esforços pessoais e de minha comunidade de apoio. Ter que inventar modos de saber fazer sem repertórios próximos, como observo a discrepância de formação acadêmica e remuneração entre meus próximos brancos e negros: é muito mais frequente ver ‘vovó e vovô’ que vivenciaram a universidade em famílias brancas. Só peço licença, benção e companhia para meus ancestrais que não pisaram onde piso eu pela primeira vez e que já deveria ter sido

ocupado por eles, caso assim fosse desejado, e hoje o faço com resultado muita luta política e espiritual comunitária!

A fala de Carolina corrobora e adiciona sobre a carga que tem por cumprir expectativas de sucesso relativas a ser mulher negra de classe popular e a virada para se construir de modo mais saudável, foi a mudança de objetivo: se antes era ter alto rendimento, passou a ser de se formar.

E, nossa, tem muitas coisas. A primeira eu acho que é uma pressão de estar representando todo o universo, sabe? Quando eu via minhas notas eu ficava assim: “putz, é porque eu sou preta”. Então, todas as pessoas pretas do universo são decepcionadas comigo porque eu estou com essa nota muito ruim. Eu não deveria estar aqui, estou ocupando o espaço de uma outra pessoa que ia se dar bem, sabe? Era um dos pensamentos muito, muito assim, de estar ocupando um espaço que não era meu, de estar num lugar errado, de “não vou dar conta, sou um fracasso, a gente está decepcionando a família inteira”. Eram coisas assim muito gigantes, por isso que eu estava carregando o peso do universo. Mesmo olhando pro lado e vendo pessoas com todo o acesso e informação disponível tirando as mesmas notas que eu, ou seja, fracassando mesmo que jeito, e eu não me comparava com essas pessoas, sabe? Parece que me comparava sempre com aquela pessoa master que tirava 100 nas provas, e eu acho que esse peso era bem grande. Essa questão das notas é muito engraçada porque eu não sei que momento que tudo mudou, mas eu sei que chegou, sei lá, a partir do quarto, quinto período da faculdade, foi quando eu retornei, eu já tava meio assim: “foda-se, não estou nem aí pras minhas notas, eu quero me livrar disso, eu quero sair disso, virou um tipo, preciso sair dessa faculdade, preciso formar, eu quero sair!”. (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)

A pretensão de corresponder a alta carga de expectativas de si sobre si e dos outros, não é um processo fácil ou promotor de saúde. Carolina resgata sua história do período da graduação em uma metáfora interessante com a blusa do curso, refletindo seu processo de aposta, autoconfiança, reconhecimento e autoautorização que se deu de modo mais tardio:

E uma coisa que eu falo, que é muito, hoje acho muito engraçada, mas acho que é problemático também, que quando eu entrei na faculdade, eu vejo muita gente que entra, né, quer comprar blusa escrito curso e tal, e aí eu entrei e falei: “vou comprar blusinha!”. Não tinha condição de comprar blusinha, mas eu falei: “segundo semestre eu vou comprar”. Só que no primeiro semestre, minhas notas foram tão ruins que eu falei: “putz, eu não vou conseguir terminar esse curso, não vou comprar a blusa”. Porque pra mim seria uma vergonha comprar a blusa, carregar o nome do meu curso e não conseguir formar. Eu só fui comprar blusinha com o nome do meu curso quando eu tava no oitavo período. Tipo assim, não tinha jeito, eu ia formar já, não existia outra alternativa. [...] E hoje eu tenho, sei lá, três blusas do curso e eu já formei. [...] E foi tão louco porque eu desenho também, né? E aí eu sempre tinha um caderninho que eu andava pra cima e pra baixo com esse caderninho, que tinha meus rascunhos. E um dia eu estava em um lugar e alguém viu o caderninho e falou: “cara, esse desenho aqui, a gente tem que fazer uma blusa escrita Engenharia Elétrica com esse desenho do lado”. E aí esse desenho realmente viralizou, usando um termo de hoje em dia, viralizou e fizeram a blusinha oficial da Engenharia Elétrica com o meu desenho do lado. E aí eu comprei a blusinha como eu desenhei. E eu achei isso muito engraçado, hoje em dia tem essa blusa e tals, mas só teve autorização muito tempo depois... Sei lá, loucura. Histórias. (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)

Para conseguir sustentar o desejo de se formar, para além de seu investimento pessoal, contou com a rede de amizades que construiu na graduação em que contribuíam mutuamente para o fortalecimento, permanência e êxito do grupo. Estranhando o estereótipo de mulheres negras fortes, é preciso se perguntar: são mulheres negras fortes ou mulheres negras que sofrem fortes exigências urgentes? O fortalecimento enquanto sujeita está justamente em uma viragem disto: quando uma mulher negra pode ser vulnerável e cuidada, ela tem forças para construir seu fortalecimento pessoal.

Cara, é muito louco. É muito louco. Acho que minha trajetória nessa primeira graduação foi muito doida, assim, de entrar... Primeiro que período ter sido horrível, horrível, péssimo. E depois que eu criei essa comunidade de pessoas ali

próximas do meu contexto, as coisas se transformaram, real mesmo. Acho que virou uma pequena família. Tipo, sei lá, eu ligava pra alguém: “eu vou conseguir chegar”, “preocupa não, vou assinar a lista no seu nome, tá tranquilo!”. Ou então alguém falava: “cara, eu não vou conseguir isso dar pra prova, preocupa não, eu estudo e te ensino”. Tipo, quantas vezes? A prova era sete horas, seis horas, e a gente já tava ocupando uma sala e eu ensinando loucamente pra alguém, sabe? E virar exemplo pra outros alunos e criar laços com professores também, sabe? De professores saberem quem eu era. Chegava em alguns períodos assim que os professores, “sei quem você é!”. Inclusive passar a ter notas boas, passar a ter notas boas sem sacrifício, mas não sem sacrifício porque estudava bastante, mas sem choro, porque era uma coisa que acontecia muito no primeiro semestre, foi uma transformação muito doida, muito doida mesmo. (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/e/e/elu, bissexual)

Retomando a questão do lugar de ascensão social vem como saída ou aprisionamento, aposto no modo de fazer. Virgínia, Fab e Carolina contam dos meios e encontros que se valeram para construir um Ideal de Ego autêntico em si mesmas, estratégias de resistência e cuidado dentro da escola/academia.

Fab conta da experiência escolar de omissão em relação a violência que sofria dos enquanto criança. Tal omissão e a incipiência de um ambiente acolhedor com as diversidades, cria estratégias de combate à violência com violência. Crescer é uma travessia árdua e cheia de tensionamentos, não deveria ser uma criança/adolescente responsável pelo manejo de *bullying* em que é alvo, mas um trabalho coletivo. Algo a não ser naturalizado, mas compreendido como fenômeno complexo de intervenção possível.

Então, eu era bem extrovertida. Aí eu chego na escola e eu também sou muito inteligente. E aí eu já começo a aprender coisas rápido, a ler rápido e tentar interagir, só que eu também sou bem maluquinha. Aí... eu tenho coisas maluquinhas, eu sou esquisitinha. E aí eu começo a chamar atenção. E quando eu começo a chamar atenção, as pessoas, principalmente os meninos começam a... E as meninas também. Começam a zombar de mim. Até que na primeira série, não teve tanto, mas na segunda série, eu lembro que me chamavam de Bete, a Feia. E

teve um horário que estava sem professor. Acho que era o primeiro horário. E aí eu tava lá bonitinha, eu sentava na carteira do meio. E aí eles começaram a fazer um coro, tipo: “Bete, a Feia, Bete, a Feia, Bete, a Feia” E aí eu tive um surto. E aí eu levantei. Peguei um estojo e joguei na cara do menino. O menino é preto também, da mesma tonalidade que eu. E aí ele pegou esse estojo e jogou também na minha cara. E aí eu comecei a chorar, eu já tava quase chorando, eu comecei a chorar e fui pra supervisão. Ele foi atrás e aí eu contei toda a história. Fizeram um coro, eu joguei o estojo nele e ele jogou em mim. E aí foi engraçado porque ele já começou a falar assim, mentira, mentira. Aí quando ele viu que eu contei toda a história, porque foi eu que jogou primeiro nele. Aí ele calou. Só que a escola nunca fez nada. Foi tipo assim: “nossa, tá, não pode fazer isso, gente. Não pode agredir o outro. Volta para a sala, um outro professor vai chegar”. (Fab, 28 anos, mulher cis, bissexual)

Fab cresce e cria seus modos de sobrevivência e vida na escola:

Em mim, todas as formas de *bullying* possível. Aí eu virei uma péssima pessoa. [...] Não, não uma péssima pessoa, porque eu não fazia *bullying* com as pessoas que estavam lá só existindo. Eu ajudava a fazer *bullying* com as pessoas do *bullying*. [...] E como uma forma de me proteger eu passava cola com os meninos, então era tipo... Eu comecei a ser uma pessoa intocada e aí eu descobri também os medos deles. [...] Eu acho que não é a palavra sensitiva. Não é que eu sou sensitiva. Eu uso a probabilidade de alguma coisa acontecer. Eu falo a coisa e as coisas acontecem, porque tem alta probabilidade de alguma coisa acontecer. Então, os meninos achavam que eu tinha algum poder intuitivo sobre algumas coisas, então eu usava sobre isso. [...] alguma coisa que vai dar merda acontecer, tipo assim, tem uma coisa quase caindo. Aí você sabe que se aquela coisa cair vai acontecer tal coisa. Você fala, isso vai cair, vai acontecer tal coisa. E a coisa cair, vai acontecer tal coisa. E aí eu também começo a falar, tipo, fingir que estou colocando praga nas pessoas. E aí eu consigo fazer com que os meninos tenham uma nota alta. E aí começam a me respeitar. E aí eu também fui sempre uma pessoa de esporte. Eu era da queimada, eu fui pro vôlei, porque tinha essa... E também do futebol, quando a gente era obrigada a jogar só um tipo de esporte. E aí eu sempre fui bem forte, bem energética, bem do físico, então... E aí começou

também a reviravolta. Aquelas meninas brancas que faziam *bullying* comigo, eu fazia *bullying* com elas na oitava série. [...] Que aí eu retomei, eu peguei um poder que eu tinha. Eu era inteligente, os professores me favoreciam. Eu era boa em esportes, então... Era pra cortar uma bola, vou cortar em cima delas. Era pra chutar uma bola, vou chutar em cima delas. Era pra trombar num roubar bandeira, vou trombar com elas com toda força possível. [...] Aí tudo muda com o primeiro ano, as pessoas começam a dar em cima de mim, só que eu não queria mais. Eu estudei com aqueles meninos a vida inteira, escutei *bullying* deles. Eu não quero eles, eu não quero mais, agora eu quero viver minha vida. Eu tô quase saindo dessa escola maldita. Eu tô quase assim, indo pro mundo que eu sempre quis ir. (Fab, 28 anos, mulher cis, bissexual)

No campo acadêmico, Virgínia conta da experiência na graduação em Psicologia, em uma faculdade particular em cidade de médio porte. Relata: “só tive professores psicólogos brancos, e eu tinha uma professora negra, que era uma professora de anatomofisiologia, e ela não era da área da Psicologia”. Ela fomentava discussões em sala de aula sobre racialidade e interseccionalidades. Com desejo de docência, para além da atuação como psicóloga em outras áreas, foi fora da universidade que estudava que encontrou referências acadêmicas que a contemplavam:

Eu via as minhas professoras, assim, e eu ficava pensando assim, Meu Deus! Se eu tiver de ser, porque eu quero muito ser professora, quero ser psicóloga, se eu tiver que me aproximar disso, eu não me vejo nesse local, porque é muito diferente a forma de vestir, a forma de comportar. Isso foi me dando uma angústia no sentido, tipo assim, eu não sei o que eu vou fazer, eu não me vejo enquanto psicóloga. Isso atrasou a minha inserção no mercado de trabalho, porque eu não vi aquele local pra mim, porque eu só tive referências de mulheres brancas ricas. Eu vinha, eu saí desse contexto de uma faculdade privada, de que professoras iam dar aula terninho, em maquiadas, super arrumadas, o que tá tudo bem também. E fui para [cidade interiorana que sedia uma grande universidade pública], para participar de um evento, que eu vi as pessoas que estavam lá apresentando trabalho, tipo assim, de chinelo, e entregando um conteúdo ali, bacana. Aí eu comecei a falar assim: “uai, então para eu ser uma boa profissional, não preciso

estar vestida igual a minha professora”. É vestida, como ela usa o cabelo e por aí vai. E aí isso foi, começou a me, a despertar essa construção, essa tomada de consciência de, me torna uma pessoa negra. Então eu, eu, e aí depois de 2016, eu acho que eu participei de umas, mais umas três [eventos de Psicologia Social com viés político crítico], assim, porque era ali que eu me sentia pertencente, sabe, nesses eventos assim, principalmente da psicologia social. E via também pessoas parecidas comigo, via alunos, professores, pessoas importantes para o movimento. E me sentia muito bem nesse local. (Virgínia, 27 anos, mulher cis, heterossexual)

Movimento de assunção de autonomia, Carolina conta como foi se desvencilhando das garras do Ideal de Ego da branquitude e o rechaçou, para construir o seu próprio enquanto uma mulher negra que tem seus predicados e é sim uma sujeita, não assujeitada!

Eu acho que faz parte dessa casca que eu acho que fui criando ali ao longo da graduação de entender que o outro é o outro, eu sou eu. Não ficar me comparando sempre, sabe? E me desfazer do sonho branco também, eu acho que foi essencial, porque no início da faculdade eu tinha essa ideia, né? De, “nossa, vou ser que nem aquela pessoa, eu vou formar...” não sei o que, e tal. E chegou no final da faculdade, eu tinha plena certeza de coisas que eu não queria porque não fazia para o meu sonho, o meu desejo, isso era o desejo do outro, sabe? Eu acho que separar essas coisas foi muito importante, muito importante. E também reconhecer coisas boas de mim. Tipo, poxa, eu tive uma trajetória foda na minha primeira graduação, foda mesmo, sabe? De tipo, ser monitora de diferentes matérias, de professor levar meu nome pra dentro de sala, falar: “nossa, a Carol fez um trabalho excelente, gente!”, e tal coisa. Tenho certeza que se eu for na PUC hoje, alguns professores vão falar: “nossa, Carol, você?”, sabe? Ser lembrada. Acho que é uma volta por cima gigante, assim. É muita coragem. E é uma coragem que eu sinto falta hoje em dia, sabe? Hoje parece que eu não tenho essa coragem mais, sei lá. (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)

Pós percalços, delícias e descobrimentos evocados e experienciados no campo educacional, outros desafios se impõem: o engendramento de classe e raça. “O paralelismo entre negro e miséria, canto atávico remanescente do período abolicionista, que marca sua presença ainda hoje como estigma em torno do mundo instável da classe média negra”(Neusa Santos Souza, 2021, p. 58). Carmem, uma entrevistada da pesquisa de Neusa Santos Souza (2021) explicita a reprodução desse complexo sistema de opressões que enredam pessoas negras, coadunando com as reflexões críticas da participante Ayesha desta construção:

acho que o que sempre me fez fugir do lance negro é o lance da pobreza - pobreza em todos os sentidos: financeira e intelectual. Acho que emocionalmente sou pela burguesia negra... Depois descobri que poderia ser negro e intelectual, ser negro e não ter que ser pobre. Ser negro sem ter que voltar às origens - viver na favela. (Neusa Santos Souza, 2021, p. 58)

[Ayesha] Olha a expectativa das pessoas, não sei, acho que eu nunca parei para poder pensar nisso assim. Agora a minha expectativa sobre mim mesma, eu acho que tem a ver, não sei né, mas eu acho que a minha profissão, ela... Eu acho que ser negra e ser uma profissional, eu acho que anda junto, sabe? Então eu acho que isso me dá um certo lugar social. Eu não me vejo uma mulher negra que não tem instrução. É igual, por exemplo, a minha mãe ficou fora do mercado de trabalho 30 anos, que foi o tempo de casada. E aí meu pai morreu, depois de um ano ela voltou pro mercado de trabalho. E ela foi trabalhar com a limpeza, com serviços gerais. Não é uma posição que tenha um status. Ela trabalha com a limpeza em um supermercado. Ela e as quatro colegas da limpeza são todas mulheres negras. E um dia ela falou: “nossa, a gente estava lá conversando, as quatro pretinhas lá”. E ela falou isso assim, rindo, assim, não sei se ela achou graça e tal, mas eu não consegui achar graça nisso. Mas eu acho que o fato de eu ter um diploma e ter uma profissão, eu acho que isso me dá um certo lugar social. Eu não estou tão marginalizada, sabe, como uma mulher negra que não tem uma profissão, digamos assim.

[Camilla] E o que você acha que acontece com a mulher negra que não tem uma formação [acadêmica]?

[Ayesha] Eu acho que sofre muito mais preconceito, Camilla. Quer dizer, eu acho não, é, né? Até mesmo porque tem algumas pesquisas que eu já li superficialmente que falam sobre isso. Eu acho que o poder de escolha dela, eu acho que a voz dela é uma voz menos escutada. Ela... Não que ela não tenha voz ou que a voz dela valha menos, mas eu acho que socialmente falando tem um descrédito, sabe? Até do meu avô mesmo, viu? O meu avô sempre trazia algumas frases de quando ele trabalhava, de quando ele era mais novo, que dizia desse lugar inferior que o preto ocupava e que o branco ocupava. Como por exemplo, meu avô foi mestre de obra. Ele trabalhou com obra há muitos anos. E aí quando ele ia falar de algum chefe, ele falava assim: “o Seu [nome da pessoa] o era um homem branco, alto”. Então ele sempre usava esse adjetivo ‘branco’. “Ele era um homem branco”. Caguei para a cor do homem, mas ele sempre falava branco. (Ayesha, 30 anos, mulher cis, heterossexual)

Outro campo de acesso que se nomeia como “privilégio” - termo de se estranhar nesse caso, entendendo que faz parte de um conjunto de direitos básicos de vida- para mulheres negras trans está a possibilidade de escolha de um trabalho. Lana conta sobre seu campo de trabalho, a percepção da impressão de “madame” que as pessoas transmitem que ter sobre ela, principalmente considerando a estética bonita e elegante do seu *feed* no Instagram.

Suas reflexões sobre o enlaçamento de gênero, raça e classe coadunam com o ato manifesto das autoras trans/ travestis Sara Wagner York, Megg Rayara Gomes Oliveira e Bruna Benevides (2020) que ressaltam:

Não existe uma única forma de ser travesti. Temos diversas travestilidades e possibilidades de ser travesti. Nenhuma é igual a outra (o experimento da expressão de gênero pode ou não ser constitutivo); não generalize. [...]Prostituição não é crime no Brasil, poderia ser uma opção para muitas de nós, mas numa sociedade justa não podemos suportar que qualquer pessoa esteja nesta profissão enquanto destino compulsório, inicial e final de sua existência [...] Não fetichizem nossos corpos. O país que mais acessa pornografia trans/travesti é o mesmo país que ainda discute casamento homoafetivo e enxerga trans/travestis

como extensão de orientação sexual. (Sara Wagner York, Megg Rayara Gomes Oliveira e Bruna Benevides, 2020)

[Lana] E todo mundo que chega pra ter esse primeiro contato comigo fala sobre isso, porque, aí, não muda. Não muda a percepção, continua achando que eu sou uma madame. Mas o medo passa um pouquinho, mas todo mundo tem essa visão um pouco branca. Minha, sabe? Lembro do negócio do dinheiro, essa visão enobrecida, sabe? E não importa, eu posso estar num ônibus e se eu fizer algum *stories* a galera vai ficar assim “uuuuuhhh diva acessível!” [risos] e é isso. Então assim, tem a construção de uma personagem que eu não faço a menor ideia de onde, do porquê, né? Mas aí já não é um problema meu. Normalmente todos os caras, todos os meus ex-namorados, eles chegam muito impactados com a primeira impressão que eles têm de mim pessoal, sabe? Todos eles. Até porque a maioria das minhas fotos são profissionais, né? Eu faço ensaios fotográficos.

[Camilla] Chega mais no sentido de se impressionar pela sua personalidade, pela sua beleza, assim. Você já experimentou ter uma hipersexualização, talvez, do corpo?

[Lana] Ah, tá. Em relação aos caras, com certeza, assim, tá? É porque são fetiches, né? Porque são acostumados com outras mulheres trans que estão ali, né, na rua, com... Todo aquele estereótipo vulgar, que na verdade elas estão trabalhando, né? Elas não estão sendo vulgar porque elas são vulgar, é o trabalho delas. Que é até uma frase de Bruna Surfistinha: “nós não somos quem nós queremos ser, nós somos quem nós conseguimos ser”. Então as meninas, poxa, tipo, são 90% das mulheres trabalhando com a prostituição, sabe? Eu tô em 10%. E ainda assim, desses 10% se eu for peneirar, eu tenho que estar ali em uns 3% de nível social, aonde eu entro, porque aonde eu entro tem mulher cis que não entra, entende? Então eu tenho acessos que obviamente eu conquistei com o meu trabalho, não foi uma coisa de privilégio porque eu venho de periferia, minha mãe é costureira, meu pai é aposentado? A minha faculdade de arquitetura é pelo FIES, design de interiores eu fiz porque eu trabalhava de tarde e pagava a faculdade. Então assim, eu venho uma realidade pobre, sabe? Eu acho que eu sou a única da família de parte de mãe que tem diploma. Aonde eu estou é uma conquista minha, então não deixo qualquer um falar muita coisa não, sabe? Então por isso que ao invés de eu entrar muito na brincadeira de diva etc, que é esse arquétipo que me dão de diva,

há momentos em que me irritam. Sabe? Porque eu sinto que isso invisibiliza a minha história e minhas conquistas. Entende? (Lana, 28 anos, mulher trans, heterossexual)

“Pretos ganhando dinheiro incomoda demais, sociedade que só respeita o que o bolso traz” (Criolo, 2022). Mulheres pretas são “embranquecidas” pelo sucesso profissional, quando rompem o estereótipo social de servilismo e ligação com trabalhos precarizados. No caso de Lana, por estar em posição diferente de muitas mulheres trans que são representadas por esse não acesso nas estatísticas. Além da pele, acessos que a classe proporciona são frequentemente cooptados pela branquitude ‘como podemos fazer como eles’, ora como discurso meritocrático, ora como falso discurso de diversidade e inclusão como propagandismo, usando pessoas negras como *token* ou totem, inviabilizando especificidades.

A fala de Ayesha coaduna apontando os enodamentos de classe com raça: o *triathlon*, assim como a psicanálise não são interesses de brancos, mas são excludentes no acesso elitizado nos espaços de formação e prática.

Eu estava conversando hoje lá na academia, com o meu personal. E eu estava falando com ele que tem um triatleta aqui de BH. Na verdade, ele mora no Vila da Serra, lá em Nova Lima. Ele foi o primeiro homem a conseguir fazer uma prova chamada... Iron Man. O Iron Man é uma prova de *triathlon*, é uma prova de *triathlon*, né, então assim: nada muito, pedala muito e corre muito, assim são longas distâncias. E aí eu peguei fui ler né fui lá na internet ler sobre isso, falei assim gente, é um negócio muito louco né assim porque o *triathlon* ele existe desde 1970 a primeira prova aconteceu em 1970 e só em 2010 que um negro conseguiu finalizar isso, sabe? Os negros têm muito destaque na corrida, que é o povo lá da África, o pessoal do Quênia, enfim. Mas na natação e na bicicleta, não tem. Porque o *triathlon* também é um esporte de um custo muito alto. Então, majoritariamente pessoas brancas. Então, o esporte acho que faz isso também. Como eu estou muito no meio da bicicleta. E até na psicanálise mesmo. Eu estou no curso lá do Instituto, essa semana eu estava lá no fundo da sala, eu fiquei olhando assim para a turma, eu falei: “gente, eu e a Karla [nome fictício] só de negras aqui, só está nós duas, né?”. A galera é toda branca. Então, assim, eu acho

que tem isso ainda, sabe? Que é um ponto, assim, que é bem delicado para mim.
(Ayesha, 30 anos, mulher cis, heterossexual)

Em enlace análogo, Carolina conta do complexo processo de inserção e permanência na universidade que envolvia para além das questões raciais e de gênero, de ser mulher negra em um curso de exatas com maioria masculina e branca, vir de classe popular tornou ainda mais desafiador material e subjetivamente. No último, outro ponto importante, é sobre a intimidade: construída a partir de trocas em estar vulnerável, disponível, compartilhamento e experiências em comum. Ela conta sobre os pares raciais ocupando funções bastante distintas do estudo em que apostou: a rede de apoio no início incipiente e a ausência de testemunho compartilhado de pessoas negras na experiência em seu curso, junto a naturalização de experiências coletivas de acessos comuns a classe detentora de poder econômico. Falta de recursos básicos para sobrevivência e bem viver, a falta de afetos saudáveis adoecem não só o corpo, mas também as camadas profundas da existência de ser sujeita/e/o:

Cara, pra mim foi quando eu entrei na faculdade pela primeira vez. Eu tinha 18 anos. E entrar na faculdade era uma realização de um sonho de toda a família, ninguém nunca teve acesso à faculdade e eu tava tendo acesso. Eu era bolsista e tudo mais, só que eu acho que com muita gente que entra na faculdade como bolsista, eu fazia parte do grupo que era um destaque na ensino médio e que entrou pra faculdade com grandes promessas. E quando eu cheguei lá, eu levei um tombo gigantesco, a começar pelo professor que perguntou: “quem é do CEFET?”. Metade da turma. “Quem é do Santo Agostinho, Bernoulli?”. Sei lá, a outra metade? “E aí quem é de escola pública?”. E era eu e mais umas quatro pessoas, numa turma de 75. E aí isso já me bateu, tipo, opa, tô sozinha. E eu acho que a solidão me guiou pro letramento racial dentro da faculdade, principalmente. [...] Minha primeira graduação foi na engenharia elétrica, eram muitos homens e muitos homens brancos. Eu acho, eu não me recordo muito bem nesse primeiro semestre porque não era uma coisa que eu tinha muito em pauta na época, mas ao longo de ter pouquíssimas pessoas negras, se tivesse eu e mais dois, era muita coisa. E aí, eu acho que o primeiro semestre, eu sou uma pessoa muito contida, eu não sou de conversar, como eu disse eu não sou uma pessoa exploradora de ambientes e tal, eu passei o semestre inteiro sem conversar com ninguém. Assim

eu sempre fui muito determinada, eu queria muito entrar na faculdade e eu fui lá e entrei. Eu estava nas matérias, eu queria muito passar nessas matérias, então eu estudava muito, eu estudava para caramba, eu tinha apoio da minha família para poder estudar. Então eu saía de casa muito cedo para poder ir para a faculdade, a faculdade era à noite, sei lá, 10 horas da manhã eu já estava na faculdade, na biblioteca estudando. E aí eu estudava, estudava, chegava na prova, zero. [...] Foi só nos primeiros três semestres só que eu não trabalhei. Porque apesar de estudar, minha nota era muito ruim, muito ruim. Eu não conseguia alcançar a galera de forma alguma. E aí, assim, aquilo eu ficava achando que era um problema comigo. Ah, será que eu escolhi a faculdade certa? Acho que eu não escolhi a faculdade certa. Comecei a muito duvidar das minhas escolhas. Então, eu meio que procurei um curso técnico para poder fazer, mais ou menos, na área, para ter certeza que era aquilo que eu queria na faculdade. Então a partir do terceiro semestre eu comecei a fazer faculdade e o curso técnico ao mesmo tempo. Aí depois de um semestre fazendo as duas coisas juntas, eu parei a faculdade durante um ano e fui fazer o curso técnico e ir trabalhar. Aí no curso técnico aprendi um bocado de coisa que não vi na faculdade, porque os professores falavam que a gente tinha que ter visto antes. Vi que eu gostava muito daquela matéria, daquele espaço, daquela área. E no trabalho eu aprendi muita coisa também. Aí quando eu voltei pra faculdade, em questão de educação, eu voltei com uma outra mentalidade. Eu voltei pensando, bom, não preciso tirar notão, não preciso tirar 100 em nada, essa garota prodígio ficou lá no ensino médio, que eu não sou mais isso. Sabe, eu sei lá, foi uma transformação mesmo, sabe? Me senti mais segura naquele espaço também, já que eu tinha feito esse curso técnico. Aí, quando eu voltei pra faculdade, eu tinha terminado o curso técnico, aí eu tava na faculdade e trabalhando, aí foi um pouquinho pesado. [...] E aí eu chegava na faculdade e eu via que as posições de pessoas pretas eram de auxiliar de limpeza geral, era na lanchonete, e que do meu lado não tinha ninguém. E que isso limitava muita conversa, porque o meu dia a dia era corrido, era tipo assim: ”poxa, sei lá, será gente vai conseguir pagar a conta de luz em casa?”, essas coisas assim. Enquanto o pessoal na universidade tava assim: “nossa, eu fui pra Nova York, final de semana!”, sabe? Olha o distanciamento, sabe? E, enfim, eu acho que foi nesse processo, assim, a partir do segundo período da faculdade, aí foi as coisas todas que eu fiquei fora um tempo, depois eu voltei, acho que eu tive que criar uma

casca por essa questão do letramento racial também, que eu também não queria mais me aproximar dessas pessoas que eram tão diferentes de mim. Acho que no início da faculdade eu ainda olhava com aquela: “nossa, eu queria estar nesse lugar!”, como se fosse um sonho meu estar nisso, só que não era um sonho meu, era um sonho branco. Estar nesse lugar, né? (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)

Conta também sobre um relacionamento com uma mulher branca de classe média alta, que trazia incômodos e reflexões sobre classe e como certas abundâncias, como de alimentação, não era algo natural em sua realidade. Remonta a ideia da intimidade ter também fatores como o compartilhamento de experiências de classe. A falta de dinheiro era o impedimento para além do material, mas para a criação de um vínculo que não hipervigilante. O trabalho que o pobre já realiza para sobreviver é acrescido por outro não remunerado: o planejamento e fazer malabarismos para sobreviver e quiçá usufruir do melhor que é possível com o recurso financeiro. Ainda há no ditado popular que ‘deus ajuda quem cedo madruga’ em um tom de recompensa financeira meritocrática: vejo minha família e comunidade acordando cedo desde que me concebo gente e ninguém nunca ascendeu socialmente por isso!

Cara, eu odiava ir na casa dela porque era tudo muito chique, muito diferente da minha. Minha casa é muito simples assim, muito simples. Eu tinha vergonha que ela viesse na minha casa. Na verdade, tenho vergonha que todas as pessoas que frequentam minha casa. E na casa dela era tudo muito chique, não tinha problema, sabe? Tipo... Ah, sei lá, você quer abrir a geladeira e comer tudo que tá lá? Come tudo que tá lá, que depois eles vão e coloca tudo lá de novo, sem problema nenhum. É... sei lá, era... E eles estavam muito... nem tanto no luxo, porque eles não são dias para esbanjar. Mas tinha muitas coisas que na minha casa seria todo um cálculo para ser realizado. E para eles era uma coisa muito simples, vai lá e faz. E para mim é muito louco isso. Não conseguia bancar, de verdade. Não conseguia bancar. (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)

No campo da classe e ascensão social, retoma a leitura de Tornar-se Negro (Neusa Santos Souza, 2021), e elabora sobre seu processo de travessia do Ideal de Ego branco,

para a construção de um referencial que problematiza, aponta e fura vários de seus ideais passados para chegar em outro lado, onde encontra o acolhimento de sua cor, de seus desejos que vão de encontro a sua autenticidade.

Me recordo de uma cena da novela mexicana *Carrossel*, exibida no Brasil pela emissora de televisão SBT pela primeira vez no ano de 1991, em que Cirilo, uma criança preta retinta, pobre, retratado como doce e influenciável, quer conquistar Maria Joaquina, a menina branca, rica, antipática e racista. Assim, dois colegas ludibriam Cirilo a comprar uma pomada que supostamente o deixaria branco, assim conquistaria Maria Joaquina. Ele quebra seu cofrinho de moedas e compra o produto. Eles riem às escondidas da criança preta que usa o produto e não tem resultado, porém continuam incentivando que ele continue usando, pois o efeito viria com o tempo. Noutra cena, ele encontra Maria Joaquina e fala que está ficando branco, assim ela poderia gostar dele. Ela responde, em tom de humilhação que ele está mais negro que nunca. Ele a empurra com raiva da resposta e ela cai no chão, debatendo sobre violência. Corta. Tudo na cena é problematizável.

O puro caldo de racismo recreativo que demonstra as artimanhas perversas da branquitude e do capitalismo: você pode dar tudo que tem para ser igual a eles, mas nunca será. Se banhar narcisicamente do Ideal de Ego branco pode ser uma maquiagem tóxica: cobre a pele e suas substâncias agarram no profundo das entranhas. Maquiagem que deixa seus resquícios: entretanto, em muitos outros banhos em chuveiros narcísicos na água da racialização como negro, há limpezas e belezas de redescobrir a própria pele, a branquitude vai descendo ao ralo, mas as substâncias da pintura embora em cada vez menor quantidade ainda envenenam e habitam o corpo. Essa cena me faz imaginar a travessia do Ideal de Ego Branco que assolava Carolina, que na outra ponta tornar-se negra então estaria em se banhar de sua própria racialidade, agência de si, podendo ver suas querências no espelho d'água.

Essa ascensão social, tipo assim, que a faculdade dentro do meu contexto social representava uma ascensão social, um dia eu vou ser assim, eu já vou ter carro, já vou estar trabalhando, ganhando, sei lá, milhões. E depois eu percebi que não tem nada a ver, sabe? Nossa, é outro rolê, eu estou num outro contexto. E aí eu fui me aproximando de pessoas que pareciam mais comigo. Não pessoas pretas, necessariamente, porque a faculdade realmente é um lugar que tem poucas pessoas pretas, mas eu já me aproximei de pessoas bolsistas, e aí o rolê já é mais

parecido, sabe? Aí eles sabem o que é trabalhar durante o dia e estudar a noite, eles sabem qual que é o medo de perder a bolsa, então você tem que seguir ali certinho aquela regra, então, é, sabem o que que é ver uma matéria e muita gente tá tranquila porque já viu isso no ensino médio e a gente tá ali desesperado porque tá vendo pela primeira vez, não ter condição de comprar um livro ou alguma coisa assim sabe, e eu acho que isso me fortaleceu muito dentro da faculdade. (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)

Autorizar-se a se conhecer fora dos referenciais brancos, sendo pessoa negra em ascensão social, implica na invenção de seus próprios referenciais de sucesso, sonho e bem-viver, o que embora implique em possuir maiores acessos a escolhas, não deixa de ser angustiante.

[Camilla] Mas você acha que tem alguma coisa que te fez ficar um pouco mais contida?

[Carolina] Não sei, não sei. Eu acho, estava até falando com minha psicóloga, eu acho que eu alcancei muitas coisas que eu não esperava alcançar. Tem aquele livro Tornar-se Negro da Neusa, que foi um tombo na minha vida, porque ela fala muito sobre ascensão social, né? E eu acho que eu tô nesse lugar de ascensão social, não estou rica, mas no contexto que eu vivo eu sei que eu sou melhor que outras pessoas. E agora eu já tenho medo de sair desse lugar de ascensão social, de regredir, talvez, e acho que isso me deixa um pouco temerosa, assim, um pouco com medo.

[Camilla] E você acha que rola também do medo do avanço?

[Carolina] Sim, porque esse medo do avanço acho que é muito doido, porque é não ter referência. Então é uma coisa assim, dia a dia mesmo, de eu ficar parando tipo assim, o que eu vou fazer da vida agora? Porque parece que eu já alcancei tanta coisa que eu não sei mais pra onde ir. Vou fazer o que agora com isso, sabe? Porque, como eu disse, tem sonhos que são sonhos brancos. Eu não tenho interesse em sonhos brancos. Um exemplo, eu moro em periferia. O sonho de muita gente é sair da periferia e vir pra cidade grande. Não é meu sonho. Eu descobri, há alguns tempos, que não é meu sonho. Não faz parte de mim, Carol. Eu quero continuar morando ali onde eu estou. E aí, sabe, eu não tenho referência disso de pessoas

que acendem socialmente e continuam morando no mesmo bairro, tal. Parece que existe um caminhozinho a ser percorrido. A pessoa vai acender, ela vai mudar, ela vai pra tal lugar, ela vai comprar sei lá o que, ela vai viajar uma vez por ano, não sei o quê. Não faz parte de mim. E aí eu fico muito perdida, muito perdida. Eu acho que dá esse medo, tipo, vou pra onde agora? Vou fazer o quê com isso? Eu sinto as vezes que falta um propósito de vida, sabe? Vou fazer o quê agora? (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)

E negras acessando a ascensão social tem se provocado a encontrar pares nos lugares que escolhem estar. Se posso comprar, compro de outro como eu. Virgínia fala do acesso à saúde e bem estar, apontando que sente qualificação e maior acolhimento com profissionais negras/es/os:

Porque é bem parecido com aquilo que a gente falou do acolhimento com quando você tá fazendo psicoterapia ou análise ou você vai num profissional independente qual seja que é uma pessoa preta, né? Por exemplo, o personal lá da academia, ele é uma pessoa preta. Eu fico pensando se não será que fosse um personal branco, será que ele seria atencioso, tiraria as minhas dúvidas, porque eu quase não sei os nomes das coisas da academia, dos equipamentos. Sempre muito disposto a poder ajudar. E ele é assim com todas as pessoas, não é só comigo. Mas eu fico pensando se será que fosse um personal branco, ele estaria dando esse suporte. Então que assim, eu fico doida olhando assim a possibilidade de me consultar com médicos pretos, mas aqui na minha cidade quase não tem. E se tem, são médicos que passam super rápido pelo SUS, de passagem, pra ter algum tipo de experiência e vai. Eu sei que em BH tem até um Instagram aqui, sempre tem indicando assim, ah, é dermatologista, pediatra e por aí vai. Eu procuro também assim, estar, né na consulta com profissionais negros o mais possível, mas aqui na minha cidade são poucos. São poucos. (Virgínia, 27 anos, mulher cis, heterossexual)

4 ABRINDO OS BOLSOS AFETIVOS: O QUE GUARDAM AS RELAÇÕES AFETIVOSSEXUAIS DE MULHERES NEGRAS?

4.1 Afeto como experiência política: mulheres negras e relações afetivossexuais

Para pensar nas mulheres negras com quem pesquiso um estopim é o discurso proferido por Sojourner Truth - mulher negra que já havia estado submetida à escravidão estadunidense - na *Women's Rights Convention* em Akron, Ohio, Estados Unidos em 1851, expressando através de sua experiência alguns pontos que interfazializam a experiência social e individual:

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? [...] O que é que isso tem a ver com os direitos das mulheres e dos negros? Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, por que você me impediria de completar a minha medida? (Sojourner Truth, 1851)

Como elemento que pinça o olhar é o questionamento sobre se é vista como uma mulher. Questão que se atualiza em repostas pelo tempo, mas se mantêm certa estrutura: quem define o que é uma mulher e o que isto acessa? Pensar nos trâmites dos projetos políticos revela pistas.

Neste pressuposto, esta pesquisa teve como objetivo estudar com mulheres negras brasileiras como se tecem suas experiências afetivossexuais articuladas com a interseccionalidade no enfoque de gênero, raça e sexualidade, ou seja, como mulheres negras experienciam suas vivências de afetividade, neste recorte ou enfoque,

afetivossexual entendendo as relações e as não relações que envolvam endereçamento de investimento sexual a outrem, diante da interseccionalidade de gênero, raça e sexualidade, abarcando também discursos sobre experiências de solidão em mulheres negras.

Contrariando o discurso hegemônico em que a solidão é da mulher negra, é colocada quase que uma portadora de universalidade e inerência à solidão, o intuito é desnaturalizar tal posição, colocando em interface a objetividade dos atravessamentos sociais de gênero, raça e sexualidade nestas relações como elementos que podem enlaçar experiências que são vivenciadas na intimidade da individualidade também em um campo em que mulheres negras se encontram em coletividade por advento de gênero e raça, em suas avenidas identitárias (Carla Akotirene, 2018).

Pluralizando assim, se subverte a universalidade em que se hegemoniza as experiências a centralizar a concepção de que não existe a mulher negra, mas sim mulheres negras várias. Neste enfoque, se permite abarcar diversidade quanto à identidade de gênero, se cis ou trans e orientações sexuais como tentativa de tratar da questão nomeando experiências fora da cisheteronormatividade como complexificação dos saberes.

Como Sojourner Truth (1851) demonstra, há algo para além do gênero que se articula com a raça, demarcando que ela seria um corpo em regime de servidão, sendo sequer uma sujeita. Uma pista que se evidenciou para fortalecer e complexificar construção interseccional, é a inclusão do capitalismo como fator sustentáculo radical na circulação dos afetos, entendendo que a se articula com outras estruturas opressivas para apontar quem é ou não digno de acesso. Inclusive, quem é digno de amor. Dizer disto é dizer também de política.

4.2 Experiência e Afeto

Ao perguntar o que é afeto na comunidade, sua significação em senso comum geralmente atribui estado ou sentimento de coisas boas endereçado a algo ou alguém, algo que parte da intimidade. De modo generalizado na Psicologia, a clínica costuma se debruçar sobre o leito das individualidades e a social geralmente se detêm às questões relativas a uma objetividade da sociedade, refletindo uma dicotomização. Para elucidar a concepção de afeto nesta pesquisa, abordar os afetos enquanto atravessados socialmente pode complexificar e produzir um giro de encontro em interfaces do lado subjetivo e do lado coletivo dos afetos, ou seja, de forma relacional.

Para compreender isto, a socióloga Eva Illouz no livro *Amor nos tempos do capitalismo* (2011) disserta sobre a política envolvida em nos afetos e como suas construções e significados são parte do modo em que vivemos, o capitalismo. Ela questiona que as narrativas sociológicas da Era Moderna contiveram em tonalidades e dimensões menores de descrições e relatos nos termos dos afetos, que, entretanto, estão presentes. Cita exemplos sobre os afetos, que qualifica em seus termos como “flagrantes” e “triviais”, tal como a ética protestante de Weber, que aponta como teoria que “contém em seu núcleo uma tese sobre o papel dos sentimentos na ação econômica, pois é a angústia provocada por uma divindade imperscrutável que se encontra no cerne da atividade frenética do empresário capitalista” (Eva Illouz, 2011, p. 6).

A autora alude que se não há uma teoria completa que se referencie aos afetos, muito se alude a eles, como o amor, a rivalidade, a angústia e a culpa. É bem explicitado nos relatos das rupturas que iniciaram a era moderna que se houver o esforço de ir além da superfície, o que sugere em sua obra, pode ser possível um trabalho de recuperação de dimensões que não são tão ocultas na modernidade, tal como problematizar as análises padrão da constituição do eu e da identidade do eu moderna e as divisões dos campos do público e do privado e suas articulações com gênero (Eva Illouz, 2011).

Ao nos debruçarmos sobre o estudo dos afetos como parte de uma teoria social, implica em questionar sobre a quem serve e quem é tratada como objetos de pesquisa, já que a ciência hegemônica parece estar se saindo bem na posição do olho de deus (Donna Haraway, 2009).

Mas talvez vocês perguntem: por que devemos fazer isso? Será que se concentrar numa experiência tão sumariamente subjetiva, invisível e pessoa quanto o “afeto” não solaparia a vocação da sociologia, que afinal de contas, tem se interessado, sobretudo por regularidades objetivas, atos padronizados e instituições de larga escala? Em outras palavras, por que haveríamos de nos alvoroçar e mexer com uma categoria sem a qual, até hoje, a sociologia saiu-se muito bem? (Eva Illouz, 2011, p. 7)

A virada pode estar em pensar a experiência afetiva como categoria relacional analítica do feminismo, conforme aborda a autora historiadora de gênero Joan Scott (2001). Em análise constituída por resgate histórico, entende que os indivíduos não possuem a experiência, mas são constituídos através dela.

No enfoque das relações afetivossexuais de mulheres negras, a experiência aparece como possibilidade de compreensão interseccional, por deslocar de um campo

estritamente subjetivo da intimidade e colocar como possibilidade de pensar em produção de identidades coletivas informadora política da historicidade. Ela, a experiência, se define de forma dialógica em que

torna-se, não a origem de nossa explicação, não a evidência autorizada (porque vista ou sentida) que fundamenta o conhecimento, mas sim aquilo que buscamos explicar, aquilo sobre o qual se produz conhecimento. Pensar a experiência dessa forma é historicizá-la, assim como as identidades que ela produz. (Joan Scott, 2001, p. 27)

Isto promove movimento de ruptura da concepção do sujeito individual em sua experiência subjetiva e explora a forma com que a diferença opera na visão e ação da constituição dos sujeitos em um ponto de enlaçamento coletivo que é a produção de identidades, entendendo que as interações acontecem em um campo, os afetos são expressões de articulações com os sentidos sociais que ganham circulação, como explicita Clifford Geertz (2001, p. 183): “palavras, imagens, gestos, marcas corporais e terminologias, assim como as histórias, ritos, costumes, sermões, melodias e conversas, não são meros veículos de sentimentos alojados noutra lugar, como um punhado de reflexos, sintomas e transpirações. São o lócus e a maquinaria da coisa em si”.

Com isto, o autor trata da constituição cultural que se embasa em vários mecanismos de controle, em que simbolicamente os sujeitos inseridos participam e regem suas experiências emocionais. Se a cultura é pública, os símbolos também são símbolos públicos. Desta forma a afetividade e significações afetivas também são artefatos culturais de relação entre sujeitos e sociedade (Geertz, 2001).

Considerando este panorama, se delineia os caminhos da abordagem de afeto nesta proposição. Para essa demarcação, utilizo Eva Illouz (2011) que define o afeto como uma energia relacional social:

não é uma ação em si, mas a energia interna que nos impele a agir, que confere um "clima" ou uma "coloração" particulares a um ato. Por isso, o afeto pode ser definido como o lado da ação que é 'carregado de energia', no qual se entende que essa energia implica, simultaneamente, cognição, afeto, motivação e o corpo. Longe de serem pré-sociais ou pré-culturais, os afetos são significados culturais e relações sociais inseparavelmente comprimidos, e é essa compressão que lhes

confere sua capacidade de energizar a ação. O que faz o afeto transportar essa "energia" é o fato de ele sempre dizer respeito ao eu e à relação do eu com os outros culturalmente situados. (Eva Illouz, 2011, p. 7)

A autora exemplifica essa relação dessa compressão dos afetos, pensando na relação das pessoas com o atraso. O afeto experienciado depende quase que intrinsecamente com a relação estabelecida com quem se atravessa o atraso. É possível que se sinta envergonhado, raivoso ou culpado, dependendo do interlocutor, como é possível que se um chefe comente sobre um atraso cause vergonha, um colega cause raiva e se deixar um filho esperando na escola, traga o afeto da culpa (Eva Illouz, 2011). Ou seja, os afetos passam por reconhecimento social, junto à relação subjetiva do sujeito como efeito. Desta forma, o afeto é:

uma entidade psicológica, sem dúvida, mas é também, e talvez até mais, uma entidade cultural e social: através dos afetos nós pomos em prática as definições culturais da individualidade, tal como se expressam em relações concretas e imediatas, mas sempre definidas em termos culturais e sociais. Assim, como dito, os sentimentos são significados culturais e relações sociais muito compactados, e é essa compressão compacta que lhes confere sua energia e, portanto, seu caráter pré-reflexivo, amiúde semiconsciente. Os afetos são aspectos profundamente internalizados e não reflexivos da ação, não por não conterem cultura e sociedade suficientes, mas por conterem um excesso delas. (Eva Illouz, 2011, p. 7)

Neste sentido, é possível entender que teoria dos afetos de Eva Illouz (2011), passa a se dicotomizar, dando indícios de primazia do social na dinâmica dos afetos. Entendendo isso, a autora questiona que para uma sociologia hermenêutica que queira entender a ação social em sua face interna, não pode fazer de maneira complexificada sem se debruçar "à coloração afetiva da ação e o que de fato a impulsiona" (Illouz, 2011, p.7).

Para compreender essa coloração e impulsionamentos dentre a relação social e subjetivo, a experiência de Joan Scott (2001), permite compreensões acerca da relação entre atividades pessoais e política através do relato do visto e vivido e da elaboração no escrito no ofício do pesquisador historiador. Ela marca a ideia da experiência como modo

de conhecimento adquirido pelo mundo dos sentidos, principalmente do olhar, como forma de apreensão do mundo:

essas histórias têm fornecido evidências de um mundo de práticas e valores alternativos cuja existência desmente construções hegemônicas de mundos sociais, sejam essas construções suporte para a superioridade política do homem branco, a coerência e unidade de individualidades, a naturalidade da monogamia sexual, seja a inevitabilidade de progresso científico e desenvolvimento econômico. O desafio à história normativa tem sido descrito, em termos de entendimentos históricos convencionais de evidência, como uma ampliação do quadro, correção do que foi negligenciado como resultado de uma visão incorreta ou incompleta, e, tem reivindicado legitimidade sobre a autoridade da experiência, a experiência direta de outros (Joan Scott, 2001, p. 300).

A experiência informa a base sobre a qual se historiciza os afetos. Eva Illouz (2011, p. 7) disserta sobre como os arranjos sociais são também afetivos: “sentimentos portanto, organizam-se hierarquicamente, e esse tipo de hierarquia afetiva, por sua vez, organiza implicitamente os arranjos morais e sociais”. Como exemplo para esses arranjos, ela traz a divisão e distinção por gênero feminino e masculino em que cada performance tem seus papéis, como a mulher ser bondosa e compassiva, assim como ser um homem tem atribuído ser corajoso e demonstrar racionalidade. A partir disto, as hierarquias sociais advindas das divisões de gênero colocam divisões afetivas que são naturalizadamente implícitas, de forma que nesta ausência, os papéis e identidades não seriam reproduzidos.

Essas hierarquias sociais, conforme explicitado marca posições para os sujeitos. Alguns são favorecidos e outros não em relação ao acesso a bens e afetos. Alguns corpos são mais bem quistos que outros. Se tratando do enfoque de relações afetivossexuais de mulheres negras, a socióloga Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013) centraliza a idéia de fatores estruturantes da sociedade brasileira como racismo, sexismo e cisheteropatriarcado são construídos pelo colonialismo que reeditados na colonialidade, opera em muitas frentes: no campo objetivo e subjetivo, concernentes também a afetividade sexual. Camilla Gabrielle Gomes Vieira (2021, p. 292) sumariza a discussão da autora de forma que explicita sobre tais estruturas de forma que:

Estas estruturas ganham materialidade nas preferências afetivas dos sujeitos, propiciando repercussões no que concerne a preferências afetivas e acesso ao afeto, indicando a quem é dado e a quem é negado o direito de ser escolha afetiva por quesito da raça. Neste ponto, o preterimento de alguns segmentos de mulheres quanto a serem escolhidas como potenciais parcerias afetivossexuais se constrói pela via da racialização da negritude em detrimento da não racialização da branquitude. Esta diferença se dá na vivência interseccional de raça e gênero em outros grupos femininos nesta temática e como as mulheres brancas que seriam majoritariamente preferidas nestas relações, deste modo colaborando para a solidão de mulheres negras. (Camilla Gabrielle Gomes Vieira, 2021, p. 292)

Diante do panorama do colonialismo que aponta posições de acesso a experiências, neste caso, os entrecruzamentos que incidem de maneira opressiva no campo afetivo de mulheres negras e enlaçando também com o lugar da classe, é possível apreender o lugar que o capitalismo se articula para a economia afetiva em que alguns segmentos de mulheres estariam mais favorecidos na economia e na economia afetiva, entendendo que “o capitalismo afetivo realinhou as culturas dos sentimentos, tornando emocional o eu econômico e fazendo os afetos se atrelarem mais estreitamente à ação instrumental” (Eva Illouz, 2011, p.38). O que se sente não é tão natural e puro quanto se imagina.

4.3 Movimentos Sociais e o Embate com Questões Estruturais

Representatividade, diversidade e inclusão nas instituições. Eva Illouz (2011) traz o estranhamento quanto a utilizar como parâmetro de avaliação das transformações sociais conquistas como igualdade e liberdade, mas trazendo para o cerne da pesquisa, a investigação de que formas “as novas normas de igualdade ou liberdade transformaram a “textura afetiva” dos relacionamentos íntimos” (Eva Illouz, 2011, p.47). Ou seja, onde essas transformações incidem na subjetividade dos sujeitos. Em sua publicação, ela faz crítica ao papel dos movimentos feministas e da instrumentalidade teórica e metodológica da Psicologia, que propiciaria uma racionalização das relações de intimidade quando entrelaçadas ao capitalismo, de modo que se fornecem lógicas de sentido e moral para vivência destas.

Visto isto, se remonta à ação dos movimentos sociais, se tratando dos enfoques e especificidades brasileiras, os movimentos negros, os feminismos, sublinhando o feminismo negro e o antirracismo que há tanto tempo falam, mas frequentemente não adquirem um status dialógico para além de ações de apaziguamento a desmantelamentos hierárquicos, como aponta Jota Mombaça (2015) e Brigitte Vasallo (2022). Ingenuidade seria pensar que os movimentos sociais conseguem modificar radicalmente a cultura e as estruturas sociais, embora sejam extremamente necessários para fomentar mudanças e desafiar o *status quo*, para hierarquias mais includentes, compartilhando da idéia rancieriana (Ângela Salgueiro e Marco Prado, 2018).

Muito se avança nas pautas destes movimentos, conquistas se dão em um campo material. Entretanto texturas dos saberes e sentires são relegadas a frequente invisibilidade. Ailton Krenak, liderança indígena e escritor, ilustra na entrevista ao artista indígena Jaider Esbell no programa Diálogos: Desafios da Decolonialidade (Universidade de Brasília, 2019) dialoga neste contexto sobre cotas como direito adquirido pelos movimentos sociais. Aponta metaforicamente sobre os direitos e reedições da colonialidade tal como o processo de hemodiálise nas instituições, no contexto da exposição às Universidades: se injeta sangue artificialmente limpo em um sistema doente para que possa sobreviver por mais tempo.

Os afetos não passam incólumes aos movimentos sociais. Conforme Eva Illouz (2011) demonstra, têm aspectos relacionais que se interfazializam entre o campo material e das subjetividades. Nestas relações, mulheres negras plurais se deparam coletivamente com vários desafios, inclusive com a possibilidade de acesso a vivência de afetividade sexual atravancada por fatores societários. bell hooks (2010) fala da necessidade de pessoas negras vivenciarem o amor, e para isto, precisam de condições para tal.

É preciso dentro de todas as possibilidades de amar e serem amadas, que mulheres negras possam estar em condições plenas de escolherem e serem escolhidas, contrariando o “mercado matrimonial” (Elza Berquó, 1987) que realiza concentrações econômicas e quantificáveis até mesmo na afetividade sexual.

4.4 Relacionamentos afetivossexuais

Se perguntar o que é o amor pra mim

Não sei responder

Não sei explicar
 Mas sei que o amor nasceu dentro de mim
 Me fez renascer, me fez despertar
 Me disseram uma vez que o danado do amor pode ser fatal
 Dor sem ter remédio pra curar
 Me disseram também
 Que o amor faz o bem
 E que vence o mal
 Até hoje ninguém conseguiu definir o que é o amor
 Quando a gente ama, brilha mais que o sol
 É muita luz, é emoção
 O amor
 Quando a gente ama é o clarão do luar
 Que vem abençoar
 O nosso amor
 (Arlindo Cruz, 2007)

Quando se pensa em relações afetivossexuais, o imaginário hegemônico atrela como sensação subjetiva o amor em primazia em relação a outra gama de outros sentimentos. Aqui reúno algumas das expressões que sumarizam os (des) encontros com a alteridade que as relações (des) amorosas evocam e convocam:

[Conceição] Eu namorava com um rapaz. Quando chegava a época de Carnaval eu não queria ficar com ele, não. Porque queria ficar solta. Aí eu terminava, passava o Carnaval e voltava. [...] Queria nem saber, não. Aí eu: “ah não, não vai dar, não”. E não sei o quê. Aí terminava com ele e ficava o Carnaval todo livre, leve e solta!

[Camilla] E o que que você gostava de fazer no Carnaval?

[Conceição] Ah... De dançar, de brincar, de ficar livre, né? Porque às vezes aquele negócio de a pessoa estar sempre ali grudada no seu pé. Aí você vai, você tem que ir. Aí você não fica assim. Por mais que você fique à vontade, você nunca fica totalmente à vontade. Mesmo no casamento, mesmo casada. Quando você vai, que seu marido vai, não é a mesma coisa. Você também não fica muito à vontade para conversar, para conversar à vontade com os outros.

[Camilla] Sempre reservada, né?

[Conceição] Sempre reservada.

[Camilla] Como é que é isso, assim, de ficar reservada? Tinha algum assunto, alguma coisa que você evitava de falar perto dos seus namorados, perto do seu ex-marido?

[Conceição] Não me sentia muito solta, sabe? Solta assim, de ficar batendo papo, porque eu gosto mesmo de fazer amizade. Toda vida eu gostei de fazer amizade. Todo ano eu viajo, todo ano eu junto meu dinheiro, vou para a praia. [...] eu não tô caçando namorado mais não, não tô caçando homi na minha vida, porque toda a vida pra mim era assim, casar é uma vez só. Casar pra mim é igual morrer, uma vez só.

[Camilla] Por quê?

[Conceição] Ah, não tenho, não tenho vontade. Sabe, eu não quero, não tenho vontade. Só se for uma coisa acontecer de que Deus mandar, mas para mim... Se for para falar com você assim...igual eu saio, eu vou para o bar com as amigas e tudo, mas eu vou muito nas coisas de igreja [católica]. (Conceição, 59 anos, mulher cis, heterossexual)

Interessante como Conceição tece sua liberdade: embora as relações afetivossexuais fossem limitadoras por certo controle dos parceiros de sua expressão, “o casamento é como a morte, uma vez só”, tem suas agências artimanhas: hoje solteira aproveita, a sua maneira, como fazia na época do Carnaval.

Putz! Me vem medo! Medo! Eu sou uma pessoa que gosta da ideia de controle. Eu sei que controle não existe, mas eu sou muito apegada. [...] É aquela coisa de planejar e as coisas acontecerem certinho, de, sei lá, imaginar e acontecer exatamente igual, gosto dessa ideia de controle, planejamento. E quando sai do meu controle é um tombo, vem ansiedade, crises, etc. E aí eu acho que a minha vida afetiva ela foge do meu controle e por fugir do meu controle eu acho que eu evito o máximo possível, o máximo possível. E acho que a vida afetiva também é se colocar em vulnerabilidade, que é uma coisa que também evito muito, eu não quero sair em estado de vulnerabilidade perante ninguém. [...] Nossa, acho que se relacionar com alguém é saber que você não vai ter controle nenhum. É estar vulnerabilidade o tempo inteiro. E pra mim é horrível. É bom? É bom! “Nossa,

que gostosinho”, não sei o que, mas pra mim é ataques de pânico, assim. É muita terapia. (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)

Carolina, em contraponto a Conceição marca as relações com a carga ansiogênica das tentativas de previsão e controle de organização de sua vida e dos relacionamentos, questão que está a trabalho de tratamento.

[Fátima] Olha, eu acho que o relacionamento a dois tem que ter cumplicidade. Tem que ter cumplicidade, tem que ter diálogo, que tudo se resolve na base do diálogo. Não adianta a pessoa querer manter as aparências, falar assim, está tudo bem, para as pessoas lá de fora, acharem que está tudo bem. E entre vocês dois, entre quatro paredes, está tudo bem? Eu acho que você tem que ser bastante clara e objetiva, não só para as pessoas lá de fora. Tem que ser para você mesma, entendeu? [...] Se você deixar transparecer para as pessoas lá de fora, uma coisa que você sabe que não é certa, que não é verdade, você não vai estar mentindo para elas, você vai estar mentindo para você mesma. Entendeu? Então eu acho que, como se diz nas igrejas, o primeiro ministério começa na sua casa. Então eu acho que em relação a um casamento, uma vida a dois, tudo tem que ser dialogado. Tudo começa na base do diálogo e do respeito. Não importa a crença da pessoa, não importa a vida financeira da pessoa, não importa a cor da pessoa. A pessoa pode ser negra, arrumar um marido branco, um marido pode ser negro, arrumar uma mulher branca, não vai implicar em nada. Não vai implicar em nada. Então, eu acho que... está aqui na cabeça de cada um.

[Camilla] Tem alguma coisa que você não aceita no relacionamento?

[Fátima] O que eu não aceito? Tem várias coisas, vários fatores. Como eu te falei, o respeito é a cumplicidade. Se a pessoa falta com respeito com você hoje, ela vai faltar com respeito com você amanhã, em todos os sentidos. De te corrigir na presença de outras pessoas, de ser grosso, entendeu? Na honestidade, você pinta uma pessoa, “a pessoa fulano de tal é honesta”. E depois você descobre que aquela pessoa não é honesta. Não é só no sentido de ser honesta com você, de te respeitar, no relacionamento. Ser desonesta de todas as formas. Ser desonesta na empresa, com os amigos, com a empresa, desonesto com um irmão, alguém da família, de todas as formas. Eu acho que a desonestidade, a falta de caráter... coisas que você

pinta na pessoa e você quer levar aquilo ali para a vida toda? Quer que aquela pessoa é aquilo, é aquilo, é aquilo? E quando você percebe, descobre que a pessoa não é aquilo, que você se decepciona a decepção. Entendeu? É muito complicado. O respeito, o caráter, é uma coisa que as pessoas têm que ver umas com as outras, não é só dentro de casa, é fora de casa, é na empresa, é com os amigos, entendeu? (Fátima, 54 anos, mulher cis, heterossexual)

Fátima não racializa as relações, mas enfatiza a construção de autoavaliação de si para si e de si diante os relacionamentos afetivossexuais, como ponto de retorno e manutenção trocas saudáveis e de cuidado.

[Carolina] Eu acho que uma das coisas que eu vi na minha vida, dos relacionamentos que eu tive, e uma coisa que sempre foi muito legal é a questão da amizade. Sempre fui muito amiga, tanto que essa amizade depois de um tempo ela retorna. Então acho que é uma coisa muito positiva de ter um relacionamento, essa amizade, essa abertura de falar as coisas e tal. Mas, ao mesmo tempo, acho que o meu erro nos três relacionamentos maiores de todos foi não falar as coisas, foi não comunicar as coisas, sabe? Por exemplo, na parte do sexo, eu não comunicar, cara, tipo, eu tô com bloqueio nisso porque eu nunca explorei isso. Eu acho que eu preciso explorar isso sozinha, “dá um tempinho ali, rapidinho, só pra poder sentir isso e aos pouquinhos a gente vai”. Porque eu acho que as pessoas não tem muita paciência comigo, sabe? Eu acho que... sei lá.

[Camilla] Mas você nunca testou?

[Carolina] Nunca testei.

[Camilla] Tem coragem pra testar?

[Carolina] Agora não tem coragem testar. Tô sem coragem ainda, menina. Tô sem coragem. Terapia nela de novo. Tô no caminho, quem sabe próxima vida. Não sei, não sei. Acho que, sei lá cara, essa questão afetiva assim me pega muito, porque eu me sinto muito bloqueada, é real. Muito bloqueada. Eu vejo as coisas acontecendo nos outros âmbitos, tipo assim, eu trabalho hoje com uma coisa muito legal, adoro meu trabalho, todo dia tem uma coisa interessante pra ser feita. Eu gosto muito de aprender, então tô sempre aprendendo, tô numa graduação nova, sabe? Coisas maravilhosas estão acontecendo. Hoje eu tenho condição de bancar minha casa, eu consigo chegar pro meu pai e falar: “pai, vamos no supermercado,

compra o que você quiser!”, foda-se, sabe? Eu pago. Isso é uma coisa muito gostosa de ter. Mas nesse negócio afetivossexual é um negócio que parece que eu guardo as sete chaves. (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)

Retomando a fala de Carolina sobre a necessidade de controle na vida e nas relações, a hipervigilância como decorrência do temor de atingir um estado ansiogênico tem efeito retroalimentador que compõe diversas nuances de suas experiências, como ela cita, na vida sexual e o prazer. A vida afetivossexual não toma lugar de centralidade: vem se edificando, cuidando e extraindo prazer dos acessos do retorno de investimentos em seus desejos, como satisfação no trabalho e remuneração para uma vida mais confortável.

[Virgínia] Eu não sinto falta, assim, pra mim não é uma necessidade me envolver afetivossexualmente a qualquer custo, porque eu me basto de outras formas, né? Mas também é algo que eu quero, viver isso na minha vida. Eu quero ter um afeto, por aí vai. Mas também não fico matando cachorro a grito, não vou beijar qualquer pessoa pra isso. Então fiquei bastante seletiva. E a maioria também dos caras que eu já me envolvi na vida são homens brancos, né? Aí depois que eu tive consciência de que eu era uma pessoa negra e que o afeto é algo político, aí eu priorizei me relacionar com homens pretos, mas aí também tem aquela questão que o homem preto às vezes não prioriza se relacionar com mulheres negras e por aí vai, mas enfim, estamos aí na luta.

[Camilla] Entendi. Você fala bastante de relacionamento afrocentrado. O que que vem a sua cabeça quando você fala isso?

[Virgínia] Um relacionamento com um homem, né? Homem é hétero cis, até então, eu acho que não sei, eu acho que eu não me limitaria se fosse um homem trans, né, porque nunca me aconteceu, mas enfim, mas que fosse um homem hétero cis, preto, negro, que entendesse o que é ser um corpo negro e que de fato tivesse esse desejo que eu tenho. Eu acho que afeto é político, né, e... sei lá, eu gostaria muito de estar ao lado de uma pessoa que vivesse um mundo racializado como eu vivo hoje em dia sendo uma pessoa preta. Eu gostaria muito que isso acontecesse. Mas pode ser que os homens não vão querer, porque tem homens

pretos também que vão querer se relacionar com mulheres brancas, né, e por aí vai, ou que não queiram se relacionar comigo. Mas eu gostaria bastante.

[Camilla] Mas para esse afrocentrado, o que você acha que muda para um relacionamento interracial?

[Virgínia] Nossa, acho que muda bastante, por exemplo, explicando por meio de exemplo, as nossas vivências. Até no sentido da própria estética. A família do Ítalo [nome fictício], por exemplo, é uma família branca. Ele tem tias, são mulheres brancas, todas com os olhos claros, cabelos lisos. Então assim, eu fico pensando assim, eu convivendo com essas pessoas aqui com meu cabelo solto, assim, uma sensação de inadequação que isso poderia causar, sabe? Ou às vezes os olhares que as pessoas direcionam pra gente, assim, de achar que você tá com o cabelo solto, que aquilo ali simboliza sujeira, ou quando eu coloco trança, por exemplo, “ai, você lava esse cabelo?”. Eu acho que um relacionamento afrocentrado e conviver com pessoas pretas evita esse tipo de constrangimento que a branquitude causa na gente. Eu acho que pode evitar você conviver com pessoas pretas e pode te evitar esse tipo de constrangimento e também uma sensação de ter essa rede de apoio, saber que tem outras pessoas assim. imagina eu explicando pro Ítalo, por exemplo, que um paciente não quis ser atendido só porque eu sou uma pessoa preta. Aí ele fala: “ah não, mas não é por causa disso não”, entendeu? Eu acho que, assim, eu não quero estar no relacionamento que eu tenho que bancar de professora para pessoa: “olha, não, porque existe isso, colorismo”, e aí ficar falando e ficar apresentando, “olha, você tem que ler o Pacto da Branquitude, da Cida Bento”, “você tem que ler”. Eu não quero isso. Eu quero ensinar quando eu estiver na função de professora, quando eu estiver numa função acadêmica, quando alguém me chamar para dar uma palestra. Eu não quero estar no relacionamento que eu tenho que ensinar para a pessoa que aqueles olhares que as pessoas direcionam para mim quando eu estou andando com ela no shopping é por causa do racismo. Eu não quero ter que passar por isso, sabe? Até porque tem uma grande chance. Pode ser que eu explique e a pessoa entenda. Ou pode ser que esse outro não vai falar assim, isso é coisa da sua cabeça, amor, não é nada disso não. E já tem muita gente pra falar que racismo é coisa da nossa cabeça. Eu não quero passar por isso não. E também de perpetuação, né? Desse processo também de branqueamento, né? Que ainda existe, né? Eu fico pensando assim nos relacionamentos interraciais quando a mulher está grávida e o pessoal já fica

dizendo: “nossa, vai nascer com o cabelo do pai”. Ah! E não sei o que, “vai puxar a mãe, o nariz...” Não quero passar por isso. (Virgínia, 27 anos, mulher cis, heterossexual)

Virgínia com sua perspectiva política e interseccional de vida, demonstra várias complexidades ao racializar os interesses afetivossexuais: escolhe, não fica à revelia de ser escolhida, assume os desconfortos de deixar faltar. Tem tecido tramas de afrocentramento enquanto movimento de se relacionar com pessoas na vida afetiva para além do afetivossexual, também com sua rede de apoio e trabalho. Afrocentrar não significa ausência de conflitos: há algo dos enigmas e (des)encontros que faz parte das relações humanas e sua diversidade. Importante trazer a distinção dos relacionamentos afrocentrados e monorraciais: na última, a relação com outra pessoa negra não necessariamente implica consciência racial. O afrocentramento aparece quando há acolhimento e cuidado consciencioso da racialidade, como ela demonstra no desejo de não ter que tomar posição professoral antirracista com os parceiros amorosos.

Carina compartilha também do movimento de afrocentramento no viver:

[Sobre afrocentramento] Eu sigo muito as pessoas negras e tenho amigos também, meio que vai um conhecendo o outro. Mais pela questão de amizade mesmo e um vai puxando o outro. Eu procuro muito tá interagindo na leitura negra, de mulheres negras, sempre que tem alguma coisa aqui no Viaduto (Santa Tereza) e tal, eu tô sempre procurando ir, tá inserida mesmo. Eu tenho estudado, procurado me interagir e entender agora, antes pra mim era só “ah, é uma pessoa preta, não tem nada demais”. Depois mesmo que fui tentar entender as histórias, questão até mesmo da minha religião, da minha ancestralidade. Saber quem eu sou foi uma coisa que eu fui me interagindo mais. (Carina, 27 anos, mulher cis, em descobrimento entre lésbica e bissexual)

Cris demonstra sua perspectiva de que é mais frequente relacionamentos interracialais, atrelando com a preferência afetivossexual por performance de gênero:

Mas até pra ficar com pessoas negras e até lésbicas mesmo, viu? É difícil você ficar com uma pessoa da mesma cor. Bom, eu falo por mim assim, não querem ou

tipo...sempre tá aquela coisa, né? O preto e o branco, o preto e o branco. Então, as meninas... Porque eu gosto de meninas mais masculinizadas e a maioria sempre, tipo... é...As que eram negras mesmo, que achavam bonitas, sempre preferiam estar com alguma mulher loira ou branca, sabe?! Tipo, eu... Bom, eu falo por mim, por minha experiência, eu senti isso. E... Mas, assim, é que eu gosto... eu gosto de pessoas, além da cor, eu ainda... Eu sinto muito isso, né?! (Cris, 44 anos, mulher cis, lésbica)

Gabriela observa também:

Até hoje tem muito dessa questão racial. Tem muito preconceito das pessoas não gostar de se envolver com por causa da cor, até do status social do outro: se o outro é pobre, é rico... Tem muitos casos assim de namoro escondido porque tem vergonha disso, daquilo. (Gabriela, 31 anos, mulher cis, bissexual)

De gerações mais próximas, a fala de Fátima coaduna com a de Cris, entretanto em perspectiva que inclui a classe na relação com raça: homens brancos ricos não assumiriam mulheres negras pobres. Ideia que não é nova: o pai foi categórico na ênfase de classe ante aos relacionamentos:

E do segundo relacionamento, meu pai chegou e perguntou quem é ele. Eu falei assim: “filho de fulano de tal, neto de fulano de tal, parente de fulano de tal...” [o pai disse] “esse povo rico de nariz em pé, não vai assumir filho e mulher pobre não!”. “Vai dar mais ou menos por aí, pai!”. (Fátima, 54 anos, mulher cis, heterossexual)

Estranhamentos que vem com ajuda de nomeação de outras: opressões da branquitude que relações afrocentradas apontam e acolhem.

Então, foi muito breve com ela também [com Luciana, nome fictício, mulher negra, cis, jovem], mas ela me despertou algumas coisas que eu não pensava. Por exemplo, essa situação com essa amiga minha no bar, que ela estava comigo. Que a Branca [nome fictício, mulher branca, cis, jovem] agiu como se a Luciana não

tivesse ali. Isso é uma coisa que eu não perceberia, mas a Luciana falou comigo isso no dia. Ela falou assim: “Nanda, você viu como que ela tem certeza que ela ficaria com você? Ela não deu a mínima pra eu estar do seu lado e ela sabia que a gente tava junto”. E aí eu acho que isso afetou pelo fato da cor mesmo, da raça mesmo, sabe? No sentido assim: “não, eu tenho certeza que vou ficar com a Fernanda!”. Para ela tanto faz, sabe? Eu percebi isso, mas disse isso depois de uma conversa que eu tive com a Luciana. Eu não percebi isso sem essa conversa, entendeu? (Nanda, 29 anos, mulher cis, pansexual)

Se for pra me envolver, prefiro me envolver com mulheres negras. Hoje eu tenho isso como essencial pra mim. Não que eu não vá ficar, me envolver com outras mulheres. A preferência eu dou para mulheres negras, porque assim como eu me identifico, assim como eu vejo nossa luta diária, o lugar do afeto que nem sempre a gente é correspondida por isso, por várias coisas também: a gente tem voz, a gente tem gostar, a gente tem querer, a gente não é invisível, então do mesmo jeito que uma branca tem que ter um afeto e tá ali, recebe mais, visibilidade, talvez, as pessoas pretas, tanto homem, quanto mulher tem esse lugar de visibilidade. (Carina, 27 anos, mulher cis, em descobrimento entre lésbica e bissexual)

Afrocentrar não é uma pactuação comum, como Bratz observa:

Eu tava com muita preferência por homem preto, mas parei com isso. Porque a preferência deles não é a gente! [risos] A preferência são outras, acho que também vou abrir meu leque de tonalidades. Prefiro preto? Prefiro. Igual daquele meme, você já viu aquele meme? Que a menina tá sendo entrevistada no baile funk? Aí pergunta assim: “qual é sua preferência?” [ela responde] “Ah, eu gosto de homem negro de todas as tonalidades, mas tem a cota, tem a cota para os brancos”. Também tenho. (Bratz, 29 anos, mulher cis, bissexual)

No campo da intimidade e seus enlaçamentos individuais, Carolina, Lana, Gabriela, Virgínia e Bratz contam de suas expectativas, disponibilidades e ações diante da vida afetivossexual:

[Carolina] Depois disso [último relacionamento] eu me fechei, tô blindada. [...] Parece que eu tô incapaz de me relacionar com alguém. Me sinto assim... [...] É afetivossexual, assim, tipo... Nossa, eu não sei te dizer, real, Camilla, qual foi a última vez que eu me apaixonei por alguém. Não sei, parece que eu tô muito assim... Ah, parece que eu vou tendo aqueles pensamentos de adolescente de que ninguém vai me querer, não vai dar certo com ninguém, é isso, eu não vou ser suficiente pra nada, vai ser tudo horrível, enfim. Ninguém vai ter paciência comigo pras minhas descobertas, pros meus processos, enfim. Tanto que eu terminei esse namoro, sei lá, vai fazer os quatro anos. E desde então, assim, há beijos, mas não há abertura para novos relacionamentos. Me sinto muito fechada, assim, muito fechada. Mas como eu disse, eu estou no caminho [autodescobrimento, autodefinição], eu sinto que eu estou engatinhando ainda e para poder estar num relacionamento agora, para poder tentar explicar isso para alguém, cara, isso é muito caro para mim, eu não consigo nem abrir isso tanto agora. Vai ter toque que para mim vai me deixar completamente apavorada. Acho isso muito difícil. Eu acho que ninguém está disposto a isso agora, não tem como eu...

[Camilla] será?

[Carolina] eu acho que não.

[Camilla] será mesmo?

[Carolina] como que eu vou. sei lá, sei lá, as pessoas parecem, pelo menos sei lá, da minha idade ou acima de 25 anos, as pessoas parecem estar tão avançadas nas coisas. Tipo, eu converso com esses meus amigos não-monogâmicos, parece que eles estão tão de boa com tudo, que para mim eu sou bebê nas coisas, estou engatinhando, literalmente, estou aprendendo coisa, muita coisa para mim que tipo... Não que eu não entenda, mas eu preciso de muito tempo pra poder me abrir mesmo, sabe? (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)

Ah, bom, pela empatia excessiva, né, foi treinada desde muito nova, né, de que foi que a gente foi empatia com o outro, que se é que você me entende, você lembra lá de trás, né? Então eu sempre olho até demais pro outro, esqueço que o outro é outro universo, que aí é ele, que é ele, e que você não tem nada a ver com

isso. Em muitos momentos eu me pego um pouco por causa das minhas amigas, né, principalmente as minhas amigas que não tem essas experiências, né? Normalmente quando eu tô embarcando em alguma relação, eu demoro um pouquinho pra falar sobre isso com as minhas amigas, porque eu fico um pouco... De novo, sabe? Tipo, acabei de passar por uma relação, não foi legal, todo mundo me socorreu, legal, beleza, legal. Mas agora eu já tô aqui ótima, já tô seguindo, já tô em outro namoro, inclusive, e elas estão lá paradas, e assim, eu sei que eu não tenho nada a ver com isso, a culpa não é minha, né? Só que eu não me sinto confortável com isso, sabe? Aquela sensação que você queria que todos vivenciem, sabe? Ainda que, assim, você for peneirar, você for filtrar, das relações vão sobrar momentos. Mas ainda assim, não deixam de ser relações. Ainda sim, não deixam de ser relações e eu não deixei de ser escolhida, de alguma forma. Ainda assim, eu não deixei de ter um jantar, eu não deixei de receber flor, eu não deixei de ganhar chocolate, eu não deixei de ouvir 'eu te amo', eu não deixei de ser beijada e desejada em praça pública. Então... Eu reconheço esse lugar, sabe? É... de privilégio afetivo, talvez. (Lana, 28 anos, mulher trans, heterossexual)

Olha, eu tenho ainda, mas acho que na época ainda é muito maior, um autoódio muito grande por tudo que eu já tinha passado, por nunca ter visto... Bom, acho que aqui é importante fazer um parêntese. Eu sei que muitas pessoas lidas como mulheres na sociedade, pessoas negras lidas como mulheres, elas sofrem muito com assédio, como serem vistas como uma mulher só para sexo e nada mais. Mas isso nunca aconteceu na minha vida. Acho que pelo fato de não performar a feminilidade. Desde pequena, nunca performei. Então, eu nunca fui alvo de alguém que falasse: “nossa, que mulher gostosa, nossa, que pessoa gostosa!”. Isso nunca me aconteceu. Então, quando acontece pela primeira vez, pra mim, tipo, putz, minha salvação, sabe? Vai ser com essa pessoa. Tenho que agradecer que essa pessoa tá me olhando dessa forma. (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)

A vida sexual ótima, né? Mas a sentimental, não. Me envolvo mais sexualmente, amorosamente nem tanto. [...] O que envolve sentimento normalmente a outra parte não corresponde, né, mais uma coisa sexual, uma coisa não correspondida.

Prefiro me relacionar com mulher do que homem, claro. Mulher é menos complicada que homem e homem fala que a gente é complicada. Homem é muito chato, não dá não. Sexualmente também, mulher é bem melhor que homem. No sexo, na parceria. Homem é muito egoísta, mulher não. pelo menos as que eu conheci, me envolvi não eram. [...] Geralmente a gente sempre vai com a cabeça aberta, seja para se envolver sexualmente ou lá na frente rolar sentimentos e conhecer melhor, normalmente. Mas os caras levam mais o sexo que outra coisa a frente. Eles demoram mais a se envolver sentimentalmente, a gente se envolve mais. [...] a gente se envolve mais pelo apego, pelo carinho. Coisa fútil, né? Porque eles nem ligam. Eles procuram por causa do sexo, se você for ver. a gente se sente usada. mas... o que esperar de um homem? Eu não espero nada de um homem. só o sexo mesmo. (Gabriela, 31 anos, mulher cis, bissexual)

Eu nunca cheguei assim, não, nos meninos não. Isso acho que é até por conta daquilo que eu disse anteriormente, dessa criação muito tradicional, né? De que é o menino, de que é o cara que tem, que se interessar por você. E sempre foi assim, né? Sempre você que tem que ficar a mercê da escolha do outro. Sendo que a gente também pode escolher e não querer ficar com a pessoa. (Virgínia, 27 anos, mulher cis, heterossexual)

Não sei também porque eu posso ficar com cara fechada [nas saídas em público], mas é muito difícil eu sair para ficar com alguém. Mais fácil eu marcar do que no rolê eu caçar pra ficar com alguém. [...] não sou muito abordada, mas eu já flertei muito quando eu saio com alguém que tá me atendendo: barman bonito...quando eu quero, sim. quando alguém vem falar comigo. É muito difícil ser abordada. [...] nesses lugares que eu vou é mais pra diversão mesmo, nunca pensei nisso não. [...] vou muito com minha prima, todo mundo pensa que a gente é um casal. Eu e a Nathália junta, porra! (Bratz, 29 anos, mulher cis, bissexual)

[Bratz] Minha vida é mais parada, eu acho que eu não sou muito aberta para conhecer pessoas não. Eu já conheci algumas no sentido de relacionamento. Só em beijar para mim está muito bom, ah está, beijou cada um para sua casa. Não sei se eu consigo mais criar um relacionamento. Não sei. Acho que eu desiludi.

[Camilla] Desiludiu de qual ilusão?

[Bratz] de encontrar um amor. Sempre foi mais difícil porque eu me considero uma mulher gorda. Para alguém querer ter alguma coisa comigo eu tenho que estar super linda. Eu me acho linda, me acho maravilhosa. Existem pessoas infelizes que não acha. [...] sou bonita, me visto bem, sou engraçada pô, está louca? [Risos] [...] eu fico meio desconfiada se ela [a pessoa pretendente] tem real interesse mesmo ou é só uma coisa bobinha: só uma ficada, ou não quer, ou só quer conhecer mesmo. Eu fico meio assim. Não piro mais não. (Bratz, 29 anos, mulher cis, bissexual)

A mulher negra normalmente tem essa questão do corpo mais sexualidade, que é uma coisa que eu realmente não me enxergo. Então, é uma coisa que eu tenho uma barreira quando eu estou conversando com as minhas amigas que são negras, porque assim, eu não me vejo, eu não consigo entender muito bem a história delas, assim, eu abraço, eu dou o afeto que eu consigo dar e tals, mas não vivi isso. Ela também é muito doida, porque eu sou preta também. Então, sei lá. Era uma coisa que eu gostaria de ouvir de outras pessoas que são mais parecidas comigo, de não performar e de não se ver como um corpo sexualizado, mas um corpo preto também. Porque assim, uma vez eu falei com a minha terapeuta que as mulheres negras se veem muito como um objeto, um objeto sexual. E aí eu me coloco num lugar de nem objeto, eu não sou um indivíduo, eu não sou um objeto, eu não sou um objeto sexual, eu sou um nada. E aí quando eu chego nesse lugar de nada, eu tenho que fazer qualquer coisa pra me mostrar. E aí eu vejo em toda a minha trajetória eu sendo muito engraçada pra tentar ter um destaque, sendo muito inteligente pra tentar um destaque, esforçada e tals. E mesmo assim não alcançando esse lugar de uma pessoa sexual. Nem vou colocar um objeto sexual porque eu também não quero ser um objeto sexual, mas como uma pessoa sexual, sabe? (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)

[Gabriela] Pessoa achar que a gente tá gostando, aí a pessoa meio que afasta, fala aquelas coisas e tal, coisa típica, de acha que a gente tá envolvendo sentimento.

[Camilla] E é ruim envolver sentimento?

[Gabriela] Ah, é bom, né? Quando é correspondido, mas leva anos pra gente sair dessa. Mas a gente tem que saber bem com quem se envolve. Já durou alguns meses, mas morro de medo de levar anos para sarar alguma coisa, isso é complicado. [...] quando eu quero, eu vou, mas não tenho interesse não. (Gabriela, 31 anos, mulher cis, bissexual)

Desses enlaces afetivossexuais, falar para as mulheres negras não é uma constante, como demonstra Gabriela:

Tem coisa que eu prefiro esquecer: falar coisa de ruim, de experiências ruins. (Gabriela, 31 anos, mulher cis, bissexual)

Como convocação do lugar político da clínica como ética de cuidado, falar é meio de tecer desassujeitamentos, resistências e sonhos, é tirar a máscara do silenciamento imposta pelo intrincamento de opressões impostos a mulher negra (Grada Kilomba (2008). Deste modo, coaduno com Cris:

Tô me entendendo bastante assim, né?! Hoje em dia tô bem assim, com essa questão, não tenho problema de falar sobre essa questão de relacionamento né. Já fui bem mais fechada, mas não tem problema contar isso hoje em dia, não, por mim. [risos] Tá tranquilo. E até bom falar. Agora eu aprendi que a gente precisa falar, para poder ficar bem, assim, não guardar tudo, engolir tudo, porque senão o corpo padece também. (Cris, 44 anos, mulher cis, lésbica)

4.5 Experiências afetivossexuais: narrativas das mulheres

Permita que eu fale
 Não as minhas cicatrizes
 Se isso é sobre vivência
 Me resumir a sobrevivência
 É roubar o pouco de bom que vivi
 Por fim, permita que eu fale
 Não as minhas cicatrizes

Achar que essas mazelas me definem
 É o pior dos crimes
 É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir, aí
 (AmarElo- Emicida, 2019)

O desejo ao adentrar o universo das experiências de cada uma é a escrita de um livro para cada que faça jus a complexidade e riqueza da vivência relatada com tanta gentileza e abertura. Não podendo reproduzir integralmente cada história, trago recortes abreviados do registro das entrevistas:

4.5.1 Começo, meio, começo: as relações que se mantêm satisfatórias

No tear das relações humanas não há como prescrever uma constância universal do que consiste em significado de satisfação nos relacionamentos afetivossexuais, o um-a-um se faz presente nos (des) encontros em que artesanalmente se constroem junto as tramas interseccionais: neste trabalho se formam tecidos com desenhos únicos. O giro importante de ser feito é da não relativização de questões que ferem a integridade mental, física e patrimonial de bem-viver e saúde das pessoas envolvidas.

As participantes e artesãs dos afetos contam da composição de relações satisfatórias, insatisfatórias e ambiguidade que por vezes circundam:

Já tive [relação estável], mas eu sou uma pessoa muito difícil, eu sou ciumenta, eu sou cismada. Eu, quando eu quero falar as coisas, eu falo, solto assim: ‘bu!’, quando eu vi, já falei. Não julgo o outro, julgo também a parte minha, né? E aí, por essas sensibilidades do outro, não suportou a convivência, chega o momento das relações que a gente tenta... A gente tenta... Não é nem mudar o outro, mas que o outro enxergue também. E há algum erro também a partir dele e em mim. Eu sempre me coloco também como erro das questões. Eu não sou vítima não. Eu sou babado, eu sou. Sou escorpiana, né? E aí já viu. Aí sempre eu tento essa questão de se colocar no lugar do outro. Toda relação vai se perpassar com isso. Por que se chega o casamento? Porque no crucial da questão do casamento, se a pessoa se casar, porque um já conhece outras suas limitações, seus defeitos. Eu

penso dessa forma. Casamento não é questão da cerimônia, mas assim, quando convive no mesmo ambiente, no mesmo quadrado, essa questão... Eu já morei, com parceiros meus, mas não deu certo. Sou muito proativa, sou muito pra frente pra mim, se eu tô em um relacionamento, porque eu vou sair sozinha? Não é que eu vou sair sozinha, ter o que ele esteja 24 horas comigo grudada, nem gosto disso, dessa relação chata, e aí é forçado também. Mas está, porque o outro pode sair, eu não posso sair com meu parceiro, porque eu posso estar em ambientes e posso estar com meu parceiro e não. E às vezes levar meu parceiro também para ambientes, será que vai ser aceito aqui neste ambiente? Hoje em dia eu não tenho essa bestagem. Se eu tiver um parceiro e aquele lugar for machista, eu tenho que levar naquele lugar? Eu levo, porque eu gosto de corromper. Eu gosto de corromper e abalar as estruturas. Mas antes eu tinha esse mente, né? O que o outro vai pensar? Minha família, amigo, sociedade. Tá. E como é o comportamento do outro nesses meios que eu vou? Eu sou uma pessoa muito comunicativa. Como é que tudo isso ainda não encontrei na minha tampa. Sou eu, para tampar a panela. Não encontrei. E também não vou encontrar uma pessoa perfeita. Eu vou encontrar alguém que vai saber [ininteligível]. E que vai tentar, talvez, se eu encontrar, conviver com essas minhas diferenças e eu tentar conviver com a diferença da pessoa também. O entender, né, essa compreensão que é humanitária. (Ale, 28 anos, mulher trans/travesti, se atrai por pessoas que são homens ativos, gays ativos e bissexuais)

O diálogo é importante, a sinceridade, a verdade, até mesmo as construções, porque eu não vou te conhecer hoje e vai ser mil maravilhas, tudo é construído. Acho que é muito isso, o alinhamento das expectativas mesmo. (Carina, 27 anos, mulher cis, em descobrimento entre lésbica e bissexual)

A potência das invenções ante a incipiência de referências próximas:

[Carol] Não sei, tô tão desiludida. E olha que eu assisto muito dorama [séries audiovisuais de produção asiática, geralmente coreanas, chinesas ou japonesas]. Dorama tem um universo muito idealizado, fofinho. Eu acho isso muito, dorama, sei lá, porque eu já olho essas coisas e eu sei que não é real. Então, beleza, ok,

isso aí não vai acontecer nunca. Mas também não tem referência de casal que eu falo, putz, esse casal é da hora. Eu tenho muitos amigos que têm a ideia da não-monogamia, que é uma coisa que sei lá, daqui um tempo, mas agora não dá. E aí, sei lá, fiquei meio sem referência assim, de dizer o que seria uma relação muito legal.

[Camilla] Mas você pudesse inventar.

[Carol] Inventar?

[Camilla] É! Fazer uma receitinha.

[Carol] Eu adoro receita de coisas, assim, pra mim, tudo na vida tinha que ser só uma receita, fazer isso, isso, isso, isso, isso! Minha psicóloga odeia, tipo assim, “Carol, para com isso!”. Mas bell hooks em *Vivendo de Amor*, ela fala de uns tópicos interessantes, que eu acho que seria interessante ter um relacionamento. Acho que confiança, abertura, comunicação. Nossa, comunicação, acho top. Eu acho que se permitir colocar em vulnerabilidade, sabe? Permitir, sei lá, ser humano. Porque eu acho que eu pelo menos eu tenho muito essa coisa de não parecer humana, às vezes, sabe? De parecer meio com robôzinho, assim. E de falar o que as pessoas estão esperando, de parecer muito calma, tranquila e por dentro as vezes eu tô rasgando papel, jogando coisa, botando fogo. Eu acho que estar com alguém onde eu possa me permitir ser sujeito, ser indivíduo e falar que eu tô puta, não tem nenhum motivo, tô puta, tô doida, a cabeça e tal, e ser acolhida por isso, deve ser gostoso demais. (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)

Tentativas e aprendizados até uma construção relacional assertiva:

[Fátima] E hoje eu vivo com o terceiro. Com o terceiro. A Gretchen casou sete vezes, né? Sete foi dez vezes, né? Mas já tô no terceiro relacionamento já. Esse que eu tô com ele já vai fazer trinta anos já. Está fazendo 30 anos que eu estou com ele. A gente não é casado, a gente vive junto há 30 anos. A gente se conheceu lá em Jordânia também. Todos os três meus relacionamentos foram lá de Jordânia. Então, esse último agora que eu estou com ele também é lá de Jordânia. Eu fez 30 anos. Porque quando eu conheci ele, essa minha filha que está com 32 anos, estava com 2 anos. Ela estava novinha, nos braços, praticamente. [...] Esse aqui eu conheci ele numa festa de política. Uma festa de política, né? Então, estava tendo

umas barraquinhas de festa lá no interior, onde os políticos tinham montado um palanque para discursar. E ele tinha uma barraquinha lá nesse local. E eu cheguei com minhas colegas, a gente sentou lá na mesa da barraquinha, na época que a gente gostava de tomar uma cervejinha. A gente sentou, tomamos uma cervejinha, aí conversa vai, conversa veio, ele me falando que era da família dele e tal. E ele: “na hora que eu saí daqui, eu vou abrir o bar da minha tia!”, que a tia dele tinha um bar, “eu vou abrir o bar da minha tia, depois se vocês quiserem ir pra lá, terminar de virar à noite, aí cês vão”. Aí eu fui com minhas colegas pro bar da tia dele.

[Camilla] Você já estava interessada?

[Fátima] Um pouquinho, viu? Aí quando a gente chegou no bar da tia dele, eu falei com minhas colegas assim: “acho que vou dar uns beijos na boca desse baixinho aí hoje!” [risos]. E elas falaram: “ele é sistemático. Acho que não vai querer, não”. “É sistemático, como? Se vocês nem conhecem ele!”. Elas conheciam ele, só que eu não conhecia. Porque ele não morava em Jordânia, ele morava em São Paulo. Ele estava recém-chegado de Jordânia. E as meninas diziam que já conheciam ele aqui. Eu não conhecia. Mesmo porque eu tive uma época da minha juventude em que eu morei em Vitória da Conquista, na Bahia. Então era a época que ele estava para São Paulo, e eu chegava lá em Jordânia e não via ele. Aí quando eu vim de Vitória da Conquista, foi quando ele veio de São Paulo. Ele tinha saído de um relacionamento, estava muito triste, porque ele já estava quase noiva, e a menina terminou com ele por telefone, terminou noivado com ele por telefone. Aí ele saiu de São Paulo e foi para Jordânia. Lá em Jordânia eu conheci ele. Aí nesse dia eu fiz uma aposta. Eu falei assim: “olha, a gente está sentada aqui tomando cerveja e eu vou ter que pagar uma parte”, porque era dividido entre as amigas, a gente bebe e no final da conta soma a conta pra dividir. Eu falei: “olha, se eu sair com ele hoje, depois que fechar aqui o bar, se eu sair com ele hoje eu não pago a minha parte na conta!” [risos]. Aí as meninas falaram: “tá bom, tá feito!”.

[Camilla] Estava acreditando muito que ia acontecer.

[Fátima] Não estava acreditando, entendeu? Aí eu cheguei lá no balcão, falei com ele: “que hora que você vai fechar aqui?”. Ele falou a tal a hora. Aí eu falei assim: “tem como a gente conversar depois?”. Ele falou: “tem. Eu ia aproximar lá para perguntar se você tinha alguém, pra gente sentar e conversar.” Eu falei: “ótimo,

beleza então! Na hora que fechar aqui a gente sai e conversa!”. Aí eu cheguei lá na mesa e falei com as meninas: “aqui, vocês mandam somar a conta aí! O que der, vocês... a minha parte vocês dividem entre vocês, porque a minha parte eu não vou pagar, porque já combinei com ele ali! Que eu vou sair!”. Elas falaram: “não acredito!” Eu falei assim: “vou sair”. [As amigas disseram] “Ah, vou acreditar depois, amanhã, se vocês namoraram ou não”. A gente saiu, conversou e tudo, deu uns beijinhos e tal. Aí no outro diazinho, eu falei assim: “beijamos”. Beijamos. “E agora, vai namorar ou não?”. Falei assim: “se tamo namorando eu não sei. Eu sei que por hoje a gente namorou. E foi bom!”. Depois do outro dia ele procurou, procurou. E todo outro dia, outro dia, outro dia. E foi, a gente foi indo até hoje. Até hoje. Trinta anos.

[Camilla] Mas e ali, você falou que tem 30 anos que você está perto por cá. Vocês vieram juntos para cá?

[Fátima] Não. Ele veio primeiro, ele arrumou um serviço aqui de motorista, aqui no Belo Horizonte, com uma família de lado anterior que morava aqui. Aí ele veio e trabalhou aqui uns... Acho que com uns quatro ou cinco meses que ele estava aqui, eu vim. Aí eu estava trabalhando na interior com uma família, aí ele falou: “olha, se você ficar daí ou ficar daqui não vai dar certo esse relacionamento não, não vai dar certo esse namoro não. Aí senão a gente vai esfriando”. Aí ele pegou e falou comigo: “olha, vem pra cá”. Aí eu tava trabalhando lá no interior, né, a minha menina ainda tava pequena. Aí eu falei, como eu já tava gostando dele, aí eu peguei e falei assim: “eu vou sim, eu vou arrumar um serviço aí”, que na época aqui pagava um pouco mais também, como eu tinha uma filha pequena e uma que já estava ficando mocinha, adolescente. Então, lá no interior a gente ganhava muito pouco. Aí eu falei com ele, não, eu vou sim. Aí eu peguei e vim. Aí eu já vim direto trabalhar com uma família aqui, sabe? Já tinha uma amiga minha do interior que trabalhava com essa família aqui no restaurante. Aí eu conversava sempre com ela, ela falou, olha, a fulana de tal, assim, a tá está precisando. De uma pessoa pra trabalhar, não no restaurante, mas na casa dela, né, pra tomar conta da casa e dos dois filhos dela. Ela falou, conversa com ela aí que eu tô indo. Aí combinando tudo direitinho, ela mandou o dinheiro, arrumei minha mala. Aí cheguei aqui...

[Camilla] Mas que lugar de onde? Vim para cá? Como é que era? Você já tinha pensado em vir?

[Fátima] Não, eu não tinha pensado em vir, não, mesmo porque minha menina estava pequena, né? Estava dois anos e pouco quando ele veio para cá. Foi logo assim que eu conheci ele. Com dois anos, minha menina, a mais nova, que tinha dois anos. Eu acho que eu deixei ela lá com uns. nem com três anos. Deixei ela novinha ainda, né? Com meus pais. Mas eu não pensava em vir. Mas como eu já estava gostando dele e não queria terminar o namoro, eu peguei, juntei a fome com a vontade de comer. Ele veio, eu vim, para ficar perto dele e trabalhar. Para ganhar um pouco mais. Aí eu trabalhei com essa senhora. Ela foi me pegar na rodoviária, a gente já tinha conversado com tudo por telefone, combinado tudo direitinho. Aí, no dia certo que eu vim, ela foi na rodoviária, me pegou, me trouxe direto para casa dela. Trabalhei com ela há 25 anos. Eu saí agora em 2015, de 1994 até agora, 2015.

[Camilla] Então você não tinha morado com ele antes?

[Fátima] Não, não. A gente só namorava lá no interior. Aí depois de alguns anos que eu já estava aqui trabalhando com ela, né? E ele também já estava trabalhando com essa família de motorista. Depois de alguns anos, aí a gente resolveu juntar. Aí a gente alugou uma casa, mobiliou.

[Camilla] Então vocês moravam separados.

[Fátima] separados. Ele morava no trabalho dele, eu morava no meu. A gente saía, se encontrava ao final de semana. Aí depois de muitos anos que a gente resolveu alugar uma casa e morar. Aí de uma casa foi passando pra outra, foi passando pra outra e a gente foi indo junto, foi indo junto e estamos juntos.

[Camilla] Mas e aí, como é que foi, assim, né? Depois desse tempo todo, você ir morar com ele. Como é que era, assim? Como que ele te trata?

[Fátima] Ó, ele é um marido maravilhoso, sabe? Uma pessoa maravilhosa, uma pessoa calma, tranquila, sabe? Até certo ponto. É, só não pode dar motivo pra passar nervoso. Mas é uma ótima pessoa, uma pessoa direita, trabalhadora, muito bom mesmo, não é uma pessoa de vício, de bebida, sabe? É como diz o pessoal, bebe socialmente, né? Na semana não bebe nada, no final de semana se surgir algum lugarzinho para tomar ir uma cervejinha, não vai, se não, é dentro de casa, não sai, não joga, não vai para bar, sabe? Uma pessoa maravilhosa, né?

[Camilla] Isso é, assim, você tem planos para o futuro?

[Fátima] Com ele eu não tenho filhos, né? Só tenho as duas filhas que eu tive dos meus primeiros relacionamentos, né? E aqui em Belo Horizonte a gente mora de

aluguel, a gente tá trabalhando justamente pra isso, né? Pra poder futuramente a gente ter o espaço da gente, né? O cantinho da gente. No momento agora ele não está aqui em BH, tá lá no interior, né? No Norte de Minas. Porque durante essa pandemia, ele foi mandado embora da empresa onde ele trabalhou 15 anos. Foi ele e mais uns 200 pessoas que foram embora da empresa onde ele trabalhava, como motorista, ele trabalhou 15 anos. Então ele foi mandado embora, só que como ele já está com 60 anos, ele fez 60 anos, esse ano ele faz 61, então tem quatro anos que ele está desempregado. Aí o ano passado, ele arrumou um serviço lá no interior, lá no norte de Minas, na cidade da gente, né? Que ele tinha deixado um currículo lá também, na prefeitura. E o prefeito chegou e falou: “olha, é hora que pintar uma vaga aqui, se você ainda estiver disponível lá em BH, não estiver trabalhando, eu te chamo”. Aí chamou ele, só que ele está de lá e eu estou de cá. A gente só se fala desse jeito aqui, ou por vídeo, por mensagem, eu vou para o telefone, ele liga, eu ligo, né? Quando ele pode, que tem um feriado prolongado aí, ele vem. Mas eu tô aconselhando ele a não vir não, deixar pra vir só nas férias, ou eu ir só nas férias. Porque senão, cada feriado prolongado que tiver ele gastar 300, 400, 500 reais, só pra vir me ver ficar dois dias, três dias, não compensa, né? Jogar dinheiro fora, isso aí não é nem inteligente.

[Camilla] Por quê jogar dinheiro fora?

[Fátima] Porque se você tá fazendo planos, projetos, de comprar uma casa, de construir uma casa, de botar um negócio, eu acho que se você gastar 500 reais, hoje 500 reais que você gastar, tirado do investimento que você está querendo investir, só por capricho para poder matar saudade de dois, três dias, eu acho que é jogar dinheiro fora, entendeu? Vocês vão ter a vida toda para poder ficar junto. Não é assim? Vocês vão ter a vida toda para ficar junto, a velhice inteira para ficar junto, se for da vontade de Deus. E pra que vai gastar 500 reais, mil reais numa viagem pra ficar dois, três dias? Entendeu? É gastar, a pessoa não tem juízo, é gastar o pouco de juízo que tem. Não dá mais ir morando de aluguel. Aqui eu tô morando de aluguel, né? Na residência dos pais da Tamires. Entendeu? Então aqui eu moro de aluguel. Se não bastasse ele mandar todo mês o dinheiro pra pagar o aluguel pra mim. Ele ainda ia gastar para vir aqui para ficar dois dias, três dias? Eu falei não. Eu falei, eu sou doida, mas não jogo pedra. Eu sou doida, mas não jogo pedra [risos]. Eu falei assim, não, você não vai gastar dinheiro. Vamos supor que teve um feriado quinta-feira passado aqui, de Corpus Christi. Suponhamos

que ele saísse de lá na quarta-feira de ônibus, porque ele não tem carro. Saísse de lá na quarta-feira para chegar aqui na quinta-feira, o feriado na quinta. Aí ele ia ficar comigo na sexta, no sábado, no domingo ia ter que voltar à noite para na segunda-feira estar lá para trabalhar, porque ele é motorista da prefeitura. Entendeu? Ele ia pegar apenas uns dois dias, três dias de folga. Ele ia emendar sexta-feira do feriado de quinta-feira, ele ia emendar sexta-feira, o sábado e o domingo. Aí ele ia pagar aí... A passagem pra vir aqui para ficar 3 dias só comigo? [Camilla] E como que fica a saudade?

[Fátima] Eu sabia muito que viesse, entendeu? Mas assim, a gente não tá rasgando dinheiro. Entendeu? Não tá caindo céu, você tá rasgando e jogando, igual o Silvio Santos jogava antigamente, “quem quer dinheiro?”. Não, aí é a pessoa tem que pegar o pouco de juízo que tem, tirar da cabeça e jogar fora. Falar assim, não, como é que é? A gente tá planejando fazer isso. Agora, a saudade, todo mundo tem, ué. Saudade só não pode ser matada quando a pessoa morre. Você sabe que a pessoa não vai voltar, entendeu? Então você vai continuar com aquela saudade por resto da vida. Mas uma pessoa que você sabe que está viva, estou com saudade e tal, mas tá ali. Qualquer hora que eu quiser ir lá ver ele, eu vou. Qualquer hora que ele quiser vir, vem. E puder vir, vem. Mas até aí tudo bem, mas rasgar dinheiro, jogar dinheiro fora? Pode não. As coisas não estão fáceis não. (Fátima, 54 anos, mulher cis, heterossexual)

Reciprocidade e não objetificação:

A minha expectativa é que o outro pelo menos retribua aquilo que eu estou fazendo. Não que vai fazer igual a mim. Pensação diferente. Mas que toque porque eu toco. Mas que acaricie porque eu acariciei. Se eu dou prazer, eu quero receber. E se não me dá prazer, eu dou um chute na cara e, com licença, retiro aqui da minha casa e vá se embora, viu, querido? Eu não sou produto sexual de ninguém. Não sou um bonequinho que compra, que você usa e descarta. Não, eu tento sempre me colocar nessa posição de não ser um objeto para o outro. Mas sim, se eu sou objeto, se eu for um dia objeto, eu quero o outro também ser objeto nas minhas mãos. Pensei em vantagem, que a onda é essa, é sair em vantagem, não deixar o outro sair em vantagem, não. Porque aí fica difícil, né? Nesse sentido,

mas eu sempre tento me colocar nesse sentido. (Ale, 28 anos, mulher trans/travesti, se atrai por pessoas que são homens ativos, gays ativos e bissexuais)

4.5.2 Relacionamentos com homens

Heterossexualidade compulsória

No (des)encontro com os homens coincide intrinsecamente a passagem pelo trânsito das avenidas identitárias interseccionais. Algumas nos caminhos de ambiguidades, cuidados, paixões, afetos, abandonos, ausências que se emaranham com opressões estruturais, como o cisheteropatriarcado, racismo e classismo.

Nascer e ser banhada nessa cultura implica que ao ser mulher, a experiência normativa hegemônica está em performar feminilidade e desenvolver parcerias afetivossexuais heterossexuais. Sem reflexão, essa pode tomar o caminho da heterossexualidade compulsória, como exprime a reflexão de Cris:

as pessoas começam a falar como é que foram as relações, o que elas sentiam, o que gostam, o que não gostam. E... pra mim sempre... Tipo... “ah, mas né.. tipo, ah! sei lá, fulano é legal, mas num... num encaixa, num...O que que tá acontecendo, né? Nossa, aí eu ficava, nossa! Mas será que o problema é comigo? Será que eu, sei lá, tô fazendo alguma coisa errada?”. Eu fiquei assim com esses questionamentos, né?! E aí eu tive dois namoros... É, tive o namoro antes desse ex que eu fiquei. Eu tive um outro namoro também com outro rapaz... branco também. Que também é gay hoje. Meus irmãos até zoa comigo, fala que... eu sempre gostei de mulher, porque eu só ficava com homem afeminado. Então eles falava assim: “você não percebeu. Só você não percebeu. Porque os dois relacionamentos seus, os caras são gays hoje porque eles eram afeminados e você gostava disso, você não percebeu, né”. [Cris ri] Mas assim, num... tipo dos dois, assim, sabe, tinha aquela sensação mesmo de tá... sempre faltando alguma coisa assim. (Cris, 44 anos, mulher cis, lésbica)

Fala que se enlaça com:

As formas hegemônicas de se conceber os gêneros e a sexualidade têm endossado a visão de que o casamento e a orientação sexual das mulheres se encontram restritos ao campo heteronormativo, e ainda, que constituem um destino inato e inevitável a todas as mulheres.

O pensamento misógino, coaduno a essa visão heteronormativa, propicia que a mulher lésbica, ou a mulher bissexual em um relacionamento homoafetivo, sofra a opressão tanto por divergirem do papel de feminilidade destinado a elas pelas imposições do gênero, quanto por concederem o seu afeto a pessoas que, como elas, são considerados sujeitos inferiores. (Amanda Nunes do Amaral e Flávio Pereira Camargo, 2022, p. 10)

Sobre as relações homoafetivas entre mulheres negras, Glória Anzaldúa (2000, p. 229) “A lésbica de cor não é somente invisível, ela não existe” (Glória Anzaldúa, 2000, p. 229). Assim, estas normativas ocultam que para além de fomentadoras de violência(s) como doméstica, sexual, psicológica e patrimonial, há uma violência outra, que “invisível” relacionada aos entraves do trânsito afetivo específico de mulheres negras, ligado aos referenciais da constituição cultural atravessada pela branquitude, impactadora de saúde e bem viver na vida das sujeitas (Sueli Carneiro, 2003; Ana Cláudia Lemos Pacheco, 2013).

Nanda narra sua história de descobrimento da sexualidade que acompanhou outros processos de construção de identidade, como tornar-se negra. Importante marcar os encontros que fomentam as possibilidades de nomeação, territórios de experimentação fora do circuito cisheteronormativo, porém não foi sem consequências: a polícia heterossexista da instituição família esteve vigilante e punitiva. Violências

Eu vou começar da minha história lá atrás um pouquinho. Há um tempo atrás, eu estava na escola ainda, aí eu fiz amizade com dois amigos gêmeos também, e a gente começou a sair bastante com eles, eu e minha irmã. E aí acabou que um ficou interessado em mim, e eu fiquei interessada nele, e a gente começou um namoro meio que quando a gente tinha uns 12 anos, mais ou menos. E aí, nesse momento da minha vida, eu me entendia como uma pessoa hétero, porque eu ainda não tinha me questionado nada disso e tal. E aí eu comecei a namorar com ele, e

ele era DJ numa boate. E aí ele começou a me chamar pra ir pra boate e tal. E era uma boate que na época eu falava que era de GLS. Hoje não se usa mais essa sigla. Mas aí eu fui, conheci e tal. E aí depois de um tempo, eu comecei a ter interesse em ficar com algumas meninas. E aí, esse amigo meu, na época já era amigo, não era namorado mais. Ele começou a me questionar algumas coisas. [...] É, a gente namorou um ano. Mas era... Entre 12 e 13. Quando a gente tinha 17, 18, era mais amigo mesmo. Que foi o momento que eu comecei a ir para boate com ele. E aí, nesse momento, eu comecei a conhecer algumas meninas e tudo mais. Aí eu conheci uma moça e fiquei com essa moça na boate. Foi a primeira vez que eu fiquei com uma moça. E aí eu fiquei, gostei, mas aí eu fiquei meio que me reprimindo. Tipo, não vou levar isso para frente, não vou contar para ninguém e tudo mais. Porque na minha cabeça, não era bem aceito na minha família. E aí eu não quis mexer com isso nesse tempo. Aí um tempo depois esse mesmo amigo que eu tinha namorado, ele falou comigo: “mas você não vai continuar conhecendo outras meninas?”, eu falei: “não vou mexer com isso não!”. Aí ele ficava meio que falando: “mas você pode ser você, você não precisa ficar...”, “eu não sei se eu vou ficar nisso”. E aí eu conheci uma moça nessa mesma boate na época da faculdade, um ano antes na verdade. E eu fiquei doida com essa moça, ela é uma pessoa baixa, branca, masculina, cabelo curto e tudo mais. E as roupas também, ela se vestia com roupas mais masculinas. E aí, nesse momento eu fico muito mexida com ela, assim. E aí eu marco de encontrar com ela num barzinho. E aí eu, na verdade, não sabia qual era a minha orientação. Eu estava numa fase assim de experimentação, né? [...] Essa época eu já estava mais aberta. E aí foi no bar que eu estava com ela desse dia. E aí eu fiquei toda nervosa e tal, falei nossa minha mãe vai me ver com uma moça que ela tem toda, na minha época né, eu tinha essa coisa da aparência né, mas a minha mãe vai olhar pra ela e vai falar ela é sapatão e tal. E ali a moça deixou o cigarro cair no chão, a gente tava bebendo e eu falei: “ah minha mãe vai pensar o que de mim?”, não sei o que e tal. E aí nesse momento minha mãe começou a me questionar algumas coisas depois que a gente tinha saído do bar. E aí eu escrevi uma carta pra minha mãe falando que no momento eu tava conhecendo algumas meninas e que eu tava interessada e tal. E aí... Que esse era o meu momento, mas que eu não podia definir nada. E aí eu comecei a sair muito com essa moça. E meus pais são separados, né? Aí no momento minha mãe...

[Camilla] Deixa eu entender. A sua mãe... A sua mãe de fato apareceu ali, né, aqui no bar.

[Nanda] Ela sabia onde eu estava, mas ela foi atrás de mim.

[Camilla] Ah, entendi. Mas ela foi atrás de você porque você tinha contado que tinha um encontro?

[Nanda] Não, eu não tinha contado, acho que é porque eu demorei muito na rua e aí ela ficou meio... Deixa eu ir lá ver se ela ainda está lá. E aí ela foi e me viu lá com a moça. E aí nesse momento eu saía muito com essa moça e tal, e aí num momento minha mãe falou que era para eu ir morar com meu pai, porque ela não estava dando conta de mim, que eu chegava em casa quatro horas da manhã, que ela ficava preocupada e tudo mais. Aí eu fui morar com meu pai. Só que meu pai também não aceitava. E aí foi muito complicado. Eu contei para ela, mas ela não... Ela ficou naquela coisa meio tipo, sem responder a carta, sabe? Meio fingindo que nada estava acontecendo. E aí eu fiquei chateada e tal, e aí eu fui morar com meu pai, mesmo momento que eu estava morando com meu pai, meu pai me viu num dia dos pais com essa moça na rua, muito nervoso. E aí quando eu cheguei na casa dele, ele me bateu muito, tipo assim, de pegar a cabo de vassoura e jogar na minha cara e querer passar com o carro em cima de mim, eu ter que sair correndo na rua. Muito difícil essa época. E aí eu era muito novinha, assim, né? 19 anos, 19 ou 20. E aí essa moça morava perto da casa do meu pai, então eu saí correndo para casa dela, porque eu fiquei com muito medo. E ela me acolheu na casa da avó dela, que era onde ela morava, e aí no outro dia eu estava toda machucada e tal, aí o meu chefe na época ligou para minha mãe, porque eu não estava conversando com a minha mãe nessa época. E aí ele ligou, a minha mãe foi me levando no médico mesmo sem conversar comigo, assim, ela voltou a conversar comigo nesse momento. E aí fiz os exames e tal, não tinha dado de nada não, foi alguns hematomas só na superfície mesmo. E aí foi um momento bem, bem complicado assim. Aí depois eu voltei a morar com a minha mãe, fiquei um tempo sem ficar com outras meninas, meio que me reprimindo e tal. [...] E aí depois eu saio dessa terapeuta [conta que fazia acompanhamento com uma psicóloga que compartilhava sem consentimento dela como paciente, informações com a mãe]. E ao longo disso, né, eu vou conhecendo outras meninas, vou tendo outras experiências. E aí chega uma época que eu deixo a ideia de que tinha que eu era hétero lá antes. E começo a me entender como lésbica. Eu falei assim, eu vou.. aí

um tempo depois eu falei assim, eu vou fazer as coisas que eu gosto e tal, e aí eu comecei a ter interesse em alguns meninos de novo. E aí eu falei, não, pera aí, mas então eu não sou sapatão não, eu acho que eu não sou não. E comecei a me questionar de novo, porque eu acho que também são construções e desconstruções constantes, então assim, eu ficava naquela coisa, nossa, eu não estou fechadinha numa caixinha, se eu sentir interesse por um rapaz e tal, eu posso, talvez a minha orientação não seja essa. E aí eu comecei a... me relacionar no final da faculdade com uma moça, depois eu me relacionei com alguns rapazes e tal. E um dos rapazes [Breno] que eu me relacionei naquela época, inclusive eu o reencontrei em 2020. E aí de 2020 para cá a gente tem mantido um relacionamento e tal. (Nanda, 29 anos, mulher cis, pansexual)

O trecho do conto *Beijo na face* de Conceição Evaristo (2016) que conta de uma relação entre mulheres negras, traz lapsos da experiência de Nanda com suas descobertas quanto a orientação afetiva e sexual: “No princípio, a aprendizagem lhe custara muito. Acostumada ao amor em que tudo ou quase tudo pode ser gritado, exibido aos quatro ventos [...] viver silente tamanha emoção era como deglutir a própria boca, repleta de fala, desejosa de contar as glórias amorosas” (Conceição Evaristo, 2016, p. 52). Se nas relações heteronormativas a publicização é algo quase banal no curso dos relacionamentos afetivossexuais, para pessoas que vivem em relações homoafetivas com frequência é o contrário: viver no armário e embolorar a sua vivacidade é opção para se manter em certa segurança e integridade de direitos básicos de vida.

Eve Kosofsky Sedgwick (2007) disserta sobre a noção do armário enquanto dispositivo regulador da vida de pessoas LGBTQIA+, representando para muitas, base de vida societária. Subjetivamente há constante tensionamento para se organizar “em novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição” (Eve Kosofsky Sedgwick, 2007, p. 22), influenciando na limitação da construção e expressão identitária e afetivossexual, que traz efeitos na saúde e bem viver de quem está nesta situação. “O medo que alimenta o esforço da constante atuação é corrosivo. A experiência (e a possibilidade) da injúria, da humilhação, da agressão e da interdição é o oxigênio do silêncio e da omissão” (Amanda Nunes do Amaral e Flávio Pereira Camargo, 2022, p. 7).

O armário como dispositivo tem finalidade: tecnologia de manutenção e garantia de privilégios da ordem heterossexista, através de mecanismos institucionais como o

casamento e assimetrias de gênero, principalmente como meio limitador da agência feminina, apontando quem tem permissão ao não de vivenciar seus afetos em público, determinadas pelo critério de ‘normalidade’ heterossexual. Deste modo, as vivências homoafetivas entre mulheres representam extravios, transgressões e desautorizações da hegemonia pela autenticidade do modo de existência (Eve Kosofsky Sedgwick, 2007; Amanda Nunes do Amaral e Flávio Pereira Camargo, 2022). Sair deste armário implica rechaços vários, como na experiência de Nanda com os familiares que retribuíram a insubmissão a normatividade sexual com violência até construírem outras formas mais saudáveis de cuidado e vínculo com a filha.

De lugar diferente, Cris narra a história que teve com Cleber [nome fictício, homem cis branco, gay], que dentro de um arranjo afetivossexual heterossexual, se transformou em uma parceria de amizade, apoio mútuo e fomento ao descobrimento da orientação sexual e afetiva de ambos. Pontos a serem pinçados é que a correspondência no campo sexual em uma relação com o sexo oposto não necessariamente define outros campos do desejo afetivo:

[Cris] A gente cresceu no mesmo bairro, então todo mundo era amigo, ficava junto ali. E aí tinha essa amizade. Primeiro partiu dele mesmo de... de querer namorar. Eu até nem queria. Foi tão engraçado, assim, fica aquela coisa, fica rodeando, assistindo. Aí os amigos: “aí fica, né, tão difícil. A gente sempre escolhe pessoa que não gosta da gente, dá valor para quem gosta da gente, que não sei o que...” E aí a gente acabou ficando, foi legal e tal. E... e aí foi rápido até, né?! Porque, tipo assim, a gente namorou... uns três meses. Aí ele tinha feito uma inscrição do governo para uma casa, esses apartamentos no centro e ele acabou ganhando apartamento. Então calhou de tipo o apartamento saía e a gente decidiu morar junto. Mas assim, na época... eu estava fazendo cursinho pré-vestibular, ele também. Então nessa parte a gente se apoiava, ajudava bastante. E, mas foi bem rápido, tipo, eu fiquei... a gente foi morar junto... acho que a gente ficou junto uns seis meses. Né, até acontecer essa questão de descobrir mesmo assim da sexualidade da gente, do que a gente realmente queria para a gente, né?! E aí a gente separou... sentou, conversou, a gente ainda ficou morando mais uns seis meses assim, até eu conseguir mudar de casa, né?! É... mas assim, tanto que ele me ajudou, me ajudou com a mudança, tudo. Então assim, dele, assim, foi bem tranquilo, assim, tipo não tinha... tanto que assim, quando a gente separou o

pessoal meio que assustou porque falavam que a gente era aquele casal perfeito. “Ah! Eu nunca vi vocês brigando, nunca tinha...” Olha, mas é porque a gente foi amigo na verdade, mas acima de tudo, né? Como a gente tem contato até hoje, assim. E...

[Camilla] Não tinha atração sexual? Como é que era?

[Cris] Tinha. Mas era aquilo que eu te falei, assim, a sensação de... de querer, tipo assim, é que eu nunca fui, nunca gostei muito de... de penetração. Nem agora. Mas tinha, né, porque tinha relação com ele, mas eu senti ainda que faltava alguma coisa. Sabe?! E eu já tinha externado isso pra ele depois que a gente começou a morar junto mesmo, tanto que ele às vezes falava: “eu acho que você... que você... é... Você... Você tem que explorar mais isso se você tiver realmente com dúvida. Mas eu acredito que você goste de mulheres, né?!”. Pelas coisas que eu falava tudo. E... Então, assim, na verdade, eu acho que o relacionamento da gente ajudou bastante nesse processo, né, de descobrir, sem ter aquele medo de.. de... outra julgar ou criticar. É... as coisas vieram mais de fora. Quando... a gente separou, e aí ele primeiro se assumiu gay, contou pra todo mundo. Né?! E ele ficou... mas aí ele já ficou mais assim, ele já assumiu atacando porque ele achou que todo mundo ia criticar e atacar ele, né, pelo meio que a gente vivia. Eu demorei um pouco mais, justamente por isso, eu fiquei pensando o que eu ia fazer da minha vida e depois eu percebi que as únicas pessoas que eu tinha obrigação de falar era para minha mãe e minha família, o resto que se dane cada um saber que sua vida. Ele não, ele já contou e saiu atacando todo mundo. E o pessoal recepcionou bem a gente assim. Tipo, ele assim, mas ele já tinha botado na cabeça dele, né, que ele ia ser atacado. E aí depois, quando eu me assumi realmente que eu contei assim, tanto que muita gente achava que eu... eu tinha escolhido essa opção porque ele tinha virado gay... eu falei nossa que legal, né, vou escolher ser lésbica, negra, lésbica nordestina, tudo que, né, que é legal pelo mundo, né, que a gente sabe, principalmente, desses últimos desgovernes de quatro anos, que a gente foi mais atacado que tudo, simplesmente por uma birra [risos]. Tipo, ah!

[Cris gesticula levantando as mãos] Vai. Nossa! Então, tipo, as coisas assim, tinha muita especulação. “Ai, mas cê não tá se enganando, que não sei o que...” . Eu falei gente, eu sei o que eu sinto, eu sei como que a gente conversou, e.. Mas é assim, isso, né? Ninguém falou nada, tanto que, assim, na minha cabeça, meu medo, né, de me assumir as questões dos meus afilhados, dos meus sobrinhos.

Ah! Será que eles vão deixar eu continuar vindo na minha casa, passeando comigo tudo, mas, assim, olha, graças ao bom Deus, assim, ninguém, assim, eles falaram assim, olha, a gente te ama independente do que seja, e eles, sim, a única coisa que a gente quer é que se eles perguntarem alguma coisa, eu pedi pra você explicar. Mas criança é totalmente diferente, né? Pra eles não tem isso. Cresceu todo mundo junto, nunca ninguém me perguntou nada. Era casal e pronto, e assim ficou. Né?! E então, assim, é... nesse primeiro relacionamento foi... foi isso, assim, tipo... é... tipo... a... a essa questão da... a gente já conversava bastante, né, que foi diferente do segundo, né, que já... essa questão da conversa. Então acho que por isso que foi... foi mais tranquilo e mais saudável de... de ter essa separação, de...de ter essas escolhas e poder ficar bem. (Cris, 44 anos, mulher cis, lésbica)

“Poder ficar bem” como Cris define, marca que embora tenham entraves e desafios, os atravessamentos estruturais não são determinantes em absoluto: há soluções possíveis para além das idílicas. Como ao consertar uma peça de roupa furada com tecido: cerzida, bordada ou com retalho há uma história do desgaste que permanece, mas pode seguir ressignificada em uso e em vida.

4.6 Sobre as mulheres que se atraem por homens

Olha, eu gosto dessa forma, eu gosto de homens dessa forma, gentil, esse negócio de só ser penetrar não é pra mim, é um negócio de sentir... não, não venha pra cá não. Quer só sexo? Você vai procurar na zona e uma casa assim que tenha pessoas que trabalham com sexo aí você se realiza. Mas eu quero uma pessoa e uma relação afetiva, né? Verdadeira. Enquanto não tem as verdadeiras, a gente vai ficando com um aqui, não com todo, não é dizer que eu vou ficar com qualquer um, não. A gente fica com um aqui, não deu certo? Tá, beijinho, tchau, tchau. E pronto, não se apegar, minha mente já tá trabalhada eu trabalho a cada dia mais, para não se apegar a falsas ilusões, a frustrações. É porque muita gente, nós, pessoas, criamos uma fantasia nas relações. Criamos um mundo e colocamos aquele objeto no nosso mundo, aquela pessoa, seja mulher, seja homem, seja trans, seja o que for. Criamos o nosso mundo e queremos que a pessoa se adequa ao

nosso mundo. Mas a pessoa tem um mundo também, que é diferente do nosso mundo, e é onde entra com possibilidades de entender o outro, porque o outro quer de uma maneira e ele quer de outra. É a questão de bom senso, de reflexão, de se colocar sempre também num lugar do outro. Eu nunca vou encontrar uma pessoa que vai ser marionete na minha mão, que vai ser um homem que vai andar do jeito que eu quero. Ai, nunca! Nem vai nascer este. Mas é se habituar ao diferente. A palavra-chave é o diferente. Como eu vou entender essa diferença do outro, o outro entendendo a minha diferença? (Ale, 28 anos, mulher trans/travesti, se atrai por pessoas que são homens ativos, gays ativos e bissexuais)

Gabriela resume em sua fala uma sensação que vai se repetindo no discurso das mulheres participantes sobre o cansaço de se relacionar com homens, o seu “cansaço dos homens”.

A gente amadurece, já tô na casa dos 30, tem outros objetivos, não quer mais isso, não quer mais aquilo. A gente deixa de lado a vida afetiva. Não dá não, é muito difícil. [...] Homem não presta porque ele não quer, ele gosta de culpar a sociedade, a família. tá dentro dele esse problema. Tem uns que tem que procurar psicólogo, né? Acha que mulher é psicóloga deles para entender, ah não! (Gabriela, 31 anos, mulher cis, bissexual)

E sobre os homens dissidentes da cisheteronormatividade, existem resistências: a não naturalização da diversidade sexual e de gênero tem seus efeitos. Estes que vem inclusive em sujeitas que estão inseridas e a trabalho em contextos de desmantelamento desses discursos. Questão que traz elaborações mais includentes e possibilitadoras de experiências enquanto fala:

Então assim, ok, mas se um dia acontecer, eu não sei como que eu vou encarar o fato de namorar uma pessoa bissexual, não sei. Não sei se eu vou considerar isso como uma possibilidade, mas pra um... Pra se relacionar, assim... Eu não tenho problemas. Isso é uma coisa também que eu preciso debruçar sobre, né? Porque se a pessoa escolheu, porque ela é bissexual, que amanhã ela quer mulher, depois

quer homem, não é sobre isso. Se ela escolheu estar comigo é porque ela quer estar comigo. (Virgínia, 27 anos, mulher cis, heterossexual)

O trabalho de cuidado feminino e a descuidada ausência masculina: Conceição e Nanda

[Conceição e Pedro foram casados por 27 anos e tiveram um filho]

[Conceição] Ele ficava bonzinho, ele quietava. Aí passava, daí a pouquinho vem outra história. Aí dessa última história, eu falei com ele, a gente estava construindo essa casa, que eu morei de aluguel há uns 16 anos. Aí a gente estava construindo essa casa, eu falei assim: “Pedro, depois que eu entrar para aquela casa, que você me fizer, que você fizer isso [traição], eu não vou ficar com você mais não!”. Porque às vezes a gente submete muita coisa por causa de filho. Às vezes eu não tinha condições de cuidar do meu filho sozinha. Entendeu? Então, assim, mas aí agora não. Agora meu filho já estava grande, já estava estudando. [...] Não posso falar como pai, que é um excelente pai. [...] E depois, pronto [terminaram o casamento], mas aí agora fica assim, sabe, Camilla, me liga, fica falando que “eu tenho saudades”, que não sei o que, não sei mais o que, sabe? E que tipo assim: “eu tô aqui” né, “se você precisar”, “que tem coisas que só você sabia fazer”, que não sei o quê, sabe Camilla? Essas coisinhas, sabe?

[Camilla] Tipo o quê? Que só você sabia fazer?

[Conceição] Tipo ter relação, tipo entender, tipo, sabe? Aí eu falei, assim, aí ele: “aí que eu pego sua fotografia e fico olhando”, que não sei o quê. Foi assim, ó, falei com ele assim: “ó meu filho, você tá aí numa ausência muito grande de Deus, porque... Olha, você não quis ir? E agora você queira!”. Porque no fundo, no fundo, ele pensou que ele ia sair, que ele ia ficar na vida dele lá e que eu ia continuar com ele. Porque tem muitas mulheres que aceitam, né, Cami? Tem muitas mulheres que aceitam, mas eu, de esposa ser amante, não combina comigo, não Camilla.

[Conta que foi traída várias vezes dentro do casamento]

[Conceição] Nós fomos casados na igreja. Tem 27 anos. Mas agora ele está seguindo a vida dele. No princípio eu não aceitei muito, mas agora eu estou bem mais tranquila em vista.

[Camilla] E você já quis voltar com ele depois desse último acontecimento?

[Conceição] Não.

[Camilla] O que você sentiu assim? Que dessa vez você falou: “não volto, não quero mais”.

[Conceição] É porque das outras vezes ele nem chegava a sair, entendeu, Camilla? Ele não chegou a sair de casa. Quando eu descobria, ele resolvia e ficava quieto. Você está entendendo? E aí passava. E aí dessa vez não. Aí ele começou, eu peguei quando foi um dia: “você já está juntando seus trem? Vou chamar o carro para acabar de levar suas coisas”. E ele foi. Acabou de juntar as coisas. Eu juntei as coisas dele. Eu liguei para um amigo meu que tinha um coiso de transporte. Levou as coisas dele. Também não importei. Ajudei, dei a geladeira para ele. Dei o tempo para ele. Ele levou a cama que era do meu menino, que era solteiro. Meu menino já estava na outra cama, ele levou. Aí eu falei com o meu menino, dá o seu guarda-roupa para ele, fica com o nosso que é grande. Eu já estava na parte de baixo. Ele levou. Se eu puder ajudar, eu ajudei assim, sabe?

[Camilla] Por que você quis ajudar ele?

[Conceição] Porque na realidade, ele tem essa parte dele de... de muito mulherengo, mas ele não era uma pessoa mau comigo.[...] Ele não era uma pessoa mal, ele me tratava bem, ele nunca deixou faltar nada, tudo que eu pedia me dava. Então, assim, eu não posso falar, nunca me bateu. A gente nunca foi falar com a ser verdade, Camilla. A gente não era nem de discutir muito. Não era nem de discutir muito. Não! Eu não sei ser ruim. Ele está com essa mulher por mais que às vezes eu xingava ou não sei o que, mas no fundo eu fico assim, meu Deus, são duas pessoas vivendo uma vida de adultério, que é uma coisa que eu não quero para mim, por isso que eu também não quero outro homem, porque eu sei que eu vou... Por mais que a pessoa... Por mais que o padre, que eu confessei com o padre, eu leio a Bíblia e eu sei que se eu arrumar um outro, eu também vou estar em adultério. E eu não quero isso para mim. Por mais que o padre converse comigo, que fala comigo que eu não estou, que ele foi decisão dele, mas para mim eu estou.

[Pergunto qual a posição dela, já que ele foi infiel antes, supostamente a religião consideraria válido que ela seguisse a vida com outra parceria, já que ele cometeu o “adultério”]

[Conceição] Porque a Bíblia é bem clara. Mas mesmo se divorciar no papel, você entende que... Você se divorcia na lei dos homens. Entendi. Você se divorcia na lei dos homens. E quando você jura com Deus de ser fiel. Você jura com Deus. Não é na lei dos homens. É uma lei de Deus. Eu vejo assim, sabe? Eu sinto assim. Por isso que eu falo. Eu falo com ele: “nossa, você fica aí nesse adultério, você não é coisa que agrada a Deus. Por que não agrada? Que mais cedo ou mais tarde tudo que você planta você colhe. Se você planta o bem, você vai colher o bem, mas se você plantou mal, você não vai colher o bem”. Ele mesmo vê lá na casa dele, os pais dele são separados, hoje o pai está na cama, hoje a mãe dele ainda mesmo assim ajuda o pai, mas porque mora no mesmo lote, né! Aí não tem como, porque não tem ninguém lá. E aí eu falo com ele, eu falo que: “você sabe que isso não é obrigação da sua mãe, mas não”. De cuidar não. Ela cuida por caridade. Por caridade. Mas obrigação é sua de filho. Porque ele já não é nada dela. Ele não é nada dela. E sangue seu é vocês. E ele faz a parte dele?

[Camilla] Como é que foi durante a vida? Você falou que nesse tempo que você teve doente, ele não teve presente. Mas em outros momentos ele teve?

Acompanhava sua gravidez?

[Conceição] Não teve. Na doença, ele não teve. Não. Eu falava muito com ele que “eu não faltei com você”, porque ele também teve doente também, e um dia ele falou comigo assim, “agora você vai me abandonar”. Eu falei assim, ele disse: “você vai me abandonar”, ou eu falei assim, “não”. Porque ele deu também, sabe? Ele deu câncer de próstata. E pelo contrário, em vez de abandonar, eu abracei ele e caminhei com ele. O médico queria fazer cirurgia. Eu até ri da minha sobrinha, porque ela falou comigo assim: “talvez se eu tivesse feito cirurgia hoje, não estava fazendo isso com você, porque não valia nada”. Hum! Aí eu falei com ele assim: “ô, Pedro, vamos ver a opinião de outro médico?”. Porque pelo médico que estava acompanhando ele, queria fazer a cirurgia. Só que a cirurgia da próstata, a maioria, pelo que o Dr. Eduardo me explicou na época, a maioria quando vai fazer a cirurgia da próstata, geralmente dá um corte, um pouco sem querer, até o canal da urina. Então a pessoa usa até fralda, né? Porque ele fica fazendo xixi sem sentir. Então aí eu falei com ele assim, “vamos ouvir a opinião do outro médico?” Aí levei ele no outro médico, que por hoje é muito meu amigo, graças a Deus. E aí esse outro médico falou: “não, Pedro, você é muito novo para fazer essa cirurgia” e tal, “vamos tentar rádio” [radioterapia]. Aí foi que... aí eu perguntei, “mas o

outro médico não falou que tem que fazer?”. “Não, vamos tentar rádio”. Me dá o telefone do seu outro médico, eu vou conversar com ele e tal. Aí fez a rádio. Mas aí ele me perguntou, “você vai me abandonar?” Eu falei assim, “vou não!”. Passei por as piores coisas mesmo, porque... Fala com você, Camila. Você tendo uma pessoa fazendo a rádio? Nossa senhora, pra você ter uma relação quando ela está nesse período, não é... É nojento. Às vezes sai aquela coisa com sangue, sabe? Não é coisa não. Então, assim, a mulher... Às vezes o homem não aguenta que a mulher fica doente. Às vezes não tá nem nele que ele não me sustentou. Porque pelo que eu percebo, que eu vejo até que já assim, teve um outro caso também da menina, ela não tinha nem um ano de casada. Aí ela... descobriu e o cara cascou fora. Porque tem muitos que não aguentam mesmo, não.

[Camilla] Mas não aguentam por quê?

[Conceição] Sei lá, se não aguentam, sei lá.

[Camilla] E o que você acha? Do homem que faz isso?

[Conceição] Eu acho uma falta de caridade muito grande com os outros. Uma falta de amor pelo outro, porque é no momento que o outro mais precisa, é que o outro vai embora, que te larga, que te abandona. Aí você se sente abandonada, se sente ferida. Nossa, você sente a pior pessoa. A pior pessoa, entendeu? Eu emagreci muito, muito mesmo. Meus peitos caíram muito, inclusive graças a Deus, terça-feira eu já vou fazer cirurgia, consegui. Aí eu ainda falei graças a Deus, que é que é muito difícil essa cirurgia, sabe? A primeira eu falei assim, porque eu estou tão coladinha com Deus, que Deus está abrindo para mim todas as portas. Todas as portas possíveis Deus está abrindo para mim. (Conceição, 59 anos, mulher cis, heterossexual)

Vários pontos chamam a atenção na história de Conceição. Impossível não se sensibilizar com a experiência reiteradas negligências de Pedro no cuidado com ela e a ação radicalmente contrária com ele: um cuidado maternal naturalizado como função feita por mulheres.

Naturalizado, não natural e intrínseco às mulheres. Fruto de um projeto político-ideológico com a efervescência da modernidade ocidental - europeia, branca, cishétero e monogâmica, mas que também contribui para pensar mulheres negras atualmente - em meados dos séculos XVII e XVIII, período em que houveram intensas transformações no modo de produção e a consolidação do capitalismo, com ganas e possibilidades de

mobilidade social, atravessadas principalmente pela concepção de sujeito e função em que apenas os homens passam acessar tal trânsito. Embora não esteja no universal que todas as pessoas possam gestar biologicamente uma criança, a maternagem está para todos, independente de gênero, mas a sociedade não: é criada a distinção dos homens na seara pública e a mulher no campo privado, privada. Isso se estabeleceu não sem resistência feminina, mas ali se ofereciam também benesses: para as mulheres surge posteriormente o dispositivo de gênero da maternagem como meio de mobilidade e reconhecimento social, naturalizando o mito 'instinto materno'. Então não parece estranho o mecanismo que volta às mulheres a indissociabilidade de campos completamente dissociados: a maternidade e a maternagem (Valeska Zanello, 2016). A filósofa feminista francesa Elisabeth Badinter (1985), traz a diferença radical do que nos tira do estatuto de animalização: a agência perante assujeitamentos.

À ideia de "natureza feminina", que cada vez consigo ver menos, prefiro a de uma multiplicidade de experiências femininas, todas diferentes, embora mais ou menos submetidas aos valores sociais cuja força cálculo. A diferença entre a fêmea e a mulher reside nessa "mais ou menos" de sujeição aos determinismos. A natureza não sofre tal contingência e essa originalidade nos é própria. (Elisabeth Badinter, 1985, p. 16)

Visto isto, o instinto materno traz a ficção de uma face do que nos torna animais humanos com inerência ao cuidado e amor incondicional. Animalizar para submeter. Quem desliza desse simbólico é rechaçado socialmente. Valeska Zanello sumariza a pesquisa de Elisabeth Badinter (1985)

foi prática comum e amplamente aceita que mulheres entregassem seus filhos para amas de leite e cuidadoras, e que só voltassem a ver o filho, quando este não morria, em média quatro anos depois. E isso sem que nenhum drama de consciência as perturbasse. De acordo com a autora, dentre outras razões, as mulheres tinham outras prioridades e interesses que o bebê. É no século XVIII que o olhar sobre a criança se modificou e começou a se configurar a maternidade como um ideal para as mulheres. Mas essa passagem não se deu de maneira amena e foi necessário todo um trabalho de convencimento para que as mulheres abandonassem seus interesses pessoais para se dedicarem a seus rebentos. Nesse

momento, vistas como homens menores [biologicamente pela ciência na época], as mulheres não possuíam os mesmos direitos políticos que eles. Nem as mesmas regalias e reconhecimento social. Com a baixa de contingente de pessoas na Europa, em função das mortes provocadas pela fome, doenças e guerra, bem como pelo alto índice de mortalidade infantil, os governantes começaram a exaltar as mulheres para cuidarem de suas crias, pois a elas caberia cuidarem do futuro do Estado. Discurso ideológico, mas altamente sedutor: para quem não tinha direitos, a promessa de algum reconhecimento já parecia grande coisa. Tratava-se, em um primeiro momento, de convencer as mães a amamentarem seus filhos. No entanto, esta tarefa foi se ampliando, com a ajuda da construção de discursos tão ideológicos quanto, porém recobertos ora com uma roupagem religiosa e, posteriormente, com uma roupagem científica (da medicina e, mais tarde, do campo psi). Assim, não apenas exigiu-se da mulher amamentar sua cria, mas cada vez mais, no decorrer do tempo, foram solicitadas atividades de educação, formação do caráter, etc. Quanto mais o filho passou a ocupar o lugar de sua majestade o bebê/rei, mais exigiu-se, com a cumplicidade do pai, que a mãe abrisse mão de suas aspirações como pessoa. Houve uma associação ideológica das palavras “amor” e “materno”, “que significa não só a promoção do sentimento, como também da mulher enquanto mãe” (Badinter, 1985, p. 146). A tática, como apontamos, ao invés de vir pela punição ou obrigação, veio pela sedução: elogios às “boas” mães... Além disso, havia promessa de igualdade para elas (na divisão dos trabalhos, entre o âmbito público do homem e privado das mulheres) e de felicidade na maternidade. (Valeska Zanello, 2016, p. 105)

Assim, as mulheres passam a existir socialmente na dependência da relação com o outro: o masculino e o familiar.

é uma personagem relativa e tridimensional. Relativa porque ela só se concebe em relação ao pai e ao filho. Tridimensional porque, além dessa dupla relação, a mãe é também uma mulher, isto é, um ser específico dotado de aspirações próprias que frequentemente nada têm a ver com as do esposo ou com os desejos do filho. (Badinter, 1985, p. 25)

“La economía del cuidado insiste en el hecho de que el cuidado se encuentra en la base del funcionamiento y la reproducción de la economía y la sociedad” (Valéria Esquivel, 2013, p. 12). O trabalho de cuidado que compreende o trabalho doméstico em sua residência, a atividade profissional, trabalho sexual e reprodutivo, assim como o trabalho com as demandas subjetivas das relações, demandando duplas, triplas ou mais jornadas de trabalho: “eles dizem que é amor. Nós dizemos que é trabalho não remunerado” (Silvia Federici, 2019, p. 40). A experiência de Nanda também coaduna na convocação a maternagem de Breno, seu parceiro afetivossexual:

Então, eu gosto muito dele e eu percebo que ele gosta muito de mim. Só que aí tem uma questão que me incomodava bastante, que ele bebe muito. E aí, às vezes, que ele bebia, ele brigava muito comigo. E aí eu ficava mal demais, assim. Aí chegou um tempo que eu quis separar, sabe? Que eu falei, não, não dá. E quero... Não dou conta de ficar lidando com essas coisas dele, não, porque às vezes eu percebia que ele vinha falar coisas que não tinha nada a ver com a gente, sabe? Assim, de brigas, que às vezes era uma coisa dele, com a família dele, me colocava no meio e tudo mais. E isso me incomodava bastante, foi um dos motivos que eu tinha encerrado o relacionamento em dezembro. E o outro motivo foi que eu ficava meio que responsável com a limpeza da casa dele. E aí eu não queria isso mais. E eu falei: “eu vou sair correndo, porque eu não dou conta!”. Porque assim, eu não dou conta de ficar em lugar sujo, mas eu também não quero fazer tudo sozinha, porque a casa é dele, eu não morava com ele. A gente só se encontrava, eu ia pra lá, ficava bastante tempo lá, mas eu não chegava a morar lá. E aí eu sentia como se ele deixasse as coisas pra eu fazer as coisas de limpeza, do trabalho doméstico mesmo, sabe? E aí eu falei: “não, eu quero separar que eu não tô dando conta disso”. E aí eu separei, só que aí eu senti falta dele, fiquei me sentindo sozinha, né? Depois que eu parei de ficar com aquela moça, a Luciana. E aí eu acabei voltando, sabe? E agora eu não sei o que vai ser. (Nanda, 29 anos, mulher cis, pansexual)

Para além das questões objetivas de gênero, classe e capitalismo na divisão de gênero no trabalho de cuidado, há outra retribuição de pagamento que não se retifica na ausência: o subjetivo. Conceição encontra em Deus, no filho e na comunidade de apoio o cuidado que esperava do ex-marido Pedro em seu momento de doença e que na mesma

situação, ela dispensou a ele. Relevante marcar que nos trabalhos de cuidado para mulheres em relações heterossexuais é considerado uma ocupação natural que não se reclama ao outro, se há da parte do parceiro reconhecimento e contrapartida é algo de mais além da contribuição, é ‘ajuda’.

Nas diferenças geracionais há pontos de encontro e dissonâncias: Conceição e Nanda estiveram imersas nessa economia do cuidado. No primeiro entraram fazer suplência as ausências de contrapartida de cuidado, entretanto retornaram a si e resgataram seus valores: Conceição encontra coragem em um ponto de basta em relação ao desejo de fidelidade no casamento e a infidelidade frequente de Pedro. Nanda basta da sobrecarga de demandas concretas, como a limpeza da casa que ela sequer residia e as demandas subjetivas de Breno, em prol do cuidado de si. No segundo, embora ambas se responsabilizem pela iniciativa dos términos, a dissonância é que Conceição atravessa o término e Nanda retorna.

Quanto a Nanda, nessa e em outras falas, cita para além do afeto amoroso e de cuidado que tem por Breno, o ficar se “sentindo sozinha” quando se percebe sem parcerias afetivossexuais:

O amor vem fazer suplência a essa impossibilidade [da não-relação sexual, em que não há complementaridade proporcional nas relações], preenchendo o vazio com tudo o que caracteriza a paixão amorosa. A psicanálise não se propõe eliminar as paixões, mas extrair o que há de irredutível no gozo de cada um, o que é inegociável, indo de encontro da diferença radical que separa um parceiro do outro. Surge assim, um “glorioso intervalo”. (Gilda Vaz, Regina Pacheco e Terezinha Sete, 2016, p. 39)

Há algo que dá pistas de uma solidão que vai além das relações afetivossexuais, se desvelando no desconforto, incômodo, insuportável e angustiante de se haver com questões de autoconhecimento em que o desejo urgente é tornar o derramamento de dores estanque. O amor vem como um véu de tecido fino na borda de um copo: pode cobrir o conteúdo ou não conteúdo que há dentro, mas é anteparo móvel diante ao mistério do que há em si. Lidar com essa ausência de anteparo e o glorioso intervalo nas relações acontece na disponibilidade e no tempo de elaboração de cada uma, estando ou não em um relacionamento com outra/e/o.

Recuperando o que Conceição entende ante ao abandono que seria “uma falta de caridade” e “falta de amor”. Caridade ou responsabilidade? Há de se questionar. O suposto amor nas relações afetivossexuais entram até mesmo em alguns casos como filantropia: o cuidado traz recompensas subjetivas no nível da doação sem esperar recíproca. O trabalho doméstico [e aqui coadunando com o trabalho no dispositivo amoroso] foi transformado em um atributo natural em vez de ser reconhecido como trabalho, porque foi destinado a não ser remunerado. O capital tinha que nos convencer de que o trabalho doméstico é uma atividade natural, decisiva e que nos traz plenitude, para que aceitássemos trabalhar sem uma remuneração (Silvia Federici, 2019, p. 42).

Não existe amor em SP

Nas pesquisas sobre relações afetivossexuais e mulheres trans brasileiras, o que se evidencia é o volume mais voltado para ações e denúncias de violações e incipiência de direitos básicos de vida, como a ameaça da própria existência pela transfobia como opressão estrutural cisheteropatriarcal enquanto norma. Outro embate que aparece no campo do real, corpo, subjetividade e cultura, como a psicóloga e mulher trans Franchesca Aurora (2023) cita em vídeo publicado em sua conta de Instagram, é o questionamento sobre disforia ou cisforia de gênero que incide sobre pessoas trans:

Disforia de gênero é um termo que foi criado por pessoas cis para determinar incongruências e desconfortos que nós pessoas trans temos com algumas partes do nosso corpo ou que determina que nós somos pessoas trans [...] aquilo que a gente sente que não condiz com o que foi imposto para nós no nascimento de acordo com a genitália que a gente tem. Mas por que eu estou problematizando esse termo? Volto a dizer: disforia foi um termo criado por pessoas cisgêneras, então a disforia que nós sentimos, também foi criada por pessoas cisgêneras, nada mais justo que a gente devolver esse desconforto, essa incongruência, essa problematização dos nossos corpos para vocês pessoas cis que criaram isso e impuseram isso em nós. Então eu e outras travestis, a gente conversa e costuma chamar de cisforia, porque esse desconforto veio de vocês pessoas cis. Não fomos nós que criamos essa responsabilidade essa dor não é nossa, é de vocês. Franchesca Aurora (2023)

Franchesca também enfatiza em nota no vídeo que a disforia/cisforia de gênero não é uma constante para todas as pessoas trans e travestis, importante não universalizar.

No campo da afetividade sexual, as pesquisas trazem perspectivas voltadas a solidão quase como uma constante. Retomando bell hooks (2010) sobre a necessidade de mulheres negras conhecerem o amor para além da sobrevivência, adicionamos outra intersecção: mulheres negras trans necessitam conhecer o amor, o cuidado e o bem viver para além da sobrevivência e da resistência as violências que tentam aniquilar suas existências.

Ale conta da percepção da vida afetivossexual sendo mulher preta trans/travesti. Pontos que se enfatizam é sobre a construção da sexualidade e dos afetos que se embatem com a cultura transfóbica de objetificação de corpos e subjetividades trans, que tem como frequente ancoramento a representação pornográfica e genitalista. Na contramão disso, ela tece sua ética amorosa pessoal que inclui os desejos e limites para qualidade das relações que estabelece, indicando também compreensões “humanitárias” para tais trocas:

[Ale] Já tive uma experiência crucial, é que certos homens que não se dizem, ou seja, não saíram do guarda-roupa, vou usar esse termo, eles quando tem um relacionamento com uma trans, um travesti, um gay, eles não se consideram na orientação sexual deles, enfim. Na mente eles são homens que na verdade, eles não se aceitam da maneira que são. E aí tem esses complexos, sabia? Não só do homem, eu falo assim, do ser humano. Dessas, é isso que eu estou falando. De conhecer a si próprio. Hoje em dia, tem vários homens casados que dão em cima de mim. Vários casados com mulheres cis, né? Vários que têm fantasias, que gostam de fazer sexo anal, que a mulher não sabe, que gostam de fazer tudo na cama, aquilo que a mulher não faz, mas eles por perceber um corpo feminino com órgão masculino, basicamente deles assim, é um corpo feminino, uma boneca com pinto. Digamos assim, ele se sente atraído para você ver que o sexo, a sexualidade, o sexo não. A sexualidade que não tem nada a ver com penetração, é ilimitada. Homens que gostam de se relacionar com travesti, mas não quer que a sociedade saiba o que dá questão do preconceito, do racismo, do machismo, mas gostam. Aí é complexidade da humanidade de cada pessoa. Eu já passei por esse processo, eu

já sei quem eu sou, eu já aceito, eu sei o que eu gosto, o que eu não gosto. E estou me descobrindo, como eu falei, nunca me envolvi com homem trans. E se eu me envolver? E daí? Eu vou me julgar por isso? Nunca. Never. Jamais. Mas é tudo uma questão psíquica. A sexualidade vem mentalmente. O nosso sentir, porque homens gostam de ver filmes, né? No site, enfim, pornô e se sentem atraídos, porque o libido dele, imaginário, desperta algo. Aí é mental, não é o coração. A razão é totalmente diferente do coração, tá ligado e está. Mas é algo que desperta nele. E esse despertar do outro está nessas condições humanitárias, do dia a dia, sabe? É que nessas questões de um homem querer se relacionar com uma mulher trans ou uma travesti, mas no sigilo, o famoso sigilo, entendeu? Me passo por diversas problemáticas nesse sentido, mas eu falo logo, “ei, isso não rola pra mim não”. Mas por que com uma mulher cis é diferente e com uma mulher trans outra vez que tem que ser dessa forma? Sempre colocar a gente dentro da caixinha, sempre colocar a gente dentro do guarda-roupa, sempre esconder a nossa humanidade, sempre esconder para o outro, porque o outro quer que o outro vai pensar, porque das questões já intrínseca na sociedade, que é o preconceito, que é o machismo, e que se desbruçam com atitudes homofóbicas e LGBT+fóbicas, e é isso, né?

[Camilla] Uhum. E como que você se percebe assim, né? Você já teve uma situação que você aceitou um sigilo ou você não aceitou?

[Ale] Já, já me passei por isso já, porque aí vem a questão do coração, né, a sigilo, mas eu gosto de ficar com ele, então a gente vai. Vai andando na carruagem. Nós permitimos a isso, que é um grande erro. Em que deu por partes, porque eu tô querendo entender o outro, família do outro, o que... Enfim, o outro. É dois. Quando tem relacionamento não é só você sozinho, são duas pessoas. Então ele tem que tentar me entender e eu tentar entender ele. Já passei por essas situações. Mas evito, não quero isso pra mim. Já saí do guarda-roupa há muito tempo. Há muito tempo. E viver no sigilo? Não. Eu viver no sigilo, eu estou aniquilando toda a minha luta que eu faço com os outros. Eu estou colocando novamente as correntes que nos aprisionam, esse sistema que é perverso, que é machista, que é preconceituoso, que é homofóbico. E aí não dando abertura para que os nossos direitos sejam aceitos pelo outro e respeitados pelo outro. Então eu tenho que ser aquilo que eu falo, para não ser algo maquiado, a não ser algo tipo viver uma ilusão na minha vida, uma fantasia na minha cabeça. O que muitos de nós da

comunidade LGBT criam quando se deparam a uma heteronormatividade e tenta segregar os nossos sentimentos, esse “tem que ser no sigilo, porque se não for assim, eu não vou ficar com você”. E aí essas ameaças que vêm trazendo doenças mentais para as pessoas a partir de relacionamentos abusivos e tóxicos. Isso é tóxico. (Ale, 28 anos, mulher trans/travesti, se atrai por pessoas que são homens ativos, gays ativos e bissexuais)

Mais reservada quanto as histórias afetivossexuais, conta de uma experiência amorosa da juventude que marcou a pele com a tatuagem e a subjetividade com sua intensidade:

[Camilla] Você já teve uma paixão, você já se apaixonou, alguém já se apaixonou?

[Ale] Já demais, fui até pra São Paulo, na minha paixão, único amor da minha vida, que ainda tem uma tatuagem com o nome dele em mim, ainda fiz, que foi o amor da minha vida. Eu era imatura, imatura, fui para São Paulo, larguei tudo, larguei meu trabalho.

[Camilla] Você tinha quantos anos na época?

[Ale] Tinha 19, 20, alguma coisa assim. E aí fui, ele morava lá na cidade também, estudou junto comigo, fui, quebrei a cara, chegando lá, São Paulo é o mundo. E é onde se desgruçamos, ele conheceu outras pessoas, conheceu o novo modo, o novo mundo, ele veio do interior, e foi para São Paulo, é o mundo dentro do mundo. E aí vem decepções, fiquei sozinha, estava na casa da irmã dele, quase entrava em depressão, mas não entrei, porque eu tenho um santo, eu não ando só, minha irmã, eu equilibrei minha *orí*, equilibrei minha mente e vamos lá. E voltei, retornei para a minha cidade, onde meu pai também fez a maior questão que eu voltasse, meu pai gosta de ter a gente muito na asa dele, por ser homem, né, diferente, mas enfim, é isso. Não tenho o apoio da minha mãe, mas só de um pai, que é homem, que corrompe todo tipo de machismo por eu ser filha dele. E aí tem essas controversas e esses [ininteligível], né? Esses reválidos. E aí voltei para São Paulo igual uma bomba e aí pronto, tô aqui. Nenhum vento me balança. Aliás, eu balanço, mas eu não caio, né? E é isso, já vivi frustrações relacionadas muito. A gente nunca viveu, todos nós, lapidando as nossas experiências a partir dessas situações, né? E da pior forma foi, né? Me senti muito sozinha em um lugar que

não tem ninguém que é da sua família, ninguém que você conhece assim. Você não nasceu em nenhum espaço, você está em um espaço sozinha. E aí tem toda essa problemática, mas eu estou aqui firme e forte.

[Camilla] Você quer me contar mais essa problemática? Você quer me contar mais a história?

[Ale] Não, parafrasear só isso mesmo. Detalhadamente, eu não gosto nem de... Não quero, não gosto de ter essas lembranças, entendeu? Não é medo e não é recaída não, mas passou. Então, fica só essas questões, resumidamente, dessas situações da minha vida. Não gosto de entrar fundo com isso, porque não me traz nenhum tipo mais de benefício. Já aprendi, já tomei na cara. (Ale, 28 anos, mulher trans/travesti, se atrai por pessoas que são homens ativos, gays ativos e bissexuais)

Coincidentemente, as primeiras experiências de juventude e relacionamento afetivossexuais de Ale e Lana se passam em São Paulo. Lana conta da primeira relação tanto afetiva, quanto sexual, atravessada pela coragem de sustentar a aposta de conhecer o amor e o embate silencioso de elaboração da violência que a atravessou neste processo.

[Lana] Mas é isso, então a partir daí [do início da vida adulta] comecei a desenvolver e me permitir a ter relações. Mas assim, isso tudo bem tarde, tanto é que eu fui ter a minha primeira relação sexual, acho que posso falar relação como um todo, porque foi como um todo. Além de tudo eu era da igreja evangélica. Então, no espírito, né, gata? Então, sei lá, com uns 19 anos, com um homem de São Paulo. Então, eu tinha acabado de fazer 18 anos. 19, 19 anos. Peguei o avião e fui pra São Paulo, pra casa de um desconhecido. [...] Era de Internet. Internet, aplicativos, né? Era sites de aplicativos, né? E foi isso. Imagina, né? Uma jovem totalmente experiente, 19 anos, entrar casa de um desconhecido em São Paulo, gente, pelo amor de deus. Cadê o suporte, sabe? Cadê a família? Cadê? Não, ninguém sabia de nada. Muito bom, né? Hoje eu olho pra trás e falo, “meu Deus!”. Porque dá muito ruim, né? E acabou que deu um pouco ruim mesmo. [...] A relação sempre foi muito tranquila, né? Só que... Como eu posso dizer de uma forma mais abreviada? Foi sem consentimento. Entendeu? Só que na época era muito jovem, nunca nem tinha beijado na boca ainda. Então foi uma coisa que eu só assustei e fugi daquela situação, da situação, não do lugar, da situação, fingi

que não aconteceu e tal. A culpa é minha, eu que não queria. A gente, né, pois é. E isso ficou. Isso ficou. Deixei pra lá. E desde então, tive outras relações.

[Camilla] Você continuou com ele? Você deu algum retorno pra ele sobre esse não consentimento?

[Lana] Não, 19 anos, sabe? Um baby, sabe? Não fazia a menor ideia de nada. Então, né? Foi uma coisa que aconteceu e pra mim na época... né? É, tanto é pulando agora um pouco na parte de tempo aí, que eu fui perceber o que aconteceu de verdade, sabe, por um tempo. Deixa eu ver, foi ano passado, acho que no meio do ano passado. Durante a análise, que na minha análise, minha analista parou e ficou tipo: “peraí. Volta aqui, volta nessa parte, volta nessa pessoa. Volta nisso aqui, como é que foi isso? Volta aqui, volta aqui”. Aí no volta aqui que eu falei... “eita!”, sabe? E aí é aquele momento que dá aquele silêncio na sessão, né, “entendi. Então eu faço parte do quadro de vítimas de estupro”, enfim. Mas como eu falei, eu era uma criança, gente. Sabe, então assim: e ele era, acho que uns 10 anos mais velho, então bem mais malicioso, enfim. Mas sim, eu tinha um afeto, eu tinha um cuidado. Não era qualquer um também, não vou dizer isso, de forma alguma. É... Não à toa, ele percebia a minha ingenuidade e ele tinha cuidado e carinho com isso, sabe? Então, assim... Eu não consigo olhar pra essa pessoa e ter uma visão ruim. Não consigo, porque... Aconteceu. Aconteceu, ponto, ponto, aconteceu passou, gente, vamos. É uma característica minha, inclusive, um pouco preocupante de normalmente perdoar. Perdoar, sabe? Sabe? Se é que você me entende, até o estuprador. [...] Então, desde então, voltei para BH. Novos experimentos, desde então nos aplicativos, no Tinder da vida, com garotos gays e tal, e comecei a me descobrir ali. Então tive um primeiro contato ali, que era um negócio que até virou um namorico, namorico meio que *fake* [risos]. Mas foi dali, fiz um outro namoro com um cara que estava descobrindo a bissexualidade dele, e ele batia na tecla que eu era uma mulher trans, e eu fiquei: “cansei, é isso!”, sabe? É... tanto é que isso me levou um pouco meio que a romper com ele assim, na época, né? E só de ficar, tá? Não, estamos falando de namoro. Até que aí sim, eu fui ter o meu primeiro namoro, né? É mais oficial, assim. É... só que foi uma situação delicada pra ser... Já era um cara mais vivido também, mais velho e tudo mais. E ele não entendia muito bem o porquê, que eu fazia ele esperar tanto, esperando pelo sexo e pela penetração, porque pós acontecido, eu nunca voltava nisso, entende? Eu sempre dava um jeito de... “Não, não, não, não!”.

[Camilla] Você não tinha transado até aquele momento do namoro?

[Lana] Não, não. Com nenhum deles, no caso. Desde o ocorrido de São Paulo, eu ficava no rolê sempre negação. Não era uma possibilidade. Não era. Então assim, foi isso. Ele não entendia muito bem porquê eu não cedia e tal. Ele lia isso como um desinteresse. Não era. Eu só não sentia pronta pra falar sobre. Até porque na época era muito curioso, porque não é que eu não sentia pra falar. Não sentia pronta pra falar sobre. Mas na época... Eu não queria falar sobre.

[Camilla] E você tinha simbólico naquela época pra elaborar isso?

[Lana] Não, pois é, era apenas uma coisa que eu disse assim: “não quero!”. Não quero. Você me perguntava mil vezes, eu vou dizer mil vezes que eu não quero, mas eu não vou te conseguir te dizer o porquê. Sabe, era isso, um último desenvolvimento, né? Então foi isso também, não rolou, né, a pessoa terminou comigo e tal. (Lana, 28 anos, mulher trans, heterossexual)

Importante observar que mesmo depois da experiência de violência sexual passada, o sintoma de impossibilidade de se relacionar sexualmente se manteve até o encontro de Lana com o trabalho em seu processo analítico. A questão simbólica se ressaltava: qual a educação sexual e ética amorosa é ensinada para pessoas LGBTQIA+? Como elaborar sem ponto de ancoramento simbólico de experiências sem referenciais de cuidado, amparo e socorro? Relatos de vida e clínica se repetem sobre o acolhimento, principalmente familiar, de pessoas dissidentes da cisheteronorma: quando as situações se desacertam, quem nos dá colo? Para muitas, ninguém, outras a rede fora da família. Muitas vezes o colo e a maternagem precisa vir de si mesma, um desafio que não precisava ser tão árduo.

Deslocando do lugar hegemônico de mulheres trans e travestis que não acessam a qualidade satisfatória de relacionamentos, Lana conta da experiência com Minduim/Popotinho [nomes fictícios] que se desenrolou durante o processo de compreensão e transição de gênero:

E foi também com um rapaz gay, que é da psicologia, inclusive. E foi, inclusive, ficou na carta do dia 12, eu coloquei ele porque ele pegou a fase da transição. Então ele foi a fechada de porta ali, sabe? Que eu fui puxar e fechou a porta. O Minduim, ele é um fofíssimo, adoro ele, é um amigo de paixão. Foram quatro anos, muito felizes, sabe? Muito amor, de muita pureza, de muita verdade. Só que

ao final desses quatro anos chegou a minha transição. E com a chegada da minha transição foi batata. A profecia do meu ginecologista, que no primeiro dia da consulta, né, antes de iniciar a transição, ele perguntou se eu tinha uma vida amorosa, normal e tal, e eu falei que eu tava namorando e ele falou assim: "é, mas você sabe que vocês vão terminar, né?". Cartomante? "Não, é só porque provavelmente o seu namorado é um menino gay, né, assim, e ele gostava de outra pessoa, e não de você, entende?". Porque quando você transiciona, há um renascimento. E isso aconteceu, de fato. Isso aí, na verdade, é... Eu, em si, Lana, comecei a sentir muita falta da presença masculina. Da performance masculina, em si. Então, ele não me... Não me apetecia mais, entende? E foi muito triste, por mais eu gostasse dele, amasse ele, eu não amava ele mais como homem. Como um amigo, como um filho. Como um filho, mas não como homem. E foi caótico, porque nessa época eu comecei a dar umas puladas de cerca, das quais não eram intencionais, eles no sentido de luxúria mesmo, tal. Eram um espaço, digo assim... "peraí, meu Deus do céu, agora eu sou uma mulher, que o corpo é esse, onde eu estou, que o mundo é esse, homens, como funciona isso?", entendeu? Porque eu não conseguia ter isso nele, eu não conseguia forçar isso nele, porque isso, né, pra amor de Deus. Então, eu tinha tido um impacto e dei umas duas puladas de cerca aí, no impulso, no sentido de... Né? E nessas puladas de cerca, já começaram os atritos mais fortes. Sim, sim. Eu sempre falo no dia seguinte, ai, péssimo! Mas eram sempre questões não planejadas, sabe? Ah, é o Uber que... É o negocinho, assim... nunca fui nada planejado não. Só que sempre foram situações, das quais, eram homens que viam em mim uma garota cis e quando eu falava assim: "ah não, não, eu sou uma garota trans", né? Porque eu não podia nem falar direito ainda, porque eu tava tentando me entender ainda no rolê, né? E depois que eu falava, tinha toda aquela retaliação, né? Por dizer assim, "ah, você me enganou!". Nossa, realmente, o motivo da minha existência é te enganar, homem cis. Né? Tu vai ver? Quem sentiu atração foi você, não foi? Né? (Lana, 28 anos, mulher trans, heterossexual)

Ela conta que o relacionamento e o amor por Minduim se mantem, em outro lugar: na parceria afetuosa de amizade.

Quanto ao "enganar" os homens com sua passabilidade de gênero, se depara com um imaginário sexual e fetichista em seus encontros. Sara Wagner York, Megg Rayara

Gomes Oliveira e Bruna Benevides (2020) advertem: “não fetichizem nossos corpos. O país que mais acessa pornografia trans/travesti é o mesmo país que ainda discute casamento homoafetivo e enxerga trans/travestis como extensão de orientação sexual”. Outro enlace acontece: com Batman [nome fictício, homem negro, cis, hétero, rico] criando uma trama dramática e violenta de transfobia, que trouxe algumas veias de romantismo e amor.

[Lana] Eu me esbarrei como cliente do escritório. É... Agora começa, agora começa a tour. Pega pipoca, aí com a pipoca começa. E na verdade, esse cliente era até um ex-ficante da minha ex-chefe. Só que essa cessa, ela tava noiva na época. E ele procurou ela pra fazer o projeto do apartamento dela. Porque só tem ela de arquiteta em BH. Homens são muito... Ah, gente, só uma vez... Enfim... [risos]. Estratégias inteligentíssimas. Só que como ela não queria perder o *money*, porque ela não boba nem nada, se trata de um milionário, ela me puxou pro rolê, de modo que nós iríamos fazer em parceria esse projeto, né? E é isso. Aí ela cedeu o escritório dela que eu coordenava, e eu conduziria o rolê com ela, só que ela não apareceria muito por motivos de... “Entende, né, amiga, você entende?”. Não. Mas, enfim, né? Vamos por que é uma oportunidade. Só que é um rolê que na primeira reunião que tivemos com esse cliente, é... Tem aquela coisa de entrar na sala com o cabelo voando, aquele brilho, sabe? A pessoa olhar com aquela cara de tipo... até esquecer dela? E foi. Então assim, foi uma reunião na quinta-feira, foi uma quinta-feira, próximo do Natal, foi antes que foi na semana de Natal. Eu fiz uma reunião virtual, nem presencial, foi rolê. E assim que ele pegou o meu contato com a nossa secretária, para me entender mais do rolê dele ali, a conversa já saiu totalmente de profissional, se é que você me entende. Então, foi aquele rolê do tipo... [...] Amiga, a gente está falando de um homem negro, meio, sabe aquele empresário de Nova Iorque, que de terno? Uhul! Não é? É isso, amiga! Eu namorava com o Popotinho, com o Minduim. Ele era ex ficante da minha chefe. Como que a minha chefe é uma mulher branca, loura, olho azul, rica, pipipipopó, Belvedere, então se for assim, se for assim, quem sou eu na fila do pão, né gente, perto dessa mulher, né? Tipo assim, se ele tem olhos pra ela, óbvio que eu não sou uma opção, né? Aquelas coisinhas nossas, né, de mulheres negras e tal. Só que aí, assim que a gente começou a ter contato no WhatsApp, o rolê já foi pra tipo assim: “nossa, eu nunca fui em Nova Iorque!”. [ele responde] “Não, mas se você quiser,

a gente pode resolver isso, você quer que eu resolva?”. E foi meio que uma paixão meio fulminante, mais do lado dele, porque eu tava com medo daquilo tudo. Porque primeiro, eu tava falando de um homem milionário, e querendo ou não, o recorte econômico é considerável assim, é um agravante. Imagina, uma mulher negra, gente. A gente não tá acostumada com isso, amor. [...] É, não, porque, assim, apesar dele ser um homem negro, dinheiro embranquece, né, ponto. E ele é um... É o Batman, vou dar um nome pra ele, tá? Ele é ele que eu não posso ficar mencionando o nome, sabe? É, porque ele é um grande advogado, [...]. Então ele tem um escritório enorme, [está presente em grandes mídias] é uma pessoa de peso. Então, você é aquela coisa que, assim, um super CEO esbarrando com a estagiária negra no primeiro dia dela na empresa, sabe? Tipo, entende? Aquela coisa bem filminho? Você olha assim, tipo... Nossa, jamais, jamais! Só que a pessoa tá se olhando com cara de tipo, assim, “sim”, né? E tá vendo que isso! Só que em contrapartida, além das questões socioeconômicas, eu tinha um porém, porque tipo... gente, eu sou trans. Será que ele tá entendendo? Porque pós experiências com caras, né? É, do tipo: “você tá me enganando”, etc tal, eu comecei a ficar com aquela dúvida. E as pessoas ao meu redor sempre falavam muito sobre isso. Eu ficava assim: “Lana, mas não dá pra perceber!” [sobre passabilidade de gênero], sabe? E eu ficava tipo, gente, mas... Enfim, né? [...] Ele fica com um negocinho ali, ele tem que dar um jeito. Então é isso. Batman se tornou meu cliente. E a minha chefe saiu do projeto, ela teve que sair. Porque o marido dela descobriu. Então ficou eu e Batman sozinhos pra fazer o projeto. Óooo, gente, né? Só que Batman, muito afoito, muito escorpiano, muito homem poderoso, ele queria vir na minha casa até no Natal. Lembrando que isso foi uns dois dias antes do Natal. Porque ele queria me conhecer pessoalmente de todo jeito. E é próximo do recesso do final de ano. Então ele ficou tipo assim: “não, eu vou aí se for o caso”, “mas é Natal, minha família vai estar toda em casa”. E ele: “não tem problema, eu acho certo”. Do nada um milionário querendo casar comigo [risos]. O que está acontecendo aqui? Um sonho de quase todas as mulheres, né? Mas não aceitei, obviamente, o convite dele, até porque eu também estava namorando na época, também já falei. Só que, passado o Natal, o Natal foi no domingo, no sábado, no domingo, não sei... na segunda-feira eu tive que ir no apartamento dele. E nesse rolê de ir no apartamento dele, e tal, eu cheguei no apartamento e lá ele já começou a ir mais pra cima, né? A coisa do homem, né?

Que pega a mão na cintura, passa a mão no cabelo, aquele trem todo. Você fica muito... “Olha, não me toca, né? Deixa eu fazer o meu trabalho?! Que eu vim aqui pra fazer o meu trabalho?!”. Até que chegou num ponto que eu terminei o meu trabalho e ele estava meio com aquela cara de tipo assim, sabe? “O que tá pegando, por que tá fugindo tanto de mim?”. E aí eu fui mandar a real e falei assim: “cara, você tá entendendo que eu sou uma mulher trans?”. E a mente dele fez pow! [mãos na cabeça simulando explosão] Não tinha entendido, o que era minha preocupação. Então, ela tava certa, a minha intuição tava boa, pelo menos. Então pra ele eu era uma mulher cis. Ele nunca havia se relacionado com uma mulher trans. E pelo jeito, pela reação, ele nunca tinha nem visto uma mulher trans. Acho que ele não sabia o que era isso direito, sabe? Então foi aquele choque assim. Só que mesmo com aquele choque, ele quis prosseguir com a descoberta ali na hora. Então ele mandou pro quarto dele, pipipopopó. Só que como eu não estava confortável com a situação porque, bom, porque nessa altura do campeonato eu estava interessada nele também, obviamente. Mas cara, eu vim preparada para ouvir um “não” gigante. Aí eu falo que eu sou trans, você nunca viu uma mulher trans na vida, você tá assustado, ainda assim, terminando seu quarto? Eu não sei, minha mente tá tipo... sei lá. Sei lá. Então eu... eu nem fui nem preparada, se é que você me entende, pra que acontecesse alguma coisa, né? Então, tipo, acabou que fomos para o quarto e tal. E eu não tirei meu vestido em momento algum, falei assim: “olha, só pode me tocar no seio”. Sabe? Foi assim, enfim, vamos pular a partir dos pormenores aí, né? Mas foi isso. E foi, ok, beleza, respeitoso, lindo, tudo mais, só que no dia seguinte, né, continuamos com o projeto e ele quis continuar só com o projeto, se é que você me entende. Então, né, ele disse que nós seríamos amigos a partir de tal. E foi isso. Só que assim, né, nessa altura do campeonato, eu já tava apaixonada por ele, né? E obviamente pra todo mundo ele também tava, só que ele não dava conta porque...E eu entendo, eu entendo a mente dele hoje, né? A que perdoa, tá? Então assim, nesse rolê nós começamos ali com um rolê de arquiteta e cliente, só que era um negócio muito fictício porque nós éramos um casal montando um apartamento. Sabe? Era uma fantasia. [...] Porque na verdade a fantasia na real, a fantasia era arquiteta e o cliente. Porque na vida real era um casal, entendeu? Entende o que eu falo? Pros prestadores de serviço, nas lojas, em qualquer lugar, todo mundo via um casal. Só a gente fingia que não. Não, nada a ver. Ele com o motivo óbvios, e eu porque já entendi, não

vou levar dois não. Já entendi, naquele. Só que assim, era aquele rolê que a gente fingia que nada acontecia, mas tudo acontecia. Porque ele era a pessoa com qual eu mais tinha contato, a gente está falando de um CEO de um escritório de advocacia, super empresário de terno que ficava o dia inteiro no WhatsApp mandando figurinha para uma garota de 26 anos, sabe? Então, assim, tem um afetinho aí, confessa, né? [...] Total, era meu marido! Tanto é que ele passou a saber mais das minhas coisas, do próprio Popotinho, que era o meu namorado da época. O Popotinho foi assim, foi jogado de escanteio tadinho, sabe? Aconteceu aquelas cenas clássicas, de eu e ele sair, eu e o Popotinho, numa sexta-feira noite, e no meio do caminho, Batman me ligar para resolver algumas coisas, para a gente ter que ir numa loja olhar geladeira, porque não é uma coisa que ele podia fazer sozinho, né? A arquiteta tinha que ir numa sexta-feira à noite com ele num shopping comprar uma geladeira. Então, tipo assim, eu parava a viagem do Uber, Popotinho voltava pra casa e ia encontrar com outro. É, de um pouco pesado, assim.

[Camilla] E nesses encontros, assim, né? Você falou que ficava numa fantasia de arquiteta e cliente. Desenvolvi uma relação, depois da geladeira, tinha alguma coisa, alguma conversa?

[Lana] Depois da geladeira também. O dia da geladeira foi o dia que eu tinha acabado de ter consulta com meu ginecologista pra olhar a questão da minha cirurgia, da minha redesignação. E assim, depois da geladeira, que a gente foi ali no Diamond [Shopping, em BH], que é perto do apartamento. Então, do Diamond, a gente foi andando até o apartamento. E foi até uma coisa que eu propus pra, assim, cara, a gente não precisa pegar Uber pra andar três quarteirões. Sabe, milionário, a gente pode andar! E aquela coisa de andando de noite ali, né, no friozinho, aquela coisa bonitinha de caszinho na rua, né, na burguesia. Eu comentei com ele, né, ele perguntou sobre como tinha que sido na consulta.

Meu cliente, né, perguntando como foi minha consulta com o meu ginecologista. E eu falei sobre a cirurgia e tal, mas era uma coisa... para mim, não... porque 75 mil à vista? Ah, né, entendi, na volta a gente compra. E quando eu falei para ele, ele falou: “não uai... parcela no cartão em 10 vezes”. Eu fiquei: “ô, Batman... Batman, primeiro, quem tem cartão de 75 mil reais? [Risos]”. Segundo quem tem 7.500? Enfim, né? Aí ele só mandou a frase chave de tipo, “preocupa não, a gente

resolve isso”. Aí eu falei: “como assim a gente resolve isso? ”. “Eu disse, a gente resolve isso”. Aí eu falei: meu Deus, o que está acontecendo? [Risos]

Até um surdo escutou, se é que você me entende, porque a questão era o fato de eu não ter uma vagina. Isso é um ponto. Então, tipo assim: eu não tenho uma vagina, isso é um problema. A solução para isso é fazer uma cirurgia, opa, a gente resolver isso. Até o surdo escuta muito bem o que está sendo dito. [...] Amor, primeiro eu não entendi nada, né? Fiz tudo. Demorei um pouco para a ficha cair. As pessoas ficaram tipo assim, né? Lana, é meio óbvio, né? Meio explícito, o porquê que ele quer te ajudar a fazer isso, né? É... Porque além disso, a gente já tinha a rolê afetivo, né? Por mais que não houvesse o físico sexual e tal, as outras partes existiam e era mais... Mais considerável. Até, sabe? Só que o fato de não ter uma vagina era um impedimento. Sem chance pra prosseguir com qualquer aspecto. Era dito. Era dito ao ponto de um dia ter falado que tipo, tinha saído o filme do Batman em cartaz. E era o Batman, com a Mulher Gato, do ano passado, aquele clássico lá. E eu comentei, tipo assim sem muita maldade na hora, né, porque esquecia desses protocolos, né, de até onde a gente podia ir. Eu comentei sem maldade, né, chamando pra gente ir e ele deixou bem claro que isso, bem sério assim, sabe? Que assim: “não, esse não é o tipo de programa que nós vamos fazer. Isso é um programa de casal, é um programa de namorados, e você não tem uma vagina”. Assim, sabe? Como quem diz, tipo, boa tarde. Então eu só ouvi aquilo com uma facada aqui, um aqui, sai do outro lado. Só que da minha personalidade muito pacífica, né? Eu só continuei, tipo sorrindo com aquela cara de que, “desculpa, eu esqueci”. Né? Então tinha essa penumbra na relação. Essa parte obscura, essa parte que não é legal, essa parte que todo mundo ouvia e sentia enjoos, sentia vontade de chorar, meu Deus, você não precisa disso. Só que eu estava ali, ora pelo projeto, ora por gostar dele. Quase que uma Síndrome de Estocolmo. [...] Todo mundo sabia de tudo, sabe? É, sim, porque a gente passava inteiro conversando. Então, enfim, por mais que ele tentasse manter o sigilo ali [...] Então foi isso, só que nesse meio tempo, né, depois do rolê da cirurgia e tal, eu terminei com Popotinho por motivos óbvios, né, pra mim não dava mais. Até porque eu sentia que ele tava numa necessidade também de afirmar a homossexualidade dele. [...] Mas, e aí, chegou a parte da cirurgia, da qual eu ia fazer consultas, né, com o hospital de Blumenau, com o qual eu iria operar, consulta de 700 reais, tá gata, e... chegou num ponto que estava tudo ok para fazer

a cirurgia, era só fazer o PIX. Sabe? Tipo... Até porque eu, né, 75 mil para ele não era nada, assim. Não era realmente nada. E isso é um pouco assustador. Até hoje eu não me sinto confortável com isso, né? E... Acabou que... Chegou, né, no dia de... “Assim, cara, está na hora! Você vai fazer a transferência? Como é que é?”. E a gente se encontrou de noite pra falar sobre isso. Na semana, ele já tava um pouco mais estranho, assim, ele já tava meio que entendendo o recado, sabe? Um pouco mais distante, frio, como se a gente não se conhecesse. E chegou nessa sexta-feira à noite, né? E eu ia ter resposta dele. E ele apenas virou pra mim e disse que... “nada a ver. Eu não faço parte disso, você me colocou nisso, eu não tenho nada a ver com isso. Eu não quero fazer parte disso”. Sabe? “Quem inventou isso tudo foi você, eu não me sinto confortável de fazer parte disso”. Assim, tipo assim, mais uma vez, né, tipo assim, muito tranquilo. Sabe, muito tranquilo. E pra mim, foi um choque muito, muito, muito grande, do qual não precisava, né? Então, foi pesado, foi bem pesado assim. Uma das maiores dores que eu senti até hoje, né? É... Eu lembro que foi na sexta-feira à noite, eu fui sair da cama no domingo, na hora do almoço, no dia das mães. Porque assim, pra mim tinha... Acabou. Acabou, sabe? Porque pra mim, para mulheres trans, essa é a luz no fim do túnel, né? Na cirurgia. É a liberdade, finalmente. E pra mim passou a ser também, porque a partir dela, eu não só ia ter a minha vida, mas também ia tê-lo. E ele era, sim, o meu sonho, ele passou a ter o meu sonho, até porque... 6 meses convivendo com o cara dos seus sonhos... É... Gente, desculpa, mas não é questão de fantasiar, idealizar, é a vida real! Tava acontecendo. Então só faltava aquilo. Esfarelou. Apenas porque ele não queria fazer parte disso. Na verdade, ele não sustentava isso. Né? Então, eu me afastei dele, neste período. Eu cuidei do projeto de forma bem profissional e bem distante. Como deveria ter feito, né? Desde o começo, obviamente, ora, ora, né? E ele tentou reaproximar de mim. Ele, na verdade, ficou tentando reaproximação de todo jeito. Mandar o chocolate pro escritório, fazia um PIX na sexta-feira para sobremesa... Também um negócio assim, só que eu tava machucada real. Então ele me dava muita bola assim. E no meu aniversário ele me levou no Inhotim, foi um pesadelo, foi péssimo.

[Camilla] Então nesse momento ele já tava ali fazendo o programa de casal.

[Lana] Ai, menina, eu não sei. Não sei, né, porque... Não sei. [...] Pra todo mundo era bem explicito, né? Tipo assim, a gente ia na loja comprar um puxador, né? E o pessoal tá tipo assim: “nossa! Ela estuda, é arquiteta! Parabéns!” fala bem isso

pra ele, né? Porque nós somos troféus, né? E ele ficava todo: “é! Pois é!”. Pois é o quê, né? Mas então teve o rolê do Inhotim, foi péssimo, foi meio que o marco, tipo... eu não quero isso pra mim. Foi péssimo, porque assim, ele tava desconfortável a todo momento, porque é um rolê totalmente público. É um rolê de casal de fato, né? Poxa cara, o dia inteiro no Inhotim, só cês dois? Você quer o quê? Todo mundo que vai olhar, por mais que vocês já sabiam disso, vão ver que está acontecendo. E eu acho que foi aí que a ficha dele caiu também, sabe? Então, assim, ele tava muito desconfortável. Ele já saiu daqui de BH falando a hora que ele ia ter que estar aqui de novo, sabe? “A gente nem saiu daqui e cê já quer voltar, você quer mesmo ir?”. Sabe? Então, assim, foram muitas rejeições ao longo do dia das quais não precisavam de novo. Então, assim... Em muitos atos falhos também da parte dele. Porque ele me tratava como esposa, como parceira etc, e sempre que ele tinha um deslize, volta e é rude de propósito. Pra meio que cortar o que ele acabou de falar, acabou de fazer. Para! Ô meu anjo, faço terapia há 5 anos, me ajuda aí! Você tá sendo ridículo! Você tá igual uma criança, né? Então assim, foi péssimo, péssimo. Não foi uma experiência boa, enfim.

Exemplificando com a fala de Franchesca Aurora (2023), Batman atua e fomenta a cisforia de modo perverso: demonstra afeto e desejo por Lana, entretanto é genitalista ao extremo: não assume e cria impedimentos para atividades comuns para um casal, como ir ao cinema por ela não ter uma vagina. Ele a oferece uma vagina e supostamente um relacionamento diferente do que mantinham que viria com ela. Interessante frisar o movimento bem característico de Batman das masculinidades hegemônicas com Lana: não oferece o necessário, mas usa de meios para manter a posse: embora não tenha pago a cirurgia, manda o “PIX para sobremesa”. A convida para comprar geladeira fazendo as vezes de arquiteta, mas com afeto dissonante. Tenta não perdê-la, mas não quer se haver com sua transfobia generalizada a ponto de consentir com a perda de Lana.

Com a narrativa destas experiências de Ale e Lana, podemos compreender com parcialidade intersecções que oferecem tônicas para os relacionamentos afetivossexuais para mulheres trans e travestis:

De certo modo, podemos pensar que o estereótipo em torno das travestis negras também se confunde com essas imagens racistas e sexistas em relação a corpos

negros, que reproduz um pensamento binário e uma matriz de dominação cissexista. Para Pinho (2008), é necessário pensar na dominação racial também como dominação sexual que, na economia política de produção de uma alteridade sexualizada e racializada, provoca a sujeição de certos corpos. Ângela Figueiredo (2008), por sua vez, demonstra que sexo, raça e classe são produtos de um mesmo discurso que legitima a dominação masculina, racial e de classe. Nesse discurso, a figura da “mulata”, para a autora, não é somente uma categoria racial, mas reflete uma construção social onde raça/cor e gênero estão associados a certos comportamentos que possuem relação direta com a sexualidade. Para Lélia Gonzalez (1984), a imagem da mulata, que é exaltada nas passarelas do samba e ganha enorme visibilidade e reconhecimento, na verdade, revela a neurose do racismo à brasileira. Apesar de ser uma figura emblemática do carnaval, com seus dons artísticos dos passes de samba e da beleza negra sexualizada e desejada, depois dos festejos, a mulata retorna para o mundo da casa dos patrões e volta a ser uma empregada doméstica explorada como mão de obra barata e objeto sexual. Do mesmo modo, a imagem das travestis negras, que estimula o desejo de homens brancos e negros heterossexuais, nos vídeos e fotografias pornográficas e nas calçadas e esquinas das cidades, também se dissolve e retorna para o lugar “de onde nunca deveriam ter saído”, de negação de sua humanidade, sendo exterminadas. (Silvana de Souza Nascimento, 2022)

As dissidências se encontram nas avenidas identitárias frequentemente em posição de denúncia, requerimento de direitos e resistências a negações estruturais. As autoras pontuam sobre a desestabilização da voz notando que a não escuta se presentifica, não que haja fala:

Ao contrário do imaginário do senso comum, ser uma travesti é o reconhecimento de um outro corpo possível, legítimo, além daquele normatizado. É a constituição de uma identidade real (quando apresenta materialmente seu corpo), social (quando transita entre os espaços) e política (quando reivindica direitos - de fato e de direito). Essa mesma identidade social, que é produtora de cultura, rompe com os signos binários estáticos e expressa-se como pertencente ao gênero feminino. A disruptura às normas sociais, ao longo da história, colocava as travestis às margens sociais, expondo ou naturalizando práticas de violência

(estrutural, simbólica, patrimonial, psicológicas e físicas), além da exclusão social comumente praticada por parte da população contra nós. [...] No caso da explicitação do corpo travesti e suas histórias, podemos pensar em estratégias que desestabilizam a voz travesti antes mesmo de ela falar ou emitir qualquer ruído. Trata-se de palavras como: vitimismo, coitadismo e denunciismo. É possível que encontremos palavras correlatas, mas, são estas três, que, na atualidade, criam um muro na escuta da voz travesti, sendo uma das faces de operação da transfobia. (Wagner York, Megg Rayara Gomes Oliveira e Bruna Benevides, 2020)

E destas falas, afirmam autodefinições e autonomia:

Profanas que somos, somos reais e também seres mitológicos. Centauros ou sereias, quase sempre urbanas/os. Exotificadas, demonizadas, hiperssexualizadas, patologizadas, abusadas, banalizadas e úteis a muitos campos quando convém. Mas sempre donas de si. Donas de nossas não cisgeneridades, donas de nossos corpos a ponto de fazermos o que quisermos com eles. Inclusive, pedir a responsabilização de nossos algozes de vida e de morte. Se nós, travestis, fazemos o que quisermos com nossos corpos para afirmar quem somos, não duvidem do que somos capazes de fazer para chegar onde queremos. Largaram nossas mãos, apagaram nossa história, retiraram nossos nomes, identidade e direitos. Negaram nossa humanidade. Mesmo assim, nos fizemos aquilo que a sociedade deseja e rejeita, pois reivindicamos uma liberdade, de ser e existir, de desafiar os limites do corpo e da sexualidade que escapa ao controle, denunciando a opressão colocada sobre aqueles que se curvam diante da cisgeneridade compulsória sem contestá-la. (Wagner York, Megg Rayara Gomes Oliveira e Bruna Benevides, 2020)

Meu ébano: percepções de mulheres negras sobre homens negros

É, você é um ébano lábio de mel
Um príncipe negro feito a pincel
É só melanina cheirando a paixão

É, será que eu cai na sua rede? Ainda não sei
 Sei não mas estou achando que já dancei
 Na tentação da sua cor
 Pois é, me pego toda hora querendo te ver
 Olhando para as estrelas pensando em você
 Negão, eu tô com medo que isso seja amor
 (Canção Meu ébano- Alcione, 2005)

No campo da interseccionalidade em que falamos de avenidas identitárias e opressões entrecruzadas, não se hierarquiza sofrimentos. Existem tensionamentos sobre os acessos nos trânsitos afetivos que estariam díspares em relação a gênero, no recorte racial de pessoas negras.

Não se trata, porém, de visualizar o homem negro por meio do estereótipo comum que o coloca como violento, o que seria uma inversão flagrante da realidade. Tampouco podemos deixar de reconhecer que os homens negros são os que menos têm acesso a postos de poder, dinheiro e prestígio em nosso país, além de não fazerem parte da masculinidade branca hegemônica e serem interpretados como portadores da virilidade sexual que os animalizam. [...] eles [os participantes da pesquisa do autor, segundo infere] acreditam que o discurso do amor romântico, o seu *ethos*, está também impregnado em populações vulneráveis (maioria minorizada) e como esses indivíduos o orientam, adaptam-no e o recriam a depender do contexto e da situação social em questão, envolvendo negociações e relações de poder. (Rhuann Fernandes, 2022, p. 146)

Nos atendo ao campo das mulheres negras, considerar os modos de expressão de masculinidade e a masculinidade hegemônica cisheteropatriarcal como norma que naturaliza e romantiza posturas danosas afetivossexuais, “ainda que sua condição existencial seja tão subalternizada quanto a da mulher negra, acaba por reproduzir práticas e comportamentos opressores nas relações monogâmicas [adiciono também os outros modos relacionais] com suas parceiras” (Rhuann Fernandes, 2022, p. 146) tem suas repercussões relacionais em práticas como bloqueios de comunicação e afetivos. Reitero

o lugar de agenciamento diante dos posicionamentos: assim como no tocante às mulheres negras há atuação diante os determinismos tão repetidos - como o da ‘solidão da mulher negra’ como algo inato e intrínseco a elas reduzidas a uma universalidade de *a* mulher negra - há possibilidade de construção de estratégias de melhor lida e cuidado nas relações por parte dos homens negros.

E o King [nome fictício criado por Lana, homem negro, cis, pai, carioca] é um... Peraí, ó você, agora do Rio de Janeiro, a gente foi longe agora, né? É... um homem negro... Agora é negro mesmo, ó, assim, assim, negão aí é um negócio... É... um homem negro, né? Um dia que ele foi... É isso aí. Só que era um rolê virtual, porque eles estava no Rio de Janeiro e eu em BH. Aí ele foi de aplicativo, de internet. Foi de aplicativo, foi de Dengalove [aplicativo de relacionamento com premissa afrocentrada]. [Quando deram a combinação de curtidas no aplicativo, trocam telefones e King liga para Lana] [...] Assim, na noite de uma quinta-feira, vai? Para ter certeza que eu não era fake. Porque, segundo ele, eu era tipo assim, perfeita demais pra ser real, sabe? [...] E aí eu fiquei tipo assim, “não, eu existo, eu sou trans, você lembra essa parte?”. E ele não tinha lido essa parte, mas ainda assim ele sustentou [...]: “eu estou interessado em você, então, é isso aí”. Balões caindo. A frente, Batman [homem negro que se relacionou e entre várias, não a assumia], a frente, né? Porque é sobre isso. É só sobre isso. É apenas sobre isso. Então, seguindo no contato virtual ali.

[Conta que conversaram intensamente por duas semanas e ela propôs deles se encontrarem no Rio de Janeiro, já que Lana estava em bom momento financeiro e ele passando por dificuldades em sua empresa]

Ele me chamava de... Tipo assim... “Minha mulher”, né? “Minha esposa”, que “você é minha, que eu sou seu”, que o que que... Era realmente uma relação de casal. De casal afrocentrado, inclusive. Era uma coisa de tipo assim: “meu Deus, eu tô casada com o rei de Wakanda aqui, eu não tô sabendo!”. [...] É, vou pegar um ônibus, um avião, enfim. E eu reservei o hotel e tal, reservei a viagem e tal, e nesse mesmo dia ele teve o primeiro surto, porque ele tava sentindo ele meio pressionado, sabe? Oh, meu Deus! Porque ele não era muito acostumado com afeto, não era acostumado com amor, não era acostumado com alguém que dava atenção pra ele. É, homens negros, né? É. Que é uma falta real, né? É uma falta real. E eu, enquanto mulher negra, eu escuto. Eu escuto e eu fui pra conhecer

afeto. Eu sempre: “meu anjo, se você nunca teve e agora você vai ter em dobro a situação, né?”. Só que isso de certo modo assustava ele, por ele nunca ter tido, sabe? Só que assim, amiga, eu fico um pouco cansada desses papos. Porque quem quer, né? Assim, cara, o amor foi negado também na infância, eu ainda estive na busca importante dele, sabe? Então se você não recebeu esse afeto que você está recebendo, dê uma chance a isso, né? Até porque não é isso que você quer? Não era isso que você queria o tempo inteiro, então assim, não estou entendendo, né? Mas aí foi, com muitos diálogos, né? Eu fui virando meio que a psicóloga dele, então, pra mim, o que sobrava era B.O. Só pra pra... Nos nossos contatos, tudo era uma ligação de três horas, com ele reclamando de alguma coisa. E eu ali, né, tipo assim, tá, que horas que... você vai me desejar? Você... Né? Que horas... Como é que é isso? Né? E... E foi isso. Até que chegou no ponto que... Estava aproximando da viagem. Eu ia pra lá, agora dia 12 de junho [Dia dos Namorados]. Ia passar o final de semana lá. E faltando uma semana para viagem. No meio do discurso, tem a questão dele ter um filho. Tem a mãe do filho dele, que é a ex-esposa dele. Que é muito presente, porque eles têm um filho. Mas uma coisa não tem nada a ver com a outra, é conveniente. Tudo mesmo? [...] Eu acreditava nele, sabe? Acreditava que a relação deles era por causa do filho, mas quem sou eu na fila do pão, gente? Sabe? Uma família feliz heteronormativa com uma criança e eu mulher trans. [...] Sendo que o meu sonho é ter família, meu sonho é casar, ter filho. Então, pra mim era doloroso, sabe? Não era legal. E chegou um ponto da última semana, né, onde deu ruim, dele mandar um print dela, chamando ele pra passar o final de semana com ele, com ela e com o menino. Porque a mãe dela não taria em casa, então daria pra passar o final de semana com ele. E eu fiquei tipo: “ué, mas que tem a ver uma coisa pra outra?”. (Lana, 28 anos, mulher trans, heterossexual)

Outro ponto de importante de enfoque é a discrepância que Lana coloca na “família feliz heteronormativa e eu mulher trans” em tônica de assimetria e desfavorecimento que ela estaria, questão que mesmo em um suposto afrocentramento não foi tão bem acolhida no manejo de King. King depôs Lana como sua *queen*: usa de argumento a experiência de socialização de homens negros em que para muitos existe a ausência e/ou fragilidade de afeto, repercutindo nos (des)encontros relacionais amplos ao decorrer da vida. De fato, existem muitas máculas e dores advindas das opressões

coloniais desde a diáspora de África, a questão se centraliza na convivência masculina em utilizar destas experiências, se apropriar deste discurso para legitimar opressões e negligenciar cuidado às mulheres pretas com quem se relacionam. Quebrar ciclos repetitivos de trauma, dor e opressão implica em responsabilidade pessoal e coletiva nas micro e macrorrelações para promoção de cura.

Tive a minha primeira relação com ele [com o primeiro namorado, quando era adolescente. Homem negro, cis, jovem adulto]. Não foi nada romântico, uma coisa meio que aconteceu. E aí eu estava lembrando dele esses dias, porque, apesar de achá-lo muito bonito, eu sempre tive muita vergonha dele, sabe? Sempre tive muita vergonha dele negro, assim. Isso é uma coisa que sempre ficava assim, mas o que as pessoas vão pensar? Porque eu tô com um homem negro, né? De pele retinta. E aí acabou, fiquei muito mal. A família dele gostava muito de mim. E aí o meu próximo namorado. E aí assim. Fiquei com algumas pessoas. Eu sempre gostei muito de homens negros. Isso foi uma marca minha. [...] Acho que tem uma rejeição. Acho que não só uma rejeição, eu acho que os homens hoje, o que é uma característica atual. Dessa coisa, né, assim, de um colocar o outro nesse lugar de objeto sexual. Só quero transar e pronto, acabou. Eu acho que isso acontece de ambos os lados. E eu acho que traz uma certa angústia também. [...] Eu acho que tem essa questão dos pais, eu acho que tem uma questão social, os homens também. Eu acho que, não sei se eu posso falar isso, mas o sentimento que eu tenho é de que os homens pretos que eu me relacionei é eles tentam mascarar. Talvez um desejo, ou dar uma branqueada na raça. Inclusive, na minha própria família, teve isso. Eu tenho um tio que é chefe de cozinha, tio irmão da minha mãe, negro. Ele é chefe de cozinha, então durante muitos anos ele trabalhou com público branco, ele para Alemanha, para um congresso, muitos anos atrás, 25 anos atrás mesmo. E ele era o único negro. E esse meu tio, ele tem um filho, meu primo, que quando meu primo estava na fase dos 20 e poucos anos, 18, esse meu tio falou com esse meu primo para ele se casar com uma mulher branca, para ele não se casar com uma mulher preta: “você casa com uma mulher branca, você não casa com uma mulher preta não!”. E a minha tia, a esposa do tio, é branca. E aí acabou que esse meu primo começou a namorar, se casou. Ela é negra, pra mim ela é negra. A pele dela é assim da cor da minha, mas ela faz luzes no cabelo.

Aparentemente ela é loira, mas os traços é de pessoa negra. E ela também se vê como negra, como uma mulher negra. A mãe é negra, a família materna é toda negra. Ela se identifica como uma mulher negra. Mas não tem a pele retinta, sabe? Então acho que tem isso assim, né? Eu acho que os homens negros tentam sair disso. Eu acho que essa escolha branca é um mecanismo de uma certa defesa, sabe? “Eu tenho que me casar com uma mulher branca, vou ficar com uma mulher branca”. Não que eu tenha um pensamento, sabe Camilla, de que branco casa com branco, preto casa com preto. Eu não penso isso não, sabe? Eu acho que existem outras coisas que são mais importantes do que essa questão racial. Mas, no caso dos homens negros, o que eu percebo é isso, de que os homens têm uma escolha. E também dependendo da posição social que esses homens negros estão, eles vão escolher mulheres brancas. [...] Mas a minha angústia com relação a essa parte afetiva, afetiva e sexual, acho que tem muito a ver com isso, com o uso que os homens negros faziam de mim e o lugar que eu me colocava também. Ah, Camila, não estou me colocando no lugar de vítima, de coitada de mim não, mas tem isso de ser um objeto sexual e de não ser assumida. E a outra questão, de que um homem negro, quando ganha dinheiro, ele se torna branco. E na grande maioria eles escolhem mulheres brancas. Isso me angustia muito, sabe? Isso me deixa muito angustiada. Menina, eu achava que podia ter alguma coisa, sabe assim, um namoro, mas nunca foi isso, o lugar que ele me deu nunca foi esse, era sempre um lugar secundário. Ele namorava, a gente se encontrava, ele namorava, a gente se encontrava, né? Então, sempre foi esse lugar assim. Eu acho que essa é uma marca que eu tenho dos homens negros. De só se relacionar, são homens negros, mas a pele não é retinta, eu acho que é importante pontuar isso, sabe? Talvez isso diga algo sobre mim também. Isso me angustiava e eu acho que ainda hoje isso me angustia, assim, de que esses homens negros, eles fazem o uso sexual de mim, que sou uma mulher negra. Tenho um contato, um cuidado, uma preocupação. Eu percebo um certo tipo de carinho, mas eu não sou assumida pelos negros. Isso é uma marca que fica, sabe? Isso fica se martelando, assim. Eu acho que também porque esses homens com quem eu já saí, os negros, não são homens negros que são de periferia, são homens negros de uma certa posição social um pouco mais elevada, sabe? E eles sempre assumem as mulheres brancas. Então isso me angustia muito assim. Eu tenho até uma paciente que falou uma frase um dia, durante a sessão, e que isso ficou ecoando. Ela falou que os homens negros que

ficam com as mulheres brancas, essas mulheres brancas são as brancas que os homens brancos não querem. Tipo assim, um homem negro pega o resto dos brancos, sabe? E isso ficou assim martelando na minha cabeça. Eu acho que isso faz um sentido, eu acho que isso diz algo sobre mim. É isso que eu sempre percebi. [...] Porque apesar de ser pobre e de vir de escola pública, as minhas amigas eram brancas, elas tinham a pele clara, cabelo liso. E eu percebia que os relacionamentos delas fluíam, sabe? Elas ficavam várias vezes com o rapaz, e comigo isso nunca acontecia. Ficava uma vez e acabava, uma vez e acabava. (Ayesha, 30 anos, mulher cis, heterossexual)

A transmissão geracional do racismo na família interracial, naturalizadora de abjeções a sujeitos e cultura negras é evidente na fala de Ayesha.

a branquitude sempre foi um capital matrimonial importante em nossa cultura, pois no século XIX eram as brancas consideradas "casáveis". No século XX, isso se firmou ainda com mais força, sob a poderosa influência de Hollywood e com pesadas consequências sobre a autoestima das mulheres negras. Portanto, negras, gordas e velhas foram vistas, progressivamente como pouco desejáveis, "encalhadas", ocupando um lugar desfavorável na prateleira do amor. Quanto maior a insatisfação com seus corpos, maior a possibilidade de lucro do mercado da beleza. Ser subjetivada na prateleira torna as mulheres bastante vulneráveis, pois mesmo a ocupação de um lugar privilegiado na mesma é da ordem do efêmero, visto que, ainda com o uso de produtos é impossível não envelhecer. (Valeska Zanello, 2020, p. 86)

Efeito espiralar colonial na colonialidade, nas famílias interraciais as ideologias da branquitude materializadas no branqueamento, aparece como no quadro a Redenção de Cam (Modesto Brocos, 1985). Fica difícil construir autodefinição validadora quando o entorno reitera ideais de Ego e desejo ao branco como única escolha assertiva para escolha afetiva.

[Bratz] A gente se relacionava à distância [Rael, nome fictício, homem negro, cis, produtor musical, carioca], dava certo. eu gostava do papo dele, ele gostava do

meu papo. Quando ele vinha pra cá, beleza. não sei, sabe? Eu comecei a endoidar, tipo, comecei a alucinar porque eu pensava que era amor, porque algumas atitudes podiam ser amor, mas acho que foi muito carência e ir usando. “Ah, eu te quero, você tá aqui, então beleza”, e foi transar. Era super legal, a gente compartilhava nosso dia. [...] não tinha nome essa relação, por isso acho que ficou meio zoadado, foi arrastando sem isso. A gente deixou arrastando, era uns 4, 5 anos. Era papinho de um lado e papinho do outro, só que o outro era bem mais esperto que o meu. Eu fui muito trouxa, ilusão mesmo, sabe? Mas eu também aprendi muito. Para não acontecer de novo. É meio que ilusão assim... a pessoa fala mil coisas, tipo promessas. Promessas de ficar junto, essas coisas, sabe? É uma história bem bobinha, eu tenho até vergonha de falar. [...] Mano, com isso eu aprendi muito. Eu fui pro Rio, conheci um monte de gente também, ficava com um monte de gente, ficava aqui também. Sobre ele se relacionar com outras pessoas, até parece que um homem ia ficar sem algum, muito tempo. falava “ah, fudas! a gente não tem nada, só neura mesmo na cabeça”. Acho que só não sabia colocar um ponto final. Só esperei alguma coisa acontecer.

[Sobre ficarem juntos]

Sugerir já sugeri, mas eu nem sei, porque era sugestão tipo “vem morar aqui comigo”, essas coisas. “Por que você não fica aqui?”, essas coisas. Construir uma família, essas coisas bobas. Mas eu não ia. Por que? Eu tenho que construir uma coisa pra mim, eu tenho que estudar. Eu tava estudando nessa época, tava fazendo faculdade, tava fazendo estágio. Eu pensava assim: eu não vou largar uma coisa que eu sei que é exata, que eu preciso pra mim, pra um relacionamento que eu não sei, em um outro estado, que eu não sei quem vai tá lá, entende? Falei, “ah não”. A gente foi, foi deixando ir e chegou em um ponto que ficou. Não sei se foi um término, porque a gente não tinha nada também. Entende?

[Camilla] Mas não precisa ter um nome para ser uma relação, né?

[Bratz] Tem isso também. Eu entendo. Posso ter feito alguma confusão na cabeça de ter sentido, eu senti. [...] Eu gostava, não sei se eu gosto ainda. Eu senti falta, porque era cotidiano, conversa, era “ah vou te encontrar lá, vou te encontrar aqui”, beleza. Igual a idade: a gente não conseguiu agora, mas por que a gente não faz um esforço para conseguir depois, entende? A gente vê umas coisas assim e sabe que não vai andar. [...] vou colocar um ponto final nisso, não vou ficar sofrendo. Quando você se dedica pra fazer alguma coisa pra pessoa e ela não faz? A gente

conversava: “ó você vai vir, né? Eu vou me planejar pra gente se ver no dia”. Planejava linda, perfeita. [...] Era muito foda. Uma coisa que eu não gostava muito: a gente tava conversando, eu sabia que a porra tava aqui, eu começava a falar e ele não respondia, sabe? Ele sumia. Tem até um termo para falar isso, *ghosting*. [...] Ele tinha que me agradecer por me ter! [gargalha] Eu me preparava bonitinha. [...] nem pra bar a gente ia, a gente ia só pro motel. Mano, é isso. Evia que era só isso. [...] era bom, benéfico. Eu gostava, ele também gostava. Era uma coisa benéfica para os dois. Se os dois falassem que era só sexo, beleza, mas começou papinho de amor, acho que fudeu tudo. Foi ilusão pra um lado e pro outro. Não sei pra qual foi mais. (Bratz, 29 anos, mulher cis, bissexual)

Entre as várias nuances do relato de Bratz, o que se evidencia é sobre as escolhas pessoais de se priorizar, questão que não é tão comum. Valeska Zanello (2020), psicóloga e pesquisadora branca, propõe como parte do dispositivo amoroso, as mulheres se subjetivarem identitariamente a partir da eleição pelo desejo dos homens na “prateleira do amor”:

Dizer que o dispositivo amoroso apresenta-se como caminho privilegiado de subjetivação para as mulheres em nossa cultura, significa dizer que as mulheres se subjetivam, na relação consigo mesmas, mediadas pelo olhar de um homem que as “escolha”. Isto é, o amor, ser escolhida por um homem, é um fator identitário para elas. Diz acerca de certa forma de amar que a elas é interpelada. Em nossa cultura, os homens aprendem a amar muitas coisas e as mulheres aprendem a amar, sobretudo, e principalmente, os homens. (Valeska Zanello, 2020, p. 84)

Nesta compreensão que contempla uma perspectiva um tanto mais pessimista e centralizadora do amor como opressão estruturante, a autora aponta que “amor em nossa cultura, se apresenta como a maior forma (e a mais invisível) apropriação e desempoderamento das mulheres” (Valeska Zanello, p. 83). Bratz conta que embora tenha sido escolhida por Rael, não foi de uma forma que contemplasse seus desejos de organização de vida profissional e afetiva, assumir seus limites, se autodefinir e não naturalizar migalhas relacionais quando se quer o prato inteiro é um giro importante.

Outro ponto sobre os (des) encontros com os homens são as formas divergentes de construção da afetividade sexual masculina:

Dizer que são as mulheres que se subjetivam no dispositivo amoroso não que dizer que os homens não amem, mas que amam de forma diferente, na qual sua identidade não está em xeque. Ou seja, eles podem sofrer por amor, mas dificilmente sofrem por não amar, ou por não serem amados por uma mulher qualquer (diferentemente do caso de amar alguém que não os ame), como parece ser das mulheres. (Valeska Zanello, 2020, p. 90)

O terror héteropessimista: relacionamentos com homens brancos

Os relacionamentos com homens têm sido marcados pelo héteropessimismo, resumido pela fala “cansaço dos homens” da participante Gabriela. Termo que abarca as atitudes que permeiam a cultura heterossexual co-criadas por homens e mulheres que experienciam esses (des) encontros. Iniciados inclusive na busca por conexão afetivossexual, nem sempre vão implicar em abusos e violências, mas nas atitudes negativas e ambíguas que vão além dos conflitos relacionais de manutenção e alinhamentos de qualidade de estar junto (Jennifer Hamilton, Cristina Kenny, Felicidade José, Matt Allen, 2022).

Héteropessimismo inclusive frequentemente ligado a raça para parte mulheres negras: se com homens negros o desejo e a fantasia do afrocentramento se torna uma esperança de qualidade, com homens brancos cis e héteros aparece certo alerta pelos atravessamentos sociais que circundam suas experiências e podem implicar em comportamentos desvantajosos para a parceria amorosa.

Fátima conta da relação heterossexual com dois homens brancos com quem se relacionou na juventude, progenitores de suas filhas. Em situações marcantes e importantes como o casamento, gestação e criação das filhas, em que a expectativa é de parceria de afeto e cuidado, dispensaram outro tipo de tratamento:

[Fátima] Meu primeiro namorado foi o pai da minha primeira filha. Eu conheci com 14 para 15 anos. E a gente namorou uns 3, 4 anos. Aí eu engravidei, fui morar com ele. Aí a nossa filha nasceu. Aí eu continuei vivendo com ele, vivi um tempo

até onde deu. Aí depois não deu mais certo, a gente separou. Foi cada um para o seu canto. [...] Ele era bom. Não tenho que reclamar, não. Mas só que tem sempre aquela coisinha da traição. Então houve traição. Aí eu vi que não dava mesmo. Aí pedi mesmo a separação, separando. Então foi cada um para o seu canto. Eu fiquei com minha filha, né? E fui trabalhar. Trabalhar com ela, pequena, né? Na casa dos meus pais. E até conhecer o segundo. Até conhecer o segundo. Aí, do primeiro para o segundo, eu dei um tempo, sabe? Eu dei um tempo de relação com pessoas afetivas. Aí... Quando eu vi que estava na hora de partir para outra mesmo, eu parti para outra. Eu já estava... [...] Terminar, eu terminar com o primeiro foi bastante doloroso. Porque uma separação é bastante dolorosa. Para quem nunca separou, não sabe, não entende. Mas é dolorosa, porque machuca, não só um, ambos, né? Um erra, né? Quer consertar o erro, mas aí ele já errou, já magoou a outra pessoa, entendeu? Então, pra aquela pessoa que foi magoada, que foi machucada, né? Fica aquele ressentimento, aquele remorso, né? Ah, fez uma vez, vai fazer de novo, se eu der oportunidade, né? Então, eu preferi não dar nenhuma oportunidade, entendeu? Uma vez, feito pra mim. Acabou. Eu penso assim. Entendeu? E eu fiquei muito tempo sozinha até arrumar o segundo, a segunda pessoa, né, na minha vida. [...] Eu preferi me resguardar, sabe? Eu fiquei, realmente, eu fiquei muito triste, muito chateada, achei que não ia valer a pena conhecer outra pessoa me relacionar com outra pessoa, porque foi meu primeiro namorado sério, entendeu? Então eu gostava muito, eu amava demais, né? Então eu deposei toda a minha confiança nele, né? Eu deposei... Tirei tudo de mim, dei pra ele. Essa é a verdade. Mas me decepcionou, então eu preferi dar um tempo, sabe? Se no meu sentimento, com medo de entrar novamente numa segunda relação. Porque eu tinha em mente que se ele fez comigo, outra pessoa ia fazer também. Que outra pessoa ia fazer. E eu falei: "os homens são todos iguais". Você conhece, você gosta, você apaixona, daí a pouco vai fazer de novo. Eu não quero me machucar novamente, entendeu? Mas aí eu fui abrindo. Fui me liberando mais, abrindo mais meu sentimento e conheci uma segunda pessoa. Eu me dei uma nova chance. Aí eu me dei uma nova chance e comecei a me relacionar com uma outra pessoa. Aí eu tive mais uma filha, veio mais uma segunda filha. Só que com essa pessoa que eu me relacionei pela segunda vez, [...] não cheguei a morar com ele, não. Eu com quatro meses de gravidez, eu trabalhava em casa de família, e eu não cheguei a conviver com ele, não. Então, nos quatro meses de gravidez, eu

trabalhando, e a gente se desentendeu. E acabou ele indo para um lado e eu para o outro. E eu sou negra, eles são brancos. As minhas filhas, uma nasceu bastante clara e a outra nasceu mais moreninha. Mais moreninha, porque foi a mistura. A mistura dos dois aí. E o segundo é, como eu te falei, não cheguei a morar com ele, não cheguei a conviver com ele. Com quatro meses de gravidez a gente se desentendeu, ele tomou o rumo dele, eu tomei o meu. Aí eu fui trabalhar mais uma vez para criar mais uma filha, né? Meus pais ajudaram. O primeiro registrou a filha e tudo, entendeu? E ele até que no início ele dava. Assim, de livre e espontânea vontade. Mas aí depois, quando ele passou a não dar de livre e espontânea vontade, eu tive que entrar na justiça pra ele dar. Então, enquanto a menina era de menor, ele dava, né? Pouco, mas dava. Aí a menina ficou de maior e ele parou de dar. Hoje a minha filha já é casada, já tem 35 anos, e tem dois filhos, né? Já sou vó de dois netinhos. E o segundo não registrou. Não registrou a filha, não quis reconhecer a filha. Até hoje o registro dela não tem o nome dele. Não sei se futuramente ele vai tocar nele para poder registrar a menina. Enquanto ele não registrar, vai ficar sem o nome do pai, vai ficar só o nome da mãe e dos avós. Entendeu? Não registra. Então ela não é registrada ainda. Aliás, meu pai, que é falecido, queria registrar ela como filha, porque foi ele que criou. Eu falei, não, o senhor não é pai dela, entendeu? O senhor é avô dela. Então, se o pai dela não registrar, vai ficar sem o nome do pai no registro. O dia que ele resolver registrar, ele vem procurar ela, chama, conversa e registra. E foi o que aconteceu há [...] uns 10 anos aí atrás, ele chamou ela para conversar, falou: "é, depois a gente tem que sentar direito para conversar, para a gente ver como é que vai ficar essa situação, se vai ser preciso fazer um exame de DNA para comprovar", não sei o quê. Mas ficou só na conversa, entendeu? A minha filha chegou para mim e falou: "mainha, meu pai me chamou para conversar, falou que depois ia me procurar novamente para conversar, para a gente fazer um exame de DNA", só que ficou naquilo ali. "Não me chamou mais, não me procurou mais", eu falei: "deixa, não corre atrás, não insista!", entendeu? Deixa, eu não vou pressionar ele a nada, né? Eu tenho a consciência que ele é seu pai, agora se ele não tem a consciência que ele é seu pai, ele acha que não é, então quem tem que correr atrás para descobrir se ele é o pai ou não é ele, eu não vou forçar ele a nada não.

[Camilla] E o que você achou dessa história dele falar de fazer DNA?

[Fátima] Eu não converso com ele, sabe? Às vezes, quando eu chego lá no interior, ele passa por mim ou eu passo por ele, eu só cumprimento: “oi, tudo bem?”, “tudo bem”. Mas se eu for chamar ele para conversar, para perguntar, para falar alguma coisa, eu não sei por onde a conversa vai dar. Porque é muito assim... Como que eu vou falar? Eu acho muito triste que a pessoa tem um certo relacionamento com você e você chegar ali durante a gravidez, você chegar e falar, eu estou grávida, e você está com a pessoa. E depois a pessoa chega e fala assim, eu tenho dúvida se o filho é meu.

[Camilla] Ele falou isso enquanto você estava grávida?

[Fátima] Sim, é por isso que eu discuti com ele e falei: “se você tem dúvida, você não merece estar comigo, nem ver a filha nascer!”. Entendeu? “Então, se você acha que ela não é sua filha, deixa que é minha!”. Só que é uma história, assim, bem complexa, sabe? São coisas assim que às vezes não dá vontade nem de falar. Mas aconteceu, né? Eu tive esse segundo relacionamento, tive mais uma filha, sei quem é o pai. O pai sabe que ela existe, só não reconhece que ela é filha. Só não reconhece. Não reconheceu ainda, né? Não sei se vai reconhecer um dia. Mas eu não vou, não vou forçar, não vou procurar ele. Pra falar: “não, a filha é sua, você tem que registrar, você tem que assumir”. Entendeu? Eu cheguei pra ele uma vez e falei assim: “aqui, quem tá na dúvida se a filha é sua, não é você. Então você procura por onde saber se ela é sua filha ou não”. Entendeu? “O dia que você quiser me chamar pra fazer um exame de sangue, DNA, eu tô aqui!”. Agora, se ele nunca me procurou, nunca quis saber, eu vou forçar a pessoa. Não vou. De jeito nenhum. Não é do meu feitio fazer isso. O primeiro não. O primeiro eu estava com o primeiro, foi meu primeiro namorado, ele me engravidou, falei com ele no namoro, falei: “eu tô grávida”. Aí no início eu não queria nem ter a criança, sabe? E quando você é jovem, nem se pensa nas consequências das coisas dos atos, aí quer fazer besteira, né? Então eu não queria, não queria: “ah, não vou querer porque eu sou muito jovem, eu não quero filho, eu não planejei, não vou querer, eu vou abortar essa criança” e ele: “pelo amor de Deus, não faz isso não!” [risos]. Aí acabou que eu não abortei, né? Não abortei a criança, fui viver com ele. Tive ela do lado dele e tudo, registrou bonitinho, mas depois não deu certo e a gente separou. E o segundo não chegou nem a acontecer isso. Na gravidez mesmo a gente já desentendeu e ele foi pra um canto e eu fui pra outro. Aí a gente nem chegou a viver junto, aí eu tinha que trabalhar pra criar, pra cuidar, porque nem

isso também eu tive mais coragem de fazer, de colocar ele na justiça para ele poder dar pensão para a menina, primeiro porque ele não quis assumir, não quis registrar. Como que eu ia provar na justiça que a menina era filha dele, se nem o registro ela tinha? Não. Né? Então eu não quis entrar na justiça. Aí eu falei não, agora é trabalhar para criar. Aí fui mais uma vez para a casa da minha mãe. Sempre o pai e a mãe... Assim, né? São os anjos de Deus nessa terra, na vida da gente. Aí fui morar com a minha mãe novamente, né? Deixava ela com minha mãe, meu pai, pra poder ir trabalhar. Ela foi crescendo, né? Com meus pais. As duas, né? A primeira também foi criada na casa de meus pais. (Fátima, 54 anos, mulher cis, heterossexual)

Omissão de cuidado, infidelidade e não assumir paternidade. Assim como na história de Fátima, esse enredo se repete:

Uma outra forma de perceber a afetividade de mulheres pretas é pelo número de mães solo. De acordo com os dados do IBGE de 2020, o Brasil tem 11,4 milhões de famílias formadas por mães solo, sendo que a grande maioria delas é preta, ou seja, 7,4 milhões. Nessa mesma direção, o Mapa da Violência de 2015 demonstra que as principais vítimas de violência de gênero são as mulheres e as meninas pretas. Por fim, [Suelaine] Carneiro (2017) informa que o levantamento na Secretaria Especial de Políticas para Mulheres para o ano de 2016 demonstra que 59,71% das mulheres que relataram casos de violência doméstica pelo Ligue 180 eram pretas. (Maria Chaves Jardim e Renata Medeiros Paoliello, 2022, p. 92)

Diante dessa realidade expressa em números, se evidencia a realidade corrente: a matrifocalidade de mulheres negras se tece por incipiência na qualidade e permanência das relações de apoio e afetivossexuais por parte de parceiros homens, na estrutura cisheterossexista. Sueli Carneiro (2000) usa o termo “matriarcado da miséria” para denominar as relações de sobrecarga de mulheres negras atravessadas por incidências opressivas estruturais para refletir sobre a situação de exclusão e discriminação, em vista da necessidade de atuação de resistência e liderança no cuidado de seus descendentes, ascendentes e família expandida. Essa situação atua não sem efeitos na subjetividade: a falta de direitos básicos e divisão do trabalho de sobrevivência e cuidado, influi na qualidade de vida, perspectivas afetivas de formas amplas e de bem viver.

Contudo, como a fala de Fátima explicita, se gambiarra na rede de apoio: a família a acolhe com as filhas, auxilia na criação enquanto ela trabalha como provedora do sustento, sendo mãe solo. Rede essa importante, que propiciou oportunidade para que ela seguisse seu desejo de mudar de cidade para trabalhar e construir sua vida junto ao parceiro atual.

4.7 E o (não) mar de rosas: relacionamento com mulheres

Tentando se equilibrar sobre a dor e o susto, Salinda contemplou-se no espelho. Sabia que ali encontraria a sua igual, bastava o gesto contemplativo de si mesma. E no lugar de sua face, viu a da outra. Do outro lado, como se verdade fosse, o nítido rosto da amiga surgiu para afirmar a força de um amor entre duas iguais. Mulheres, ambas se pareciam. Altas, negras e com dezenas de dreads a lhes enfeitar a cabeça. Ambas aves fêmeas, ousadas mergulhadoras na própria profundidade. E a cada vez que uma mergulhava na outra, o suave encontro de suas fendas-mulheres engravidava as duas de prazer. E o que parecia pouco, muito se tornava. O que finito era, se eternizava. E um leve e fugaz beijo na face, sombra rasurada de uma asa amarela de borboleta, se tornava uma certeza, uma presença incrustada nos poros da pele e da memória. (Beijo na Face, Conceição Evaristo, 2016)

O amor entre duas iguais tem potências infindas em construções e devastações. Se em um ponto compartilhamos na experiência cisgênera algo da socialização de mulheres que sinomiza com o feminino, assim como do homem com o masculino, dentro de uma padronização heterossexual, esses enlaces trazem certo amagamento de questões completamente dissociáveis em como performance (Andrea Lacombe, 2010). Ser mulher, como constantemente se retoma nesta construção, está no campo da pluralidade.

Assim, nas formas de performance de gênero há heterogeneidade para cada uma. Estas que inclusive que não se ligam necessariamente à orientação sexual, como infere as tipologias no imaginário social com armadilhas binárias: mulheres que são identificadas pela aproximação estética do que é considerado hegemonicamente masculino e feminino, como a ‘sapatão caminhoneira’ e a ‘sapatilha’, respectivamente, como destinos de união

afetivossexual, na lógica de esquema heterossexual em relações entre mulheres com o casal ‘masculina/feminina’ e ‘ativa/passiva’.

Com mulheres foi só beijinhos. Não tenho preconceito com machinhos não, igual a Gabi. Eu sou mais aberta. Só que ela vai quebrar a cara um dia, ela vai tomar. (Bratz, 29 anos, mulher cis, bissexual)

A la luz de nuestras propias sub-categorías, todas podemos ser “más o menos chonga”, “más o menos femme”, “más o menos versátil”, “más o menos camionera”, e incluso, “más o menos torta”. En el momento en que los nombres que creamos para nosotras comienzan a operar como parámetros normalizadores al interior de nuestra propia comunidad, se vuelven disciplinantes y coercitivos. En ese sentido, no debemos nunca perder de vista que estas categorías con las que nos narramos, pero también medimos, comparamos, y proyectamos a nosotras mismas y a las otras pueden ser la ocasión de jerar- quías y subordinaciones varias. Si establecemos “tor- tómetros”, como dice Catalina Trebisacce, a partir de las cuales algunas serían “más o menos tortilleras” que otras, nuestras taxonomías pasan a funcionar como criterios de pureza y corrección. Se convierten así en tecnologías tan normalizadoras y coercitivas como aquellas de las que intentamos huir. (Virginia Mabel Cano, 2015, p. 87)

Na contramão de estereótipos, há a realidade em que os encontros se tecem em outras complexidades, sem a rigidez desse referencial social. Considerando a atração afetivossexual orientada para mulheres cis e trans, mulheres lésbicas, bissexuais e pansexuais subvertem e fraturam a lógica heterossexista com a afirmação de “noção de natural, não como resignação de “não se poder ser outra coisa”, como justificativa de um lugar de fraqueza, mas, ao contrário, como legitimação e valor” (Andrea Lacombe, 2010, p. 51).

E eu percebo que, com as meninas, eu percebo que a parceria, ela é mais, eu não sei se é mais firme, mas eu percebo uma parceria mais legal, sabe? Do que quando eu tô com um rapaz. E aí eu não sei explicar isso direito, mas eu percebo isso, assim. Eu não sei se é porque quando eu tô com uma moça preta também, se a gente fala de igual pra igual numa mesma língua, ou... eu não sei explicar isso

direito, mas eu percebo uma diferença, sabe? (Nanda, 29 anos, mulher cis, pansexual)

Com o heteropessimismo circulando cada vez mais nos discursos, é mais que frequente que mulheres expressem o descontentamento de estarem restritas na atração por homens e não conseguirem se relacionar sexualmente com mulheres, um giro no ‘não poder ser outra coisa’: puro engodo. Outro ponto, é a preferência de mulheres bissexuais por se relacionarem com mulheres na evitação destes desencontros, entretanto, relacionamento entre mulheres é contado como experiência mais frequente e certa de satisfação, tanto afetiva, quanto sexual:

Não digo que foi tão importante, mas a primeira vez que tive relação sexual com uma mulher. Saí numa noite com uma amiga, ela também é bissexual, foi de boa, foi só pra ir mesmo curtir. Foi até nessa Dome [casa noturna em Belo Horizonte], negócio de hétero, essa porcaria lá [rimos]. E conheci uma menina, e lá dá sapatão também. Acho que ela é sapatão, é lésbica. E a gente conversou, conversa vem, conversa vai... não sei o que aconteceu, acho que eu bebi demais, ela bebeu. Aí fui pra casa dela, aí rolou, aconteceu. E foi bom, só. Eu achei interessante, que antes eu nunca tinha experimentado. [...] A gente transou e cada uma pro seu lado. [...] achei uma coisa interessante, foi uma descoberta minha, eu era muito chata. Falava: “nossa, que nojo beijar mulher!”, hoje não acho nojo [risos]. A gente paga a língua, acho até mais gostoso que homem até. [...] Deve ser porque a gente tá cansada de homem. (Gabriela, 31 anos, mulher cis, bissexual)

Necessária advertência para não cair na fantasia e fetichização de que relacionamentos entre mulheres não são passíveis de desencontros, dissonâncias e conflitos, como qualquer encontro humano.

[Carolina] Tipo, meu primeiro beijo foi com 14 anos, que minha prima... eu estudei com minha prima, minha prima é lésbica. Ela é dois anos mais velha que eu. E aí ela fez meio que uma aposta com alguém da escola para essa pessoa me beijar, pra meio que me tirar do armário e aí isso aconteceu, sabe, acho até um pouco traumático, enfim...

[Camilla] Teve consentimento ali?

[Carolina] Teve um consentimento, mas assim... Não, não achei legal. Teve um consentimento, mas não achei legal porque eu era muito iludida, eu achava que a pessoa gostava de mim de verdade, e depois eu descobri que não. E aí eu acho que isso vai criando mais uma ideia tipo, de ninguém vai gostar de mim. Tanto que eu acho que quando essa menina [a primeira namorada, mulher cis negra], quando eu tava com 18 anos, ela demonstrou uma vontade de estar comigo, “eu encontrei com essa pessoa, eu vou ficar com essa pessoa pra sempre. Encontrei o amor da minha vida”. Tipo série, filme, novela. Mas como tinha muita coisa que não estava formada dentro da minha mente, esse relacionamento foi bem ruim. Não só para mim, mas para ela também. Mas por incrível que pareça, ela é uma pessoa preta. Mas a gente não tinha letramento racial. Então, assim, esse relacionamento foi um show de horrores. E a gente ficou juntas mais de três anos. [...] Sim, eu achava que não acharia outra pessoa. Pra mim, eu tinha que agradecer ao universo que essa menina tinha olhado pra mim e achado interessante. Pra mim, se não fosse ela, não ia ser mais ninguém. Parece que eu fui escolhida, sabe? Sei lá, tipo... Não teria outra pessoa, outra alternativa. [...] Não sei se eu tô conseguindo colocar em palavras ainda o que eu quero dizer. [...] eu tive um sentimento tão grande de que se não fosse ela, ninguém mais ia me querer, que eu passava por todas as coisas. Tipo, teve dia que eu fingia que não via. Uma vez que a gente foi numa boate e ela bebeu muito, muito, muito. Ela falou: “nossa, eu preciso ir no banheiro”. Aí ela foi no banheiro e eu tava com o celular dela. Aí ela abriu a box, fechou, “me dá meu celular” e tal, e eu vi que ela tava ligando pra ex. E ligando, falando, “eu te amo, volta pra mim!”. Provavelmente a ex desligou na cara dela, ela voltou e a gente ficou como um casal ali, sabe? E passamos por várias coisas assim. [...] E foi indo, assim, foram mais de três anos dessa forma. É... bem... sei lá. Foi muito tóxico, assim. Eu sei que eu tive umas atitudes muito ruins também, eu era muito ciumenta, assim, também, em algumas outras coisas. Sei lá, nossa, era um relacionamento muito, muito horrível, muito horrível. Eu lembro de a gente em Carnaval e um amigo dela puxava ela para algum canto para poder ficar com alguém nas minhas costas. E aí eu sabia disso, ou a gente brigava, levantava a voz, ou a gente brigava, levantava a voz, gritava, terminava em barraco mesmo. Muitas vezes, mais pro final do relacionamento, toda vez que a gente saía terminava em barraco mesmo. Tanto que esse relacionamento terminou com briga física mesmo,

tá? Tapa, puxão, essas coisas assim. [...] Eu lembro de muitas vezes que ela tentou terminar comigo e eu chorava, eu falava: “cara, eu tô sozinha, eu não tenho ninguém, se você me deixar não vou ter mais ninguém!”. Também fazia essas chantagens assim, sabe? [...] Acreditava fielmente nisso, fielmente. Acreditava muito nisso, sentia que eu não teria mais ninguém, ninguém, mesmo tendo depois uma noção de que no final do relacionamento era muito ruim em todos os aspectos que você imaginar, Camilla. Até no sexo, porque eu acho que eu sou uma pessoa que até hoje está tentando se descobrir e se permitir muitas coisas. Então o sexo era horrível pra mim. Mas tentava dar o máximo ali pra que ela curtisse. E, cara, nossa, é tudo ruim. Tudo ruim. [...] A gente tinha algumas coisas boas, que era... Eu acho que, por sermos pessoas pretas num contexto muito parecido, tinha aquelas ‘pequenas alegrias da vida adulta’, tal qual Emicida fala, que era, sei lá, quando a gente estava trabalhando juntas, assim, no mesmo período que a gente trabalhava, aí dia do salário, “poxa, vamos ir num restaurante legal?”. Então era gostoso ir num restaurante legal, vamos fazer compra, vamos comprar roupa, a gente ia comprar roupa, então essas coisas eram muito divertidas assim, sabe? Mas de resto... Era complicado, era complicado. (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/e/e/elu, bissexual)

A diferença está para além: das trajetórias individuais de cada uma, há um compartilhamento de atravessamentos coletivos por gênero.

A liberdade de gênero e sexual não pode forma alguma ser uma distribuição mais justa da violência, nem uma aceitação mais pop da opressão. A liberdade é um túnel cavado com as mãos. A liberdade é uma saída. liberdade - como esse novo nome que você me chama agora, ou aquela cara vagamente peluda diante de vocês- é feita. (Paul B. Preciado, 2022, p. 288)

Sobre as experiências de mulheres se relacionando afetivossexualmente outras mulheres e modos relacionais monogâmicos e não-monogâmicos, Carina narra sua história com a ex-esposa [mulher negra] e a ex-namorada:

[Carina] Meu último relacionamento foi de 8 anos. Então meio que tive, meio não, tive tudo pra mim. Era o carinho, era o afeto trocado, era flores, mensagem. Era

mensagem 1h da tarde, flores chegando no meu serviço do nada. Então a atenção era toda voltada pra mim. Eu sempre tive isso. Querendo ou não, eu sempre sou acostumada com isso, não menos que isso. E foi até um choque ter que cobrar tempo de qualidade com essa pessoa, com a Júlia [nome fictício, mulher negra em que estava em uma relação não-monogâmica]. Tipo, se passou três dias com a Luara [nome fictício] viajando, tá, eu também quero meu tempo de qualidade, já que são duas namoradas, então divide seu tempo. Chegou ao ponto de ter essa conversa, sendo que antes eu não precisava nem pedir isso e era dado espontaneamente. [...] Eu sempre fui uma pessoa muito intensa, muito de me jogar nas relações, de viver o que tá sendo me permitindo viver. Leonina, então... eu sempre namorei, relacionamentos longos tipo de quatro, seis anos, oito anos, com mulher. E tipo, eu sempre fui muito fundo, sempre tava ali disposta pra tudo, só que de uns tempos pra cá tenho começado a fazer terapia, tenho tentado me entender também, que nem todo mundo tem que ter esse tipo de afeto que eu tenho. Que recentemente passei por uma coisa bem chata em relação de término. Eu estava em um relacionamento aberto, coisa que eu nunca vivi na minha vida. E por gostar muito dessa pessoa [...] acabou que eu cedi a isso. E assim, não foi uma experiência totalmente ruim, mas não foi 100%, né? Eu faria de novo, eu acho, talvez. Não pelo menos por enquanto. E foi onde eu me machuquei, abri mão de coisas que tanto eu não queria fazer, eu não abriria mão disso. Eu sou muito monogâmica, por que? Eu sempre fui muito sempre quis casar, ter filhos, aquela coisa toda de uma vida de casal mesmo. E nessa relação eu abri muito a mão disso, porque, por exemplo, no aniversário dela, agora em, mês passado, tava as duas namoradas dela, no caso era eu e a outra. E foi uma situação muito desconfortável, nunca passei por isso. acabou que eu não sabia nem como reagir. E eu sou muito chorona, qualquer coisa eu choro, seja de felicidade, alegria... a minha primeira reação que tive foi de chorar, assim... foi tenso. Na verdade ela já tinha me avisado que iria ter a situação, só que eu falei com ela “não quero deixar de participar da sua vida, de tá com você por causa disso. se acontecer alguma coisa e eu fica desconfortável, eu vou te falar, a gente conversa e a gente para. Aconteceu, ela tava super tensa assim como eu, a menina também. A gente conversou no outro dia e falei algumas atitudes positivas que ela teve comigo no momento e falei do que eu não gostei. eu acho que o gatilho maior foi quando ela me disse que iria jantar com a menina em vez de tá comigo. Tem muito a questão

do ego também, tipo “ah, eu tô aqui”, mas todo momento ela me tratou super bem, não beijou a menina em nenhum momento na minha frente, ficou super receptiva comigo, ficou o tempo todo me interagindo e tal. Esse cuidado dela eu achei muito interessante de uma certa forma. só o que me pegou mesmo foi ela falar “ah, nós vamos sair para jantar fora”, eu “tá, né”. Meio que me senti a outra, a trocada, substituída. não sei, foi um sentimento assim. até porque eu tive costume de ter a atenção totalmente para mim, tipo, não tenho que dividir a atenção com ninguém.

[Camilla] Quando começou a sair com ela já era nesse formato?

[Carina] Não. A gente começou ficando e eu sempre falando “ah vamo, namorar, vamo tentar alguma coisa”. Até então ela nunca namorou na vida. Ela é mais velha que eu, tem 38. E ela nunca teve relação, relacionamento assim fechado de namoro mesmo e acho que esse foi o primeiro dela. Aí ela fala que não sabia como agir, porque até então, vamo colocar assim “ninguém nunca me quis, do nada aparece duas pessoas que querendo, então é uma coisa mais nova para mim, diferente, né?”. Foi bom, foi, bacana, não foi ruim e acho que me permiti também a viver isso com ela, descobrir as coisas dela também. E a gente começou ficando e depois eu muito insisti “ah, vamos namorar, vamos tentar alguma coisa e tal e tal” aí foi que ela acabou cedendo. Aí ela tinha falado de um relacionamento aberto com a Luara, que elas começaram assim primeiro. Como eu insisti muito nisso, aí ela queria dar uma oportunidade para mim também e falei “tá bom, vamo tentar, né?”.

[Camilla] Como foi escutar isso: “dar uma oportunidade para você também?”

[Carina] Foi bem difícil, porque na verdade eu sempre quis namorar com ela e quando ela falou assim: “ah, eu e Luara a gente tá namorando” [...] aí eu falei, “tá”. A outra teve a iniciativa de namorar primeiro, já entrou todo esse contexto. Aí foi, a gente ficou namorando e tal, mas ainda sim teve algumas coisas que eu me senti desconfortável, por exemplo, eu comprei uma aliança, porque é um objeto pra mim que é valioso, eu queria ter alguma coisa, pra mostrar que a gente tava namorando mesmo. [...] Se fosse pra eu viver de novo, com ela, eu viveria, talvez por ter ainda algum sentimento por ela, mas me trouxe algumas dores digamos assim. Mas relação é isso: é construção, trocas de afetos, mas tem disso: não tem como a gente sair ileso de qualquer relação. [...]

[Nesta relação, Carina conta que passou aproximadamente 5 meses]

[Carina] O mesmo jeito que ela tinha a Luara, ficava com outras pessoas, eu também ficava, mas não era de sentimentos, era ah ficar um dia e tal, era

momentâneo. Ela era minha relação principal [...] ela é a namorada, tem as outras, mas era a principal relação que eu tenho, que eu tinha. [...] Já teve lugar de eu estar ali com a pessoa e eu pensar que se a Júlia tivesse aqui seria melhor, se fosse ela seria mais divertido. Não que eu deixasse de curtir [...] queria ela presente ali comigo.

[Terminou por conta de tensionamentos do formato do relacionamento e descoberta de mentiras]

Foi uma fase muito boa, maravilhosa, mas que acabou. O afeto permanece, meu carinho, o gostar dela permanece. Acho que não acaba da noite pro dia, mas é seguir em frente. Dar uma oportunidade pra mim, pra entender, pra decretar o fim total.

[Conta como lidou com o término]

Eu sou muito de acreditar em energia, nas minhas rezas, orações, essas coisas. Tenho muito apego por isso de limpar energia, de rezar, de acender vela para o meu anjo da guarda e tal. Eu sou muito espiritualizada também, então acaba que uma coisa preenche a outra, entendeu? (Carina, 27 anos, mulher cis, em descobrimento entre lésbica e bissexual)

Ganhar poemas, flores, chocolates e ideais de amor romântico/cortês: algumas participantes relatam a tendência de estabelecerem relações monogâmicas como horizonte de cuidado particularizado e exclusividade afetiva - até mais que a questão da exclusividade sexual-, entretanto não se fecham para outros arranjos de relacionamento como forma de manutenção e permanência da pessoa que investem, junto a possibilidade de experimentar um modo de relação que não teriam por iniciativa própria sem este fomento.

Outro ponto é o descrito por Nanda é a crítica sobre as relações raciais e de gênero nas relações:

Então, eu sou uma pessoa que... Às vezes eu me sinto sozinha, sabe? E aí, quando essa moça [Luciana] fala comigo que ela não quer ficar comigo, porque eu ficava com outras pessoas também, eu comecei a me sentir muito sozinha. E aí, nesse momento, eu procuro o Breno de volta, que é esse rapaz que eu namorei e voltei a pouco tempo com ele. Isso é reencontrar, né? E aí eu percebo que esse momento aí que eu fiquei me sentindo sozinha, me fez procurar ele de volta, sabe? Mas eu

não sei, às vezes eu acho que a minha parceria com ele é muito diferente da minha parceria com algum moço, por exemplo. [...] Ah, e a forma de falar um com o outro, às vezes eu percebo que os meninos falam num tom como se eles fossem superior, na verdade eu acho que eles têm certeza que eles são, e aí eu sinto que é diferente, sabe? Quando eu estou com algum rapaz e quando eu estou com alguma moça. E assim, se a moça for branca, é diferente também. Eu sinto isso. (Nanda, 29 anos, mulher cis, pansexual)

Questão que aparece com frequência na clínica: algumas mulheres negras tem se deparado com a não-monogamia como forma de descentralização dos afetos e potências, assim como há mulheres que investem por demanda da parceria amorosa, cedendo sem genuína vontade para não se haver com sentimentos de desamparo e solidão, por exemplo. Para se manter em uma relação saudável é preciso desejo e investimento libidinal, junto a pactuações com quem se relaciona: no momento dos conflitos e dissensos, algo que se retorna como ancoragem relacional de cuidado.

Se não há desejo na forma relacional, não é muito difícil entender que precariedade na vida do cotidiano se evidenciará.

4.8 Infidelidade: uma quebra de quais pactuações?

É factual que a monogamia é base hegemônica da estruturação social ocidental moderna se baseando, entre outros preceitos, na presunção de um contrato subjetivo e social de exclusividade afetivossexual. Geni Daniela Núñez, João Manuel de Oliveira e Mara Coelho de Souza Lago (2021) em construção anticolonial demarca em perspectiva não-monogâmica a diferença de tessituras de monogamia e não monogamia:

a monogamia insere-se em uma conjuntura dos sistemas coloniais de monocultura (monoteísmo, monogamia, monossexismo) os quais têm em comum os princípios da exclusividade, não concomitância e não convivência. Por outro lado, a não-monogamia indígena teria como princípio a floresta como signo de diversidade e concomitância. (Geni Daniela Núñez, João Manuel de Oliveira e Mara Coelho de Souza Lago, 2021, p. 76)

A monogamia é a perspectiva basilar no ocidente, entretanto não a única. Em contraponto radical, a não-monogamia reivindica reflorestamento de monoculturalidades afetivas, nesta abordagem retomando no território brasileiro a história da invasão colonial e o (des)encontro com os povos originários, que colonizaram massivamente corpos e subjetividades.

Em uma perspectiva não-monogâmica guarani, afirmamos o direito radical que cada ser tem de exercer a vida e a autonomia sem ser controlado, punido ou vigiado. Pautamos ainda a importância da descentralização, da interdependência coletiva, da concomitância e da convivência como princípios de uma existência para além das monoculturas. Nesse sentido, a perspectiva indígena sobre não-monogamia pode ser uma importante aliada às demais lutas anticoloniais, em conexão com o combate ao capitalismo, ao machismo, ao racismo e ao ecocídio. (Geni Daniela Núñez, João Manuel de Oliveira e Mara Coelho de Souza Lago, 2021, p. 86)

Afetivamente, assim como a diversidade humana, comporta infindas (re)pactuações multiplicadas pela multiplicidade de variáveis de encontros e fatores, que ousaria dizer que a matemática não mensura. A infidelidade, a traição, estaria para o rompimento destas pactuações sem consentimento da outra parceria afetiva. Quando efetivada, não sem efeitos amplos. No campo subjetivo a arte como representação cultural da circulação dos discursos normativos cisheteromonogâmicos, expressa o ideal de amor romântico e cortês e as dores advindas cantadas na música popular brasileira, principalmente pelas perspectivas masculinistas nas canções sertanejas: a pessoa 'traída', 'chifrada' ou 'corneada', pode sofrer com os abalos de confiança em si e no outro que questionam a qualidade de algo que supostamente dá liga às relações: o amor. O coração partido daria certa legitimidade para autodestruição, autopiedade, desonra e mal dizer da outra/e/o. Já nas perspectivas não-monogâmicas há pactos outros em que a liberdade para relacionar com outras parcerias faz parte da concepção de ser e estar.

O amor como amarração e cobertura dos (des)encontros, estaria constituído por um movimento duplo de altruísmo, encantamento e admiração mútua, com suas variantes operacionais subjetivas. A infidelidade em outras amplitudes dentro e/ou fora de relações monogâmicas implica não somente o rompimento de exclusividade e/ou estabelecimento de novo relacionamento afetivossexual: ganha contornos outros diante pactuações

específicas de cada parceria, como quebra de confiança ou indiferença em se colocar disponível para trocas deste cunho, por exemplo, no campo virtual que pode vir a ser algo realizado na presença concreta (Lais Rocha Santos e Elder Cerqueira-Santos, 2016).

Quanto aos rumos que esta 'traição' toma na relação, está no um-a-um dará o sentido em sua forma, como uma reelaboração em que a parceria tece intimidade em qualidade maior e mais complexa, assim como situações em que o ocorrido não é tratado e retorna de outras maneiras, como desconfiança ou violência (s).

Importante ressaltar que sempre atravessado por fatores interseccionais que influenciam as escolhas subjetivas, como o estudo Infidelidade masculina e violência doméstica: vivência de um grupo de mulheres, conduzido pelas enfermeiras e pesquisadoras Ruth Trindade, Ana Almeida e Célia Rozendo (2008), que aborda questões como a naturalização cultural de infidelidade conjugal em relacionamentos cisheteromonogâmicos por parte dos homens, como parte da natureza 'viril' e 'pulsional', contrária a das mulheres que relegadas a um papel de passividade e intensa insubmissão e condenação social. Condenação essa, que a infidelidade feminina e a contrapartida violenta estava arcaicamente naturalizada na desresponsabilização como a do dispositivo jurídico brasileiro da legítima defesa da honra em crimes de feminicídio e violência contra a mulher, declarada apenas em 2023 pelo Supremo Tribunal Federal (STF, 2023) como inconstitucional.

Em algumas situações, quando há o desejo de rompimento da relação por motivos de infidelidade do parceiro e por violência(s), fatores como dependência emocional, dependência financeira e a cultura naturalizadora que passa pelo círculo familiar e rede de apoio da parte das mulheres podem contribuir para manutenção indesejada do vínculo e das assimetrias desvantajosas no relacionamento, dificultando a lida o rompimento da situação de violência e cuidado de si (Ruth Trindade, Ana Almeida e Célia Rozendo, 2008).

A infidelidade nas parcerias afetivossexuais foram temáticas constantes nas experiências das mulheres participantes para além do se relacionar com outra pessoa. Como Conceição (59 anos, mulher cis, heterossexual) ao se sentir traída por Pedro [homem branco] com abandono no momento de doença, com intensidade maior do que quando ele se relacionava com outras mulheres, e a desilusão de Lana (28 anos, mulher trans, heterossexual) com Batman [homem negro] sobre ele ter quebrado o combinado de custear sua cirurgia de redesignação genital.

Representando questões de infidelidade relativas ao se relacionar com outra pessoa, Fátima e Nanda discorrem sobre suas experiências, ações e perspectivas:

[Fátima] Igual falei, no meu primeiro relacionamento, fui traída dentro da minha própria casa, na minha cama. Porque estava num hospital com a minha filha, eu deixei passar esse pedaço, mas eu vou falar. Eu estava no hospital com a minha filha, a minha primeira filha do meu primeiro relacionamento. Ela estava doente, ela estava internada. E o meu esposo, na noitada, não dava muita importância para o que estava acontecendo. Aí, eu mesma não vi, eu fiquei sabendo, porque os vizinhos me contaram. Que ele tinha levado a mulher para lá e tal. Com certeza me traiu na minha casa e na minha cama. Então foi... Quando a pessoa chegou pra mim e falou assim: “olha, fulano, entrou com a fulana aí e tal”, e eu conhecia a fulana. Aí eu falei, não acredito. Entendeu? Aí... Mas isso foi depois que eu já tinha chegado do hospital, com a menina, que a menina já tinha recebido alta. Cheguei, né? Queria matar saudade, fui matar saudade com ele e tudo. Aí a pessoa chegou... A vizinha chegou e me falou, “escutei isso, isso e isso, e à noite eu vi a pessoa entrando, não vi que hora saiu” e tal. Aí eu sabia, depois passaram certos dias, ele falando que achava que estava com doença venérea e tal. Se você acha que está, então eu vou estar. E aí foi que eu fui descobrir, que ele tinha me traindo, entendeu? Aquilo ali pra mim foi o fim. Entendeu? Eu fui no médico, expliquei. O médico me deu um coquetel de remédio pra tomar, pra cortar, caso eu viesse a ter algum problema. E ali foi a conta, foi a gota d'água. Foi a nossa separação, foi ali.

[Camilla] E ele assumiu, então? O que aconteceu?

[Fátima] Ele não assumiu. Mas ele falou assim: “esse pessoal aqui, os vizinhos que são muito curiosos, eles dão muita conta da vida dos outros”, entendeu? Então aquilo ali pra mim não precisou nem de explicação. Não precisou nem de explicação, não. Aquilo ali pra mim foi outro dado. Eu cheguei e falei com ele: “aqui, a partir de hoje, estou indo me embora, estou indo pra cá da minha mãe, com minha filha, entendeu? E você procura seu rumo. Vai viver sua vida porque... “. Eu no hospital, com a filha dele, internada. E ele fazer isso não era certo, não era justo.

[Camilla] E ele contribuía com esse cuidado dela? Não era só você?

[Fátima] Não, não. Era só eu. E do segundo relacionamento, quando eu conheci esse rapaz, que eu tenho uma filha com ele hoje, ele já tinha um relacionamento com outra pessoa, só que não era casado. E eu não sabia. Quando eu descobri também, foi pior ainda, porque eu descobri que ele tinha um relacionamento com uma prima minha. Com uma prima minha.

[Camilla] E era uma prima conhecida?

[Fátima] Conhecida, só que não era uma prima de eu ter muita amizade com ela, de ir na casa dela, de conversar, sabe? Entendeu? Então, quando eu descobri, foi logo assim que eu já estava grávida. Quando eu descobri, eu ia fazer acho que três meses de gravidez. Até os quatro meses de gravidez eu fiquei com ele. Mas quando eu me gravidei, que estava de dois para três meses, foi quando eu falei com ele que achava que estava grávida. Então, para eu não descobrir que ele já tava com uma prima minha, que ele tinha um relacionamento com uma prima minha, ele falou comigo: “mas eu não encontro com você todos os dias, todos os dias no final de semana!”, porque no final de semana que ele não estava comigo, ele estava com ela.

[Camilla] E você queria fazer esse final de semana com ele, na época? Você achava estranho, assim, você encontrar?

[Fátima] Não, porque ele falava que às vezes ele ia para a roça, para a fazenda. Então, não sei, saía. Colocava ela no carro, na moto, saía, ia para algum lugar. Quando eu fiquei sabendo, foi tão frustrante que nós duas terminamos com ele ao mesmo tempo. Tanto que ela descobriu e eu também descobri. Já estava grávida, né? Aí eu já estava grávida. Foi muito pouco tempo, assim, de relacionamento. E eu engravidei e descobri tudo ao mesmo tempo. Foi uma coisa assim muito rápida, sabe?

[Camilla] E ainda teve aquilo que você falou da gravidez que ele não sabia se a neném era dele.

[Fátima] Sim, foi nesse período. Então foi uma coisa assim que ele ficava, vinha um final de semana da roça, da fazenda, às vezes ficava na semana, aí outro final de semana ia para a roça, para a fazenda, ficava lá, não vinha. E eu achava que ele estava lá, mas eu acho que ele estava com ela, entendeu? Então quando ela descobriu e quando eu descobri, foi a gota d'água. Aí perdeu não foi só uma, perdeu duas. Perdeu as duas porque ela também terminou. Falou assim : “não, ele não podia ter feito isso com a gente. Ele enganou você e enganou a mim. Ele traiu

você e traiu a mim. Então, se ele fez isso comigo, que eu achava que ele nunca iria fazer, e fez isso com você, que você também achava que ele nunca iria fazer, se ele ficar comigo, ele vai fazer e continuar fazendo. Se ele ficar com você, ele vai continuar fazendo. Que faça com outro e não conosco”. (Fátima, 54 anos, mulher cis, heterossexual)

Então, a gente tenta uma relação aberta um tempo, que funcionava se eu fizesse as coisas que ele achava que era ok para ele. Mas aí depois, se eu ficasse com outro rapaz, por exemplo, ele ficava com o ciúme e ele achava ruim. Então não era aberto. Assim né, eu achei que era tranquilo, que ia acontecer isso. Era no sentido assim, tipo, eu podia ficar com outras meninas, mas no momento que eu ficasse com outro rapaz, pra ele era absurdo e não podia. Então eu comecei a questionar isso e falei, ah não, quer saber, isso não tem nada de aberto, vamos fechar esse relacionamento, se a gente... Porque tava meio que uma hipocrisia pra mim, sabe? [...] Eu não consigo me envolver com as pessoas sem me envolver emocionalmente, na verdade. Eu sinto isso, não sei se é uma coisa que foi colocada. [Sobre a possibilidade de se relacionar com outra pessoa para além de Breno e suposta resposta dele] Eu acho que se fosse com uma moça seria ok, agora se fosse com um rapaz eu acho que não seria ok. (Nanda, 29 anos, mulher cis, pansexual)

Reviravoltas e reviravoltas na história de Fátima. Interessante resgatar que este segundo relacionamento, pai da segunda filha, desconfia da paternidade da criança quando ele a ‘traia’ com a prima dela.

Como ponto de encontro, estão os entraves da masculinidade hegemônica e sua normatividade de posse: a naturalização da monogamia como pacto de posse e displicência com Fátima e a relação aberta -que prossegue em referencial monogâmico - de Nanda em que Breno aceitava que ela se relacionasse com outras mulheres e o incômodo dele da relação com homens: lapsos de sexismo e pan/bifobia, em que o gênero seu igual é ameaçador e ao feminino nem tanto.

O que se tem posse, implica em uma perda: o que e qual a hierarquia de gênero que dá evidências que uma mulher ou pessoa de gênero não masculino não movimentaria Nanda, que se identifica como pansexual?

Os parceiros de Fátima e a ausência no trabalho de cuidado com ela subjetivamente, sexualmente e com a paternidade das filhas, os parceiros demandavam exclusividade e cuidado da parte dela, mas agiram o contrário na recíproca. O lugar do trabalho de cuidado desigual por gênero prossegue: ela se responsabiliza pelas filhas, enquanto os pais se ausentam.

Mesmo com diferenças geracionais, em diferentes intensidades, há expressão da reprodução que por vezes parece cônica de questões machistas, patriarcais na posse e ciúmes e sexistas nos relacionamentos das participantes.

Nesses desafios a serem elaborados consigo, com a/e/os outra/e/os e com a comunidade para além modo relacional, convoca apontar para qualidade das relações: a fidelidade na narrativa das mulheres parecem apontar para pactos de cuidado e consideração com a alteridade. Os modos de fazer são diversos e caleidoscópicos, mas a constante necessita ser a manutenção de vínculos saudáveis e satisfatórios.

4.9 A Economia dos Afetos: Experiências de Solidão em Mulheres Negras

O que é o amor?

Sei que parece ser variável

Mas pergunto não o que é, mas como é

Porque sei que ele não é pra mim

Simplesmente assim

Existe este fascínio, algo que parece ser sagrado

E não posso tocar por não ser merecedora

E sabe-se que sempre queremos o que não temos

Por isso quero saber como é

Pra imaginar, fantasiar...

Isso é muito triste
Falta de perspectiva
Por isso sinto agonia e desespero
É o que ele significa pra mim por agora
Toda vez que o vejo na vida real
Parece um tormento, uma maldição
E sinto medo de sentir (amada e amante)
Então alguém poderia apenas dizer como ele é
Para que eu possa parar com essa obsessão?!

Fabiane Araújo

Quase como um sinônimo ou complementar para afetividade sexual de mulheres negras, hegemonicamente, há a solidão: experiências de plurais conceitos, não existe consenso sobre o conceito único, mas sim como conceito em construção, nesta construção abordando em dimensão individual na interface com a dimensão social: a solidão é uma experiência vivenciada individualmente, coletivamente ou em comunidade, construída de forma histórica, política e social. Transversalizada por atravessamentos de raça e gênero, autoras apontam que incidem provocando distanciamento na construção de relacionamentos e afetos em decorrência de opressões estruturais que atingem sujeitas, que apontam quem é digno ou não de ser escolha de investimento afetivo (Claudete Alves da Silva Souza, 2008).

Na dimensão individual, a solidão é descrita como um estado afetivo de distintas experiências entre os sujeitos. Entretanto, ressalta-se a solidão por determinação cultural, por autoimposição e solidão compulsória, apontando relação de causalidade ligada a privação de relacionamentos específicos ou de um conjunto deles, não por estar espontaneamente só. Em dimensão social, a solidão é entendida como propiciada pela deficiência nos relacionamentos e experiência de falta de rede social de relacionamentos, ou seja, relações íntimas e de profundidade em âmbito social e de apoio, acompanhada

de qualitativo de satisfação maior ou menor e sentido de desconforto. A sujeita percebe como discrepante os relacionamentos que têm com os que deseja ter, por uma falta de rede social engajante (Angela de Alencar Araripe Pinheiro e Álvaro Tamayo, 1984). Isso se articula com nuances da experiência de Ayesha. A solidão não se apresenta apenas de modo afetivossexual:

Nossa, assim, eu gostava muito de pedalar. Sempre gostei muito, sabe? Eu pedalava muito. Acho que eu circulava mais, saía mais, sabe? Acho que teve a pandemia também, né? Não vou só falar que eu tô assim por conta dele, assim. Eu acho que esses dois anos dentro de casa, assim, acho que mexeu com muita coisa. Eu fiz uma especialização em casa, trabalhei muito em casa. A clínica por si só, ela é muito solitária, né? Então, eu tô tentando fazer essa construção, né? De novos laços, né? Assim, sair de casa. Mas eu acho que eu tô muito assim por causa da bicicleta, porque foi o que eu fiz nos últimos anos, né? [...] Eu tenho relações lá [no esporte ciclismo], eu tenho amizade com as pessoas, conheço muitas pessoas. Mas amiga, amigo, amigo, assim, eu posso contar no dedo quanto são. A minha relação é muito superficial. Até mesmo porque eu não acho que seja um grupo confortável para mim. Como, por exemplo, política. 90% das pessoas são de direita, de extrema direita. Sabe? Então... Na época das eleições, o ano passado, teve uma galera que parou de me seguir, por exemplo, porque eu fiquei bem chateada, sabe? Então, eu não acho que seja o meu grupo. Eu acho que eu estou ali. Para uma coisa, companhia para pedalar. Mas você aí e eu aqui, “tudo bem, como é que você está? Vamos bater um papinho aqui”, mas nada de... De ter muita... Muita afinidade. [...] Um dia minha analista até fez uma intervenção que meio que me doeu muito. Ela falou que quem está em todos os lugares não está em lugar nenhum. Isso me doeu muito. Porque teve uma vez que teve um evento de bicicleta que eu fui. Quando eu cheguei lá no lugar, eu conhecia a grande parte de quem estava ali. Mas eu me perguntei: “eu falei, gente, quem é meu grupo aqui?”. E aí isso me deixou bem triste, assim. Eu falei: “poxa, eu conheço todo mundo, mas eu não tenho meu grupo aqui”. E aí tinha lá uma lanchonete, tinha uns colegas que estavam numa mesa sentados, que na verdade são amigos do meu namorado. E aí eu sentei com eles e fiquei com eles conversando. Aí depois ao longo do treino, fui conversando com um, com outro, com um, com outro, sabe? Então eu acho que eu estou um pouco deslocada nesse sentido de grupo. Tem

umas amigas da PUC, mas a gente quase não encontra, a gente conversa mais por rede social, sabe? Não é um grupo assim de, “ó, eu tô sempre aqui”. [...] Eu tô construindo agora. Porque a psicanálise também, eu acho que tem isso assim de cada um lá no seu canto. Eu conheço alguém aqui, alguém aqui, alguém aqui, alguém aqui, mas, e aí eu tô achando muito legal porque o Instituto proporciona isso, sabe? Então hoje eu tô construindo um grupinho ali. [...] Eu tô começando a construir um grupinho ali. Não tinha grupinho. Até mesmo, Camilla, eu acho que pela pandemia, sabe? (Ayesha, 30 anos, mulher cis, heterossexual)

Considerando a afirmação de Ana Cláudia Pacheco (2008) quanto ao racismo e sexismo como práticas culturais que regulam as preferências afetivas dos sujeitos, elas se articulam em frequentes situações de preterimento, favorecendo experiências de solidão em relação outros recortes raciais de mulheres. A solidão se articula para além da quantidade de potenciais parcerias que tirariam mulheres negras da “prateleira do amor” (Valeska Zanello, 2018), mas da qualidade dos (não) relacionamentos satisfatórios se estabelecem:

[Lana] É, amiga, a solidão da solidão... A solidão! A solidão da mulher negra. Né? Então assim, não é bem meu lugar de fala não, tá? [risos]

[Camilla] Mas vem algum modo de solidão pra você? Você acha que...

[Lana] Não, não, tem sim. Falo brincando, né? Porque... Quantidade de parceiros e tempo nada tem a ver com isso. Você pode estar numa relação e estar só. Você pode estar casada e estar só. Por mais que a expressão solidão da mulher negra, se trata da solidão de ela não ser escolhida nem pra uma relação em si. (Lana, 28 anos, mulher trans, heterossexual)

Em cunho quantitativo, a pesquisa demográfica de Elza Berquó, Nupcialidade da população negra no Brasil (1987), marco na produção sobre o tema da solidão vivenciada por mulheres negras e que analisa padrões de nupcialidade entre sexos, ressalta as diferenças étnico-raciais entre as populações pretas, pardas e brancas no Brasil. Partindo de dados demográficos e censitários de 1960 a 1980, os resultados obtidos demonstram as diferenças entre idade e principalmente cor na seleção de parcerias afetivas, a pesquisa ressalta que a cor é um fator que influencia com maior ênfase na preferência afetiva para construção de relacionamento conjugal: mulheres pretas entram em união mais

tardiamente e tem índice mais elevado de celibato que brancas e pardas. Menciona também que uniões consensuais são mais frequentes entre mulheres pretas, embora seja uma tendência mais reduzida casamentos celebrados apenas na igreja em maior preferência com mulheres pardas e casamentos legalizados (civil, religioso e apenas civil) são mais elevados estatisticamente no grupo de mulheres brancas. Prossegue dizendo sobre o crescimento de pessoas autodeclaradas pardas, atrelado ao embranquecimento da população como parte de uma tendência de uniões matrimoniais de mulheres brancas com homens pretos, não o contrário (Elza Berquó, 1987).

Em *Mulher Negra: Afetividade e Solidão*, Ana Cláudia Pacheco (2013), através da metodologia de entrevista qualitativa, semi-estruturada e aberta questiona sobre as experiências afetivossexuais e incitadas a dizer sobre os relacionamentos amorosos: como foram, problemas e virtudes dessas relações, por que estão sós, sem parceiros fixos, quanto tempo não se relacionam e quais os projetos e vida. Na narrativa de mulheres negras entrevistadas, evidenciam-se pontos como: descrição de experiências afetivas na terceira pessoa, demonstrando senso de coletividade em relação à raça e gênero; frequente ausência de parceiros fixos como propiciador de experiências de solidão; a preferência afetiva de homens negros militantes ou não, que se evidencia por mulheres brancas; as preferências dos homens negros se orientam por conflitos de raça, gênero, classe - quanto a *status* social - sexualidade e erotização, em que mulheres brancas são representantes de ascensão social pela proximidade da branquitude; mulheres negras não seriam parcerias a serem escolhidas ou vistas como ideais para relacionamento estável ou matrimônio, apontando a objetificação como um corpo para sexo (Ana Cláudia Pacheco, 2013).

Quanto ao corpo como ponto de identidade fenotípica e materialização das incidências estruturais, a objetificação dos corpos de mulheres negras demonstra que a solidão adquire outras conformações invisibilizadoras e até mesmo violentas na relação com parcerias afetivossexuais (Edileuza Penha de Souza, 1995). O medo da solidão pode sustentar opressões na tentativa de conquistar e manter seus relacionamentos, já que estes parecem pouco frequentes, podendo ser fator de exposição a situações de violência e síntese do corpo a forma de servidão sexual tanto dentro quanto externa destas relações.

[Nanda] É, eu me senti muito sozinha depois que eu parei de encontrar com a Luciana [nome fictício]. E foi no momento que eu comecei a procurar o Breno [nome fictício] de volta. [...] Eu não sei, assim, eu me acostumei muito a passar os finais de semana com ele. E com a família dele, os filhos dele e tudo mais. E aí

quando eu vi que eu não tinha ninguém pra sair no final de semana, assim, por exemplo, pra fazer as coisas que eu gostava de fazer e tal, aí eu falei, nossa, que saudade de fazer as coisas com ele. Só que eu meio que ficava lembrando das coisas boas. Isso dava saudade. Outras coisas não dava saudade, mas eu sei que é o pacote completo, né? Então...

[Camilla] Mas, assim, você já experimentou relações que o pacote completo era com outras coisas?

[Nanda] Não, eu falo pacote... É, assim, eu falo pacote completo nesse sentido que vai vir as coisas boas e as coisas ruins e isso vai ter em qualquer relacionamento, né? Só que eu acho que eu tenho que pesar, na verdade. Igual dessa vez que a gente retornou a encontrar, eu percebo que ele tem limpado mais a casa antes de me receber. Está pouco tempo ainda que a gente está se reencontrando, mas eu não percebi nenhuma briga. Às vezes a gente discute sobre algumas coisas, mas a gente fala, não, espera aí, não vamos brigar, a gente pode ter opiniões diferentes, a gente não precisa concordar em tudo. Então, alguns movimentos eu estou percebendo diferente. Só que eu sei que pode ser uma coisa meio que tipo para me conquistar de volta e não ser real assim, da parte dele. Então, eu estou meio que numa fase meio que avaliando isso.

[Camilla] E se não mudar, você topa?

[Nanda] Ai, não sei.

[Camilla] O que você acha, assim, que você tende a fazer nessas relações?

[Nanda] Então, tem uma coisa que eu tendo muito a fazer, que é me deixar de lado quando eu estou numa relação. Por exemplo, eu deixo de fazer as coisas que eu gosto, de encontrar os amigos que eu gosto, as pessoas que eu gosto. E aí eu estou fazendo um exercício para não deixar de fazer essas coisas. Por exemplo, ontem foi um dia que eu saí com uma amiga minha e foi super divertido. Então eu tenho tentado... não me deixar de lado, porque eu acho que eu posso estar com ele, mas eu não preciso me deixar de lado. Eu posso fazer as coisas que são importantes para mim. (Nanda, 29 anos, mulher cis, pansexual)

O corpo em relação à estética se liga com a afetividade como um marcador regulador das escolhas e está submetido ao conceito social de raça e do que é belo ou não, para classificar os sujeitos e preferi-los ou não: "preferência move-se de acordo com esse *continuum* – cor branca (mulher branca), cor clara (mulher negra de pele clara), cor preta

(mulher negra preta)" (Ana Cláudia Pacheco, 2013, p. 270), compreendendo que há discrepância entre a eleição de desejo para constituição de parcerias afetivossexuais por mulheres negras - pardas e pretas - do que por outros segmentos de mulheres, neste recorte, a mulher branca, assim como há diferenças entre as dissidentes entre cisheteronormatividade.

Sobre a solidão no campo afetivossexual, Ale compartilha sua sabedoria e poesia: No momento, eu estou solteira, sozinha nunca, né? Porque acho que a gente precisa colocar na nossa vida como pessoa, nem como travesti, mas como pessoa na humanidade, os nossos propósitos que é o se conhecer, segundo, conviver com sua solidão, a solidão eu quero dizer que a nossa felicidade não está no outro, na outra, em outres, em quem quer que seja. Precisamos resolver essa complexidade com nós mesmos, por isso que muitos estão depressivos e depressivas, porque dá carência e deposita a sua, né, a sua vida, a sua humanidade, os seus auxílios, os seus sonhos, o seu amor, o que é que seja no outro. E não está no outro, está dentro de nós. Eu tento sempre descobrir isso dentro de mim, conhecendo a mim primeiramente. Se eu não conhecer a minha primeiramente, eu não vou saber conviver com ninguém, porque todos somos diferentes. E a busca da minha perfeição, que é isso que a gente busca, nós, ser humanos, buscamos uma perfeição que a gente nunca vai conseguir. Está em nós mesmos, não está no outro. E quando a gente nasce, a gente nasce ligado ao umbigo, que é algo muito sagrado e ancestral de matriz africana, aquele umbigo umbilical que é cortado ao nosso nascimento pela nossa mãe, onde passa toda a nossa humanidade, a nossa ancestralidade, e aí vem uma coisa muito além, que é isso que a gente está pensando. E aí é nessas convivências, no dia a dia de crescimento. Nascer, crescer, envelhecer e morrer, é que se perpassam essas nossas humanidades. Eu hoje em dia não procuro mais alguém perfeito, nenhum alguém. Eu procuro em mim a felicidade. É consequência termos alguém na nossa vida. Ninguém nasceu para ficar só? Tudo bem. Mas o estar só tem felicidades, tem contos positivos que precisamos aprender com essa solidão nossa, quando estamos com nós mesmos em frente a um espelho e falar: está em mim a felicidade, o amor próprio. E aí é dia a dia, é no dia a dia para eu chegar, para tá te falando isso, eu passei por um processo. E o processo meu agora, nesse momento, é o meu querer bem, é estar bem comigo mesmo, é almejar meus sonhos. E a felicidade do outro para com a minha vida na questão de relacionamento vai se dar diante das oportunidades do

dia a dia, do tempo, do que favorece. Porque, como diz o ditado, plantamos e colhemos. Se eu planto amores, eu vou ter um amor não perfeito, mas eu vou ter alguém que na balança não estejam pesando o outro nem o outro a mais, mas sim estejam para o mesmo equilibrado, no rumo certo, somando, crescendo. Ponho a minha felicidade no outro não. Isso é frustrante, isso faz decepções grandes. (Ale, 28 anos, mulher trans/travesti, se atrai por pessoas que são homens ativos, gays ativos e bissexuais)

5 “TANTO EU CONTEI PARA ELA, COMO EU PUDE CONTAR COM A AJUDA DELA”: COSTURANDO RESISTÊNCIAS DE CUIDADO

Viver em um contexto capitalista e neoliberal, calcado na insatisfação e monetarização da salvação dela, exige um dispêndio de energia de vida, para além dos outros atravessamentos, como no caso de muitas mulheres, a sobrecarga do trabalho de cuidado. bell hooks (2020) disserta sobre a fragmentação comunitária, base de cuidado para uma comunidade amorosa, em que o capitalismo e o patriarcado, centralizando a passagem da família estendida a família nuclear, conformação principal na modernidade ocasiona: “substituir a comunidade da família por uma unidade autocrática menor e mais privada ajudou a aumentar a alienação e a possibilidade de abusos de poder” (bell hooks, 2020, p. 162). Deste modo, os acessos ao cuidado passam a ser referenciados na família cisheteropatriarcal, a uma unidade mulher e uma unidade de homem. A família estendida não é sem conflitos, mas a aposta é na diversidade de referências amorosas que estabeleça relações saudáveis.

Ayesha explicita este raciocínio:

Menina, hoje eu tava conversando com o meu personal, eu tava falando com ele, assim, por causa da morte do meu pai, então, assim, eu tive que amadurecer muito rápido, assim, na marra, sabe? É bom, eu acho que eu dou conta. Eu consigo olhar pra mim hoje com bons olhos, sabe? Sim, trabalhos, estudos. É... A falta do meu pai mexeu muito com... Com a família como um todo, né? Eu tenho um irmão que ele é usuário de drogas, usuário não, ele é dependente, ele cheira muita cocaína, então meu irmão ele é muito instável, então meu irmão sentiu muito a falta do meu pai, né, minha mãe também sentiu muito, aí ela teve que voltar para o mercado de trabalho. Então assim, e a minha mãe ela é muito passiva, ela, para tarefas domésticas ela desenvolve muito bem. Mas... Mas fora, o externo, de ter que resolver, de fazer conta, de... Isso com ela não funciona, então isso é comigo. Então vem de uma sobrecarga muito grande, sabe? Então eu tenho amadurecido, mas eu preciso fazer muito esforço, sabe? Assim, para isso, para fazer as coisas funcionarem, sabe? Então, assim, tenho orgulho, eu olho para mim com bons olhos, né? Mas em contrapartida tem muito esforço, eu acho que eu gasto muita energia para conseguir resolver tudo, né? De organizar o que tem que ser organizado. Agora fisicamente, que eu acho que é um aspecto importante, eu acho

que tudo me desgastou muito, que eu envelheci muito, sabe? Então isso é um ponto, assim, para mim, assim. Quando eu comparo fotos, eu acho que eu envelheci muito, assim: ruga, pele, sabe? Eu não sou a mesma de antes. Acho que eu dei uma acabadinha, sabe? Eu dei uma acabada, isso meio que me entristece. Até fica assim, gente, o povo fala que pele negra demora envelhecer, mas olha só como eu estou, que tanto de ruga, né? Minha pele está horrível. Então, eu acho que isso pesa, assim. (Ayesha, 30 anos, mulher cis, heterossexual)

Acolhimento, pertencimento, intervenção: fica mais fácil carregar um fardo necessário quando dividimos o peso com uma boa companhia. Um dos caminhos de resistência e cuidado a tantos males que assolam e enfraquecem o acesso a direitos objetivos e subjetivos é a criação de uma comunidade amorosa (bell hooks, 2020).

Comunidade. Eu acho que, como eu disse, o meu letramento começou muito na base da solidão. Percebi que eu estava muito sozinha. E depois, quando eu criei essa comunidade, tudo bem que essa comunidade não supre todas as minhas necessidades. Mas é uma comunidade, é pertencimento. É olhar para as pessoas e saber que eu posso contar com elas. E eu acho que é isso, esse fortalecimento. (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)

A criação hegemônica ocidental centralizada na família nuclear transmite que o acesso ao amor e cuidado se dá em nossa primeira família, na qual nascemos e posteriormente se dará nos encontros afetivossexuais que formarão uma segunda família, focalizando e enaltecendo vínculos que levem ao casamento com perspectiva de que serão insolúveis. Entretanto o acesso a experiência plena desses encontros não é tão exata (bell hooks, 2020).

As amizades, são frequentemente relegadas a um status inferior e com exigência de manutenção mais frágil em detrimento aos relacionamentos afetivossexuais românticos. Na contramão deste pensamento, bell hooks (2020) resgata que a amizade e seus afetos amorosos nos ensinam e fortalecem o amor de modo que conseguimos levar tais aprendizados e cuidados para outras relações, advertindo sobre a necessidade de não hierarquizar estes afetos.

Eu gosto mais de desabafar com uma amiga do que até com a irmã. [...] Qualquer coisa que eu preciso, teve uns dois, um ano e pouco aí, eu estava assim, um pouco depressiva porque meu esposo tinha perdido o emprego e estava querendo ir embora para o interior e eu não estava pronta ainda para poder ir. Estava numa situação assim, um clima meio complicado, meio difícil. Aí eu falei, comecei a ficar um pouco depressiva, sabe? Aí a Tamires me ajudou muito, falou “ô Fátima, você não acha que está na hora de você fazer um curso para você esquecer um pouco dos problemas da vida?”, não sei o quê... Eu falei: “eu não quero fazer curso”. “Não, tem uma amiga minha que vai fazer um curso lá na Santa Casa de cuidadora de idosos. Você não quer entrar, não? Você distrai, você conhece novas pessoas...”. Falei assim: “faz a inscrição aí pra mim!”. Ela pegou, fez a inscrição. Falei assim: “o problema é que eu tô sem dinheiro agora pra pagar lá”. “Eu pago o curso pra você, sabe? Depois quando você tiver...” Eu tava desempregada. “Depois quando você...” Eu tava desempregada? Não... Eu tava com uns probleminhas e só não estava tendo recurso para fazer o curso. Ela falou: “eu pago o curso para você, na hora que você tiver o dinheiro você vai me pagando aos poucos, mas você não vai ficar em casa assim não, aí vai fazer o curso”. Aí ela fez a inscrição, pagou a inscrição do curso, falou: “a inscrição do curso você não precisa nem me pagar. Você não precisa nem me pagar!”. Eu falei: “não, aí também não, assim não”. Aí ela fez a inscrição do curso, pagou. Aí eu comecei a fazer o curso, fiz o curso de cuidadora de idosos. Nossa, mas foi bom demais, me levantou. Sabe que hoje eu sou outra pessoa. Eu agradei tanto a ela, falei: “se não fosse você e Beth, que me levantaram naqueles dias, eu acho que eu tinha afundado”. É muito bom. Deus sempre bota pessoas na vida da gente assim, sabe? Pra poder, principalmente na hora que você mais precisa, Deus coloca pessoas ali na sua frente para poder você te levantar, te dar um apoio. E Tamires e a Beth, a Beth estava fazendo um curso de massoterapeuta. Então foi bem na época também que Beth estava fazendo. Aí Tamires falou: “não moça, vai fazer o curso, você está sozinha dentro de casa!”. “Ah Tamires, mas eu tô chegando tarde, tão cansada. Ir pro curso à noite, depois chegar às 10, 11 horas da noite, pra dormir tarde, levantar cedo”. “Fátima, mas ninguém vence na vida sem sacrifício, não. Você tem que correr atrás”, e tal. [...] Então, são pessoas assim que... Você tem que ter discernimento. Eu posso... Será que eu posso contar isso pra essa pessoa? Será que eu posso contar com ela? Será que realmente ela vai me entender, vai me

orientar? Será que realmente ela vai me dar uma orientação que vai ser proveitosa pra mim, vai ser boa pra mim? Igual no caso da Tamires que me orientou: “Fátima, tô vendo que você tá depressiva, vai fazer um curso. Vai ser bom pra você, entendeu?” Então, é uma pessoa que eu pude naquele momento eu pude contar com ela, entendeu? Não só contar as minhas coisas para ela. Tanto eu contei para ela, como eu pude contar com a ajuda dela, entendeu? É mais ou menos por aí. (Fátima, 54 anos, mulher cis, heterossexual)

Como Fátima sensivelmente explicita, as amizades são fonte de cuidado e manutenção de vida, nesse período inclusive no suporte à saúde mental, transcendendo a escuta, com sugestões de ações concretas: estudar e se inserir em outras comunidades de interesse, como a profissional. Nesta comunidade amorosa, independente da nomeação do vínculo, a perspectiva é que haja responsabilidade compartilhada, cuidado e desejo de desenvolvimento recíproco, também não sem dissensos, pois tratamos de relações humanas e seus conflitos mobilizadores de movimentos:

Quando vemos o amor como o desejo de alimentar o próprio crescimento espiritual ou o de alguém, demonstrado por gestos de carinho, respeito, conhecimento e tomada de responsabilidade, a base de todo o amor em nossa vida é a mesma. Não há amor reservado exclusivamente para parceiros românticos. O amor verdadeiro é a base de nosso envolvimento com nós mesmos, com a família, com os amigos, com companheiros, com todos que escolhemos amar. (bell hooks, 2020, p. 167)

Nessa tomada de responsabilidade, Conceição conta das suas amizades e engajamentos com a comunidade, que junto com seu filho, tomam frente ao cuidado dela nos movimentos de restabelecimento da saúde física e mental após o período de adoecimento e a passagem para a fase idosa:

Essa minha amiga, Adriana [nome fictício], que mora aqui do lado da minha casa, não me deixa de jeito nenhum. [...] Então é mais um que socorre o outro. Aí se ela adocece eu vou, eu faço comida, eu levo café da manhã, ela pela mesma forma também vem, faz para mim, traz para mim, entendeu? [...] Eu... Eu tenho bastante amizade, mas eu tenho uma vizinha aqui que ela é, como diz o outro, é aquela

amigona mesmo. Para toda hora. Às vezes, ela chega no domingo, depois do almoço, e fala, vamos sentar aqui no terraço, vamos tomar uma cervejinha, vamos falar. Tenho, mas eu participo do grupo, eu faço parte da pastoral da igreja da catequese, sou catequista, os meus catequizantes são crianças, canto salmo na igreja, sabe? Tenho amizades, gosto de ir num barzinho. (Conceição, 59 anos, mulher cis, heterossexual)

Afrocentramento, aquilombamento: quanto a racialização dessas amizades, as participantes ressaltam que há diferenças em estabelecer vínculos afetivos de amizade com pessoas negras, em que estes abarcam maior compreensão de experiências estruturais compartilhadas.

Tenho quando eu encontro com essas minhas amigas, né, principalmente com a Alícia [nome fictício] e com a Lúcia [nome fictício], a gente se propõe a se reunir pelo menos uma vez por semana, né, são mulheres pretas que, inclusive a gente tem um grupo de estudo aqui na cidade. E que a gente está nessa luta, tanto em questões profissionais, políticas, mas também em afetivas. Porque a gente compartilha muitas vezes. Eu mandei para elas essa pesquisa, não sei se elas vão entrar em contato, se elas estão dispostas, porque a vida delas também são bem corridas, assim, mas eu... É... Prioridades. E a gente compartilha, então a gente sai, a gente vai comer alguma coisa, a gente vai beber, a gente vai fofocar. E assim, serviço público sempre tem muita fofoca, fofoca de prefeitura, e experiência também que elas têm, usam o aplicativo no Tinder e a gente compartilha também. São muito parecidas, né, Camilla, as vivências das mulheres negras. Vão diferenciar em pequena escala, porque somos seres diferentes, mas as vivências, a parte da cor, elas são bem parecidas. (Virgínia, 27 anos, mulher cis, heterossexual)

Os relacionamentos afetivossexuais não deixam de fazer parte desta comunidade amorosa: são fonte de cuidado e satisfação, fazendo parte ou centralizando a rede de apoio. Conhecer outros referenciais de amor para além da família nuclear permitem elaborações de relacionamentos saudáveis e a invenção da artesanaria dos modos e ações de amar e se relacionar:

Diferente do casamento da minha mãe, que minha mãe foi muito humilhada pelo meu pai [relata situações de racismo], foi muito rechaçada, esses meus dois namoros não foram assim, não. Tem muito cuidado, tem muita troca, tem muita cumplicidade. Eu me sinto muito cuidada, não é um abuso. Eu fico muito feliz por conseguir construir uma relação. [...] Ah, quando eu estou muito angustiada... família... Qualquer problema que me deixa muito aflita de eu preciso resolver, eu estou muito angustiada, eu não estou me sentindo bem, eu estou muito chateada comigo, com o que está acontecendo, eu corro para ele. Hoje ele é o meu maior ponto de referência. (Ayesha, 30 anos, mulher cis, heterossexual)

Ser amada e cuidada traz fortalecimentos inclusive para autoestima. Há um ponto de ancoramento: aprendemos o amor e o não-amor pela transmissão cultural e particularizada dele. Ayesha conta da experiência de relacionamentos afetivossexuais que foram e são positivas, funcionando como um espelho que reitera seus os múltiplos predicados, inclusive sua beleza nos momentos em que a autopercepção falha:

O segundo e o namorado [homens brancos] atual têm muito cuidado, assim. Sabe? Essa questão racial, se eu brinco, que se hoje o meu cabelo ele está assim, é graças ao meu segundo namorado, que foi o noivo, né? O ex-noivo. Ele me incentivava muito [...] sim que a minha Minha pele foi muito manchada, como eu pontuei antes. É... Cabelo, traço, sabe? Meu dente era muito para fora, então até arrumar demorou um pouco. Acho que tem a ver também com esse padrão europeu de beleza. Da mulher magra, alta. Acho que tem isso. Mas o meu segundo namoro foi muito importante nesse sentido. Ele me incentivava muito porque eu usava alongamento, alisava cabelo, não tinha um cabelão liso. Então ele sempre falava: “deixa o seu cabelo cacheado, tira esse negócio!”. E foi um processo difícilimo. Então ele me ajudou muito nisso. Eu pensava: “nossa, ninguém vai querer se eu tirar esse mega hair aqui!”. Balela, não há mais disso. O meu atual namorado, ele fala muito do meu cabelo, que é um ponto importante. Agora que eu estou assim, “nossa, meu cabelo está horrível”. Ele fala assim: “amor, está lindo o seu cabelo, seu cabelo não está horrível não”. Então esse retorno para mim é muito importante. “Você é linda”. Então eu acho importante eu ter esse retorno. (Ayesha, 30 anos, mulher cis, heterossexual)

Cris fala da esposa Beth e o alinhamento de ambas em uma ética amorosa e de cuidado:

E é totalmente o contrário de tudo que eu vivi, assim, sabe? Graças ao bom Deus, assim. Ela é uma pessoa muito amorosa, ela ama minha família, é, de graça, sabe? Trata todo mundo bem, tá comigo todo momento, tudo que eu preciso, nos meus altos e baixos [...] assim, os valores mesmo, porque a vida não é só você sair ou você curtir ou sair pra festa. Quando você tá doente, você saber que a pessoa tá ali do seu lado... ou quando você tá... que nem eu, passei essas dificuldades todas no meu serviço e... e eu irritada, e infelizmente a gente acaba descontando quem tá perto da gente, né? E ela em nenhum momento nunca falou nada, assim, ela ficava quieta, aí depois ela, você tá calma, então vamos conversar, né? Então, pra mim hoje é uma coisa assim, que eu agradeço muito, muito a Deus mesmo, assim, a pessoa que eu tenho hoje. E em todos os sentidos, principalmente essa questão da minha família, sabe? Ela liga para minha mãe, ela fala com ela, pergunta se ela está bem, minhas tias. Assim, é, nossa, é uma coisa maravilhosa. E aí você começa a perceber, porque o pessoal começa a falar, né?! Principalmente da minha família. Nossa, até que fim você está com uma pessoa legal. Eu falei, é, na época ninguém falava pra mim, né? Ah não, mas você estava com ela, vou falar que não é... que eu não gosto, né, mas ela é totalmente diferente assim. E para tudo, sabe? Então é.. não tenho... só tenho elogios, hoje, pra mim. E mesmo com o passar do tempo, que a gente imagina que possa, sei lá, diminuir alguma coisa ou acomodar, desde que a gente tem... a gente tá junto há oito anos, a gente mora junto tem sete. Desde que a gente mora junto todos os dias ela fala que me ama. Então é uma coisa assim que... Nossa, eu admiro demais, né? A paciência, o carinho dela e essa questão de incentivar a questão do estudo, da gente querer ter um lugarzinho pra a gente, sair do aluguel. Então, e assim, tanto que eu até brinco, eu falo pra ela assim, não, você também precisa... Ela tão... próxima, muito próxima de mim, né? E tudo ela faz, ela tem que pedir. Eu falo não, para que também não é assim. Você tem que ter sua vida também, seus amigos, vai respirar um pouquinho. “Não, sem você não tem graça, né?” Então, assim, tipo, é uma coisa muito bonita, assim. Me traz muita paz. Hoje eu tenho um porto seguro. (Cris, 44 anos, mulher cis, lésbica)

O autocuidado e o cuidado em uma comunidade - amorosa ou não em perspectivas éticas-, também precisa atuar em outras frentes, identificados conforme foi frequente nas narrativas das participantes como a imposição de limites, o acesso financeiro e os modos de cuidado de si voltados à tratativa das subjetividades, como a psicoterapia e/ou análise e cuidado espiritual com a religião.

Estabelecimento de limites também é autocuidado:

Meu ponto é que nós, pessoas negras, e mulheres negras em particular, somos tão bem socializadas a ultrapassar limites saudáveis que costumamos não saber como estabelecer barreiras protetoras que eliminaram certas formas de estresse de nossa vida. Esse problema atravessa classes”. (bell hooks, 2023, p. 71)

Ayesha contribuía no cuidado do sobrinho e sentia certa sobrecarga de responsabilidades. Até pouco tempo, ela e a mãe centralizaram o cuidado por necessidade de organização do irmão, que é o pai, e da mãe da criança. Foi um processo até encontrar seu limiar de disponibilidade para responder demandas endereçadas a ela:

Eu era muito dona da minha vida, menina. Nossa, eu estava numa fase muito boa, assim, sabe? Muito dona da minha vida. Eu acho que está faltando é isso, sabe? Eu acho que nos últimos meses, eu estou muito voltada para cuidar muito de todo mundo. As minhas tias que já são idosas, sabe? Então eu estou um pouco perdida, assim, de... Sabe? Tipo, eu tenho um namorado, eu tenho que olhar para o meu namorado porque ele é meu, ele é uma parte importante da minha vida, o meu esporte é uma coisa importante para mim, eu estou tentando, tipo, voltar para a minha vida. E está sendo difícil, igual ontem. Ontem eu tive aula, aí a mãe do meu sobrinho ligou. Ela: “você pode ficar com ele?”. Eu falei: ”eu não posso. Eu posso pegar ele aí dez e meia se você quiser, depois da minha aula, porque... Eu tenho uma aula muito importante”. Em outros tempos eu não ia pra aula e ficava com ele, sabe? Então eu dei uma perdidona, assim, e hoje eu tô tentando me encontrar, voltar, fazer coisas que eu gosto, sabe? (Ayesha, 30 anos, mulher cis, heterossexual)

Deste modo, bell hooks (2023) aponta a resistência de estabelecer limites como caminho de autovalorização, já que a sociedade, principalmente para as mulheres negras, glorifica a exaustão em prol de estar constantemente em produção. Se autodefinir (Patricia Hill Collins, 2016) em ética e valor de cuidado, impõe permeabilidade à vida e aos acontecimentos também como possibilidade de descanso.

Saber quando parar é reconhecer o seu próprio valor. Se nós, mulheres negras, não aprendemos a valorizar nossos corpos, então não podemos responder totalmente quando nossos corpos estão sendo postos em perigo pelo estresse excessivo. Já que a sociedade nos recompensa mais, indicando que temos valor quando estamos dispostas ao limite e além, nós precisamos de uma prática de afirmação da vida, um contrassistema de valorização, a fim de resistir a essa agenda. (bell hooks, 2023, p. 73)

Rememoro com essa construção, o acolhimento e a fala das intelectuais pretas Ceres Bifano e Renally Xavier em um encontro acadêmico: eu reclamava da ansiedade pela necessidade de estar segura do início de um processo de trabalho, antes mesmo de encerrar o outro ciclo. Ceres faz uma brincadeira sobre a necessidade de eu talvez apostar na “monogamia” [sic] com a vida profissional, para que consiga tempo de qualidade para me haver comigo e descansar. É difícil consentir com algumas perdas que nos dão lugar referenciado de valor. Já Renally diz: “na pior das hipóteses, você descansa”.

5.1 Dinheiro não traz felicidade, mas pavimenta alguns caminhos até ela: autonomia financeira

Dentre todas as problemáticas advindas desde a diáspora e o final do processo perverso de escravização de pessoas negras, um dos marcadores preponderantes de desigualdade racializada é a classe. A autonomia financeira também aparece como meio mediadora de bem-viver: o dinheiro traz possibilidades de trânsito e acesso às escolhas.

Cabelo, maquiagem, roupa, ir para lugares que eu gosto de ir. Eu gosto muito de teatro, cinema, tomar um café diferente, essas coisas assim. Então sempre que eu posso eu faço muito isso, de ir em uma cafeteria sozinha, leio um livro. Tempo de

qualidade comigo mesma, é uma coisa que me dá muito prazer. (Carina, 27 anos, mulher cis, em descobrimento entre lésbica e bissexual)

Eu não vou no psicólogo não! Eu me cuido lendo, gosto muito de passear com meu cachorro, eu gosto muito de sair ao ar livre, eu me cuido também comprando coisas para ficar mais belíssima [risos], estudando. É isso. Eu gosto muito de ler também, conversar com a Gabi pra pegar umas orientaçoézinhas... eu gosto de comprar também igual ela. Infelizmente é de família. (Bratz, 29 anos, mulher cis, bissexual)

Ano passado eu fui para Porto de Galinhas, fiquei lá oito dias. E toda a vida que eu viajei, ele, meu ex-marido, ele nunca viajou comigo. Nunca quis, porque falava que não queria, que não gostava, que não sei o quê. Aí eu, ah, não vou ficar presa, não. Viajei para Maceió, fiquei dez dias em Maceió. Fui para Natal. Viajei. Eu gosto de viajar, de conhecer pessoas, de fazer amizade. Não gosto muito de também ficar presa ali, não. (Conceição, 59 anos, mulher cis, heterossexual)

O acesso financeiro auxilia a sustentar escolhas de cuidado estético e de acessar experiências como narram as participantes: o dinheiro por si só não é empoderamento, mas seus usos auxiliam a construção de agenciamentos e cuidados de si.

5.2 Mulheres negras escutando a si mesmas: psicoterapia e análise

O campo das Psicologia é amplo. Fartura não quer dizer qualidade: os espaços de cuidado psi e acadêmicos para pessoas negras frequentemente é relatado como faltante na abordagem de racial. Não são raras interpelações por centralização de debates em psicologia e psicanálise, em círculos hegemônicos e/ou conservadores e dogmáticos de uma ‘pureza teórica’, recebem a nomeação de pauta identitária ou questões em que há o recorte racial e interseccional na psicanálise é identitarismo.

Em dizer de abordagem racial é importante demarcar que a branquitude não se racializa em detrimento da racialização de sujeitos negros (Cida Bento, 2002) e que isto, não é sem efeitos, como o negro é o outro do branco (Neusa Santos Souza, 2021; Grada Kilomba, 2020). Identitarismo não seria o branco banhado em sua branquitude se assumir como ser humano universal?

Neste sentido, é preciso enfatizar que a academia atua reprodutor do projeto político colonial, hegemonicamente, não forma profissionais com aporte teórico que trabalhe e se coloque a trabalho das questões étnico/raciais, reproduzindo padrões como de apagamento e de assistencialismo às subjetividades de sujeitos negros ou de povos originários, por exemplo, retomando a ideia de Lélia Gonzalez (2020) sobre o lugar de *infans*. Não sejamos ingênuas e coniventes.

Nanda e Virgínia, participante que são psicólogas, se engajam e participam politicamente a trabalho de ética, teoria e prática em psicologia que envolve cuidado com a profissão, diversidade sexual, racial e de gênero. Importante ressaltar que muitos profissionais leem como incipientes ou até mesmo inexistentes as referências que se intersecciona a atravessamentos sociais.

Quem muito sabe apenas de psicologia, não sabe de nada: dos colegas de pós-graduação com trajetória consolidada na área, escutei sobre não ter produção teórica que embasasse a tratativa da racialização na clínica e sobre a ausência formativa na universidade. Muito me preocupa a naturalização com que isso é dito e quando contraposto, a posição passiva ao esperar didática de ensinagem com suposta abertura, esperando que um outro colega negro seja professor. Mecanismos de busca e discussões coletivas estão abundantes e abertas, exigindo apenas o interesse de investimento, assim como reflorestar a aridez das psicologias é um trabalho que não deve ser apenas de identidades que são excluídas, mas sim compartilhada da responsabilidade de quem estruturalmente exclui.

Eu achei bem legal assim, porque ontem teve um evento, foi um evento da Escola Brasileira [de Psicanálise] [...]. Eu achei muito bonito porque eu vi várias pessoas negras na escola brasileira nesse evento. Eu fiquei muito feliz. E a instituição também tem feito esse movimento. Vamos falar sobre questões raciais e segregação na clínica. A psicanálise tem que participar disso. Então tem uma galera muito empenhada, inclusive uma galera branca, bem empenhada nisso. Eu preciso escutar o sofrimento que tem a ver com essas questões raciais. Então, ontem eu fiquei bem feliz, sabe? É minoria? É minoria. Mas tem o movimento, tem uma galera que está implicada, isso é muito bonito de ver. (Ayesha, 30 anos, mulher cis, heterossexual)

As participantes contam em comum a função de aporte, reflexão e processos curativos que os encontros de acompanhamento psicológico com psicólogas e psicanalistas facilitam:

Acho que foi a melhor decisão que eu tomei, era para eu ter tido antes, mas “ah não, isso é besteira”, mas não é. Foi um despertar muito grande para o meu lado de me conhecer, de deixar algumas coisas para fora, de conseguir perdoar algumas situações, de deixar algumas coisas para trás. Foi um processo que eu custei a chegar, mas quando comecei não quero mais deixar de ir. (Carina, 27 anos, mulher cis, em descobrimento entre lésbica e bissexual)

“Demandas que tem cor, tem uma origem”: Virgínia reflete sobre o processo de racializar a clínica, tanto como paciente na sua escolha de analista, quanto como profissional que atende pessoas negras.

E aí também não me identificavam muito com a minha terapeuta, que era muito uma pessoa branca. E aí quando chegou as demandas sobre racismo, eu já não falava assim, né? E aí o meu processo já não estava sendo proveitoso, porque eu não estava falando o que eu tinha que falar. Eu falava outras coisas, eu não nomeava assim. Eu levava a queixa, por exemplo, assim, dessa dificuldade me relacionar, todo mundo namora menos eu, mas não nomeava. E eu lembro que em uma sessão que eu comecei a dar nome pra isso, e usar termos como racismo, racismo, sei o que, ela mesma se colocou nessa posição: “olha, Virgínia, eu sou uma psicóloga branca, eu jamais vou conseguir compreender isso que você tá dizendo, mas enquanto psicóloga, eu tô aqui pra poder te apoiar”. E eu não tava me sentindo mais à vontade, aí encerrei o processo e comecei a fazer com a minha analista, profissional preta, né, e que pesquisa e que se debruça sobre a saúde mental também da população preta. E tô aí, super. Me identifico, me sinto muito à vontade com ela, assim, pra poder falar sobre essas minhas vivências. [...] E acho que a análise hoje em dia tem tanto essa função quanto as minhas demandas também enquanto pessoa, desse sair, desse local que eu quero, das minhas demandas enquanto pessoa, enquanto profissional que é lá que eu consigo falar sobre e me escutar também. Ela vem nesse sentido. [...] Mas, como eu mudei durante o processo psicoterapeuta, e essa mudança eu chamo de como eu entendi

que era uma pessoa negra, então se fez muito necessário eu falar também para uma pessoa que me escutasse a partir do que é ser uma pessoa preta, daquela demanda tem cor, tem uma origem. Então fez toda a diferença, assim, toda a diferença, fazendo a análise com uma pessoa preta e que entende que alguma parte daquela demanda que eu trago é fruto do processo do racismo, ou de compreender dessa construção de ser uma mulher negra. Não fez toda a diferença. Nossa senhora! (Virgínia, 27 anos, mulher cis, heterossexual)

A psicóloga e pesquisadora negra Jeane Tavares (2019) reflete sobre manejo clínico e a necessidade de construção de meios nas psicologias cognitivas comportamentais de trabalhar com as repercussões do racismo na saúde mental de pessoas negras. Em uma perspectiva clínica diferente, amparada pela psicanálise, compreendo que o meio de trabalho se constrói no encontro com cada paciente, além de uma metodologia mais protocolar. Aponta que a população negra e latina tem maior necessidade de falar sobre racialidade que pessoas brancas e a correspondência racial entre paciente e terapeuta pode criar ambiente de maior acolhimento terapêutico: não por acaso diante das tecnologias da branquitude que não se racializa e racializa como dissidentes corpos não-brancos na amplitude de viver em sociedade.

Carolina percebe outro ponto importante: a discrepância nos tratamentos de saúde voltados para a população negra, sendo ainda mais profunda no cuidado com saúde mental, coadunando com Neusa Santos Souza (2020) que conta dos efeitos de tensionamentos que podem resultar em retraimento, defesa fóbica e depressão.

Eu acho que no momento, maior investimento é autocuidado na terapia, que eu tenho feito bastante. Faço terapia duas vezes por semana, começo duas vezes por semana, esse ano inclusive, porque acho que em conjunto eu e minha terapeuta, a gente entendeu que eu estou num momento um pouquinho instável e que quando as coisas saem do controle eu fico muito desesperada. E recentemente eu tive, final do ano passado, eu tive diagnóstico de TDAH. Só que o TDAH num corpo negro, ele é muito diferente num corpo branco. Porque eu vejo quando a gente fala isso, a gente pensa no Fiuk que falou que tem TDAH lá no BBB, pensando naquele cara branco lá que não para quieto, mexe e fala qualquer bobagem. Mas num corpo negro que já se retrai tanto, o TDAH acontece muito aqui dentro, te

deixa muito doida aqui dentro. (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)

Questão que se articula com mais complexidade quando se encontra com os modos diversos de funcionamento, como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) em Carolina, que por socialização gênero e raça não se apresentam das maneiras estereotipadas ou delimitadas em teses diagnósticas dos volumes - problemáticos em nível histórico e patologizantes do social - do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), que reiteram exclusões aos cuidados de saúde ante a um projeto político de aniquilação da população negra:

Quando as estruturas de dominação identificam grupos de pessoas (da mesma forma que a ideologia racista faz com as pessoas negras nesta sociedade) como ‘mentalmente’ inferiores, implicando que elas teriam mais ‘corpo’ que mente, não é de se surpreender que haja pouca preocupação social com os cuidados de saúde mental desse grupo. De fato, ao perpetuar e sustentar a dominação, a sociedade investe, por assim dizer, na enfermidade mental de determinados grupos, para oprimi-los e explorá-los com mais eficiência. (bell hooks, 2023, p. 88)

Outra pauta clínica importante nos enlaces em saúde mental, que inclusive desperta a sensibilidade de estar a trabalho desta construção de pesquisa, são as relações afetivossexuais em suas delícias, alegrias, dores e principalmente devastações. Ale coloca em paralelo a saúde mental e as repercussões de relacionamentos afetivossexuais não satisfatórios:

Eu tenho que trabalhar isso na minha vida, na minha mente, principalmente a saúde mental, né? E tá aí em jogo, tem muitas vidas sendo ceifadas pela questão da saúde mental, principalmente questões de relacionamento abusivos. [...] De fraquezas, eu conheço amigos meus que ficam destruídos porque terminam o relacionamento, que dizem que não vai viver mais sem ele ou ela, ou eles, sei lá, alguma coisa assim do tipo. Entende? De pessoas de depositar felicidade no outro, e você ser feliz que eu estiver com a. Eu vou ser feliz, vou sair, vou curtir minha vida se eu estiver com a, se eu tiver uma figura de alguém perto de mim para sair, para... Não, não é assim. Nascemos sozinhos na nossa barriga da nossa mãe, a não

ser que não é gêmeos, e olhe lá, cada um vai para um norte, né? Cada um tem sua vida trilhada. Nascemos sozinhos desde a barriga da nossa mamãe. Porque a gente tem que depositar nossa felicidade em alguém que malmente a gente conhece. Não, isso é um despertar de cada pessoa, né? Eu vejo dessa forma, eu tenho sempre trabalhado essa forma na minha mente, na minha vida, nas minhas construções, no meu dia a dia. Que relacionamento é que vai salvar minha vida? Que bestagem, que mentira! Eu estou muito bem! De chegar em casa, tranquila, sem aperto de mente, sem ouvir, nem falar. É ótimo, entendeu? A não ser quando é uma relação muito saudável, mas enquanto não é, vive sua vida, sua individualidade. Eu comecei a ler um livro agora, que se chama Solidão. Encontrar dentro da solidão a nossa felicidade. É o que falta pra gente. Eu vou deixar minha mente enfraquecer, pra quem tem depressão, me matar, me mutilar, me isolar do mundo, por causa de um homem, de um sentimento que eu não tenho? Nunca! E o que me fez pensar assim? As relações, delas a que eu fui para São Paulo, deixei toda a minha vida, a que se perpassou durante esse processo, para eu chegar até hoje e ter essa opinião minha. Isso é consequência de experiências. E para o outro sentir, tem que passar. Não adianta eu falar para você isso tudo e você não sentir na pele de uma forma diferente. E vai ser, se você não sentir. É o sentir que desperta, é um choque de realidade. E muitas das vezes tem gente que não se levanta desse choque de realidade. Doentes, adoecem, se aprisionam e vive a individualidade no seu mundo criado na sua mente. (Ale, 28 anos, mulher trans/travesti, se atrai por pessoas que são homens ativos, gays ativos e bissexuais)

Ale evoca a necessidade de autocentramento e autoconhecimento para se fortalecer e não cair em armadilhas de dependências emocionais que limitam o trânsito de escolhas e de vida. Ter qualidade em viver consigo, traz qualidade no viver com a comunidade. Cada uma a seu modo constrói seu modo de cuidado em saúde mental. Importante constantemente reiterar a necessidade e a convocatória do autocuidado como resistência às opressões e promoção de bem-viver.

6 RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE: “SE MINHA BISAVÓ NÃO TIVESSE SIDO ESCRAVIZADA E POR AÍ VAI, PROVAVELMENTE EU TERIA UMA RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA”

Por Hailé Salassié, irmão

Krishna, Buda e Tupã, irmão

Por Alá, Jesus, Oxum, irmão

Osiris e Urraca, irmão

(Canção Minha Guia - Lamparina, 2018)

A religião vem caleidoscópica e com nuances de ambiguidade na narrativa das mulheres: tanto como lei de ordenamento de vida de maneira opressiva, assim como aporte espiritual e enlaçamento de cuidado.

A agência dos sujeitos é requisito de fundamental importância para que ações estruturadas sejam contestadas. Entretanto, assumir esse lugar de agente em potencial torna-se uma preocupação, por entender que não necessariamente os sujeitos vão constituir seus projetos de emancipação no interior das religiões, ou devido aos dogmas que orientam as expressões de religiosidade ou, ainda, pelos traços tradicionais daquelas/es que conduzem esses espaços. (Claudenilson da Silva Dias, 2019, p. 15)

Virgínia reflete sobre a imposição religiosa do Catolicismo atrelado à colonialidade mantenedora de assimetrias sociais a partir de um projeto político, que contribuiu para aniquilamento subjetividades e vidas da forçada diáspora de África:

Eu fui criada na religião católica, então assim, eu ainda tenho presa em mim essa noção que o catolicismo trouxe, mas eu não frequento missa, eu não concordo com algumas coisas lá da missa: do ritual, de algumas coisas que a igreja católica prega, assim. E também porque a igreja católica compactuou muito com o trabalho escravo, tem muita coisa errada aí. Hoje em dia eu quero saber, mas ainda não fui,

da existência de terreiros aqui na minha cidade, sabe? Queria ter essa experiência mais no sentido da curiosidade e se eu me sentir à vontade, para frequentar. Porque assim, se eu não tivesse sido apresentada para religião católica e se eu não tivesse, por exemplo assim: se minha bisavó não tivesse sido escravizada e por aí vai, provavelmente eu teria uma religião de matriz africana. (Virgínia, 27 anos, mulher cis, heterossexual)

“Os espíritos elitistas”: Carolina recupera a experiência com o Espiritismo. Para além de questões de classe, como ela marca, entre os próprios apoiadores, se assume o histórico que seria “preconceituoso”, mas não racista (Eugenio Lara, 1994). De modo factual, no mínimo a articulação religiosa com a frenologia é problemática:

Menina treta. Religião... Deus me livre. Não dá pra seguir. Sinceramente, a última vez que eu parti de culto religioso foi nessa parte espírita. Nossa, espíritos são muito elitistas, né? Então, ok, bom, acho que não é aqui o meu lugar, hein, galera. Tchau e bença. Mas assim, eu fui criada na igreja católica, minha mãe sempre porra louca, assim. Às vezes eu tava na igreja, às vezes era funk, enfim, a gente ia equilibrando. (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)

“Pelo pecado original de Adão e Eva, o sexo teria em si uma mancha de pecado. Como o sexo só poderia ser praticado para procriação, nenhuma tentativa de evitar a concepção poderia ser moralmente aceitável” (Valéria Melki Busin, 2011, p. 110). As religiões de modo geral estão para uma tratativa da intimidade, que inclui o saber fazer consigo e com os outros, principalmente no campo das subjetividades.

Fátima conta da experiência do curso de casamento oferecido pela Igreja Católica: interessante observar os pontos de desarticulação com a comunidade de apoio, como ela cita de comentar questões de relacionamento com amigas - uma manutenção do “tabu”- e a prescrição do “isso aqui pode, isso aqui não pode, isso aqui pode, isso aqui não pode!”. Reiterando o casamento como uma instituição cisheteropatriarcal privada, desarticulada em relação a comunidade (bell hooks, 2020) que o ditado popular bem sumariza ‘briga de marido e mulher, não se mete a colher’.

[Fátima] Aí a gente foi fazer esse curso de casamento, pra batizar a menina tinha que fazer o curso de casamento, entendeu? E casar. Só que na época, nós só fizemos o curso de casamento e não casamos, porque depois a gente separou. Então lá no curso de casamento eles deram muitas dicas, deram muito ensinamento, entendeu? Como se a gente nunca tivesse tido relação sexual, como se fosse a primeira vez e como cuidar de criança, depois do casamento, se a mulher engravidar, se a criança neném, de como cuidar. Então, ensinou muita coisa, muita coisa mesmo. Aí, lá no curso, eu aprendi muita coisa também. Eu já estava morando com ele, já tinha tido a menina e tinha coisas que eu ainda não sabia. [...] Que é aquela coisa assim, quando você casa tem muita coisa que você tem que deixar pra trás, né? E muita coisa a gente no dia a dia ali a gente nem lembra que a gente é casada e quer fazer, entendeu? Então você aprende muita coisa, você aprende...

[Camilla] Tipo o quê? Você esquece que é casada e quer fazer? Ah, você quer...

[Fátima] Você quer ficar conversando com algum amigo, a respeito do seu relacionamento? Não, não pode! É tanto que... Hoje em dia não. Hoje em dia é uma adolescente de 15, 16... Até 13, 14 anos sabe mais coisa do que a gente... Na época que a gente tinha 13, 14, 15 anos, 16 anos, era coisa muito resguardada, coisa que você não podia conversar com seu pai e sua mãe. Entendeu? Que era um tabu. Então você tinha que conversar com quem? Com um amigo, com uma amiga. Às vezes eu desabafava até com um amigo, algum outro amigo homem que eu tinha, eu desabafava: “ah, mas meu marido é assim, assim, assim”. Menina, hoje em dia eu me toco, eu falo, gente, como que a gente era, né?

[Camilla] Mas era como assim? O que você desabafava?

[Fátima] Como que a gente era. Coisas do relacionamento, entendeu? Da vida amorosa, das relações até nas relações sexuais. A gente falava lá no curso de casamento e de batismo, que a gente fez, né? O curso de casamento e curso de batismo para batizar a menina. Então lá no curso de casamento, o professor passava lá o slide e tal, explicando: “isso aqui pode, isso aqui não pode, isso aqui pode, isso aqui não pode!”. Menina, eram muitas coisas! Eu falei: “gente, eu estou casada com uma filha e não sabia disso?” (Fátima, 54 anos, mulher cis, heterossexual)

A espiritualidade ligada à aparece também como um cuidado positivo, em que frequentemente faz suplência a outras frentes de cuidado, como a família para pessoas

LGBTQIA+ que não são acolhidas nesse círculo; espaço onde mulheres negras podem ter ocupações de poder que tem menor dependência - ainda sempre existindo hierarquias- da classe social e raça, por exemplo: na organização das igrejas protestante pentecostais de periferia, mulheres negras são pastoras, diaconisas, participam dos ministérios artísticos como louvor e teatro, fazem a transmissão do saber como lideranças e professoras, possuindo dentro dos limites doutrinários, agenciamento e pertencimento à comunidade religiosa.

Das participantes, a religião cristã está mais para as mulheres mais velhas, como Conceição e Fátima, e para as mais jovens, como Ale, Carina e Cris, as religiões de matriz africana vem como parte de compreensão, comunidade e acolhimento ancestral ao tornar-se negra. Carina conta que “o terreiro é como uma base que eu tenho na vida. [...] Lá é minha segunda casa, meus irmãos de santo, pessoas mais próximas, então eu me sinto bastante acolhida [...] Tem relação fora, de fazer coisas juntos, não somente no terreiro”.

Carina e Ale são candomblecistas, trabalham na perspectiva de responsabilização e cuidado mútuo, a partir das orientações que se individualizam para cada uma ante ao encontro espiritual no terreiro e na vida: “no terreiro são produzidas práticas terapêuticas com ações de prevenção e promoção da saúde fundamentadas em uma cosmologia que integra o mundo físico e o espiritual” (Miriam Cristiane Alves, Nedio Seminotti, 2009).

Carina passou pelo ritual de iniciação de Feitura de Santo e descreve: “eu tô cuidando da minha energia, cuidando do meu orixá, cuidando de quem me rege, quem me guarda. Querendo ou não, cuidando deles, eu tô cuidando de mim. Desenvolvendo eles, eu tô me desenvolvendo também. Cuidado não somente com o corpo, mas com o espírito”, convocando ao cuidado da cabeça:

Nós do Candomblé cuidamos sempre do nosso *orí*, que *orí* é... [...] *Orí*, que é uma linguagem iorubá, significa cabeça. Se nossa cabeça quer equilíbrio para tomar decisões da nossa vida, seja em qualquer âmbito, não estiver equilibrada, seu trabalho não vai estar equilibrado, sua vida amorosa não vai estar, família, convívio social, nada. Então eu tenho que cuidar da minha mente, meu bem, para saber os caminhos que eu vou tomar com sabedoria, com prudência. O que falar ao outro sem que o outro se ofenda com o que eu vou falar. Porque muitas vezes o meu falar, a pessoa interpreta de uma forma, e tu tem que ter esse contato. Essa é a questão, porque o outro está adoecendo do que o outro fala do que o outro está

apontando, julgando, criticando, sendo preconceituoso, racista, perverso, maldoso. Então isso não se dispõe à vida do outro. E aí eu tento nessa questão. (Ale, 28 anos, mulher trans/travesti, se atrai por pessoas que são homens ativos, gays ativos e bissexuais)

As irmãs Bratz e Gabriela rememoram a construção da vinculação religiosa e seus sincretismos com a presença da mãe, falecida no período em que eram crianças. Das transmissões geracionais, a mãe sentia que era direcionado a umbanda o racismo religioso, assim sentia a necessidade de ocultação da religião por parte das filhas, sendo o espiritismo mais aceito: não é de se estranhar já que hegemonicamente branco e mais passável.

[Bratz] Queria muito iniciar na umbanda, minha mãe levava a gente. Eu gostava muito. Eu gosto, eu me sinto bem lá. Também ia na Igreja Católica, mas eu não me sinto tão bem lá, por isso que eu não vou com a Gabi. Prefiro ir no sábado lá, ver a galera batendo tambor. Eu fui criada assim, minha mãe sempre me levou, acho que ficou na minha mente. Não sou, mas eu queria ser iniciada, mas eu tenho fé. Cultuo alguns orixás, peço proteção tanto a São Jorge quanto a alguns orixás, quanto a uns santos da igreja católica... faço uma mistura. A gente tá no brasil, né?! [rimos] [...]

[Gabriela] Eu gosto de ir na igreja, ela [Bratz] não gosta [risos]. Eu vou na Católica, mas a gente ia... como é que chama, Bratz? Minha mãe falava que era espírita, mas era bater tambor!

[Bratz] Bater tambor. Era umbanda, mas minha mãe falava que era espírita para não ter preconceito. Ela falava: “se o pessoal perguntar onde você vai, fala que é na espírita”.

[Gabriela] A gente tava até discutindo sobre isso. Até hoje eu me lembro que ela falava “vocês vão na espírita” [risos]. (Bratz, 29 anos, mulher cis, bissexual; Gabriela, 31 anos, mulher cis, bissexual)

Nessas decisões de se colocar a trabalho da espiritualidade em uma religião, como Bratz e Gabi dialogam, Lana também reflete sobre a racialidade nas escolhas de profissionais de cuidado holístico:

Mas é uma transferência muito intensa, tal como na terapia. Então, tem um tanto na terapia, né, a minha psicóloga também é negra, obviamente. Então é um tempo assim de mulheres negras, né, o Olimpo. Sou privilegiada nesse sentido. Não, mentira que são escolhas, né, eu escolhi elas. E deixou que na vertente espiritual eu tenho aí a minha bruxinha que eu sempre consulto, muitas cartas, muitos banhos, etc. (Lana, 28 anos, mulher trans, heterossexual)

Lana fica em alerta e perdida com as possibilidades de escolha religiosa entendendo a presença LGBTQIA+fobia nos espaços religiosos:

E eu tô aí pra começar a dar os meus passinhos, eu só tenho dúvida se eu realmente vou pra Umbanda ou se eu vou pro Candomblé. Então eu tô me decidindo, porque a Umbanda é muito branca e o Candomblé é transfóbico, então eu fico... Nossa, proconvô, né? (Lana, 28 anos, mulher trans, heterossexual)

Conforme discorre Claudenilson da Silva Dias (2019), há tensionamento com o condicionamento dos corpos e corpos ao controle social grupal para obter aceitação, questão mais latente para pessoas trans, principalmente no candomblé, que tem o corpo como polo produtor de saberes e conhecimentos. São reverências de saudação, conduções das rodas de santo, as indumentárias e interações mediadas pelo corpo. Ressalta que quando há a negação do agenciamento de corpos e subjetividades que habitam os espaços religiosos, há produção de silenciamentos e distanciamentos, que quando não se afastam, criam apatia por não reconhecimento representativo de si.

Nos Candomblés, muito embora as “suas portas” estejam sempre abertas para todas as pessoas, algumas restrições são mantidas em favor da manutenção da tradição religiosa. As/os dirigentes das casas de Candomblé, em geral, conduzem suas casas à luz dos ensinamentos de seus mais velhos e, justo por isso, temas como a transexualidade ainda não se tornaram caros para essas comunidades. O que há, me parece, são acordos de aceitação nos moldes de outras expressões religiosas: aceitar desde que se adequem às normas de gênero e sexualidade vigentes nas comunidades-terreiro. (Claudenilson da Silva Dias, 2019, p. 35)

O autor também demonstra que há variância nas constituições das comunidades-terreiro e estas, assim como toda sociedade são atravessadas por fatores interseccionais e por opressões estruturais, como o sexismo:

O Candomblé, sendo uma das religiões de matriz africana, tem uma organização social e política própria, um contexto específico e não seria diferente para as normas de gênero e sexualidade. Com isso quero dizer que as formas de lidar com as identidades de gênero (bem como com as identidades sexuais) são tão complexas quanto às questões ligadas a outros temas comuns às comunidades-terreiro, como, por exemplo, os tabus sobre os ensinamentos de práticas litúrgicas ainda mantidos em segredos infinitos. Às identidades trans tem sido constantemente negado o direito de ser e existir no seio das religiões. Em face disso, os espaços religiosos que, em primeira instância, deveriam acolher indistintamente as pessoas que o procuram para um bem-estar espiritual, têm negado, mais uma vez, esse lugar, afastando essas pessoas do convívio e da afetividade religiosa. (Claudenilson da Silva Dias, 2019, p. 34)

Em outra nuance, tendo a religião como espaço de cuidado, convivência e afetividade positiva, Cris, assim como Conceição ao longo de suas experiências, traz relatos sobre a religião como comunidade:

E era muito legal, né, eu sinto bastante falta disso, assim, dessa movimentação. Mas a gente já fez muito, assim, muito, aqui, Jabaquara aqui, tipo... de ajudar mais de 500 crianças. E aí a gente tem... Tem uma pastora que é muito amiga da... é uma das melhores amigas da minha mãe de santo. Então a gente já arrecadou brinquedo para ajudar a igreja lá na Zona Norte, no Natal. Então é uma coisa, assim, bem bonita, sabe? Tipo, essa questão assim de, além da religião, independente do... Não importa, né? (Cris, 44 anos, mulher cis, lésbica)

Nessa ética de cuidado comunitária, grupos diferentes se pactuam para um objetivo em comum: cabendo em infintos contextos, o suporte e a troca são os fios que tecem uma rede de amparo e satisfação no território da cidade, de corpos e corpos e das subjetividades, cada uma na unicidade de seu padrão de artesanania: a mãe de santo junto a pastora, que convoca as pessoas que estão sobre seu cuidado de liderança espiritual, a

sociedade civil organizada, a rede socioassistencial que vai em seus sentidos e dissensos se retroalimentando quando há um objetivo de cuidado em comum.

7 ARREIMATE: ENCERRAMENTOS E CONTINUIDADES

E da brincadeira do Carnaval sobram restos de fantasia, memória, ressaca, sujeira, promessas de um saber fazer diferente do próximo... que nem sempre é concretizado. Bolhas nos pés, marcas de Sol, um corpo-folião colado com suor do trabalho de viver retalhos de confete, serpentina e brilho, às vezes *flashes* desesperadores e/ou gloriosos que só vão ser elaborados com os dias seguintes. Elaboraões cada vez mais límpidas a cada banho que se tira uma partícula de brilho inimaginada que escorre com a água pelo chão e as vezes brilha em uma iluminação específica no piso do banheiro no mais longínquo e inesperado momento. Amor quando termina pode ser fim de festa: há quem dance até depois do fim, quem machuca, quem adoece, há terrores, vômitos, sabores, dissabores, doces, ácidos, agridoces, gosto de bebida passada, desidratação, ponta de cigarro meio úmido no fundo do bolso, querer voltar para o início, agradecer pelo final... ambiguidade que só e que tanto. Pode ser quarta-feira de cinzas, pode ser páscoa e renascimento pós-quaresma.

E destes processos e finais de relacionamentos, ficaram aprendizados:

Não tenho [história] memorável de amor não. Tem umas que eu até esqueci. [...] Acho que nenhuma foi depois que a gente aprende a lição que fica, a gente vê que nada daquilo é importante, acha até uma futilidade. A gente fica tanto naquela ânsia de conhecer alguém, de dar certo. Até hoje não levei nada como importante na minha vida [afetivossexual]. Vejo como algo fútil. [...] A gente fica com o pé atrás de conhecer e tal. A gente fica sempre com o pé atrás. Sou mais difícil para ter interesse. Depois que a gente tem interesse fica difícil da gente tirar o interesse. [...] teve alguns já, uns dois, três e só. [...] A gente vai crescendo, esquecendo, fazendo questão de esquecer e só. Eu levo mais como aprendizado, acho que todo mundo passa por isso para ter um amor tranquilo lá na frente para não passar mais raiva e só. (Gabriela, 31 anos, mulher cis, bissexual)

Desse relacionamento [Amanda, mulher cis branca] de bom mesmo que eu tiro, foi a possibilidade de frequentar novos espaços. E depois que eu terminei esse relacionamento, eu falei cara, eu quero continuar frequentando esses espaços e até

hoje eu frequento, então eu acho que isso foi uma coisa muito positiva. (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)

Eu encontrei uma moça pelo Tinder, eu conheci ela no Tinder [Luciana, mulher cis negra]. E aí a gente começou a ter algumas trocas muito legais e ela é uma moça preta, num tom de pele não retinto, pele mais clara. E aí ela estuda coisas sobre a negritude e tudo mais, e isso começou a mexer muito comigo, sabe? Só que aí ela não aceitava uma forma de relacionamento aberta, porque eu estava ficando com outras pessoas e conhecendo outras pessoas. Então a gente meio que pôs um fim no que a gente começou a ter. Mas enquanto eu estava com ela, eu sentia que eu tinha muita liberdade de ser eu mesma, por exemplo. Eu usava o cabelo só mais baixo, aí eu comecei a usar o pente garfo, comecei a subir mais o cabelo e tudo mais, então foi um movimento bem bacana, sabe, apesar de eu não ter continuado com ela, foi um movimento muito legal, assim. (Nanda, 29 anos, mulher cis, pansexual)

E na semana de Carnaval, quarta-feira depois de meio dia se encerra o feriado. Gabriela com a desconfiança da qualidade da festa e que toma novos posicionamentos com o passar do tempo, embora a construção presente seja de ser futilidade se relacionar afetivossexualmente, vê como parte de amadurecimento para o encontro de um amor satisfatório no futuro; Carolina que mesmo após o fim, continua frequentando os espaços de onde a festa aconteceu como apropriação da experiência que viveu e Nanda, que em concordância com Luciana, no encontro amoroso na Praça Afonso Arinos decidem: uma segue Bahia e outra Afonso Pena, por mais que tenham se gostado. A vida segue ou deveria seguir levando bonitezas dos encontros, assim como Nanda conta de liberdades em expansão de ser quem se é, se materializando até mesmo nos seus lindos caracóis de cabelo.

7.1 Do encerramento dos encontros com as mulheres

Como posicionamento pessoal e metodológico da ética do cuidado em pesquisa e do pesquisarCOM na pesquisa com pessoas (Márcia Moraes, 2014) nos convoca a questionar qual a qualidade das assimetrias e se o pressuposto do ato de pesquisar é a

unilateralidade em uma lógica extrativista em que a primazia é da coleta, do objetificar e da monocultura da universalização (Simone Maria Hüning, 2014).

Nesta extimidade, Simone Maria Hüning (2014), propõe a posição de estrangeira, de quem transita, entretanto, habita em outro lugar: a aproximação de permitir o encontro e a aceitação de certa distância que conserve a potência do estranhar e somar. Não sem efeitos, como bem enunciado pelos Novos Baianos (1972), “pela lei natural dos encontros, eu deixo e recebo um tanto”: marcas de si para si, de si para o outro, do outro para si dentro do universo acadêmico. Sempre há um resto. Resta construir o que e como faremos destes encontros e seus resultados. Para tecer essas sensibilidades metodológicas e interventivas, “é preciso ter olhos de ver”, como convoca Jurema Werneck (2022).

Nessas considerações da pesquisa também como um campo de trocas, ao final dos encontros peço um retorno sobre como se sentiram ao me contar suas histórias e sugestões sobre o que poderia perguntar ou melhorar com as próximas participantes. Ouvi e vivi muitas coisas que apuraram minhas lentes dos meus óculos teórico-metodológicos: aprendizados, novidades e uma gama de sentimentos, elementos para desenvolver reflexões futuras.

Cara, muito doido falar da nossa própria vida, porque eu acho que eu nunca tenho muita coisa pra falar. E eu acho que eu tenho uma coisa muito do humor, de pegar as coisas e transformar em coisas muito leves para serem faladas. Histórias tristes, eu coloco... as minhas histórias tristes eu coloco com muito humor. Mas à medida que eu vou falando, eu fico vendo que não tem muita coisa que tenha um humor de fato, são coisas tristes, pesadas mesmo. E revisitar essas histórias é rever o tanto de coisas que eu já vivi, fazem parte de quem eu sou, cada coisinha que eu vivi faz parte de quem eu sou hoje. (Carolina, 28 anos, em construção de nomeação de gênero, ela/ele/elu, bissexual)

[Conceição] Gostei muito de conversar com você, de te contar coisas que eu ainda nem contei para minha psicóloga.

[Camilla] Então essa semana você já tem coisa para contar, né?

[Conceição] Não, eu já fui nela hoje.

[Camilla] Ah, semana que vem, então.

[Conceição] É, e eu já fui nela hoje. E ainda não abri isso para ela. Tu acredita?

[Camilla] Ai, São, obrigada por ter confiado em mim, por contar essa história, pela disponibilidade. (Conceição, 59 anos, mulher cis, heterossexual)

[Cris] Eu gostei muito assim, porque você pegou muito... Tipo assim, eu falava coisas breves e você pegava nesses pontos. E aí eu fui voltando naquilo, muita coisa que eu falei aqui para você. Eu nunca conversei com ninguém. Né, então é... E aí essa troca, tipo assim, é... entrei nessa intenção de... de... de sei lá, de poder te ajudar, mas você me ajudou muito mais. Eu tenho uma... É sério, assim, você... Principalmente essa questão de relacionamento, de entender, é... de poder externar pra fora essas coisas, assim, de... de sentar e conversar com você que, é... eu fiquei muito grata. Porque nem quando eu comecei a fazer terapia, nem com meu psiquiatra, eu não falei nada, assim, né?! Não cheguei nesse fundo. E de voltar para trás e ver... E em questão de tudo, em relacionamento, a questão da saúde, do autocuidado, é... foi bem legal, eu gostei muito a forma assim é... que você abordou, é... em nenhum momento eu me senti desconfortável e foi fluindo, sabe?! Então... foi uma troca muito boa, assim... eu só tenho a agradecer realmente, assim, porque para mim foi... é uma terapia! [Cris ri] A gente teve uma terapia, e olha o tempo, gente, que maravilha, não foi nem meia hora, que normalmente... [Cris ri]

[Ambas riem]

[Camilla] Ai, que bom que você gostou!

[Cris] Te juro. Muito, muito bom mesmo. Você continua assim desse jeito... e você tem uma voz muito calma, assim, né?! Que.. que abraça a gente, que acolhe, assim. Isso ajuda muito também. Acho que é... uma pessoa assim que dá para a gente ficar conversando até... [ambas riem]. (Cris, 44 anos, mulher cis, lésbica)

Como arremate final da costura desse processo de trabalho, Cris brilhantemente reflete e coaduno: “tentar dar força para o bem”.

Então eu acredito que, que... eu ainda acredito muito, assim, no ser humano, eu acredito que a gente, por mais que você escute essas notícias ruins, tem muito mais gente boa no mundo do que as ruins. É isso que a gente tem que seguir, assim, sabe?! Tem que entender. Claro, pé no chão, claro que a gente sabe que o... que o mal tá aí, mas tentar dar força para o bem, né, para não deixar... se

abater, cair... mas eu me sinto assim. Hoje eu falo que eu sou uma pessoa orgulhosa, muito orgulhosa de mim. Até porque tem... dois meses que a gente teve uma reunião no terreiro, e aí o Exu da casa ele olhou e falou assim, para todo mundo, ele fez a pergunta “Se vocês morressem hoje, vocês ficariam felizes da trajetória de vocês aqui? Ou vocês ficariam com medo, ficariam com culpa, ficariam receosos?” E aí eu fiquei tão feliz porque assim, sabe?! Eu pensei assim de tudo que eu fui, que eu fiz. E... e... [Cris gagueja] não ter nada do que eu tenho, das coisas que eu fiz, eu precisei pisar em ninguém ou maltratar... Claro que a gente magoa, né?! Sem querer tal. Mas não com a intenção como muita gente ou passar por cima sabe?! E eu... e eu falo assim... e é isso... e eu fiquei com aquilo na cabeça, sabe, todo dia. Falei, gente, será que se eu morrer hoje, assim, eu chegaria lá onde tem que chegar?! Eu fiz o que eu posso? Eu dei o meu melhor na minha missão? Então eu fico... eu sou assim... eu fico em... nessa parte assim, sabe?! Eu sou muito feliz quanto a isso, sabe?! Sei que eu sou humano, que eu erro, que eu tenho que melhorar muito, mas eu sei que eu tô bem, no meu limite, assim, sabe? Pra mim, o que eu acredito, assim, eu tô bem. (Cris, 44 anos, mulher cis, lésbica)

E assim, com afetos, cuidado e resistência, adiamos um pouco mais o fim do mundo.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lá vai o meu trolinho
 Vai rodando de mansinho
 Pela estrada além
 Vai levando pro seu ninho
 Meu amor e o meu carinho
 Que eu não troco por ninguém
 Upa, upa, upa
 Cavalinho alazão
 Ei, ei, ei
 Não erre de caminho, não!

(Canção Upa!Upa! (Meu Trolinho) - Turma do Balão Mágico, 1982)

Vovózinha,

Penso com carinho e dor a travessia desse processo de vida e mestrado dos últimos anos. Travessia que penso às vezes bonitinha, cantada como a senhora cantava para os netos a música do cavalinho alazão. Travessia da vida que não se dissocia da escrita (Glória Anzaldúa, 2000), do sintoma escrita como resposta aos tensionamentos da vida, principalmente das investigações sobre o amor. Como uma peça de tecido bom que sempre se reedita e se transforma, mantendo uma base: um dia a minha saia vermelhinha de veludo cotelê que a senhora costurou na minha infância - que acho que era a calça de alguém -, hoje é parte de alguma capa de almofada de retalhos de alguém da família e dela também foi feita minha bolsinha de guardar remédios.

Um tecido não é só um tecido: é transmissão de intimidade. Lembro das graças oníricas quando durmo, e em uma delas, nos inícios de conhecer minha ex-namorada, sonho com ela vestida com uma roupa feita desse mesmo tecido de veludo cotelê antigo com uma multiplicidade de cores... ela era um ser gigante com sua pele marrom avermelhada, cheia de pintinhas, e eu pequenininha me abraçava a cintura dela sem que

ela me visse, aproveitando todo afeto que o tecido - e a mulher - que tem toque de conforto e amor oferecia.

Em outros casos, o descarte e doação de alguns tecidos encerra transmissões doídas: lembro do tecido grosso do *binder* do meu ex-namorado, uma das pessoas favoritas da vida, que deixava marcas no tórax por fazer compressão na pele pretinha e macia com as tatuagens cheias de significado com escritos em francês e desenhos astronômicos. Alegria foi ver que depois de uma cirurgia, aqueles tecidos todos não precisavam mais conter partes que causavam intensa disforia: a liberdade dele se sentir mais em paz com seu corpo.

Atravessar esses amores, depois de tanto tempo de juventude acreditando que não seria pessoa escolhida para ser amada, foi mais difícil que pregar manga em camisa de molde feito em casa por iniciante. Não acreditava em ter amor no mundo que quisesse me vestir, até que um homem dengoso veio falar mal das minhas sandálias tilelê e na segunda vez que fui em sua casa me comprou uma escova de dentes, num convite pra ficar. Estava tão despreparada que aceitei o convite para essa viagem amorosa sem muita bagagem. Acabei usando muitas peças de roupa dele: lembro de uma camisa amarelinha que ficava enorme em ambos no final da nossa graduação e no último ano que estávamos juntos, não cabia mais pelos quilos que ganhamos juntos com sabor dos testes de toda sorte de receitas docinhas de bolo e ansiedade dos problemas da vida adulta de pessoas negras *queer* de classe popular construindo a vida e tentando encontrar o bem viver. Na casa dela, que não conseguia ir além do presente do dia após dia, na época aproveitando o dia como se fosse a última vez, não conseguia deixar minhas coisas temendo pelo dia que não pudesse ficar: acabei usando boa parte das roupas dela, principalmente as roupagens subjetivas em que queria muito muito caber bonita nelas. Não consegui. Um dia senti saudades de vestir uma camisa dela que é de algodão macio macio, azul marinho e cinza tempestade, que ficava grande em mim, mesmo sendo eu uma mulher grande: me sentia acolhida e abraçadinha. Na ausência da original, comprei várias outras tentando encontrar que não poderia mais vestir. Um tanto de análise, terreiro e invenção de meios, me fizeram entender que não podia mais contar com guarda roupas amoroso dos meus antigos afetos e da necessidade de construir o meu da maneira mais artesanal possível, gastando o maior tempo e a melhor costura para me delinear e autodefinir nas minhas roupas novas, fossem de tecido, fossem de tecido identidade.

Então, nessa travessia de pesquisa e (des)encontros, vó, compreendi na minha experiência enquanto mulher negra de pele clara, cis, jovem e bissexual que a solidão

para mim e as minhas iguais que tanto reiteravam e que acreditava, não era uma determinação que estava fadada: há sim formas de agenciamento e resistência.

A solidão no campo afetivossexual não nasce conosco, mulheres negras, como um órgão anexo pregado em nossa pele que nos impede a compor relações, mas há um pacto narcísico da branquitude que banha a sociedade, que se encrusta em opressões estruturais, como o racismo e o patriarcado cisheteronormativo que limita alguns trânsitos objetivos de perversidade escancarada, como nas questões de classe e usurpação de direitos, e subjetivos, de forma mais velada-desvelada, as expressões de identidade étnico-raciais, gênero e sexualidade que fogem do concebem como concepção de ser humano universal.

Essa questão inclusive atravessa meu próprio percurso de pesquisa: começo a escrita acadêmica sobre o tema de modo a marcar certo assujeitamento à solidão como pertencente à mulher negra. De início, entro de cabeça nos modos fixos e rígidos academicistas, tanto de linguagem, quando de coadunar com produções que reiteram este lugar de caminho estreito e árduo que se faz sozinha nas relações afetivossexuais, como fica marcado no meu texto *Experiências de solidão da mulher negra como repercussão do racismo estrutural brasileiro* (Camilla Gabrielle Gomes Vieira, 2020), em que, inclusive, cito pesquisadoras negras que abarcam perspectivas nessa tônica.

Nos meus encontros e vivência pessoal com amor nas relações afetivossexuais junto a pessoas negras; aquilombamento entre amigadas negras; amizades com pessoas em diversidade sexual, de classe, geracional e território, não digo tanto em relação à gênero, pois a maior parte dos meus vínculos se tecem com mulheres; o trabalho na clínica como psicóloga e psicanalista e as trocas com minhas pacientes; a inserção na universidade pública que entre dissonâncias várias, vem construindo resistências, fortalecimento da democracia e contrahegemonias no campo da educação; o encontro com minha orientadora Claudia Mayorga, que entre tanto, me desensinou o saber-fazer acadêmico hegemônico, acolheu minhas fragilidades, experimentações e incitou minhas insubmissões que tímidas, se tornaram um pouco mais ressoantes; o Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão Conexões de Saberes que trabalha na perspectiva coletiva e contrahegemônica à tradicional academia branca mineira, que junto a Coletiva Urucum e Girassol, colegas da pós-graduação, me inseri em linguagens e interculturalidades outras com os povos originários e quilombolas; diversidade cultural na cidade de Belo Horizonte e todos os movimentos de descentralização da capital de Minas Gerais; aprender e experimentar artes visuais; presença e composição de grupos de psicanálise e contacolonialidade, entre outros inumeráveis (des)encontros propiciou produzir

deslocamentos teóricos e metodológicos no meu movimento de aprender, elaborar e pesquisar, que está sempre em movimento.

Esses deslocamentos se evidenciaram na pluralização e atravessamento ‘da mulher negra’ para mulheres negras, fora da centralização jovem, cis e hetero, abarcando maior diversidade.

Quanto ao posicionamento de pesquisa, assumo os riscos da parcialidade de um olhar fronteiriço (Donna Haraway, 2009; Gloria Anzaldúa, 2000). Riscos também que tiveram suas repercussões pela aposta e desejo de entrevistar quantidade maior de mulheres: um desafio entender e consentir no ponto de basta: infelizmente não é possível tratar nesse trabalho toda a riqueza e complexidade das experiências das mulheres participantes, entretanto, traz pluralização, como a aposta central deste trabalho, na perspectiva interseccional que atravessa a vida para além do recorte afetivossexual e que influi na construção deste.

Recuperando o ponto de uma tônica comum de ligar a afetividade sexual de mulheres negras à solidão, o giro fiz em minha travessia no prisma de minha vida e pesquisa, foi de identificar as experiências de cuidado e resistências. Não significa romantização de assimetrias, mas ir um pouco mais além da denúncia: nossa dororidade (Vilma Piedade; Marcia Tiburi, 2018) nos une coletivamente, mas não apenas, também o reconhecimento de potências, gambiarras e enlaçamentos a vida que nos fazem conhecer o amor de múltiplas formas além da garantia da sobrevivência e na aposta do bem viver para si, para as suas pessoas e para a comunidade (bell hooks, 2000).

Diante da escuta das participantes que transcendeu aos tópicos aqui descritos, resgato pontos de encontro e dissonâncias:

No tópico Tornar-se negra, o processo de racialização para tornar-se negra, passa por um processo de desalienação do Ideal de Ego branco, para travessia de uma invenção de um Ideal de Ego negro. Ideais profundamente atravessados por transmissões culturais nas instituições, como família, escola e pela comunidade, que não racializadas, centraliza o branco e a branquitude como modo de ser humano. Intersecções dos marcadores sociais como gênero, idade, classe, território e escolaridade se evidenciam como parte importante do processo de tornar-se negra.

Ponto importante é o reconhecimento do processo da mulher negra se racializar é violento: por muitas vezes, passa por mapear e ressignificar que algumas experiências foram violências do racismo e/ou do racismo combinadas com outros modos de opressão, como o sexismo e o classismo. Tornar-se negra não é apenas se reconhecer como negra,

mas se compreender em sua identidade, emocionalidade e construção de ideais e sonhos de ser coerentes consigo, em sentido de autoaceitação e não mutilação de si para caber nos ideais da branquitude: participantes como Carolina, Carina, Fab, Cris, Virgínia e Nanda relataram sensações análogas a autenticidade em estarem mais alinhadas com processo de autoconhecimento, autodefinição e cuidado, conseguindo identificar quais responsabilidades são pessoais e quais são enlaçamentos com a coletividade, inclusive as opressões estruturais que as afligem, assim tecendo resistências de bem-viver. Ayesha conta das dificuldades do percurso de se tornar negra, marcando certa resistência em se haver com os dilemas raciais no campo dos estudos, por exemplo. Necessário enfatizar que não é porque se nasceu negra que necessariamente seus interesses têm de ser voltados à luta antirracista: liberdade de ser e de ocupação!

Intrínseco ao se reconhecer negra, é o fenótipo: as participantes contam de diversas formas de se compreender, mas como ponto de encontro coletivo para maioria das mulheres, a passagem pela transição capilar foi um ponto de virada.

A educação, encontro com movimentos sociais e a Internet, embora para algumas tenham sido espaços ambíguos por gerar ansiedade e sofrimento por serem atravessados por violências estruturais, auxiliaram no movimento de construção de reconhecimento, elaborações e conclusões de questões raciais.

No tópico sobre relações afetivossexuais de mulheres negras, o cisheteropatriarcado e o racismo são preponderantes na experiência das participantes: a tecnologia opressiva da heterossexualidade compulsória que atinge as mulheres de modo diverso, como com Nanda que passou por situações de violação, sofrimento e fragilização da rede familiar e Cris, que descobre junto ao seu parceiro da época sua orientação sexual dissidente da heterossexualidade e nisto recebe apoio dele.

As masculinidades atravessam nas relações com homens: a masculinidade hegemônica se mostra na desresponsabilização ante ao cuidado afetivo e sobrecarga no trabalho de cuidado direcionado às mulheres negras, com nuances diversas, mas nem tão diferentes entre homens brancos e negros. Conceição aponta o abandono no momento de adoecimento grave, pós cuidado com o ex-marido em situação análoga. Fátima conta dos diversos modos de infidelidade que passou com os pais de suas filhas que não arcaram ativamente com a paternidade. As experiências de Lana atravessadas por transfobias. A concepção de relacionamento aberto do companheiro de Nanda, mulher pansexual, em que ele se incomodava com a possibilidade de relacionamento com outros homens. As

repercussões subjetivas coletivas de mulheres negras ante aos homens e a masculinidade hegemônica, é sumarizada por Gabriela na fala "o cansaço dos homens".

No relacionamento com mulheres, os atravessamentos de raça e classe se evidenciam: Carolina nos relatos de relacionamento com uma mulher branca e de classe média alta que fornecia certa passabilidade, descanso da hipervigilância contra as violências do racismo, entretanto esbarrava com sentimentos de não pertencer aos espaços que elas circulavam. Outro ponto é a repetição no discurso das mulheres que os relacionamentos com mulheres são mais satisfatórios e cuidadosos, entretanto, apresentam uma carga emocional maior pela vinculação mais intensa e certos compartilhamentos de maior qualidade por se encontrarem na intersecção do gênero. Se na masculinidade hegemônica os homens são socializados para a seara pública, relacionamentos heterossexuais e homoafetivos de cuidado com outros homens, na construção feminina hegemônica isto se inverte radicalmente: há socialização das meninas e mulheres para o campo privado e a afetividade se volta para o cuidado de todas as pessoas à sua volta, apontando possibilidades de que uma mulher se relacionando com outra mulher tem algo de correspondência homoafetiva pela socialização.

Transversal a grande parte das experiências, participantes contam do cuidado da rede de apoio da família, amizades, grupos de movimentos sociais, religiosos e esportivos, como ponto de ancoragem nos momentos difíceis e no compartilhamento de alegrias. Inclusive, para muitas, os relacionamentos afetivossexuais se presentificam nos predicados anteriormente citados, com uma carga ainda maior e diversa de intimidade, convivência e afeto.

No tópico sobre cuidado, se encerra elencando ações de insubmissão às estruturas opressivas a partir do cuidado de si e dos outros, que passam pelo autoconhecimento de diversas formas: cuidados psicológicos, corpo e saúde; pela educação e trabalho; pelos movimentos sociais e pela espiritualidade.

E assim, vó, a minha compreensão é que dessas experiências algo de maior necessidade de reconhecimento se evidencia: a autodefinição, a edificação e cuidado de si é uma constante, independente da intensidade de crítica relativa à racialização e classe. A resistência é cotidiana e é tecida para um bem viver. O bem viver vem da experiência do amor para além da sobrevivência (bell hooks, 2000): o amor não se restringe ao afetivossexual, mas se inicia nas experiências de vivacidade em si.

Pontos que identifico como importantes para manutenção da autonomia, agenciamento e das escolhas - deslocando do lugar de 'fadada a solidão' - são: o

autoconhecimento; acesso a direitos, como emprego e renda: a emancipação financeira permite escolhas de modo prático; a criação dos referenciais de Ideal de Ego compatíveis com sua racialidade; escuta das potências de sensibilidade e intuição; construção de sonhos como expectativa e ação para esperar o futuro; redes de apoio, afetos e cuidado; enlaçamentos com a comunidade e ter modo de aterramento emocional: um *hobby* como o ciclismo para Ayesha; a beleza e estética para Bratz e Gabriela; a religião para Conceição, Carina, Ale, Fátima e Cris; o cuidado com o cabelo para Fab; a música para Virgínia e a poesia para Nanda.

Considerando todo esse percurso, como retorno dessa pesquisa, aposto em possibilidades de reconhecimento por mulheres negras da pluralidade de experiências que saem de uma perspectiva determinista e universalizante: escrevo também um pouco do que gostaria de ter lido no meu encontro com a literatura de mulheres negras e relações afetivossexuais quando iniciei meu processo de racialização em me tornar negra.

No campo da psicologia social e do fazer clínico, a convocação que fica é de se instrumentalizar para compreender nuances das experiências das mulheres negras que nos encontramos no cotidiano de trabalho, estando a trabalho de escutar com sensibilidade as tessituras subjetivas na interface com as sociais. Como advertência para uma ética de cuidado e posicionamento implicado na parcialidade contracolonial, em nossos modos de saber-fazer é necessário jamais se colocar a escutar sem fazer enigma do que é emitido: não há ninguém que saiba mais de si que a própria sujeita, assim como uma-a-uma tem seu tom único na não tão melodiosa sociedade, mas que segue musicando na multiplicidade de avenidas identitárias interseccionais.

Como encaminhamentos futuros, entendendo que esta construção não pode abarcar por questões de tempo, espaço e fôlego da pesquisadora durante a pesquisa e da não pretensão de esgotamento da temática, espero várias possibilidades. Elencando sucintamente: o aprofundamento em experiências como a relação das mulheres negras com afetividade sexual e espiritualidade; a educação sexual e estratégias de cuidado para mulheres negras e a afetividade de mulheres negras trans, de abordagem um tanto incipiente na academia diante de parte tão importante e complexa da vida de grande parte da população brasileira.

Nessa caminhada toda, vó, fico um pouco cansada, mas desejosa por testemunhar e me embrenhar em outras experiências. Entendendo minha dificuldade em encerramentos, a ciclicidade da vida, de tecidos que podem ser recompostos em outras

formas, guardando na memória da trama seus furos por onde a costura anterior passou, a pesquisa se conforma análoga.

Nessa pausa de encerramento do processo de mestrado, deixo de lhe comprar mousse de morango pronto e volto a fazer em casa do jeitinho que a senhora gosta: bem doce e concentrado.

Ansiosa por novos respiros, experiências novas de vida, pesquisa e alguma invenção de costura para te contar.

Com todo carinho de sua neta,

Camilla.

ANEXOS

Anexo I: Roteiro de perguntas

Tópicos-guia:

1. Dados pessoais

Nome

Idade

Identidade de gênero

Orientação sexual

Tem preferência por algum modo de se relacionar?

Escolaridade

Profissão

Estado civil

2. História de vida

Território de nascimento e de residência atual

Gênero atribuído ao nascimento

Leitura sobre a declaração étnico/racial dos pais

Quem foi/foram as pessoas responsáveis pelo cuidado durante a vida

3. Identificação racial

Você sempre soube que era negra?

Qual o momento que se identificou?

Como era ser negra na infância e como é atualmente?

Ser negra já fechou ou abriu um espaço?

4. Relações afetivossexuais

Contar as histórias afetivossexuais de forma livre.

Quais são suas expectativas para um relacionamento afetivossexual?

Como foi sua educação sexual?

Qual sua relação com prazer sexual?

Faz uso de redes sociais ou aplicativos para se relacionar afetivossexualmente?

Ser negra já influenciou nos modos de se relacionar?

5. Cuidado

Como você se cuida?

Tem desejos e planos para vida?

Quem é sua rede de apoio e cuidado?

Tem relação ou desejo quanto a espiritualidade?

Anexo II: Carta convite

Olá, prezada mulher!

Meu nome é Camilla Gomes, sou psicóloga e estudante no mestrado em Psicologia Social da Universidade Federal de Minas Gerais.

Por meio desta carta, te convido mulher negra cis ou trans a participar como voluntária da pesquisa intitulada “Tecendo sobre afetos: experiências afetivossexuais de mulheres negras em abordagem interseccional”, desenvolvida com orientação da Professora Doutora Claudia Mayorga.

Diante de experiências pessoais enquanto mulher negra e profissionalmente com os encontros com mulheres negras nos espaços da clínica, das políticas públicas e da educação, me deparo com as especificidades nos relatos que enlaçam as experiências por gênero, raça e sexualidade como identidades coletivas que se encontram e se atravessam. No campo das dos afetos, as relações afetivossexuais são assuntos que frequentemente tomam espaço importante na pluralidade de dinâmicas de vida: alegrias, prazeres, adoecimentos, resistências, cuidados e reminiscências.

A escritora negra feminista bell hooks (2010), fala sobre as dificuldades de as pessoas negras amarem e serem amadas diante de tantas estruturas opressivas que atingem a vida e a comunidade negra. Entretanto, não se resigna: amar é um ato de resistência a violência colonial em que o amor toma lugar de cura como arte e ato.

O objetivo da pesquisa é compreender com as narrativas de mulheres negras pluraais através de entrevistas, para escutar e pesquisar como se atravessam fatores sociais na constituição diversos relacionamentos e (não) relacionamentos afetivossexuais, presentes ou não no momento da pesquisa. Essa proposta abarca escutar mulheres em qualquer conformação de relacionamento e/ou orientação sexual.

Para isto, os critérios são se identificar como mulher, ter mais de 18 anos e ser brasileira.

Se interessou em participar? Gentileza entrar em contato pelo e-mail allimac.gomes@gmail.com e/ou telefone (31) 9894-4725.

Anexo II: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, (nome completo da participante), (telefone), (e-mail), confirmo que fui esclarecida sobre a participação na pesquisa nomeada como “Tecendo sobre afetos: experiências afetivossexuais de mulheres negras em abordagem interseccional”, desenvolvida pela pesquisadora Camilla Gabrielle Gomes Vieira, mestranda em Psicologia Social no Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a orientação da Professora Doutora Claudia Mayorga.

Compreendo que fui esclarecida que implicando que para colaboração neste estudo responderei a uma entrevista para a pesquisadora, que será gravada e posteriormente transcrita. Tenho o direito de solicitar a omissão de informações e sigilo de partes desejadas.

Não serei identificada e tenho liberdade para desistir da participação no estudo a qualquer momento, sem sofrer nenhuma consequência sobre esta decisão.

Aceito que os dados oferecidos nesta entrevista farão parte da construção da pesquisa e que seus resultados poderão ser publicados no formato da dissertação e em artigos decorrentes da presente pesquisa, que poderá ser apresentada publicamente em espaços acadêmicos ou de interesse científico e político da pesquisadora.

Fui informada sobre o caráter científico da pesquisa e que meus dados pessoais serão mantidos em anonimato e sigilo pelo Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Estou ciente que a participação do estudo é voluntária e que não serei remunerada pela mesma.

Entendo que posso entrar em contato com a pesquisadora responsável pela pesquisa antes, durante e após o processo, caso tenha alguma dúvida acerca da pesquisa ou desejar declinar do convite, entrarei em contato pelo e-mail allimac.gomes@gmail.com e/ou telefone (31) 9894-4725.

Data

Local

Assinatura pesquisadora

Assinatura participante

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aguiar, M. M. (2007). A construção das hierarquias sociais: classe, raça, gênero e etnicidade. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, 36(37), 83-88

Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. Pólen Produção Editorial LTDA.

Almeida, S. (2018) O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento.

Alves, M. C., & Seminotti, N.. (2009). Atenção à saúde em uma comunidade tradicional de terreiro. *Revista De Saúde Pública*, 43, 85–91. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102009000800013>

Alves, R. (2007). *Perguntaram-me se acredito em Deus*. Editora Planeta do Brasil.

Amaral, A. N. do, & Camargo, F. P. (2022). O amor entre mulheres negras é um ato revolucionário: (Re)existências lesboafetivas e subversão à heteronorma em “Beijo na face”, de Conceição Evaristo. *Letras & Letras*, 38, e3813 | 1–16. <https://doi.org/10.14393/LL63-v38-2022-13>

Araújo, F. (2023) E infinita, resta. Texto não publicado.

Araújo, F. (2023). A Felicidade. Texto não publicado.

Araújo, F. (2023). O que é o amor?. Texto não publicado.

Assis, D. N. (2019). *Interseccionalidades*. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/554207/2/eBook%20-%20Interseccionalidades.pdf>>.

Aurora, F (2023). Cisforia de gênero. Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/Cuxs3lQAIK/>>. Acesso em 29 de nov. 2023.

Badinter, E. Um amor conquistado- O amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.

Bento, M. A. S. (2002). *Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público* (Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

Bento, M. A. S. (2002). *Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público* (Tese (Doutorado). Universidade de São

Paulo, São Paulo. Disponível em: < <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-18062019-181514/pt-br.php>>.

Berquó, E. (1987). *Nupcialidade da população negra no Brasil*. Unicamp, São Paulo.

Bispo, F. S.(2021) . *Escrevivência como metodologia de pesquisa em Psicanálise*.

Borges, L (2022). *Metodologia de pesquisa afrocentrada e periférica*- Belo Horizonte: Marginália,

Brasil. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

Brasil. Decreto- Lei 3688/41, de 3 de outubro de 1941. *Lei das Contravenções Penais*.

Brasil. *Lei Nº 11.096 de 13 de Janeiro de 2005*.

Brasil. *Lei Nº 12.711 de 29 de Agosto de 2012*.

Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*.

Busin, V. M. (2011). Religião, sexualidades e gênero. *Revista de Estudos Da Religião (REVER)*, 11(1), 105-124.

Candido, M. R., & Feres Júnior, J.. (2019). Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro. *Revista Estudos Feministas*, 27(2), e54549. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n254549>

Cano, V. M. (2015). *Ética tortillera: ensayos en torno al êthos y la lengua de las amantes*. Madreselva.

Carneiro, S.(2023). *Mulheres em movimento*. Estudos Avançados, São Paulo, <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300008>.

Carneiro, S. (2000). O matriarcado da miséria, por Sueli Carneiro. Portal Geledés. Disponível em:< <https://www.geledes.org.br/o-matriarcado-da-miseria/>>. Acesso em 22 de nov. 2023.

Carneiro, S. (2003). Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Editora, 49, 49-58.

Cecchetti, J. (2021) *a alegria como uma trincheira: fragmentos carnavalescos de uma cidade em disputa*. Editora 7 Letras.

Collins, P. H. (2016). Aprendendo com a outsider within. *Sociedade e Estado*, 31, 99-127. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/?format=pdf&lang=pt>>.

Costa, J. F. (1984). *Violência e psicanálise* Rio de Janeiro: Graal.

Costa-Moura, F. (1998). Psicanálise e pesquisa. *Controvérsias em Psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 63-67, 1998.

Crenshaw, K. (2002). A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. *Observatório da Saúde da População Negra*. Disponível em:<
<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2295749&forceview=1>>.

Criolo (2016). *Até me emocionei*. Compositores: Kleber Cavalcante Gomes / Anderson Cassiano Barbosa De Sena. Álbum: Ainda Há Tempo.

da Cunha, J. L., & Röwer, J. E. (2014). *Ensinar o que não se sabe: estranhar e desnaturalizar em relatos (auto) biográficos*. Educação, 39(1), 27-37.

da Silva Dias, C. (2019). Vivências de gênero dissidentes em religiosidades de matrizes africanas: alguns aspectos sobre as transexualidades na religião. *Revista Veredas da História*, 12(2).

de Castro, R. D., Lino, T. R., & Mayorga, C. (2020). DESOBEDIÊNCIAS EPISTÊMICAS: propostas feministas e antirracistas em direção a um projeto de ciência e sociedade decolonial. *Cadernos de Estudos Culturais*, 2(24), 209-226.

Dess, C. (2022). Notas sobre o conceito de representatividade. *Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas*, 1(43), 1-30. Disponível em:<
<https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/21115>>.

Duque, T. (2020). A Epistemologia da passabilidade: dez notas analíticas sobre experiências de (in)visibilidade trans. *História Revista*, 25(3), 32 –. <https://doi.org/10.5216/hr.v25i3.66509>

Esquivel, V. (2013) El cuidado en los hogares y en las comunidades. Documento Conceitual. Informe de investigação de OXFAM 2013.

Evaristo, C. (2005). Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. *Revista Palmares*, 1(1), 52-57.

Evaristo, C. (2008). *Poemas da recordação e outros movimentos*. Nandyala.

Evaristo, C. (2016). *Olhos d'água*. Pallas Editora.

Evaristo, C. (2020)

Federici, S.(2019). O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. 1. ed. São Paulo: Elefante.

Fernandes, r. (2022) “O amor é?” Negritude e relações não-monogâmicas: as dimensões micropolíticas do afeto. 2022. 253 f. Dissertação (Mestrado em Ciências

Sociais) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Freud, S. (1932-1933/1976). “A questão de uma Welthanschung”, in Edição standard *das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XXII, pp. 193-220). Rio de Janeiro: Imago.

Gaskell, G. (2008) Entrevistas individuais e grupais. In: Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático. Editora Vozes.

Geertz, C. (2001) *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Gomes Vieira, C. G. (2021). Experiências de solidão da mulher negra como repercussão do racismo estrutural brasileiro. *Pretextos - Revista Da Graduação Em Psicologia Da PUC Minas*, 5(10), 291-311. Recuperado de <https://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/22458>

Gomes, N. L.. (2002). Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?. *Revista Brasileira De Educação*, (21), 40–51. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000300004>

Gonzaga, P.; Cunha, V. (2020). *Uma Pandemia Viral em Contexto de Racismo Estrutural: Desvelando a Generificação do Genocídio Negro*. *Psicologia: Ciência e Profissão* [online]. 2020, v. 40 [Acessado 21 Agosto 2022] , e242819. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003242819>>.

Gonzalez, L. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.

Guerra, A. M. C. (2020). *Por que a clínica como paradigma da pesquisa psicanalítica?* No prelo.

Hall, S. (2006). Identidade cultural e diáspora. *Comunicação & Cultura*, (1), 21-35. Disponível em: <<https://revistas.ucp.pt/index.php/comunicacaoecultura/article/view/10360/10020>>.

Hamilton, J., Kenny, C., Joseph, F. e Allen, M. (2022). O que é 'heteropessimismo' e por que homens e mulheres sofrem com isso?. A conversa .

Haraway, D. (2009). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 7–41. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>

hooks, b. (1994) *Vivendo de amor*. In: Geledés, 2010, s/p. Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questoes-de-genero/180-artigosdegenero/4799-vivendo-de-amor>.

hooks, b. (2013). *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*. Editora WMF Martins Fontes.

hooks, b. (2023). *Irmãs do inhome: Mulheres negras e autorrecuperação*. WMF Martins Fontes; 1ª edição.

Hüning, S. (2014). Carta aberta sobre diálogos nas e com as práticas de pesquisa. *Cartas para pensar: políticas de pesquisa em psicologia*. Edufes.

Illouz, E. (2011). *O amor nos tempos do capitalismo*. Zahar.

Jardim, M. C., & Paoliello, R. M. (2022). Abandono, solidão e desistência do amor: o racismo como elemento excludente de mulheres pretas no mercado do afeto . *Revista TOMO*, (41), 87–126. <https://doi.org/10.21669/tomo.vi41.17483>

Kilomba, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Editora Cobogó, 2020.

Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo (Nova edição)*. Editora Companhia das Letras.

Kundera, M., & Varela, J. (1985). *A insustentável leveza do ser*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Lacan, J. (1949) *O estádio do espelho como formador da função do eu*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Lacan, J. (1992). *Seminário 17 - o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacombe, A. (2010). *Ler [se] nas entrelinhas. Sociabilidades e subjetividades entendidas, lésbicas e afins*. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional/PPGAS.

Lara, E. (1994). *Racismo e espiritismo*.

Lino, T.; Mayorga, C. (2020). *Psicólogas, cientistas e feministas: a produção de si e de uma ciência psicológica posicionada*. Aedos, Porto Alegre. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/aedos/article/view/96873>>.

Lorde, A. (2012). *Sister outsider: Essays and speeches*. Crossing Press.

Mayorga, C. (2014). *Algumas contribuições do feminismo à psicologia social comunitária*. *Athenea digital*, 14(1), 221-236.

Mezan, Renato. (1996). Psicanálise e psicoterapias. *Estudos Avançados*, 10, 95-108.

Miller, J-A. (2015). *O osso de uma análise*. Rio de Janeiro.

Mombaca, J. (2015) *Pode um cu mestiço falar?* Disponível em: <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar>.

Moraes, M (2014). Do “PesquisarCOM” ou de tecer e destecer fronteiras. Cartas para pensar: políticas de pesquisa em psicologia. Edufes, 2014.

Morais, L. (2023). Carta aos meus ex-amores. Não publicado.

Nascimento, A. (2016) O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

Nascimento, B. (1990) A mulher negra e o amor. In Ratts, A. JP. *Eu sou Atlântica sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2002, p. 126-129.

Nascimento, B. (1990) A mulher negra e o amor. In Ratts, A. JP. *Eu sou Atlântica sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2002, p. 126-129.

Núñez, G; De Oliveira, J; De Souza Lago, M. (2021). Monogamia e (anti) colonialidades:: uma artesanaria narrativa indígena. Teoria e Cultura, v. 16, n. 3,.

Oliveira, E.et al. (2019). “Meu lugar é no cascalho”: políticas de escrita e resistências. Fractal: Revista de Psicologia. 2019.

Pacheco, A. C. L. (2013). *Mulher negra: afetividade e solidão*. Edufba.

Piedade, V.; Tiburi. M. (2018) Dororidade. Editora Nós.

Pinheiro, A. C. (2021). Afropatys rompem tabus ao buscar ascensão social e liberdade de consumo. Revista Claudia. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/estilo-de-vida/movimento-pretas-patricias-afropatys>>. Acesso em 20 de jun. 2023.

Prado Filho, K., & Martins, S.. (2007). A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s). *Psicologia & Sociedade*, 19(3), 14–19. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/NJYycJNvX58WS7RHRssSjjH>.

Rabelais, G. W. (2012). A devastação na relação mãe e filha como efeito do gozo feminino. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=29070@1>>. Acesso em 17 de nov, 2023.

Ribeiro, D. (2016). *Feminismo negro para um novo marco civilizatório*. sur, 24, 99-104. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/9-sur-24-por-djamila-ribeiro.pdf>>

Rocha, Inês Maria Seabra de Abreu, & Rosa, Márcia. (2019). O tempo e o objeto na psicanálise. Tempo psicanalítico, 51(2), 84-102. Recuperado em 19 de novembro de

2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382019000200005&lng=pt&tlng=pt.

Rufino, L. (2019). Pedagogia das encruzilhadas: Exu como Educação. *Revista Exitus*, 9(4), 262-289.

Salgueiro Marques, Ângela C., & Máximo Prado, M. A. (2018). O método da igualdade em Jacques Rancière: entre a política da experiência e a poética do conhecimento. *Revista Mídia E Cotidiano*, 12(3), 7-32.

Santos, Ineildes Calheiro dos e Oliveira, Eduardo. *Experiências das mulheres na escravidão, pós-abolição e racismo no feminismo em Angela Davis*. Revista Estudos Feministas [online]. 2018, v. 26, n. 1 [Acessado 9 Setembro 2022] , e51328. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n151328>>. Epub 15 Jan 2018. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n151328>.

Santos, Lais Rocha, & Cerqueira-Santos, Elder. (2016). Infidelidade: uma revisão integrativa de publicações nacionais. *Pensando famílias*, 20(2), 85-98. Recuperado em 11 de novembro de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2016000200007&lng=pt&tlng=pt.

Sauret, M. J. (2003). *A pesquisa clínica em psicanálise*. Psicologia USP, 14, 89-104.

Schucman, L. V. (2012). *Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/T.47.2012.tde-21052012-154521. Recuperado em 2022-09-09, de www.teses.usp.br

Scott, J. W. (2001). Experiencia. *Revista de estudios de género: La ventana*, 2(13), 42-74. Disponível em: <http://revistalaventana.cucsh.udg.mx/index.php/LV/article/view/551>.

Shire, W.(2017). for women who are difficult to love. Disponível em: <https://bit.ly/3jOMBe6>.

Souza, C. A. D. S. (2008). *A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo*.

Souza, E. P. de. (1995) In: Quintas, F. (Org.). *Mulher negra: preconceito, sexualidade e imaginário*. Recife: INPSO-FUNDAJ, Instituto de Pesquisas Sociais-Fundação Joaquim Nabuco.

Souza, N. S. (1983). *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*.

Souza, N. S. (2021). *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.

Spivak, G. C. (2010). Pode o subalterno falar. UFMG.

Supremo Tribunal Federal (Brasil). STF. Tese da legítima defesa da honra é inconstitucional: Em decisão unânime, STF entendeu que o uso da tese contraria os princípios constitucionais da dignidade humana, da proteção à vida e da igualdade de gênero.

Disponível

em:

<https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=511556&ori=1>.

Acesso em: 11 nov. 2023.

Tavares, J. S. C., & Kuratani, S. M. de A.. (2019). Manejo Clínico das Repercussões do Racismo entre Mulheres que se “Tornaram Negras”. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 39, e184764. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003184764>

Trindade, A. L. D. (2005). A formação da imagem da mulher negra na mídia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro). Disponível em: < <https://buscaintegrada.ufrj.br/Record/aleph-UFR01-000648579>>.

Trindade, C. (et. al). (2008). Infidelidade Masculina E Violência Doméstica: Vivência De Um Grupo De Mulheres. *Ciência E Enfermagem* , 14 (2), 39-46. <https://dx.doi.org/10.4067/s0717-95532008000200006>

Truth, S. (1851). *E não sou eu uma mulher*. Convenção pelos Direitos das Mulheres. Ohio. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>>.

UnBTv, Universidade de Brasília [UNB] (2019). Diálogos: *Desafios para a colonialidade- Jaider Eissbell entrevista Ailton Krenak*. Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qFZki_sr6ws&t=824s>.

Vasallo, B. (2022). *O desafio poliamoroso: por uma nova política dos afetos*. Editora Elefante.

Vaz, G; Pacheco, R; Sette, T. Rastros de amor- Psicanálise, Conto e Poesia. [S. l.]: Letramento, 2016.

Vieira, C. G. G., Starling, D. (2022) Interseccionalidade e Contra-Hegemonia nas Instituições de Ensino Superior: *Educação na Interface de Raça. Inclusão e diversidade: uma relação necessária*. Editora Artesã.

Werneck, J. (2010). Mulheres negras: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil.

Werneck, J. (2010). Mulheres negras: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil. Disponível em<
<http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/handle/11465/886>>.

York, S. W. (2023). Eu sou o monstro que vos fala, de Paul B. Preciado. Cadernos PET-Filosofia, 22(1).

York, S. W., Oliveira, M. R. G., & Benevides, B.. (2020). Manifestações textuais (insubmissas) travesti. Revista Estudos Feministas, 28(3), e75614.
<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n375614>

Zanello, V. (2016). Dispositivo materno e processos de subjetivação: desafios para a Psicologia.